

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGHIS

***“To the Posterity and Children of Martyrs”*: Os paratextos do *The Acts and Monuments*,
1563-1684**

Rebeca Mylena Gouveia de Lima

Brasília, 2020

***“To the Posterity and Children of Martyrs”*: Os paratextos do *The Acts and Monuments*,
1563-1684**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da
Universidade de Brasília como
requisito parcial para obtenção do
grau de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. André de Melo
Araújo

Banca Examinadora

Prof. Dr. André Gustavo de Melo Araújo (PPGHIS-UnB)

Prof. Dr. Luiz César de Sá Júnior (PPGHIS-UnB)

Prof. Dr. Leandro Duarte Rust (HIS-UnB)

Resumo: A presente dissertação de mestrado é o resultado final de uma pesquisa voltada à análise da composição paratextual e editorial do *Acts and Monuments*, do autor protestante John Foxe (1517-1587). O livro foi consagrado duradouramente como um volume grandioso e digno de honra semelhante à própria Bíblia Sagrada. Foi publicado em nove grandes edições, publicadas nos anos de 1563, 1570, 1576, 1583, 1596, 1610, 1632, 1641 e 1684. Cada uma das edições permite que se observe, a sua maneira, as diversas formas pelas quais os paratextos do *Acts and Monuments* foram mobilizados a fim de garantir que o livro fosse lido como uma obra digna e autoritativa. Seu crescente processo de monumentalização, assim, precisa ser compreendido a partir da atenção às formas pelas quais os diferentes elaboradores das edições do livro, por sua vez, consideraram sua composição paratextual para mediar as modalidades de leitura, igualmente variadas, que o *Acts and Monuments* propunha a seus leitores.

Palavras-chave: *The Acts and Monuments*, paratextos, edições, impressão, Inglaterra moderna.

Abstract: The present master's dissertation is the final result of a research aimed at analyzing the paratextual and editorial composition of *The Acts and Monuments*, by the Protestant author John Foxe (1517-1587). The book has long been consecrated as a great and honorable volume similar to the Holy Bible itself. It was published in nine major editions, published in the years 1563, 1570, 1576, 1583, 1596, 1610, 1632, 1641 and 1684. Each of the editions allows us to observe, in its own way, the different ways in which the paratexts of the *Acts and Monuments* were mobilized to ensure that the book was read as a dignified and authoritative work. Its growing monumentalization process, therefore, needs to be understood from the attention to the ways in which the different editors of the book's editions, in turn, considered its paratextual composition to mediate the equally varied reading modalities in which the *Acts and Monuments* was proposed to his readers.

Keywords: *The Acts and Monuments*, paratexts, editions, printing, *Early Modern England*.

Agradecimentos

Assim como os paratextos do *Acts and Monuments* eram elaborados ou inseridos posteriormente à conclusão do livro, tento aqui registrar, por último, depois de tantos passos dados, a visão que tenho depois de tão longa caminhada. Acima de tudo, a escrita desta dissertação foi como uma jornada para mim. E vê-la terminada é algo que nunca imaginei que me deixaria tão satisfeita. Assim, são muitos os nomes a serem listados a seguir, pois tenho tantas pessoas a agradecer que temo não conseguir fazê-lo como elas merecem. Agradeço ao João, o primeiro das minhas listas desde que éramos apenas melhores amigos. Obrigada por absolutamente tudo que você faz por mim, e agradeço mais ainda porque podemos, agora, agradecer juntos a Deus pela realização de alegrias tão sonhadas. Agradeço à minha irmã caçula, Mica, que mesmo habitando um universo totalmente diferente dos meus livros e coisas antigas, ainda assim me ajuda tanto a me encontrar e me orgulhar das escolhas que me trouxeram até aqui. Agradeço à minha mãe, Acsa, que desde a minha alfabetização sempre foi minha melhor professora, me ensinando a ser forte e resiliente em tudo. Agradeço ao meu pai, Carlos Magno, por todos os pães de queijo e cafés feitos para mim enquanto eu escrevia sem parar. Agradeço à Vovó Ana, que sempre me parabeniza por meus estudos e me inspira, mesmo sem saber, a ser uma mulher que ousa ter o melhor dos dois mundos: uma carreira linda e uma família mais linda ainda. Agradeço aos meus “amigos de história”, nome carinhoso que dei a vocês: Carol, Víctor, Lucas, Igor, Gabriel, Aníbal. E ao Pedro, na verdade, eu posso agradecer como amigo e cunhado. Agradeço à minha amiga madrinha Thalyta, minha verdadeira companheira de sofrimentos e alegrias da vida acadêmica. Ao grande Will, também digo um muito obrigado por todas as conversas sinceras e lanches incrivelmente baratos na Colina. Agradeço, claro, ao meu orientador André: muito obrigada pelo carinho, paciência e apoio por todos esses anos de orientação. Finalmente, agradeço ao meu avô, Geraldo Magela de Albuquerque, Vovô Magela, Vô. Ele, que me ensinou sobre os sumérios e os hebreus, sobre história bíblica e sobre as raízes judaicas do cristianismo. Ele que me possibilitou realizar tantos sonhos. Ele que se orgulhava tanto da minha escolha por história, que se alegrou mais do que qualquer um por cada conquista minha. É a ele que dedico cada palavra desse texto, na esperança de que possa lê-lo lá do céu.

Lista de Figuras

Figura 1 - Folha de rosto do <i>Acts and Monuments</i> (ed. 1563)	19
Figura 2 - John Day, retratado no colofon do <i>Acts and Monuments</i> (ed.1563)	22
Figura 3 - Retrato de John Foxe, artista anônimo (aproximadamente do início do século XVII)	23
Figura 4 - Primeira página do <i>Ad Christum Eucharisticon</i> (ed. 1563)	32
Figura 5 - Segunda página do <i>Kalender</i> (ed. 1563), referente aos meses de março e abril	42
Figura 6 - <i>Almanacke</i> (ed.1563).....	54
Figura 7 - <i>Kalender</i> (ed. de 1583 e 1596).....	57
Figura 8 - <i>Kalender</i> (ed. 1610 e 1632).....	57
Figura 9 - <i>Kalender</i> (ed. de 1641 e 1684).....	58
Figura 10 - <i>The Utility of this Story</i> (ed. 1563).....	60
Figura 11 - <i>The Preface to the Persecutors</i> (ed. 1563).....	69
Figura 12 - <i>The Preface to the Queen</i> (ed. 1563 e 1570).....	77
Figura 13 - Inicial capitular presente no <i>Preface to the Queen</i>	85
Figura 14 - Poemas latinos incluídos na edição de 1570	91
Figura 15 - <i>The Preface to the Queen</i> (ed. 1570).....	96
Figura 16 - Erratas incluídas na edição de 1570	100
Figura 17 - <i>A Protestation to the Church</i> e inicial capitular	111
Figura 18 - Tabela de Números incluída por Richard Day na edição de 1576	122
Figura 19 - Ornamentos e inicial capitular do <i>Ad Christum Eucharisticon</i> , da edição de 1583	125
Figura 20 - Composição tipográfica e ornamental do <i>Preface to the Queen</i> , da edição de 1583	125
Figura 21 - Ornamento que acompanha os poemas latinos presentes na edição de 1583.....	126
Figura 22 - Composição tipográfica e inicial capitular do <i>Protestation to the Church</i> , da edição de 1570	126
Figura 23 - Composição tipográfica e inicial capitular do <i>Protestation to the Church</i> , da edição de 1576	126
Figura 24 - Composição tipográfica e inicial capitular do <i>Protestation to the Church</i> , da edição de 1583	127
Figura 25 - <i>Four Questions to the Papists</i> (ed.1570) e <i>Four Considerations to the Protestants</i> (ed.1583).....	137
Figura 26 - Trecho da folha de rosto da edição de 1596.....	152
Figura 27 - Versos adicionados à edição de 1596, únicos impressos em língua inglesa	153
Figura 28 - Trecho da folha de rosto da edição de 1610.....	155
Figura 29 - <i>Ad Christum Eucharisticon</i> (ed.1596) e <i>Ad Christum Eucharisticon</i> (ed. 1610).....	157
Figura 30 - Composição ornamental e tipográfica do título e cabeçalho do <i>Preface to the Queen</i> (ed. 1610).....	157
Figura 31 - Composição ornamental e tipográfica do título e cabeçalho do <i>Ad Christum Eucharisticon</i> (ed. 1610).....	158
Figura 32 - Composição ornamental e tipográfica do título e cabeçalho do <i>Protestation to the Church</i> (ed. 1610).....	158
Figura 33 - Composição ornamental e tipográfica do título e cabeçalho do <i>Utility of this Story</i> (ed. 1610).....	158
Figura 34 - Folha de rosto da edição de 1632	162
Figura 35 - <i>Ad Christum Eucharisticon</i> (ed. 1632) e <i>Ad Doctum Lectorem</i> (ed.1632)	166
Figura 36 - Composição tipográfica e ornamental do título e cabeçalho do <i>Ad Christum Eucharisticon</i> (ed. 1632).....	166

Figura 37 - Composição tipográfica e ornamental do título e cabeçalho do <i>Ad Doctum Lectorem</i> (ed. 1632)	166
Figura 38 – a) Inicial capitular que introduz o texto do <i>Ad Christum Eucharisticon</i> (ed. 1632); b) Inicial capitular que introduz o texto do <i>Ad Doctum Lectorem</i> (ed. 1632).....	167
Figura 39 - Página inicial da <i>Table of Tables</i> (ed.1632).....	168
Figura 40 - Legenda informativa contida na <i>Table of Tables</i>	170
Figura 41 - A porção correspondente à palavra “Antiquaries”.....	170
Figura 42 - Seção da abertura da <i>Table of Tables</i> contendo as justificativas da aproximação entre o <i>Acts and Monuments</i> e a Bíblia Sagrada.....	173
Figura 43 - Seção introdutória da <i>Chronologie</i> (ed.1632)	176
Figura 44 - Retro e verso do prefácio <i>The Life of Mr Fox</i> (ed.1641).....	182
Figura 45 - Página inicial do prefácio <i>The Life of Mr. Fox</i> (ed.1641)	185
Figura 46 - Ornamento que acompanha o cabeçalho do prefácio, contendo o brasão real de armas da Inglaterra.....	185
Figura 47 – a) Retrato de John Foxe, presente na edição de 1641 (George Glover); b) Retrato de John Foxe, presente na edição de 1684 (John Sturt)	196
Figura 48 – Trecho da folha de rosto da edição de 1641.	197
Figura 49 – a) Foxe, por T. Smith (aproximadamente século XVIII); b) John Foxe, por Autor desconhecido (aproximadamente século XVIII).....	199
Figura 50 – a) John Foxe, por Autor desconhecido (aproximadamente século XVIII); b) John Foxe, por John Cochran (aproximadamente início do século XIX).....	199
Figura 51 – a) John Foxe, por Autor desconhecido (1587); b) John Foxe, possivelmente por Magdalena de Passe ou Willem de Passe (1620).....	200
Figura 52 - <i>Portraits of the bishops who suffered martyrdom for the Protestant faith under the bloody persecution of Queen Mary I</i> , provavelmente por William Grainger (circa. 1784-1793).....	201

Sumário

Introdução.....	18
CAPÍTULO 1	29
A primeira edição de <i>The Acts and Monuments</i>	29
1.1. “ <i>To the glory of your name and public advantage of the church</i> ”: martírio, compilação e imitação no <i>Ad Christum Eucharisticon</i>	29
1.2. “ <i>Year of the Lord, Dayes of their death</i> ”: <i>Kalender e Almanacke</i> e as formas de leitura comunitária da vontade divina.....	40
1.3. Os dois públicos do <i>Acts and Monuments: The Utility of this Story</i> e <i>Preface to the Persecutors</i>	58
1.3.1. <i>The Utility of this Story</i> : os herdeiros dos mártires	58
1.3.2 <i>The Preface to the Persecutors</i> : os inimigos dos mártires	69
1.4 O que esperar da Juíza de Israel? <i>The Preface to the Queen</i> , a dedicatória do <i>Acts and Monuments em 1563</i>	74
CAPÍTULO 2	86
Uma história eclesiástica em erratas, índices e questões: as edições de 1570, 1576 e 1583.....	86
2.1. Os caminhos da reimpressão: um velho poema para um novo livro	86
2.2. <i>The Preface to the Queen</i> em 1570: riscos, críticas e uma carta de William Cecil	93
2.3. <i>A Protestation to the Church of England</i> : Matthew Parker e os artífices do protestantismo inglês	106
2.4. Entre pais e filhos: a edição de 1576 e os conflitos geracionais do puritanismo	119
2.5. <i>Four Questions to the Papists</i> e <i>Four Considerations to Protestants</i> : os mártires e o Corpo de Cristo	130
CAPÍTULO 3	144
Como <i>The Acts and Monuments</i> se tornou <i>The Book of Martyrs</i> : as edições de 1596, 1610, 1632, 1641 e 1684	144
3.1 <i>The Acts and Monuments</i> depois de Foxe e Day: versões abreviadas e a edição de 1596	144
3.1.1 A primeira versão resumida do <i>Acts and Monuments</i> : miniaturização e monumentalização	146
3.1.2 A edição de 1596: impressores, livreiros e sindicatos.....	151
3.2. A edição de 1610: a primazia da Companhia dos Estacionários.....	154
3.3. <i>A Table of Tables, A Chronologie of Mr Fox his Martyrologie</i> : a edição de 1632	159
3.4. <i>The Life of Mr Fox</i> : A edição de 1641 e o legado de John Foxe no século XVII.....	177
3.5. Retratos, Atos e Monumentos: a nona edição do <i>The Acts and Monuments</i>	194
Considerações Finais.....	203

Fontes Primárias	209
Referências Bibliográficas	209

Introdução

Em março de 1563, nas redondezas da movimentada *St. Paul's Cathedral*, na passagem de Aldersgate, o ambiente era preenchido pelas vozes, passos e odores de uma multidão apressada. Na loja de John Day, já conhecido impressor, certo livro dificilmente passaria despercebido aos transeuntes ingleses: grande e espesso, era uma verdadeira proeza tipográfica, tendo sido, posteriormente, considerado a obra fisicamente mais imponente de seu tempo.¹ No frontispício, lia-se o seguinte título:

“Os Atos e Monumentos desses últimos e perigosos dias, no que concerne às questões relacionadas à Igreja, em que são compreendidas e descritas as grandes perseguições e terríveis tormentas, que foram perpetradas e praticadas pelos Prelados Romanos, especialmente neste Reino da Inglaterra e Escócia, do ano mil de nosso Senhor, até o tempo agora presente. Reunidas e coletadas de acordo com as verdadeiras cópias e escritos certificados assim como pelas próprias partes que sofreram, tal qual conforme os Registros dos Bispos, que foram os praticantes, por John Foxe.”²

Tal título se encontrava na folha de rosto do livro (Figura 1), cuja ilustração era definitivamente apelativa do ponto de vista iconográfico. À esquerda, na parte inferior, uma congregação de protestantes reunidos em torno da pregação de um sermão, estando alguns a portar bíblias impressas em suas mãos, enquanto ouvem atentamente os dizeres do pregador. Ao fundo, tem-se um tetragrama, com as letras hebraicas do nome de Deus (YHWH), sendo contemplado por alguns dos fiéis. Ainda na parte inferior, à direita, tem-se uma multidão em procissão, ao lado do que parece ser a predicação de uma homilia, identificada como católica graças à presença de terços e rosários às mãos dos fiéis.

¹ KING, J. *Foxe's Book of Martyrs and Early Modern Print Culture*. Cambridge University Press: 2006.

² “The Acts and Monuments of these latter and perillous dayes, touching matters of the Church, wherein are comprehended and described the great persecutions and horrible troubles, that have bene wrought and practised by the Romishe Prelates, specially in this Realme of England and Scotlande, from the yeare of our Lorde a thousande, unto the tyme nowe present. Gathered and collected according to the true copies and wrytinges certificarorie as wel of the parties themselves that suffered, as also out of the Bishops Registers, which wer the doers thereof, by John Foxe.”

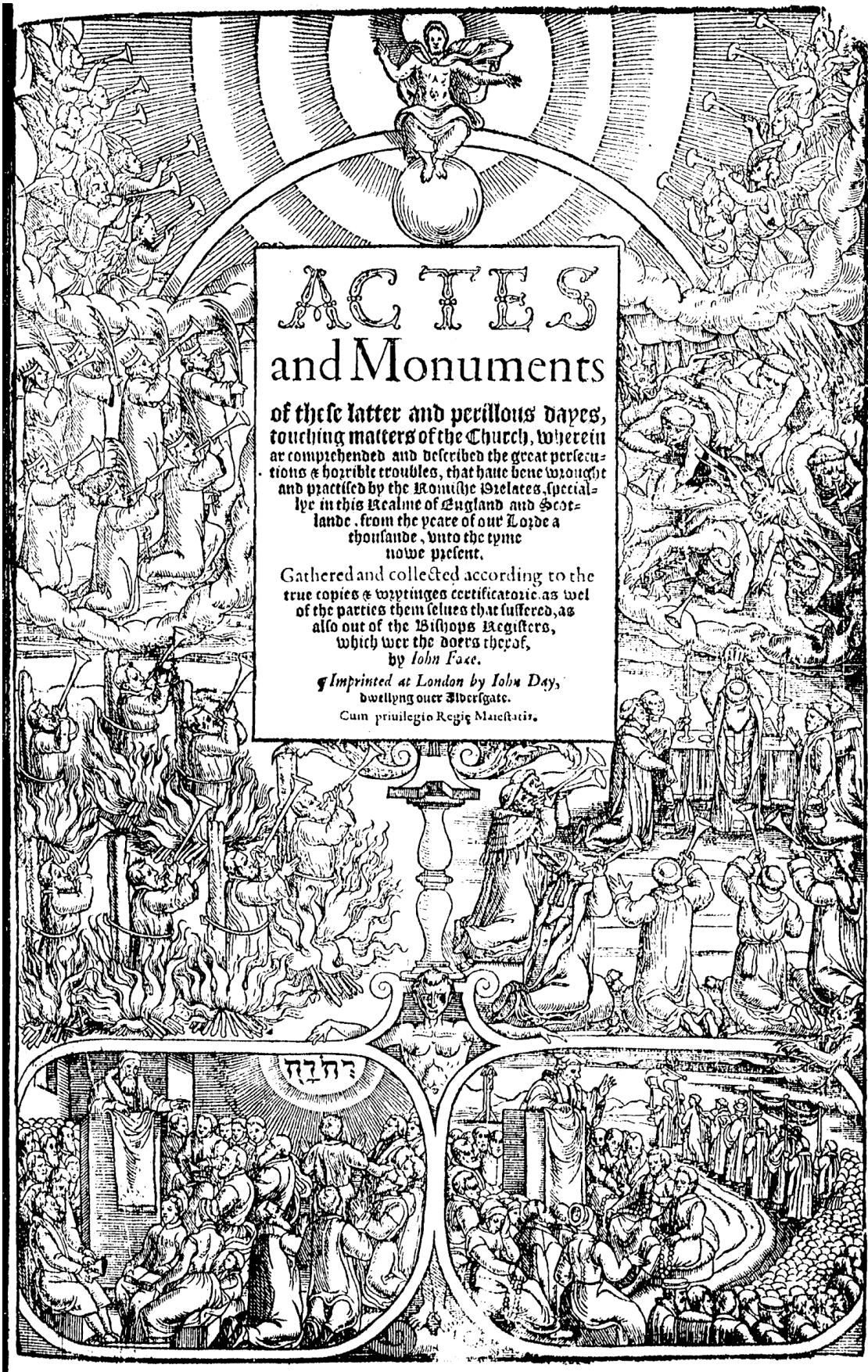


Figura 1 - Folha de rosto do Acts and Monuments (ed. 1563)

No estrato imediatamente superior, as imagens justapostas exibem duas cenas: à esquerda, protestantes são executados em fogueiras, portando trombetas; à direita, transcorre uma missa, no momento exato da elevação, e cujos participantes também estão a tocar trombetas. A inclinação dos instrumentos aponta para a seção seguinte, em que, à esquerda, vê-se os protestantes coroados e glorificados nos céus, enquanto, à direita, se misturam prelados católicos e demônios. A potência visual da imagem retratada na folha de rosto, por sua vez, faz jus ao teor da história introduzida, a saber, como informa seu título, “os Atos e Monumentos desses últimos e perigosos dias, no que concerne às questões relacionadas à Igreja, em que são compreendidas e descritas as grandes perseguições e terríveis tormentas, que foram perpetradas e praticadas pelos Prelados Romanos.”

O volume introduzido por tais dispositivos se trata do *Acts and Monuments*, um livro que viria a exercer influência ímpar nas concepções de religiosidade da Inglaterra moderna, bem como em suas práticas relacionadas à impressão, publicação, recepção e consumo de livros religiosos. Tratava-se de um livro grandioso, um verdadeiro milagre técnico, se consideradas as condições do mercado de impressos inglês à época, marcado por aspectos que lhe destacavam um status quase provincial: baixa disponibilidade de trabalhadores qualificados, isolamento linguístico, dada a prevalência de obras vernaculares e o conseqüente afastamento da cultura latina predominante no restante da Europa; além de uma regulamentação consideravelmente restritiva, que limitava especialmente a quantidade de trabalhadores estrangeiros.³

Em meio a tantas limitações externas, em 1563 era publicado o *Acts and Monuments*. Tal publicação desafiava, de modo particular, o principal impedimento do mercado de impressos inglês, e que contribui para que se compreenda todas as demais limitações, a saber, a falta de fontes próprias de papel, que, por ser insuficiente, precisava ser importado. Tal necessidade, por sua vez, acabava por encarecer todo o processo de impressão, acrescentando-lhe ainda mais custos. Assim, pode-se concordar com Elizabeth Evenden e Thomas Freeman quando afirmam que, “dessa forma, a impressão do *Acts and Monuments* distendeu as capacidades da produção de livros na época moderna.”⁴

Para que um livro de tais dimensões fosse produzido e impresso era necessário um extenso conjunto de recursos. Além de papel em abundância (o que já o tornava um

³ EVENDEN, E; FREEMAN, T. *Religion and the Book in Early Modern England. The Making of John Foxe's 'Book of Martyrs'*. Cambridge University Press: 2014.

⁴ “As it was, the printing of the Acts and Monuments strained the capabilities of early modern book production.” Ibid, p. 31.

empreendimento extremamente dispendioso), um livro como o *Acts and Monuments* requeria uma equipe vasta e diversificada de compositores, corretores, operadores, gravadores, ilustradores, entre outros. A diversidade de material que compunha o volume exigia níveis profundos de organização e referenciação de informações. E o homem perfeito para liderar tais esforços era John Day (1522-1584).

O impressor do *Acts and Monuments*, John Day, é retratado no *colofon* (Figura 2) da edição, dispositivo encontrado ao final do livro, e que registrava um resumo de seus dados editoriais. Devido à escassez de registros paroquiais, contudo, pouco ou quase nada se sabe a respeito das origens de Day.⁵ Sua data de nascimento é presumida a partir de uma inscrição presente no próprio *colophon* apresentado acima, que data de 1562, e em que se lê: “A vida é morte e a morte é vida: aetatis suae XXXX”. Provavelmente tendo 40 anos quando da publicação do retrato, infere-se que Day tenha nascido em 1522. Pelo que se lê em seu *imprint*⁶ - “Impresso em Londres por John Day residindo em Aldersgate, abaixo de Saint Martins, Anno. 1563. 20 de Março” – pode-se afirmar também que Day residia, à época, em Aldersgate, Londres, para onde teria retornado após a ascensão de Elizabeth ao trono.

John Day era um impressor, à época da publicação do *Acts and Monuments*, já bastante conhecido no mercado de impressos inglês, tendo sido o responsável pela impressão de uma diversidade de gêneros e títulos. Além de produzi-los, ele também era o detentor dos monopólios de impressão de muitos desses materiais, como os salmos e catecismos. Na Inglaterra do século XVI, o sucesso de um impressor dependia essencialmente de sua habilidade de adquirir e, posteriormente, sustentar, monopólios e patentes tanto sobre obras que lhe garantissem retornos financeiros rápidos e regulares, como é o caso dos salmos e catecismos, quanto sobre aquelas que lhe renderiam prestígio diante das autoridades letradas, tal qual uma obra complexa como o *Acts and Monuments*.

⁵ “Nothing is known of his parentage, place of birth, or where he spent his childhood. Since he spent his known life in London, it would seem most likely that he originated from there. Tantalising possibilities lie in the fact that there are a number of denizens of London named Day but no firm connection to John Day the printer has been established.” EVENDEN, E. *Patents, Pictures and Patronage: John Day and the Tudor book trade*. Ashgate Publishing Limited: 2008. p. 3.

⁶ A notification to the reader (and to the legal authorities) of the person or persons responsible for the production of a book. Some of the earliest printed books bore no such note; but from about 1465 till late in the 16th century the printer’s imprint was generally placed at the end of the book (and there properly called the colophon). It normally comprised the place of printing, the name of the printer and the date.” CARTER, N; BARKER, J. *ABC for Book Collectors*. Oak Knoll Press and The British Library: 2004, p.129.



Imprinted at London

by John Day dwelling ouer Alder-
gate, beneath saynt Martins, Anno.
1563, the.20. of March.

Cum gratia & privilegio Regie
maiestatis.

These bookes are to be sold at his shop
under the gate.

Figura 2 - John Day, retratado no colofon do *Acts and Monuments* (ed.1563)

A partir daqui podemos conhecer melhor a história de John Foxe (1517-1587), autor do *Acts and Monuments*. Coincidentemente nascido no mesmo ano em que as 95 teses de Martinho Lutero causavam rebuliço no mundo europeu, Foxe acabou por consagrar-se como um grande nome do protestantismo inglês. Formado no *Magdalen College*, Oxford, Foxe (Figura 3) dedicou-se aos estudos teológicos e rapidamente assumiu suas inclinações protestantes. Quando a Inglaterra se viu governada por Maria I, ele partiu com sua família para terras germânicas, juntamente com John Bale e Robert Crowley. Em Estrasburgo,⁷ publicou, sob a supervisão do impressor alemão Wendelin Rihel, aquela que viria a ser conhecida como a precursora latina do *Acts and Monuments*. Publicado em 1554, no *Commentarii in ecclesia*

⁷ Estrasburgo era um dos principais destinos dos refugiados europeus durante o século XVI. Além disso, destacava-se a pujança de seu mercado de impressões, que por décadas alimentou toda a Europa com livros impressos protestantes.

gestarum rerum Foxe se debruçava sobre a vida dos que ele considerava serem os precursores da Reforma: John Wycliffe, os Lolardos e Jan Hus.⁸

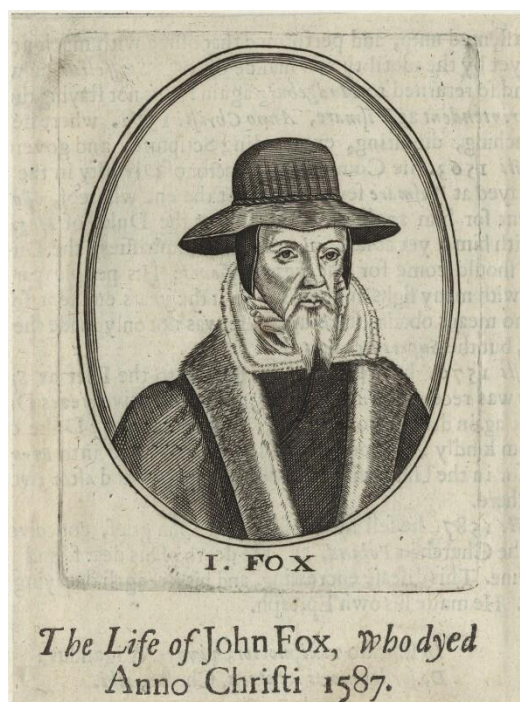


Figura 3 - Retrato de John Foxe, artista anônimo (aproximadamente do início do século XVII)⁹

Seria quase desnecessária a tarefa de acrescentar algo à extensa lista de considerações sobre a importância de tal livro, fundamental para a literatura protestante da Inglaterra. Por séculos adiante, *The Acts and Monuments* - ou, como ficou popularmente conhecido, *The Book of Martyrs*, - seria lido e disposto em praças, reuniões familiares e paróquias, sendo leitura fundamental da formação devocional de milhares de protestantes ingleses. O livro se propunha a contar, nos termos mais verídicos possíveis, a história de dezenas de mártires, cujas vidas e testemunhos serviriam “não tanto para agradar os ouvidos, como para adornar a vida, a fim de moldá-la com exemplos de grande proveito, e para instruir a mente em toda forma de piedade cristã.”¹⁰

A presente pesquisa, enfim, se dirige ao estudo das edições do *Acts and Monuments*, mais especificamente de seus materiais preliminares. Com efeito, o livro é assunto consagrado

⁸ Posteriormente, Foxe se mudou, depois, para Frankfurt, onde, ao lado de John Knox, empenhou-se pela extensão das reformas litúrgicas para além das previstas pelo *Book of Common Prayer* de 1552.

⁹ NPG D33376. National Portrait Gallery. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw144190>

¹⁰ “not so much to delight the eare, as to garnish the lyfe, to frame it with examples of great profite, and to enstruct the minde in all kinde of Christian godlynes.” *Acts and Monuments* (1563), p.15.

tanto na história do protestantismo inglês quanto na historiografia voltada ao tema. Considerável atenção tem sido dada ao papel significativo das contingências materiais e editoriais implicadas em seu processo de impressão e publicação, o que, por sua vez, representa uma tendência segundo a qual se prioriza a materialidade dos livros impressos como ferramenta não apenas útil, mas imprescindível, à pesquisa histórica.

Contudo, nota-se que, mesmo em se tratando da materialidade do *Acts and Monuments*, seus paratextos não recebem análises tão profícuas e específicas quanto outros elementos. Em geral, os materiais preliminares do livro são considerados majoritariamente como exemplos secundários de tendências observadas no volume principal, não sendo analisados de forma distinta e específica. Como nos trabalhos de John King, *Foxe's Book of Martyrs and Early Modern Print Culture* (2006), e de Elizabeth Evenden e Thomas Freeman, *Religion and the Book in Early Modern England. The Making of John Foxe's 'Book of Martyrs'* (2014), nota-se que, apesar de constituírem estudos importantíssimos da trajetória editorial do *Acts and Monuments*, não consideram de forma particular a importância de seus paratextos.

Tenta-se arguir, portanto, acerca da importância dos materiais preliminares do livro justamente por sua relação com o valor monumental a ele associado. O *Acts and Monuments* era comumente associado às próprias Escrituras Sagradas; era inclusive colocado junto a elas em muitas paróquias inglesas. Tal apreço litúrgico pelo livro, é o que aqui se tenta demonstrar, apenas pode ser plenamente compreendido se considerados os elementos e dispositivos paratextuais do *Acts and Monuments*, que lhe apresentavam como um livro digno de tal apreço.

Como observado em sua folha de rosto, disposta na Figura 1, o *Acts and Monuments* era dotado de um conteúdo teologicamente orientado que lhe rendia profunda relevância em seu contexto. Os mártires de que tratava, executados há não muito tempo antes de sua publicação, constituíam um tema potente e relevante para os leitores do livro, à época. O *Acts and Monuments*, assim, era desde já apresentado a tal público de forma que seu conteúdo fosse tido como extremamente necessário e imprescindível. Não à toa, o livro se popularizou sob o título de *The Book of Martyrs*, e foi publicado em sucessivas edições, que datam de 1563, 1570, 1576, 1583, 1596, 1610, 1632, 1641 e 1684. Para compreender a que razões se deve o fato de que, por tantas edições, o *Acts and Monuments* continuou sendo relevante a tantos públicos e gerações distintas, é imprescindível que se volte a seus paratextos.

A determinação conceitual dos paratextos é, contudo, uma atividade complexa. Dada a absoluta maleabilidade material e diversidade formal de tais textos, dar-lhes uma definição precisa acaba por ser uma tarefa das mais ingratas. Gerard Genette foi o primeiro a aventurar-se em tal incumbência, em seu clássico livro *Seuils* (1987), traduzido para a língua inglesa

como *Paratexts: Thresholds of Interpretation*. Na introdução de seu livro, Genette dá início a uma conceituação acerca do que seria uma obra literária, a qual, segundo ele, “consiste, inteira ou essencialmente, de um texto, definido (muito minimamente) como uma sequência mais ou menos longa de enunciados verbais que são mais ou menos dotados de significado.”¹¹ Segundo ele, contudo,

“esse texto é raramente apresentado sem ornamentos, sem ser reforçado e acompanhado de um certo número de produções verbais e outras, como o nome de um autor, um título, um prefácio, ilustrações. E embora nem sempre saibamos até que ponto tais produções devam ser consideradas como pertencentes ao texto, de todo modo elas o circundam e o estendem, precisamente a fim de apresentá-lo, no senso usual desse verbo mas também em um sentido mais profundo: o de tornar presente, garantindo a presença do texto no mundo, sua ‘recepção’ e consumo sob a forma (hoje em dia, pelo menos) de um livro. Tais produções acompanhantes, que variam em extensão e aparência, constituem o que eu chamo em outros lugares de paratexto de uma obra.”¹²

A definição de Genette, apesar de antiga, continua influente. Sua abordagem mais voltada à teoria literária permanece até hoje uma referência, ainda que criticada, de todo e qualquer trabalho direcionado aos estudos dos paratextos. A ênfase no aspecto representacional dos dispositivos paratextuais, por ele tratados como limiares entre o texto e seu contexto, por muitas vezes ofusca um aspecto igualmente valioso de sua declaração. Trata-se de considerar a inevitável imprecisão quanto à definição dos paratextos, em sua relação com o texto que apresentam. Como afirma Genette, não sabemos “até que ponto tais produções devam ser consideradas como pertencentes ao texto”; tal constatação pode ser tida, afinal, como um convite à aceitação da complexidade da tarefa de precisar tais textos.

Mais do que isso, Genette declara que os paratextos “circundam e estendem” o texto principal que apresentam. Em um sentido semelhante é que Helen Smith e Louise Wilson associam o paratexto à “apresentação física do texto, e [a] vários textos, informações e

¹¹ “A literary work consists, entirely or essentially, of a text, defined (very minimally) as a more or less long sequence of verbal statements that are more or less endowed with significance.” GENETTE, G. *Paratexts: Thresholds of interpretation*. Cambridge University Press: 1997, p.1.

¹² “But this text is rarely presented in an unadorned state, unreinforced and unaccompanied by a certain number of verbal or other productions, such as an author's name, a title, a preface, illustrations. And although we do not always know whether these productions are to be regarded as belonging to the text, in any case they surround it and extend it, precisely in order to present it, in the usual sense of this verb but also in the strongest sense: to make present, to ensure the text's presence in the world, its "reception" and consumption in the form (nowadays, at least) of a book. These accompanying productions, which vary in extent and appearance, constitute what I have called elsewhere the work's paratext.” Ibidem.

comentários adicionais ou suplementares que o circundam.”¹³ Em seu livro *Renaissance Paratexts* (2011), as autoras se reportam à definição de Genette, que “estabeleceu a forma física como crucial para a produção de sentido.”¹⁴ Ao conjugar estudos de história do livro, materialidade e retórica, os ensaios que compõem o livro são, por sua vez, apresentados como destinados a “desafiar e estender a taxonomia de Genette, explorando o paratexto como uma categoria tanto material quanto conceitual.”¹⁵

Dada a complexidade de uma definição conceitual precisa dos paratextos, pode-se dizer que a compreensão de suas finalidades se dá, de maneira especial, à medida que são analisados em conformidade aos gêneros e textos com os quais se relacionam. Tome-se por exemplo o próprio *Acts and Monuments*. Sua primeira edição é composta por uma folha de rosto, dois prefácios escritos em latim, um calendário, um almanaque, uma dedicatória à rainha Elizabeth, um prefácio aos católicos e um prefácio ao leitor, dedicado à utilidade do livro. Contudo, estes são apenas os componentes da seção prefatorial do livro, antecedendo a abertura de seu volume principal. Ao longo do livro, diferentes seções também são introduzidas com outros paratextos. Além disso, não se deve esquecer a composição tipográfica e ornamental, recursos fundamentais de mediação da leitura e, por isso, exemplos formidáveis de funcionalidade paratextual.

A diversidade e maleabilidade do repertório paratextual do *Acts and Monuments*, por sua vez, são representativas da importância atribuída aos paratextos por seus próprios elaboradores. Ao longo do presente trabalho, espera-se demonstrar o apreço nutrido pela composição editorial e paratextual do livro, que, a cada edição, era reformulada e reconfigurada, de modo que podem ser observadas as múltiplas maneiras pelas quais o *Acts and Monuments* era elaborado e apresentado a seus leitores, a fim de ser tido como um livro autoritativo e essencial.

Dessa forma, a presente pesquisa organiza-se no sentido de analisar a composição paratextual das edições do *Acts and Monuments*, a fim de, sobretudo, examinar o processo de monumentalização do livro como sendo plenamente compreensível a partir da consideração de

¹³ De um jeito instigante e criativo as autoras iniciam o livro com a seguinte afirmação: “Esta introdução é um paratexto.” Segue a citação completa: “However you have responded to the paratexts of this book, you are one of a long line of readers, all of whom have paid attention, wittingly or unwittingly, to the physical presentation of the text, and to the various additional or supplementary texts, information, and addresses which surround it.” SMITH, H; WILSON, L. (eds.) *Renaissance Paratexts*. Cambridge University Press: 2011, p. 1-2.

¹⁴ “In his 1987 work *Paratexts*, the theorist Gérard Genette established physical form as crucial to the production of meaning.” *Ibidem*.

¹⁵ “challenge and extend Genette’s taxonomy, exploring the paratext as both a material and a conceptual category.” *Ibidem*.

seus paratextos. A trajetória editorial do livro, transcorrida por tantas décadas, será investigada aqui como ferramenta interpretativa dos variados sentidos e modos de apropriação pressupostos a cada edição. Espera-se, assim, compreender de que formas o *Acts and Monuments* pode se tornar tão duradouramente apreciado quanto a própria Bíblia Sagrada, e de que maneira os paratextos podem ser fundamentais para tal constatação.

A primeira edição do *Acts and Monuments*, publicada em 1563, será especificamente abordada no Capítulo 1, em que serão analisados seus principais paratextos: *Ad Christum Eucharisticon*, prefácio latino dedicado a Jesus Cristo e que inicia o livro; *Kalender e Almanacke*, materiais dirigidos à memorização e comemoração dos mártires; *The Utility of this Story*, prefácio destinado à explanação da principal utilidade do livro, a saber, a imitação das virtudes dos mártires; *The Preface to the Persecutors*, endereçado aos leitores católicos do *Acts and Monuments*, e que elucida pontos decisivos do tratamento conferido aos chamados papistas; e, finalmente, o *The Preface to the Queen*, dedicatória do livro que materializa os vínculos de patronagem que definiam as práticas de impressão na Inglaterra moderna.

No Capítulo 2, serão analisadas as edições de 1570, 1576 e 1583. Na segunda edição do *Acts and Monuments*, publicada em 1570, Foxe e Day empenharam-se em ampliar consideravelmente a extensão material do livro, tendência seguida também em sua composição paratextual. Foram adicionados poemas comendatórios, escritos em latim por grandes nomes do protestantismo inglês, um novo *Preface to the Queen* e um novo prefácio aos papistas, *Four Questions to the Papists*, em substituição ao anterior. A edição seguinte, publicada em 1576, foi majoritariamente dirigida por John Day, que lhe confiou a seu filho, Richard. O jovem optou por reduzir espaços e baratear a impressão do livro, reduzindo os tipos utilizados e simplificando sua ornamentação, o que resultou em severas críticas de conhecidos de Foxe e Day. Ávidos por recuperar suas reputações, ambos trabalhariam naquela que viria a ser a última edição do *Acts and Monuments* na qual atuariam juntos.

Publicada em 1583, a quarta edição do *Acts and Monuments* é aquela que lhe rendeu a reputação de livro melhor ilustrado do mercado inglês. É notório o protagonismo de John Day ao recompor detalhadamente a sofisticação de ornamentos, tipografia e iniciais capitulares do livro, num claro esforço de lhe devolver a dignidade que advogava. A essa edição Foxe, por sua vez, adicionou um prefácio dedicado aos protestantes ingleses, *Four Considerations to the Protestants*, pelo qual pode-se contemplar aspectos importantes dos embates confessionais que marcavam a Inglaterra elisabetana. Foxe e Day viviam seus anos finais, e puderam desfrutar de reputações de, respectivamente, autor e impressor honrados e respeitados. E tal louvor jamais deixou de ser atribuído ao projeto que lhes rendeu tais honras.

Finalmente, no Capítulo 3 receberão destaque as edições posteriores às mortes de Foxe e Day. A partir de então, tem-se novos apoiadores, novos financiadores, novos impressores e, sobretudo, novos paratextos. Já em 1588, um ano após a morte de Foxe, foi publicada a primeira versão abreviada do *Acts and Monuments*, por Timothy Bright, após ter recebido uma patente lhe autorizando tal empreendimento. Em 1596, o impressor Peter Short seria o encarregado de imprimir a quinta edição do livro, organizada por um sindicato de impressores liderado pela Companhia dos Estacionários, principal articuladora das publicações do *Acts and Monuments* por todo o século XVII. A sexta edição do livro viria em 1610, publicada por Humphrey Lownes e em cuja padronização tipográfica já podiam se observar traços da participação ativa dos Estacionários.

Em 1632, uma parceria entre três impressores, Adam Islip, Felix Kingston e Robert Young, traria a sétima edição do *Acts and Monuments*, que conteria dois novos paratextos: a *Table of Tables* e a *Chronologie*. A edição seguinte, publicada em 1641, traria ainda um novo prefácio, escrito pelo filho de Foxe, Simeon, intitulado *The Life of Mr. Fox*, e um retrato do autor antecedendo a folha de rosto. Enfim, a última grande edição do *Acts and Monuments* só seria publicada em 1684, por um método de financiamento totalmente distinto da patronagem e da formação de sindicatos: as subscrições.

Por meio de tais premissas, espera-se que a presente pesquisa demonstre, por sua vez, a importância metodológica dos paratextos para a compreensão das formas de monumentalização do *Acts and Monuments*. Afinal de contas, porque tais materiais eram atentamente mobilizados pelos diferentes elaboradores das edições do livro para mediar a recepção do livro, não devem restar dúvidas acerca de seu potencial explicativo para aqueles que se debruçam sobre o livro e seus processos de impressão e publicação.

CAPÍTULO 1

A primeira edição de *The Acts and Monuments*

1.1. “*To the glory of your name and public advantage of the church*”: martírio, compilação e imitação no *Ad Christum Eucharisticon*

A primeira edição do *Acts and Monuments* foi publicada em 1563. E pode-se dizer, com importantes ressalvas, que os protestantes ingleses viviam, à época, em estado de generalizada satisfação com os rumos políticos que tomara a Inglaterra nos últimos anos. Coroada em 15 de janeiro de 1559, a segunda filha de Henrique VIII, agora Elizabeth I, representava a possibilidade da almejada continuidade do estabelecimento do protestantismo em solo inglês. Ela era constantemente associada a figuras fundamentais da narrativa veterotestamentária, responsáveis por grandes reformas políticas e religiosas que favoreceram o povo de Deus, como a rainha Ester, o rei Josias e a juíza Débora. Assim como tais personagens, esperava-se que a rainha inglesa desempenhasse a função de instrumento divino ao abolir a idolatria e restaurar a verdadeira fé na Inglaterra.

Tal otimismo, no entanto, não era absoluto. Pode-se dizer que o reinado de Maria I teria “forçado os protestantes ingleses não apenas a fazer escolhas difíceis quanto à conformidade religiosa mas também a revisitar suas visões acerca da autoridade real e do papel da monarquia em estabelecer a verdadeira religião.”¹⁶ Isso porque, durante o reinado de Maria, eles tiveram de enfrentar o árduo desafio proposto pela determinação bíblica acerca da obediência às autoridades, experimentando a dificuldade implicada entre apostatar e resistir. Dessa forma, a ascensão de Elizabeth, embora muito celebrada, foi também aceita com certa dose de cautela por muitos, dentre os quais pode-se destacar James Pilkington em seu panfleto *Aggeus the Prophete declared by a large commentarie*, publicado em 1560.

Tal qual Foxe, Pilkington também fora um exilado nos tempos de Maria, tendo retornado à Inglaterra em 1559. Seu texto, por sua vez, assinala sua posição contrária aos dizeres do *Act of Exchange*, decretado em 1559 e que regulava a possibilidade de que a Coroa

¹⁶ “Mary’s accession forced English Protestants not only to make difficult choices regarding conformity but also to reassess their views regarding royal authority and the role of the monarch in establishing true religion.” GUNTHER, K. *Reformation Unbound: Protestant Visions of Reform in England. 1525-1590*. Cambridge University Press: 2014. p.131.

tomasse posse de terras eclesiásticas para uso temporal. Segundo ele, os protestantes ingleses não poderiam confiar inteira e descansadamente no poder secular, visto que este poderia a qualquer momento voltar-se contra eles. A Reforma na Inglaterra deveria ser, assim, o resultado de um esforço coletivo, que fluiria da verdadeira religiosidade dos fiéis, e não de decretos reais. Para Pilkington, os tempos do profeta Ageu se assemelhavam fortemente ao que se vivia na Inglaterra, pois mesmo então os ingleses ainda não haviam “destruído os inimigos de Deus, nem provido aos pobres, nem avançado o ensino nem estabelecido Ministros no lugar desses Cães tolos.”¹⁷ A Reforma na Inglaterra ainda não se havia completado, e para protestantes como Pilkington, ainda havia muito trabalho a ser feito.

Como afirma Peter Marshall, os “protestantes elisabetanos estavam divididos, não somente quanto a como deveria ser uma Igreja reformada, mas também quanto à própria finalidade de uma reforma.”¹⁸ A extensão das reformas eclesiásticas, e as decorrentes divisões geradas em torno de tal assunto, em especial, compunham um dos principais elementos dos desacordos e divergências entre os protestantes ingleses quando da ascensão de Elizabeth. De fato, os primeiros anos do governo da rainha constituíram um período de ambiguidade, principalmente no que se refere à natureza e à extensão do protestantismo apoiado pela Coroa. O Settlement elisabetano era, pode-se dizer, “inequivocamente protestante, porém ambíguo quanto ao tipo de protestantismo que intentava estabelecer.”¹⁹

O ponto central dos dilemas teológicos mais marcantes do reinado de Elizabeth consistia, justamente, na definição de sua prerrogativa real sobre questões eclesiásticas. Como afirma Marshall, havia uma tácita dubiedade no entendimento de que ela não deveria intervir em assuntos doutrinários, embora fosse responsável pela condução de políticas eclesiásticas. A querela das vestimentas, cuja manutenção na liturgia oficial foi resolutamente apoiada por Elizabeth, ganhou um debate eminentemente teológico no que se refere ao papel das cerimônias, e ao modo como elas eram ministradas, na formação espiritual dos protestantes ingleses. O mesmo pode ser dito acerca da doutrina eucarística, cuja definição nos *Articles of Religion* subscritos por Elizabeth pode ser caracterizada como sugestivamente ambígua.

¹⁷ “the English had not ‘destroyed Gods enemies, nor provyded for the poore, and furthered learning nor placed preachynge Ministers in place of dumme Dogges, after the rule of his woord as we should have done, and buylded hys house’”. GUNTHER (2014), p. 135.

¹⁸ “Elizabethan Protestants were divided, not just on how a reformed Church should look, but on the purpose of reformation itself.” MARSHALL, Peter. Settlement Patterns: The Church of England, c.1553-1603. In: MILTON, Anthony (ed.). *The Oxford History of Anglicanism. Volume I. Reformation and Identity, c. 1520-1662*. Oxford University Press, 2017, p.45.

¹⁹ “But while the Settlement was unambiguously Protestant, it was ambiguous about the kind of Protestantism it was intending to settle.” Ibid. p.50.

Poucos anos após a publicação de Pilkington, Foxe e Day finalmente publicavam a primeira edição do *Acts and Monuments*. Os “Atos e Monumentos acerca das coisas feitas e praticadas pelos Prelados da Igreja Romana, especialmente nesse Reino da Inglaterra e Escócia, do ano mil de nosso Senhor até o tempo agora presente”²⁰ tratavam-se, acima de tudo, de uma história da Igreja protestante na Inglaterra sob a perspectiva daqueles que, segundo Foxe, constituíam a verdadeira herança do Evangelho em solo inglês, os protestantes martirizados sob o reinado de Maria I. Tal conteúdo em muito se relacionava ao contexto de expectativas e inquietações dos protestantes elisabetanos, que se viam como partes de um tempo mais do que propício à revitalização do protestantismo em solo inglês, cujas doutrinas eram oficializadas de modo suficientemente impreciso para gerar conflitos e incompatibilidades que não deixaram de ser observadas em muitas das publicações impressas do período.

O principal ponto a partir do qual pode-se relacionar o *Acts and Monuments* a tal cenário do protestantismo elisabetano consiste, pode-se afirmar, em seu caráter apocalíptico. Como afirma Michael Pucci, “os Atos e Monumentos de Foxe podem ser descritos como apocalípticos tanto no sentido de oferecerem uma história ‘revelada’ da Igreja quanto no sentido de que sua estrutura e direção fundamentam-se profundamente no quadro do Apocalipse de João.”²¹ Afinal de contas, a martirologia de Foxe fazia eco a um conjunto de publicações precedentes, especialmente à obra de John Bale, cujos escritos foram importantíssimos para Foxe especialmente na compilação de seus títulos publicados em latim.

O conteúdo apocalíptico que caracterizava o *Acts and Monuments* dizia respeito, assim, a uma tentativa de incorporação do povo inglês no grande cenário, que ainda estaria a se desenrolar, das obras providenciais de Deus na história. E é nesse sentido, portanto, que o livro é introduzido, em sua primeira edição, com um prefácio em latim intitulado *Ad Dominvm Iesvm Christum servatorem clementissimum* (Figura 4). O prefácio, por sua vez, é endereçado ao próprio Cristo: “Ao Senhor Jesus Cristo, misericordioso Salvador, uma ação de graças de John Foxe.”²² Tem-se, então, que o primeiro texto introdutório do *Acts and Monuments*, em sua

²⁰ “ACTES and Monumentes touching things DONE AND PRACTISED BY THE Prelats of the Romishe Church, specially in this Realme of England and Scotland, from the yeare of our Lord a thousand vnto the tyme nowe present. Wherin is liuely declared þ^e whole state of the Christian Church: with such persecutions, and horrible troubles, as haue haypened in these last and pearilous dayes. Faithfully gathered and collected according to the true copies and wrytings certificatory, aswell of them that suffered: as also of the others that were the doers and workers therof. by. I. F.” *Acts and Monuments* (1563), p.1.

²¹ “Therefore, Foxe’s Acts and Monuments can be described as apocalyptic both in the sense that it offers a ‘revealed’ history of the Church and in the sense that its structure and direction relies heavily on the framework of John’s Revelation.” PUCCI, M, S. Reforming Roman Emperors: John Foxe’s Characterization of Constantine in the Acts and Monuments. In: LOADES, David (ed.). *John Foxe: An Historical Perspective*. Ashgate Publishing. Nova York: 1999, p. 33.

²² “To the Lord Jesus Christ, most merciful Saviour, a Thanksgiving from John Foxe.” FOXE (1563), p.1.

decerto contrariamente a todas as expectativas e à minha própria força.”²³

De fato, as adversidades enfrentadas por Foxe não foram poucas. Seu empenho na obtenção de testemunhos de informantes, bem como o esforço de compilá-los e agregá-los, concebendo assim um grande volume de documentos, decerto o havia exaurido profundamente. Ainda, muitos desses materiais - como é o caso de uma transcrição de abjurações de Lollardos dos anos de 1468 a 1488 - somente teriam sido acessados por Foxe já durante o processo de impressão do livro, quando provavelmente lhe foram enviadas seções de tais documentos, diretamente da cidade de Coventry.²⁴

A aquisição constante de novos materiais durante a impressão do livro era motivo de maior inquietação ainda para seu impressor, John Day. Ele, que nos primeiros anos da década de 1560 já havia perdido “muitos negócios, especialmente em obras musicais, por causa de seu compromisso com a impressão do *Acts and Monuments*,”²⁵ teve de definir soluções rápidas e eficazes para o problema da aquisição contínua de material. Além disso, simultaneamente à produção do *Acts and Monuments*, autor e impressor ainda trabalhavam juntos na publicação de outras duas obras: *A Solemne Contestation of Divers Popes* (1560), uma narrativa em primeira pessoa proferida pelo próprio Anticristo, e *Syllogisticon* (1563), uma série de painéis argumentativos acerca da Eucaristia. Além das obras de Foxe, Day também encontrava-se consideravelmente ocupado com a produção do *Cosmographical glasse* (1560) de William Cunningham, obra cuja complexidade visual e admirável composição tipográfica justificariam a patente por ela recebida, a primeira concedida a Day durante o reinado de Elizabeth.²⁶

²³ “Confecto nunc opere, quod tuis primum auspiciis ac voluntate aggressus (summe et adorande Iesu, idemque Seruator clementissime) inchoavi, quodq; tuo demū beneficio ac fauore exegi atque absolui præter omnē certè opinionē et vires meas.” Tradução para o inglês: “The task, which I first took on and started under your auspices, is now finished, most high and reverend Jesus, and likewise most merciful Saviour. I have finally completed and brought this to a close through your kindness and favour, certainly contrary to all expectations and my strength.” *Acts and Monuments* (1563), p.1.

²⁴ Como afirmam Evenden e Freeman: “Later, in an appendix to the 1563 edition, Foxe included a transcription, translated into English, of Lollard abjurations from the years 1486-8. This material was taken from the register of Bishop John Hales. It is inconceivable that Foxe actually visited Coventry to consult the register (for one thing, he would not have left Day’s printing house on the eve of the book’s completion). It is much more likely that transcripts of sections of the register were sent to Foxe from the city. (It is worth noting that Thomas Bentham, the bishop of the diocese, and Thomas Lever, the archdeacon of Coventry, were close personal friends of Foxe.) It would seem, therefore, that Foxe alerted them to the existence of Lollards in the diocese in the past and asked them to uncover the relevant records.” EVENDEN, FREEMAN (2014), p. 109.

²⁵ “During the first half of the 1560s, Day lost quite a bit of business, especially in musical works, because of his commitment to printing the *Acts and Monuments*.” Ibid. p.113.

²⁶ “This was protected by Day’s first known Elizabethan patent [...]. Day seized the opportunity to produce a visual masterpiece. It contained numerous impressive pictures and it also marked the first appearance in England of a double-pica italic type by the renowned typographer François Guyot.” Ibid. p.112.

A exaustão de autor e impressor era, assim, de fato justificada. Contudo, a menção à dificuldade e ao custo da obra, no prefácio, não deve ser lida somente como mero relato dos obstáculos e da fadiga do autor ao terminá-la. A ênfase na exaustão e extrema dedicação de um autor a sua obra, que assim se apresentava como lhe sendo imensamente superior e cuja execução se via como além de suas próprias forças era, na verdade, um recurso conhecido e utilizado por muitos escritores. Tratava-se de um meio de estabelecer, ao mesmo tempo, a grandiosidade da obra que escreviam e, por outro lado, exibir a própria humildade e modéstia, investida cujo efeito era, na verdade, engrandecê-los como autoridades sóbrias e comedidas. No caso específico de Foxe, tem-se ainda a menção ao auxílio divino que recebeu, o que aumentava ainda mais o crédito que se esperava fosse associado a seu livro. Ele segue, afirmando sua dependência do favor divino ao completar o livro:

“Mas embora não haja sentido em defender a dificuldade da obra, que será dificilmente apreciada por muitos, ainda assim tua onipotente majestade não está alheia à completude desse trabalho, tal como está, tendo-me custado incalculáveis cuidados, falta de sono e preocupações, em relação aos quais não poderíamos nunca nos igualar, caso a vontade divina de teu gracioso favor não houvesse brilhado sobre mim, e se envolvido de um modo ou de outro com meu trabalho.”²⁷

O trabalho de Foxe, portanto, teria sido amparado pela providência, de modo que sua completude, agraciada com o favor divino, exemplificava a dignidade da obra completada pelo *Acts and Monuments*. Como ele afirma: “temos visto claramente, e quase contemplado com nossos próprios olhos a notável energia de tua exaltada destra, não apenas ao promover o sucesso da questão, mas também ao preservar a vida e o fôlego em meio aos labores.”²⁸ Na preservação divina tanto da obra quanto de seus elaboradores, Foxe afirma ser possível perceber “em quão grande valor tens a causa de teus mártires.”²⁹ A dignidade da obra, apoiada por Cristo, refletia assim a dignidade do objeto de que tratava, a saber, a causa dos mártires a que Foxe dedica seu trabalho, que afirma: “e ainda que nenhum registro deles houvesse aqui,

²⁷ “But although there is no point in pleading the difficulty of the work, which will hardly be able to be appraised by many, yet your omnipotent majesty is not unaware that the completion of this business, such as it is, has cost me unbearable cares, sleeplessness and worries, to which we would in no way have been equal, if the divine will of your favouring grace had not shone upon me, and involved itself in some way or other with my work.” *Acts and Monuments* (1563), p.1.

²⁸ “For we have seen clearly, and we have almost caught sight with our very eyes of the outstanding energy of your exalted right hand, not only in promoting the success of the matter, but also in preserving life and breath amid the toils.” *Ibidem*.

²⁹ “It is from this fact, indeed, namely that you, with such great inclination, favour illustrating their name, that we perceive how much you value the cause of your martyrs.” *Acts and Monuments* (1563), p.1.

aqueles cujos nomes foram escritos no livro de tua vida não poderiam deixar de ser os mais ilustres de todo modo.”³⁰

A afirmação de Foxe, acerca de sua dependência do cuidado divino, que atuava de forma soberana nos assuntos humanos, reitera o providencialismo enquanto aspecto fundamental e formativo do protestantismo inglês. Tratava-se, como bem aponta Alexandra Walsham, da compreensão de que a “história era uma tela na qual o Senhor gravava seus propósitos e intenções; a natureza era um livro e um laboratório no qual Ele ensinava, demonstrava, e testava Sua providência.”³¹ A confiança na ação providencial de Deus constituía, assim, uma das formas pelas quais os protestantes ingleses interpretavam os acontecimentos trágicos do reinado de Maria, oferecendo “um quadro conceitual dentro do qual tais eventos cataclísmicos eram explicáveis e, mais ainda, previsíveis.”³²

Na narrativa de Foxe, a perseguição aos protestantes ingleses toma parte, dessa forma, na história providencial da fé cristã na Inglaterra. Era por meio da assunção de que tais eventos participam dos desígnios divinos, e inclusive os tornam conhecidos, que protestantes como Foxe interpretavam e conferiam sentido ao período de 1553 a 1558. Os mártires protestantes eram tidos, assim, como participantes substanciais de tais desígnios, o que tornava o conhecimento de suas vidas algo essencial à própria história da fé inglesa:

“Mas foi desse modo que tua majestade quis declarar, e fazer conhecido a nós homens, quão honroso é o morrer para aqueles que estão lutando bravamente para a glória do teu nome, cuja vida tu livraste das cinzas e das piras funerárias, cuja causa tu proteges e cuja dignidade tu mostras, que possam receber de ti a mesma [vida], muito mais distintamente com o benefício de glória, como se eles jamais a tivessem perdido.”³³

Dessa forma, tem-se que a publicação das histórias dos mártires, parte elementar do conteúdo do *Acts and Monuments*, era caracterizada como atividade também providencial. A

³⁰ “And yet, even if no record of them were to exist here, those whose names have been inscribed in the book of your life could not fail to be most illustrious in every way.” Ibidem.

³¹ “History was the canvas on which the Lord etched his purposes and intentions: nature, a textbook and a laboratory in which He taught, demonstrated, and tested His providence.” WALSHAM, Alexandra. *Providence in Early Modern England*. Oxford Scholarship Online, 2001. p.3.

³² “a conceptual framework within which these cataclysmic events were explicable and, moreover, predictable.” Ibid, p.7.

³³ “But it was in this way that your majesty wanted to declare, and make known to us men, how honourable it is for those who are fighting bravely for the glory of your name to die, whose life you so liberate from the ash and the funeral pyre, whose cause you so protect and whose dignity you show, that it receives from you the same [life], much more distinguished with the advantage of glory, than if they themselves had never otherwise lost it.” *Acts and Monuments* (1563), p.1.

dignidade da causa dos mártires deveria ser conhecida pelos leitores de Foxe pois coube à majestade divina os informar o quão honroso é o morrer, para aqueles que lutam pela glória divina. Tal glória, por sua vez, era prometida aos próprios mártires, que de Cristo haveriam de receber a vida, “como se jamais a tivessem perdido.” Foxe aponta, ainda, para o interesse divino em desvelar os crimes de seus adversários, de modo que o *Acts and Monuments* figurasse como resultado de um esforço, movido e iluminado pela providência, pela divulgação dos atos não somente dos mártires, mas também de seus persecutores, cujos crimes não poderiam permanecer impunes:

“Olhemos no lado oposto para nossos adversários, de quem geralmente se concorda terem havido tantos assassinatos, injustiças, crueldades contra teu povo, e do mesmo modo muitos crimes perpetrados secreta e impiamente pelas mesmas pessoas, de modo que nunca esperaram que fosse publicamente sabido; e ainda o que foi desenhado por eles nos cantos e na escuridão tão secretamente contra a Igreja, que a tua providência não tem mostrado e ainda mostrará em plena luz do dia, e tem mostrado de tal maneira que, onde eles mesmos conceberam em seus próprios corações pensamentos de louvor, aí também eles têm adquirido a maior desgraça e reprovação por eles mesmos e das quais nunca serão capazes de escapar em vida ou de finalizá-las pela morte.”³⁴

Os crimes papistas eram, assim trazidos à luz, e pode-se dizer que tal luz se materializava, por sua vez, na palavra impressa, que “apresentava ideias providencialistas de modo que de uma só vez as intensificava e subitamente as transfigurava.”³⁵ Isso significava dizer que a impressão, ao registrar e publicizar os atos dos mártires, seria o próprio fruto do desígnio divino de oferecer-lhes “a mesma [vida], muito mais distintamente com o benefício de glória, como se eles jamais a tivessem perdido.” A divulgação impressa dos crimes papistas constituía parte imprescindível do plano providencial de vivificação da causa dos mártires, do qual o *Acts and Monuments* era parte primordial. Tais pontos eram, para Foxe, prelúdios do julgamento divino que tomava forma já no tempo presente.

³⁴ “Let us look on the opposite side at your adversaries, of whom it is generally agreed that there were so many murders, injustices, cruelties against your own people, and likewise many crimes perpetrated secretly and wickedly by the same people, which they never expected would be publicly known; and yet what was ever designed by them in corners and in darkness so secretly against the Church, that your providence has not brought it out and will bring it out into the sunlight, and has brought it out in such a way that, where they themselves conceived in their hearts thoughts of praise, there they have acquired the utmost disgrace and reproach for themselves from which they will never be able to escape in life or end with death.” Ibidem.

³⁵ “Print [...] presented providential ideas in a way which at once intensified and subtly transfigured them.” WALSHAM (2001) p.8.

Por isso, Foxe reitera a associação entre seus colaboradores e os mártires, “em cujo nome nós correta e constantemente juramos e mantemo-nos como se fosse um sacrifício de louvor e gratidão por tua bondade.” Tal aproximação, em seus dizeres, justifica-se porque ambos os grupos desfrutam da força divina: os mártires, ao resistirem à perseguição católica, e Foxe e seus colaboradores, ao compilar e coletar suas histórias. Ele afirma:

“Primeiramente, porque àqueles que lutam na causa de tua igreja tu tens dado espírito tão bravo e disposto e que se ergue acima de todas as torturas dos Papistas assassinos. Em segundo lugar, porque o propício favor de tua misericórdia tem sido presente também conosco enquanto suamos ao compilar a história deles.”³⁶

O martírio e a compilação são elencados, assim, como atividades cuja realização, ao se dar graças ao favor divino, as torna igualmente essenciais à causa do próprio Cristo. Os mártires cujas histórias compõem o *Acts and Monuments* teriam suas vidas compiladas, registradas e publicadas, por Foxe e seus colaboradores, de modo que o mesmo “espírito bravo e disposto” permanecesse nos protestantes elisabetanos, agora herdeiros dos sacrifícios de tais mártires. O registro impresso de suas vidas, e também de suas mortes, seria o resultado material da associação entre eles e seus sucessores. A publicação do *Acts and Monuments*, portanto, tratava-se de um ato divino, para cuja realização Foxe e seus colaboradores foram providencialmente mobilizados,

“[...] de modo que tens considerado digno reacender a luz e revelar à atenção de tua igreja a causa e a inocência, tal qual fossem reunidas das cinzas, de teus benditos Mártires, a quem a perversidade desse mundo reduziu a chamas e cinzas.”³⁷

A luz reacendida, portanto, tratava-se do testemunho dos mártires inscrito em forma impressa, que revelaria à igreja na Inglaterra a dignidade de sua causa, como se eles estivessem sendo, no registro impresso de suas vidas, vivificados das cinzas. O ímpeto de presentificação dos mártires, apesar de não efetuado ainda em forma corpórea, seria realizado, de modo mais imediato, graças à continuidade concretizada pela conduta moral dos protestantes que liam suas

³⁶ “But leaving these aside, let us return to your holy Martyrs, in whose name we rightly and constantly owe and keep as it were a sacrifice of praise and thanks to your goodness. First, because to those fighting in the cause of your church you have given such a brave and keen spirit and one which rises above all their tortures against the Papist murderers. Secondly, because the propitious favour of your mercy has been present also with us as we were sweating in compiling their history.” *Acts and Monuments* (1563), p.1.

³⁷ “But we all equally owe this debt in particular to your boundless love towards us, that you have thought it worthy to recall to light anew and reveal to the notice of your church the cause and innocence, as if gathered again from the ash, of your blessed Martyrs, whom the perversity of this world reduced to flames and ashes.” *Ibidem*.

histórias. Maior fruto se daria através destes, ao imitarem o exemplo fornecido pelos mártires dos tempos de Maria, “quando de suas justas obras, sua integridade, sua inocência, sua fé e paciência, pode-se concordar de modo geral não apenas o que eles mesmos fizeram, mas também o que ainda há de ser feito por nós através do exemplo deles.”³⁸

Os mártires, cujas vidas reunidas das cinzas se faziam ler pelo público do *Acts and Monuments*, poderiam, assim, reviver através do exemplo e da conduta dos protestantes elisabetanos. Foxe exorta seus leitores, então, a que vivam vidas dignas dos “filhos dos Mártires” que são, rogando a Cristo que disponha seu favor para com eles: “Pois nós que somos os filhos de teus Mártires, e por quem é particularmente apropriado que imitemos nossos antepassados, agora não desfrutamos de nada de nossos pais, a não ser dessa liberdade de vida que eles nos deixaram.”³⁹ A preocupação pastoral, expressa na exortação de Foxe, diz respeito à comparação feita entre “a tamanha diferença e completa desarmonia existente entre nosso estilo de vida e o caminho de disciplina que eles seguiram.”⁴⁰ Os protestantes elisabetanos estariam, segundo ele, mergulhados no desejo por “coisas, riquezas e honras efêmeras,”⁴¹ de modo que, como reitera Foxe, “com que grande ambição nós desgastamos nossos amigos e inimigos, não somente para que vivamos, mas para que vivamos exaltados e honrados.”⁴²

O martírio, cujo testemunho se encontrava registrado em forma impressa, e portanto eternizado para propósitos triunfais, consistia assim em um chamado a todos os protestantes. A imitação do exemplo dos mártires, por parte dos contemporâneos de Foxe, se daria por meio do exercício e recorrência à mesma “fé deles, à sua clemência, perseverança, inocência e inacreditável paciência.”⁴³ Uma conduta moral purificada e santificada, portanto, era o principal meio de se rememorar os mártires, trazendo-os de volta à vida pela imitação de suas virtudes. Tal empreendimento, contudo, se via ameaçado pela vaidade e avareza a que os

³⁸ “Then a richer glory will abound for them, and in the meantime a greater fruit will abound for us, when from their righteous deeds, their integrity, their innocence, their faith and patience, it can generally be agreed not only what they themselves have done, but what must also be done by us through their example.” *Acts and Monuments* (1563), p.1.

³⁹ “For we who are the sons of your Martyrs, and for whom it is particularly appropriate that we imitate our ancestors, now retain almost nothing of our parents, except this freedom of life alone which they left behind.”

⁴⁰ “For assuredly it is shameful to report what a difference and what complete disharmony there is between our way of life and the path of discipline which they pursued.” *Ibidem*.

⁴¹ “But our life now, our enthusiasm and all our exertion, on the contrary, what do they breathe except the world, what else do they seem other than a sort of perpetual lying in wait for and aspiring to ephemeral things, wealth and honours.” *Ibidem*.

⁴² “Without measure, without end, we gape at riches, priesthoods and expanding property. With what great ambition do we wear out our friends and enemies, not only so that we may live, but that we may live exalted and honoured?” *Ibidem*.

⁴³ “Concerning their faith, concerning their clemency, endurance, innocence and unbelievable patience, what can sufficiently be said?” *Acts and Monuments* (1563), p.1.

protestantes se viam entregues, como Foxe reforça: “o quão longe estamos de algum dia enfrentar a morte em tua causa, caso a situação demande o martírio, quando não estamos nem mesmo dispostos a cortar essas ignóbeis paixões ao teu comando.”⁴⁴ Por causa da fraqueza dos protestantes elisabetanos, portanto, era ainda mais necessário rogar o favor divino:

“Por isso mesmo damos graças ao teu santo nome pelo amor daqueles mártires, de modo que oramos por nossa própria causa, que tu, que lhes concedeste os meios de conquista, possas nos auxiliar da mesma maneira com a boa fortuna a imitar seus pios exemplos, e de que dessa forma tua graça possa brilhar em nossa igreja, para que em nenhum lugar, seduzidos pelos encantos deste mundo, nós mesmos pareçamos mais indolentes em preservar a vitória de teu evangelho do que aqueles homens pareceram enérgicos ao estabelecê-lo.”⁴⁵

A imitação do exemplo dos mártires, portanto, era o intento final ao qual se dirigia a publicação do *Acts and Monuments*. E um prefácio intercessório ao próprio Cristo, para que os protestantes sejam auxiliados em sua tarefa de preservar tal legado, é o texto que introduz a primeira edição do livro. O favor divino, presente no martírio dos protestantes marianos e na subsequente compilação de suas histórias, seria necessário agora para que a imitação da vida dos mártires desse continuidade ao plano divino de revitalização da fé cristã na Inglaterra. Pode-se dizer que o *Ad Christum Eucharisticon*, embora notadamente dedicado ao próprio Cristo, tinha um segundo destinatário, a que se dirigia o apelo por santificação e piedade: o grupo de protestantes a que foi entregue, também, a responsabilidade pela reforma da Igreja Inglesa.

Como Pilkington, autor do panfleto que circulou em Londres em 1560, pode-se dizer que Foxe não via a Reforma na Inglaterra como completa e finalizada. Ainda havia muito a ser feito, e tal esforço deveria começar, segundo ele, pelos frutos espirituais provenientes da imitação daqueles que entregaram suas vidas pela causa de Cristo. O *Acts and Monuments*, publicado em 1563, seria leitura fundamental para todos aqueles que desejassem fazer parte na grande história que o próprio Deus escrevia em território inglês, pois neles estavam contidos os testemunhos que deveriam ser não somente registrados e lidos, mas também rememorados e imitados no tempo presente.

⁴⁴ “From this it is easy to gather how far away we are from ever undergoing death in your cause, if ever the situation were to demand martyrdom, when we are not even willing to cut off those ignoble passions at your command.” Ibidem.

⁴⁵ “Wherefore just as indeed we give thanks to your holy name for the sake of those martyrs, so we in turn pray on our own behalf, that you, who have bestowed on them the means of conquering, may assist us in like manner with the good fortune to imitate their pious examples, and that in this way your grace may shine on your church, so that nowhere seduced by the allurements of this world we ourselves should seem more lazy in preserving the victory of your gospel than those men seem energetic in establishing it.” Ibidem.

Apesar de tudo, o *Ad Christum Eucharisticon* foi escrito em latim, idioma inacessível à grande maioria dos leitores ingleses, e restrito a poucos membros da elite intelectual londrina. Tal detalhe, por sua vez, deve nos apontar para a indicação de que, embora sua mensagem se destinasse ao “proveito público da igreja”, poucos membros dela poderiam lê-la. Isso faz supor que, aqui, Foxe escrevia para homens como ele: em sua grande parte ministros protestantes que deveriam, naqueles anos iniciais do reinado elisabetano, responsabilizar-se pela condução de suas igrejas e membros rumo à imitação da vida dos mártires. Contudo, logo em seguida ao *Ad Christum Eucharisticon*, tem-se um calendário e um almanaque, ambos escritos em língua inglesa, respectivamente intitulados *Kalender* e *Almanacke*, que, pode-se dizer, seriam materiais fundamentais, dentre outras coisas, no auxílio dos leitores comuns em busca de tal santificação. E é a tais materiais que se dedica a seção seguinte.

1.2. “Year of the Lord, Dayes of their death”: *Kalender* e *Almanacke* e as formas de leitura comunitária da vontade divina

Em seu prefácio dedicado a Cristo, Foxe roga aos céus que lhe auxiliem, a ele e a seus contemporâneos, na grande tarefa de imitação da vida dos mártires: “oramos por nossa própria causa, que tu, que lhes concedeste os meios de conquista, possas nos auxiliar da mesma maneira com a boa fortuna a imitar seus pios exemplos, e que dessa forma tua graça possa brilhar em nossa igreja.”⁴⁶ A imitação da piedade dos mártires era, assim, o meio pelo qual a graça divina abundaria na Inglaterra, esforço que era, de certa forma, assemelhado ao próprio martírio. Era urgente, portanto, que os protestantes ingleses fossem incorporados ao passado de que eram herdeiros, responsabilizando-se pelo legado que lhes era entregue pelo testemunho dos mártires que os precederam.

A esse mesmo prefácio, no qual Foxe exorta seus leitores ao arrependimento e ao compromisso com a imitação da santidade dos mártires, segue-se um calendário. Nele são listados os nomes dos mártires protestantes cujas histórias compõem o livro, bem como o dia e ano de suas mortes, de janeiro a dezembro, dispostos em duas colunas verticais justapostas. Em cada uma das 6 páginas ocupadas pelo *Kalender* (Figura 5), vêem-se listas de nomes de mártires, desde consagrados reformadores ingleses, como Thomas Cranmer, aos mais

⁴⁶ “so we in turn pray on our own behalf, that you, who have bestowed on them the means of conquering, may assist us in like manner with the good fortune to imitate their pious examples, and that in this way your grace may shine on your church.” *Acts and Monuments* (1563), p.2.

ordinários homens e mulheres que também não escaparam à perseguição nos tempos de Maria I (1553-1558). Tais nomes se juntam, ainda, a personagens bíblicos, como alguns dos apóstolos e demais figuras do Novo Testamento, como João, o Evangelista e o próprio Estêvão, o Mártir.

The Kalender.

Marche bath. xxxi. dayes. The Moone. xxx.			Dayes of their death	Year of reign.	Aprill bath. xxx. dayes. The Moone. xxix.			Dayes of their death	Year of the Land	
3	D	1	William Tailoure, martir.	2	1422	G	1	Rob. Warche Archer, byaw- king. } mar.	4	1519
	E	2	John weselianus a Doctoure, martir.		1479	A	2	Thomas B. ounde mar.	4	1519
11	F	3	Doctor Ueselus. alie as Basilius. confel.		1490	B	3	Wygham, mar.	4	1519
	G	4	Henry Sudphen, mar.		1524	C	4	Landsale, mar.	4	1519
19	A	5	John Hougley, mar.		1526	D	5	Mistres Smith wi dow, mar.	4	1519
8	B	6	Petrus Flesedius, mar.		1528	E	6	James Baynham, Gentleman, mar.	30	1532
	C	7	Adolphus Laba- chus, mar.		1528	F	7	John Awcocke, confel.	2	1555
15	D	8	Satrice Hammel- ton, mar.		1528	G	8	George Marthe preacher mar.	24	1555
5	E	9	Tho. Ditten, mar.		1530	A	9	William Flower minister, mar.	24	1555
	F	10	Tho. Wilacy mar.		1531	B	10	Robert Dyakes mi nister, mar.	24	1556
11	G	11	Dauid Foster, mar.		1531	C	11	Thomas Symmes mar.	24	1556
2	A	12	Edwarde Frese, confel.		1531	D	12	Rich. Spurge, } mar Tho. Spurge, }	24	1555
	B	13	Valentyne Frese & his wyfe, mar.		1531	E	13	John Cauell, mar.	24	1556
10	C	14	Father Bate, confel.		1531	F	14	George Ambrose, mar.	24	1556
	D	15	Rawlin white, mar.	5	1555	G	15	F. Harpole, } mar. Jone Wech. }	1	1556
18	E	16	Thomas Tomkins mar.	15	1555	A	16	John Bullier mini ster, mar.	2	1556
7	F	17	Thomas Higbed Gentle. an, mar.	25	1555	B	17	Christopher Lister minister, mar.	28	1556
	G	18	Thomas Lawfon Gentleman, mar.	25	1555	C	18	John Mace, mar.	28	1556
15	A	19	Wylliam Hunter, mar.	25	1555	D	19	John Spenser, mar.	28	1556
4	B	20	William Pigot, mar.	28	1555	E	20	Simond Hojne, mar.	28	1556
	C	21	Stephen Rnyght, mar.	28	1555	F	21	Richarde Richoll, mar.	28	1556
11	D	22	John Latoyence mi nister, mar.	29	1555	G	22	John Hanonde, mar.	28	1556
1	E	23	Thomas Cranmer Archebysshop: mar.	21	1555	A	23	S. George Martir.		
	F	24	Rob. Spicer, mar.	24	1555	B	24	Thomas Loseby, mar.	12	1556
9	G	25	Annenciation of our Ladye.			C	25	Marke Euangelist.		
	A	26	William Coberley, mar.	24	1556	D	26	Henry Lamfey, mar.	12	1557
17	B	27	Maundrell, mar.	24	1556	E	27	Thomas Thyrle, mar.	12	1557
6	C	28	Richard Crashfield mar.	15	1557	F	28	Margaret Hyde, mar.	12	1557
	D	29	Cuthbert Simpson mar.	28	1558	G	29	Agnes Stanley, mar.	12	1557
14	E	30	Dugh For, mar.	23	1558	A	30	Wylliam Nichol, mar.		1558
3	F	31	John Deuennish, mar.	28	1558					

Figura 5 - Segunda página do Kalender (ed. 1563), referente aos meses de março e abril

O *Kalender*, ao conter listados os nomes dos mártires, dos mais célebres aos mais ordinários, acaba por conjugá-los em uma linha temporal que os iguala e dignifica. É sabido que, como bem afirma Alison Chapman, no século XVI, calendários eram capazes de “naturalizar uma carga ideológica ou política - como um certo conjunto de rituais religiosos - ao incorporá-la ao tecido da vida cotidiana.”⁴⁷ Dessa forma, ao listar os nomes dos mártires, bem como as datas de suas mortes, o *Kalender* os inclui e os localiza no tempo, de modo que suas histórias sejam incorporadas tanto à história da Igreja inglesa quanto à vida cotidiana dos protestantes elisabetanos.

A representação gráfica do tempo, aqui dada sob a forma de lista, acaba por harmonizar e combinar mártires, apóstolos e demais personagens bíblicos com datas litúrgicas, numa reunião cujo resultado final acaba por conduzir a uma certa forma de narrativa acerca da história do protestantismo inglês. Segundo Chapman, calendários sustentam “uma determinada versão de história”, uma maneira específica de se compreender a passagem do tempo e seus efeitos, e o que se vê no *Kalender*, portanto, pode ser descrito como uma narrativa, sob a forma de lista de nomes e datas, da ação da Providência na história da Igreja inglesa. Tratava-se, ainda, de uma história que, como afirma Foxe no prefácio anterior, precisava ser publicada e lida a fim de que os exemplos de seus principais personagens, os mártires, fossem devida e proveitosamente imitados.

Dessa maneira, pode-se perceber que o *Kalender* consistia em muito mais do que apenas uma representação gráfica do tempo ou uma ferramenta de consulta cronológica: tratava-se de um material devocional a ser utilizado em memória dos mártires. A incorporação de seus nomes e das datas de suas respectivas mortes ao tempo ordinário da vida comum, assim, estabelecia uma continuidade concreta e real entre os protestantes elisabetanos, os mártires marianos e os apóstolos e demais personagens do Novo Testamento. Tal continuidade era, dessa forma, celebrada pela listagem de tais personagens integrada à vida prática e habitual dos leitores do *Acts and Monuments*.

A tarefa de imitação dos exemplos dos mártires requeria, portanto, que se mantivesse sua memória. O registro de suas vidas e histórias se aliava, assim, à listagem de seus nomes e datas de forma que fossem regularmente rememorados e comemorados. Como era prática comum entre calendários protestantes, o *Kalender*, portanto, compõe-se de pouquíssimas datas

⁴⁷ “the calendar's ability to naturalize a given ideological or political freight-such as a certain set of religious rituals-by incorporating it into the fabric of everyday life.” CHAPMAN, A. The Politics of Time in Edmund Spenser's English Calendar. *Studies in English Literature, 1500-1900*, Vol. 42, No. 1, The English Renaissance (Winter, 2002). p.1.

litúrgicas: são listados somente apóstolos, personagens bíblicos e mártires antigos, medievais e ingleses. Pode-se notar, então, a ênfase na construção de uma narrativa da qual fossem protagonistas mártires majoritariamente ingleses e indubitavelmente protestantes. A elaboração do *Kalender*, desse modo, evidencia a confecção de uma história definidamente inglesa do cristianismo, na qual elementos litúrgicos e eclesiásticos se harmonizam com costumes e tradições nacionais.

A ênfase em mártires ingleses se faz ver, ainda, por um elemento fundamental dos livros impressos na Inglaterra moderna: a tipografia. É sabido que a configuração tipográfica de um livro impresso da época moderna pode indicar informações relevantes do ponto de vista da composição editorial, bem como a confluência de diferentes níveis de letramento dos leitores a que se dirigia. É o que conclui John King em seu livro *Foxe's Book of Martyrs and Early Modern Print Culture*, ao sustentar que a coexistência de diferentes graus de letramento, referentes aos leitores do *Acts and Monuments*, se faz ver de maneira especial a partir da composição tipográfica do livro, que revela, sobretudo, a extensão da estratificação sociolinguística vigente em livros impressos do período.⁴⁸ A cultura impressa no século XVI, em contínua emulação da tradição de escrita humanista, manteve por tempo considerável a vigência do latim enquanto língua cuja superioridade se fazia visível através de convenções tipográficas. Dessa forma, era comum que textos em latim fossem impressos com tipos que lhe demonstrassem a preeminência, como é o exemplo dos tipos itálico e romano. Por outro lado, os tipos góticos eram comumente adotados para textos vernaculares, pertencentes a um estrato menor de magnitude.

É interessantíssimo notar, portanto, que tais diferenciações tipográficas também ocorrem no *Kalender*. São listados, além dos pouquíssimos dias santos (Anunciação, Festival de Todos os Santos, Natividade de Nosso Senhor e Childermass), os nomes de alguns dos apóstolos (Felipe, Tiago, Bartolomeu, Mateus, André e Tomé), alguns personagens do Novo Testamento (os evangelistas Marcos, Lucas e João, além de Maria Madalena, Miguel Arcanjo e Estêvão, o Mártir), além de mártires do período medieval (John Huss, Girolamo Savonarola e Jerônimo de Praga). A estes uniam-se, por sua vez, dezenas de mártires ingleses, cujas datas de execução percorriam os reinados de Henrique VIII e Maria I. Os nomes dos apóstolos e dos demais personagens bíblicos, bem como os mártires medievais, encontram-se todos impressos em tipos romanos, além de serem registrados como datas fixas no calendário. Já entre os mártires ingleses, a diferenciação tipográfica se faz observar quando se nota que a maioria de

⁴⁸ KING (2006), p.109.

seus nomes encontra-se gravado em tipos góticos, com exceção dos seguintes: Thomas Cranmer, São George, John Frith, William Tyndale, Nicholas Ridley e Hugh Latimer. Todos esses nomes são, como os apóstolos, impressos em tipos romanos.⁴⁹

John Frith, o primeiro destes a ser executado, foi um dos primeiros ministros ingleses a advogar em favor da teologia luterana e contra as doutrinas católicas do Purgatório e da Transubstanciação. Condenado como herege, foi executado em 1533 com a aquiescência daquele que, ironicamente, pouco tempo depois viria a ser um dos principais nomes do protestantismo inglês: Thomas Cranmer. Arcebispo de Canterbury durante os reinados de Henrique, Maria e nos anos iniciais de Eduardo, Cranmer foi agente fundamental para o encaminhamento dos primeiros atos da Reforma Inglesa, a partir de sua atuação decisiva na anulação do casamento de Henrique, também em 1533, abrindo caminho para a institucionalização da supremacia real, estabelecida com o *Act of Supremacy* de 1534, os *Ten Articles of Faith* de 1536, as *Royal Injunctions* de 1536 e 1538 e a encomendação da *Great Bible* de 1539, todos por ele assinados e aprovados. Esta última foi uma das primeiras bíblias a ser impressa em língua e território ingleses, contando com a tradução do Novo Testamento de outro dos nomes constantes no calendário, William Tyndale.⁵⁰

Executado como herege em 1536, William Tyndale ficou conhecido como o principal expoente do esforço de tradução das Escrituras para o vernáculo. Suas obras viriam a ser publicadas por Foxe em 1572 em uma coleção intitulada *The Whole Works of Tyndale, Frith and Barnes*. Na verdade, a própria edição de 1563 do *Acts and Monuments* contém uma ilustração da execução de Tyndale, na qual seu corpo quase nu torna visível o paralelo de sua morte com a do próprio Cristo.⁵¹ Tyndale é também assemelhado a Estêvão, o primeiro mártir cristão, no relato de suas últimas palavras. Segundo Foxe, pouco antes de morrer, Tyndale “assim suplicava na estaca com zelo fervente e em alta voz, ‘Senhor, abra os olhos do rei da Inglaterra.’”⁵² Tais representações da execução de Tyndale acabariam por fundamentar, além

⁴⁹ Há, ainda, o nome do Rei Eduardo I, confessor, registrado em itálico.

⁵⁰ “The story of the Bible trade in Britain is essentially, therefore, the story of the Bible in the vernacular. The earliest vernacular editions too were printed abroad, a practice dictated by ecclesiastical and political opposition at home to Tyndale’s translation. Domestic opposition, however, began to diminish with the worsening relations between Henry VIII and Rome and the subsequent confirmation of the King as ‘only Supreme Head in earth of the Church of England’, and in 1536 there appeared the first English New Testament actually printed in England – an edition of Tyndale’s version – followed in 1537 by a complete Bible in Coverdale’s version.” McMULLIN, B.J. *The Bible Trade*. In: BARNARD, J.; MCKENZIE, D.F.; BELL, M. (eds.) *The Cambridge History of The Book in Britain. Volume IV. 1557-1695*. Cambridge University Press: 2002. p.455.

⁵¹ “Here Tyndale is raised up, his near naked body hanging not far from the posture of the crucified Christ.” DANIELL, D. *Tyndale and Foxe*. In: LOADES, D. (ed.) *John Foxe: An Historical Perspective*. p.21.

⁵² “Tyndale's martyrdom is described briefly but as if by an eyewitness, 'crying thus at the stake with a fervent zeal and a loud voice, "Lord, open the king of England's eyes"'. Politically acute as those last words were, as reported only by Foxe, they combine a standard martyrdom conclusion: Stephen at the end of Acts 7 'cried with a

da concepção de sua morte como martírio, a alcunha que lhe seria dada por gerações posteriores de “Apóstolo da Inglaterra.”⁵³ Junto a Firth, Cranmer e Tyndale, o Apóstolo da Inglaterra, figuram destacados em tipo romano no calendário, ainda, os respectivos bispos de Londres e Worcester, Nicholas Ridley e Hugh Latimer. Executados juntos em 1555, sob o reinado de Maria I, ambos seriam consagrados como um dos principais mártires do *Acts and Monuments*.

Ao serem destacados em tipos romanos, diferenciando-se assim dos demais mártires, tais nomes têm reiterado seu status de reformadores ingleses, sendo agrupados, em grau de importância, aos próprios apóstolos. O *Kalender*, dessa forma, estabelece não apenas uma narrativa do protestantismo inglês, mas também a hierarquia a ser notada entre seus personagens. Os mártires ingleses, dos destacados em tipos góticos aos registrados em tipos romanos, figuram como um “conjunto diferente de referentes históricos de recordação anual”, inaugurando assim um “novo padrão de comportamento e devoção.”⁵⁴ O ímpeto de rememoração dos mártires e das datas de suas respectivas mortes seria, assim, parte do caminho a ser traçado rumo à imitação de suas vidas. E tal rememoração, com efeito, era reivindicada e caracterizada conforme as convenções tipográficas e suas hierarquias.

A tarefa de imitação das vidas dos mártires, apoiada em formas de rememoração de seus nomes e datas de martírio, poderia facilmente ser confundida, no entanto, com a prática tradicionalmente católica de invocação dos santos, a quem era comum que se intercedesse por bênçãos e favores divinos. Como afirma Chapman, ao tratar sobre a ambiguidade envolvida em torno de calendários protestantes,

“o santo medieval católico era tradicionalmente um ponto de contato entre o mundo eterno dos céus e a temporalidade da terra, e enquanto a celebração ritualística do dia do santo pudesse implicar em uma meditação acerca de seu contexto histórico original, primeiramente tornava o santo imanente no próprio presente do fiel.”⁵⁵

loud voice, "Lord, lay not this sin to their charge"; the end of Paul's speech to 'king Agrippa' at the conclusion of the Acts of the Apostles is the risen Jesus's command to Paul to go to the gentiles 'to open their eyes' (Acts 26).” Ibid. p. 19.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ “By commemorating these martyrs, Foxe provides a different set of historical referents for annual remembrance, and he thus establishes a new standard for behavior and devotion. The saints served as guides to moral action, and Foxe urged his readers to “imitate [the martyrs'] deaths . . . with like constancy, or their lives at the least with like innocency.” CHAPMAN (2002) p. 13.

⁵⁵ “The medieval Catholic saint was traditionally a point of contact between the eternal world of heaven and the temporality of earth, and while the ritualistic celebration of a saint's day might have prompted meditation on the saint's original historical context, it primarily made the saint immanent in the believer's own present.” CHAPMAN (2005) p.15.

Dessa forma, pode-se dizer, a relação de presença e imanência do santo a quem se ora era algo característico do passado católico medieval. Como afirma Peter Brown, tal senso de presença do santo intercessor era experienciado desde o cristianismo antigo, quando se deu a fundação do tradicional culto aos mártires. Segundo ele, a presença do santo se fazia sentir por meio de relíquias e túmulos nos quais se resguardavam seus corpos e objetos. Tratava-se de um impulso marcadamente emocional e rememorativo, que consagrava a crença de que aqueles cuja morte se dera de forma heroica e corajosa estariam a desfrutar de intensa intimidade e proximidade com o próprio Deus nos céus.⁵⁶ O mártir era, acima de tudo, um “amigo de Deus”, cuja intercessão seria certamente eficaz. Mais do que isso, a eficácia da intercessão do santo-mártir se justificava no fato de que em seu próprio martírio, sua *passio*, abolia-se o tempo.

Tal frase é citada por Chapman, que a retira do próprio Brown, quando este afirma: “Em primeiro lugar, a *passio* abolia o tempo. As obras do mártir ou confessor traziam as poderosas obras de Deus no Antigo Testamento nos evangelhos para o seu próprio tempo.”⁵⁷ Havia, assim, um forte senso de presentificação imiscuído na intercessão aos santos praticada no cristianismo antigo. O culto aos mártires, por sua vez, era reencenado regularmente de modo que a rememoração de seus milagres tornasse “visível o invisível refrigério dos santos,” sendo assim “a imagem cristã antiga do Paraíso em ação.”⁵⁸ E tais milagres, por sua vez, eram frutos do próprio martírio a que tais santos foram submetidos, “pois os sofrimentos dos mártires eram em si mesmos milagres.”⁵⁹

De fato, tal senso de presença envolto na intercessão aos santos, enquanto ritual de rememoração, seria prática fundamental inclusive em monastérios anglo-saxões da Alta Idade Média. Como alega Catherine Cubbitt, a própria palavra *memoria* era, entre os séculos V e IX, comumente utilizada para designar relíquias de santos “e escritores de vidas de santos frequentemente as introduziam com o intuito de perpetuar a memória de seu objeto.”⁶⁰ Segundo

⁵⁶ “Above all, what appears to be almost totally absent from pagan belief about the role of the heroes is the insistence of all Christian writers that the martyrs, precisely because they had died as human beings, enjoyed close intimacy with God. Their intimacy with God was the sine qua non of their ability to intercede for and, so, to protect their fellow mortals. The martyr was the “friend of God.” He was an intercessor in a way which the hero could never have been. Thus, in Christian belief, the grave, the memory of the dead, and the religious ceremonial that might surround this memory were placed within a totally different structure of relations between God, the dead, and the living.” BROWN, P. *The Cult of The Saints: Its Rise and Function in Latin Christianity*. The University of Chicago Press, 1981, p. 6.

⁵⁷ “In the first place, the *passio* abolished time. The deeds of the martyr or of the confessor had brought the mighty deeds of God in the Old Testament and the gospels into his or her own time.” Idem, p.81.

⁵⁸ “So many of the miracles associated with the tombs of the saints are miracles that made visible the invisible refreshment of the saints; they are the early-Christian imagery of Paradise in action.” BROWN (1981) p.75.

⁵⁹ “For the suffering of the martyrs were miracles in themselves.” Idem, p.79.

⁶⁰ “Yet for anyone living in, say, the eighth or ninth centuries saints’ cults would have been one of the primary associations with the *memoria* – this was the word often used for saints’ relics and writers of saints’ lives

a autora, era prática comum entre comunidades monásticas a escrita e a coleção de histórias dos santos e de seus pais fundadores, de modo que suas virtudes pudessem ser imitadas pela comunidade. Dessa forma, as *vitae*, textos reconhecidamente dedicados à narrativa de vidas dos santos, “eram dedicadas à criação de uma vida comunal na qual vontades individuais fossem reformadas de acordo com um ideal comum.”⁶¹

A imitação comunitária das virtudes dos santos, desse modo, constituía a principal forma de rememoração de suas vidas. E a memória de tais santos era mantida ainda por outros meios, tais quais a associação a edificações e objetos sagrados, a coleções de livros que eles teriam escrito ou copiado, à manutenção e conservação de suas relíquias e túmulos, às lembranças pessoais de membros da comunidade, entre outros. Como reitera Cubbitt, “uma *vita* podia ser usada em um sem número de maneiras - para o estudo privado, para leitura pública durante refeições e incluída à liturgia do dia de festa do santo.”⁶² No entanto, a principal ocasião em que os santos eram rememorados em tais comunidades monásticas se dava, justamente, nos aniversários de suas respectivas mortes. A memória dos santos, desse modo, era intimamente ligada à “forma hagiográfica convencionalizada na qual eles eram comemorados,”⁶³ e tal forma era constituída, acima de tudo, de elementos definidamente litúrgicos.

Assim, a ambiguidade existente na concepção do calendário do *Acts and Monuments* em muito se relaciona, pode-se afirmar, ao paradigma de memorialização inscrito na própria forma hagiográfica que ele evoca. O *Kalender*, em sua listagem dos nomes dos mártires e de suas datas de execução correlacionados a demais personagens bíblicos e apóstolos, constitui uma proposta de rememoração dos mártires por meio da comemoração de suas mortes, datadas e listadas a cada mês do ano. A celebração regular e anual dos martírios de tais homens unia-se, dessa forma, a uma forma de instituição de seus nomes que em muito se vincula a práticas monásticas e tradicionais de rememoração dos santos e de suas *vitae*. Aos mártires cujos nomes ocupam o *Kalender*, assim, substitutos dos tradicionais santos católicos no calendário anual,

frequently introduce them with the aim of perpetuating the memory of their subject.” CUBBITT. C. Memory and narrative in the cult of early Anglo-Saxon saints. In: HEN, Y; INNES, M. (ed). *Using the Past in the Early Middle Ages*. Cambridge University Press: 2004. p.29.

⁶¹ “Medieval religious communities provide a particularly useful forum in which to observe the working of collective memory since they were dedicated to the creation of a communal life in which individual wills were reformed in accordance with a common ideal.” Ibid. p.32.

⁶² “A *vita* could be used in a number of ways – for private study, public reading during meals and within the liturgy of the saint’s feast day.” Ibid. p.35.

⁶³ Como declara Cubbitt ao introduzir seu texto: “This study is an enquiry into how saints were remembered in seventh to ninth-century England, concentrating upon native saints whose cults were fostered within a generation or two of their deaths and investigating the relationship between the workings of memory and the conventionalized hagiographical form in which they were commemorated.” Ibid. p.29.

não poderiam deixar de ser atribuídos elementos associados ao culto aos santos medievais. O dilema entreposto entre invocação e imitação, portanto, seria constantemente associado aos mártires de Foxe por muito mais edições do *Acts and Monuments*.

Alguns autores, como Chapman, têm endereçado o dilema em relação ao *Kalender* e à ambiguidade entremeada na listagem dos mártires em substituição aos santos católicos. Segundo ele:

“Onde a *passio* católica e medieval apagava o tempo, o tratamento dado por Foxe à *passio* protestante o evidencia, pois à margem direita de seu calendário, Foxe lista o ano exato da morte de cada mártir. Essa datação cuidadosa situa cada mártir no passado histórico e assim desabilita a invocação ritualística que tornou imanescentes os santos no próprio presente do fiel.”⁶⁴

Assim, conforme conclui Chapman, o *Kalender* do *Acts and Monuments* elucida a memória, a lembrança e a comemoração como exemplos típicos de “um modo ‘Protestante’ de homenagear os Santos,”⁶⁵ em clara oposição à tradição católica de invocação e intercessão. A preocupação, que ele atribui a Foxe, de registrar os nomes e datas exatas de seus mártires no calendário, seria assim um exemplo de como a organização de um calendário protestante pretendia não deixar margem a nenhuma forma de invocação dos mártires, constituindo assim uma prática tipicamente protestante de relembrar os santos, dessacralizando-os ao inseri-los no tempo.

Outra resposta ao dilema vem de John King, que caracteriza o *Kalender* como exemplar da tendência protestante de empreender “um ataque iconoclasta ao tradicional culto aos santos.”⁶⁶ Segundo ele, baseando-se nos dizeres do próprio Foxe em seu prefácio *Ad doctum Lectorem*, o calendário teria sido acrescido ao livro “por nenhuma outra razão a não ser para que o índice designasse aproximadamente o mês e ano de determinado mártir a fim de servir ao uso privado do leitor.”⁶⁷ Assim, King alega ser o *Kalender* muito mais uma ferramenta de auxílio à leitura do livro, que seria então relacionado a duas propostas distintas de leitura

⁶⁴ “Where the medieval Catholic *passio* erased time, Foxe's handling of the Protestant *passio* foregrounds it, for in the right margin of his calendar, Foxe lists the exact year of each martyr's death. This careful dating situates each martyr in the historical past and thus disables the ritualistic invocation that had made the saints immanent in the believer's own present.” CHAPMAN (2005), p.16-17.

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ “Foxe introduces the incendiary issue of iconoclastic attack on the traditional cult of saints.” KING (2006) p.249.

⁶⁷ “By framing his remarks in Latin, he addresses to learned readers his defense against the charge that he attempts to fabricate a new-style calendar of saints: “For I hear that not only silent opinions, but also open voices of some papists, who unjustly see this as being made up by me, shout against me that while I expunge ancient and old divines, martyrs, confessors, and virgins, I cram new martyrs and confessors in their place.” He lodges the counterclaim that he has “instituted this calendar for no other reason except for the index to approximately designate the month and year of a certain martyr to serve the private use of the reader” Ibidem.

descontínua: uma católica, regida pelo ritmo do calendário litúrgico, e outra protestante, dirigida pela leitura individualizada das histórias de cada mártir.⁶⁸

Ambas as respostas elucidam, por sua vez, uma tendência comum na análise historiográfica sobre o protestantismo inglês e o *Acts and Monuments*. Nota-se que tanto Chapman, com sua ênfase na preocupação protestante com a exatidão temporal, quanto King, com sua atenção ao modo protestante de leitura descontínua proposto no *Kalender*, estabelecem uma oposição clara e quase incontestável entre protestantismo e catolicismo medieval. Em Chapman, invocação e intercessão, como práticas tradicionalmente católicas, opõem-se à cautela protestante com datas e o apreço pela dessacralização do tempo. Por outro lado, para King, a leitura protestante criticamente orientada da vida dos mártires, listada no *Kalender*, é contraposta claramente à prática católica e medieval de leitura litúrgica da vida dos santos. Tais opostos, no entanto, não podem ser assumidos total e incontestavelmente. E tal impossibilidade se torna clara, justamente, a partir da análise do próprio *Kalender*, bem como da consideração das diversas outras formas pelas quais os protestantes ingleses lidavam com a memória.

A exaltação historiográfica das diferenças entre protestantes e católicos se dá principalmente em relação ao modo como os dois grupos tratavam imagens e objetos. O iconoclasmo é tradicional e reiteradamente formulado como um dos maiores pontos de unidade entre as diferentes denominações protestantes do século XVI. A aversão às imagens, diz-se, era a animosidade que unia de anabatistas a calvinistas. E certamente a questão iconoclasta desempenharia papel fundamental no desenvolvimento da Igreja da Inglaterra e na definição de seus atos e liturgias, como se demonstra a partir das ambiguidades do Settlement elisabetano em relação à ornamentação de paróquias e altares e à manutenção de vestimentas papais, por exemplo. Como bem aponta Alexandra Walsham em seu artigo *Domesticating the Reformation*, o iconoclasmo protestante “negava que a matéria física pudesse ser um recipiente para a graça salvífica e para a sacralidade e elevava a palavra falada e escrita como único veículo de graça e verdade.”⁶⁹

⁶⁸“If Foxe’s comment is to be believed, the calendar allows for conflation of two different models of discontinuous reading, as opposed to the arduous task of reading this mammoth text from beginning to end. This device nods toward the Catholic model of reading that follows the order of the liturgical calendar, albeit the simplified one retained in the Book of Common Prayer, at the same time that it invokes an indexical method that directs readers not to the mass of documents and non-narrative material in his book, but to individual stories of the martyrs.” Ibidem.

⁶⁹ “More generally, the scholarly distrust and suspicion of things is alegacy of the iconoclastic assault upon relics and other religious objects launched by Protestants during the Reformation era; its roots lie in theological disputes that denied that physical matter could be a vessel for salvific grace sacrality and elevated spoken and written word as the sole conduit of grace and truth.” WALSHAM, A. *Domesticating the Reformation: Material Culture, Memory, and Confessional Identity in Early Modern England*. In: *Renaissance Quarterly*. Vol. 69, No. 2 (2016), p.5.

Tal negação do potencial sacramental da matéria física, contudo, não deve ser imediatamente interpretada como recusa da materialidade.⁷⁰ Ainda segundo Walsham, pode-se dizer que muitos protestantes ingleses, apesar de sua renúncia às imagens tradicionalmente católicas, não eram inerentemente hostis a quaisquer imagens ou materiais de devoção. A piedade protestante, como a autora considera, aceitava, em muitos níveis, a materialidade como parte integrante da sensibilidade religiosa, de forma que objetos materiais poderiam ser tratados como portadores de significados espirituais e como mediadores de encontros com o divino. Seu artigo apresenta diversos utensílios culinários e decorativos de casas inglesas e holandesas, especificamente do século XVII, - vasos, pratos, copos e quadros - em que se vêem gravadas várias imagens dos principais Reformadores, artigos cujo uso “reflete uma sociedade em que rotina doméstica e ritual eclesiástico devem ser situados em um *continuum*.”⁷¹

Portanto, para os leitores do *Acts and Monuments*, pode-se dizer que um sentido de presença dos mártires, transposto a partir da listagem de seus nomes e datas de execução e da comemoração de suas vidas, não seria totalmente imprevisível ou fora de questão. Pelo contrário, tais leitores, e ouvintes, viviam em um mundo particular de ambiguidades doutrinárias e litúrgicas, mundo esse no qual habitavam mártires provavelmente próximos e conhecidos ao lado de grandes nomes da Reforma Inglesa. Afinal, não se pode desconsiderar que materiais impressos como o *Kalender* “ajudavam protestantes fervorosos a internalizar as lições dispostas em dezenas de guias para a prática piedosa, manuais de administração do lar e coleções de orações domésticas.”⁷²

É preciso, portanto, avaliar as ambiguidades interpostas ao *Kalender* do *Acts and Monuments* sob a ótica de outras formas de publicação impressa, bem como a partir da observância dos diferentes usos litúrgicos e devocionais que tais materiais suscitavam. A sensibilidade religiosa protestante, na Inglaterra do século XVI, não pode ser interpretada como um conjunto homogêneo de doutrinas materializado em práticas uniformes e incontestes. Mais ainda, não pode ser imediatamente associada a um necessário sentimento anti-católico expresso em formas tipicamente “protestantes” de contagem do tempo ou de rememoração dos mártires. Pelo contrário, tratava-se de um complexo agrupamento de práticas, devocionais e litúrgicas,

⁷⁰ Para maiores considerações acerca da teologia sacramental da Igreja Anglicana: ALLEN, M. Sacraments in the Reformed and Anglican Reformation. In: BOERSMA, H; LEVERING, M. (ed). *The Oxford Handbook of Sacramental Theology*. Oxford University Press: 2015. pp.250-260.

⁷¹ “They reflect a society in which domestic routine and ecclesiastical ritual must be situated on a continuum.” WALSHAM (2016) p.15.

⁷² ““Speaking crockery” of this kind helped fervent Protestants to internalize the lessons laid out in dozens of guides to practical divinity, handbook of household government, and collections of domestic prayers.” Ibidem.

domésticas e comunitárias, que manifestam, como bem coloca J.F. Merritt, “a herança religiosamente ambígua dos ritos paroquiais”⁷³ na Inglaterra moderna.

Finalmente, é preciso ressaltar que nada impede que o *Kalender* do *Acts and Monuments*, em sua proposta de organização do ano segundo as datas de morte dos mártires protestantes, seja analisado como uma resposta protestante ao culto dos santos medievais, como defende Chapman, ou como uma forma de leitura descontínua da vida dos mártires, como argumenta King. A questão aqui levantada diz respeito, na verdade, à caracterização de tais práticas como inerentemente “protestantes,” a partir da qual pareceria impossível aos leitores de Foxe uma compreensão do *Kalender* como material devocional e litúrgico que materializasse, em certo nível, um senso de presentificação dos mártires. Ao serem rememorados e comemorados conforme as datas de suas respectivas mortes, os mártires do *Kalender* poderiam, de fato, ter sua causa e inocência “reunidas das cinzas”, como Foxe salienta no prefácio anterior. Ao serem rememorados e, por meio de tal rememoração, imitados em suas virtudes e exemplos, os mártires listados no *Kalender* poderiam estar presentificados, de uma forma ou de outra, na conduta moral de seus herdeiros, se estes fizessem bom uso do *Acts and Monuments* e de seu calendário.

Há, ainda, duas coisas a serem ditas sobre o *Kalender* do *Acts and Monuments*. A primeira se refere ao material que o sucede no livro: o *Almanacke* (Figura 6). Uma “reorganização altamente politizada do tempo anual publicada em uma era obcecada com o tempo e com formas de contá-lo”⁷⁴ era, com efeito, uma tendência notavelmente expressa na publicação de calendários. Contudo, o material no *Acts and Monuments* que melhor expressa tal preocupação com a contagem do tempo é o almanaque, existente somente na edição de 1563.

Almanaques eram, a grosso modo, coleções de vários conhecimentos compilados em um único material. No *ABC for Book Collectors*, o almanaque é definido como “um calendário, usualmente em formato de livro de bolso (mais raramente em uma única folha), incrementado com dias de santos, dias de feiras e dados astronômicos e meteorológicos.”⁷⁵ Era comum, ainda, que contivessem cronologias da história do mundo e dos reis ingleses, bem como dicas e

⁷³ MERRITT, J.F. Religion and the English Parish. In: MILTON, A. (ed). *The Oxford History of Anglicanism. Volume I. 1520-1662*. Oxford University Press: 2014. p.122-147.

⁷⁴ “a calendar, a highly politicized reorganization of annual time published during an era obsessed with time and forms of time reckoning.” CHAPMAN (2007) p.

⁷⁵ “A kalendar, usually in pocket-book (more rarely sheet) form, augmented with Saints’ days, fair-dates and astronomical and meteorological data.” CARTER, N; BARKER, J. *ABC for Book Collectors*. Oak Knoll Press and The British Library, 2004. p.23.

receitas farmacêuticas e medicinais. E toda essa miscelânea impressa de informações variadas era regida, sobretudo, pelo domínio de seu conteúdo astronômico e astrológico.⁷⁶

De fato, é sabido que a astrologia era parte primordial do sistema de crenças na Europa do século XVI.⁷⁷ Como afirmam William R. Newman e Anthony Grafton, na introdução de seu livro *Secrets of Nature: Astrology and Alchemy in Early Modern Europe*, “tentar compreender a sociedade e a cultura da Europa moderna sem considerar a astrologia é o mesmo que tentar entender a sociedade moderna sem examinar a influência da economia e da psicanálise.”⁷⁸ O conhecimento dos astros e de seus movimentos era, assim, parte fundamental do discernimento da vontade e da providência divina na experiência humana, de modo que a astrologia constituía-se, acima de tudo, como saber que “explicava um dos meios pelos quais a vontade de Deus era efetuada na terra.”⁷⁹

Era comum, também, que almanaques fossem impressos separadamente, como calendários, prática que pode estar fortemente relacionada à inclusão do *Almanacke* juntamente ao *Kalender*, na primeira edição do *Acts and Monuments*. Em seguida ao calendário em que se listavam os nomes dos mártires contidos no livro, tinha-se então “Um Almanaque para 31 anos”, contados a partir de 1563, e no qual se viam registrados, além dos anos de 1563 a 1594, seus respectivos Números Dourados, Círculos do Sol, Letras Dominicais e Dias de Páscoa. Em seguida ao *Almanacke*, tem-se “Uma pequena tabela declarando o crescente e o decrescente dos dias pela declinação do Sol,”⁸⁰ na qual são descritos os movimentos diários do sol ao longo dos 12 meses do ano. Após o calendário, em que o tempo era comemorado pela memória dos nomes e datas de execução dos mártires, o *Almanacke* dispunha aos leitores do *Acts and Monuments* o acompanhamento da passagem do tempo a partir dos movimentos dos astros. O

⁷⁶ “Almanacs by English or English-domiciled authors began to appear in significant numbers from the 1550s. They were either printed separately as calendars or with a prognostication which had its own title page. Typically, short chronologies of world history, English regnal tables, medical and farming advice, and other sorts of information were included in almanacs by the beginning of the seventeenth century. Most also included a ‘zodiacal body’, a naked human (usually male) form, showing the influence of the constellations, for instance, on different bodily parts.” SIMMONS, R.C. ABCs, almanacs, ballads, chapbooks, popular piety and textbooks. In: BARNARD, John; MCKENZIE, D.F. *The Cambridge History of the Book in Britain. Volume IV: 1557-1695*. Cambridge University Press: 2008. p.535.

⁷⁷ *Ibidem*.

⁷⁸ “Trying to understand the society and culture of early modern Europe without taking astrology into account is exactly as plausible as trying to understand modern society without examining the influence of economics and psychoanalysis.” NEWMAN, W.R.; GRAFTON, A. *Secrets of Nature Astrology and Alchemy in Early Modern Europe*. Massachusetts Institute of Technology: 2001, p.14.

⁷⁹ Como afirma Alison Chapman: “Astrology explained one of the ways in which God’s divine will was enacted on earth.” CHAPMAN, A. Marking Time: Astrology, Almanacs, and English Protestantism. In: *Renaissance Quarterly*, Vol. 60. No.4. 2007, p.1262.

⁸⁰ “A [illegible] short table declaring the increasing and decreasing of the dayes by [illegible] the declination of the Sunne.” *Acts and Monuments* (1563), p.9.

objeto a ser observado a partir de tais examinações, sobretudo, era justamente a atuação providencial de Deus: ao longo do tempo passado, no caso do *Kalender*, e no futuro, como aponta o *Almanacke*, em que são descritos os 31 anos seguintes a 1563.

Embora estranha ao senso contemporâneo, a associação entre providencialismo, protestantismo e astrologia era perfeitamente concebível aos homens e mulheres do século XVI: “as estrelas haviam sido criadas por Deus e assim presumidamente poderiam ser lidas da mesma maneira pela qual fiéis liam o livro da natureza para entender seu criador.”⁸¹ A percepção de que os movimentos dos astros associavam-se aos desígnios divinos não era, contudo, incontestadamente recebida por todos os protestantes. A isso pode-se relacionar, muito provavelmente, a precoce retirada do *Almanacke do Acts and Monuments*.

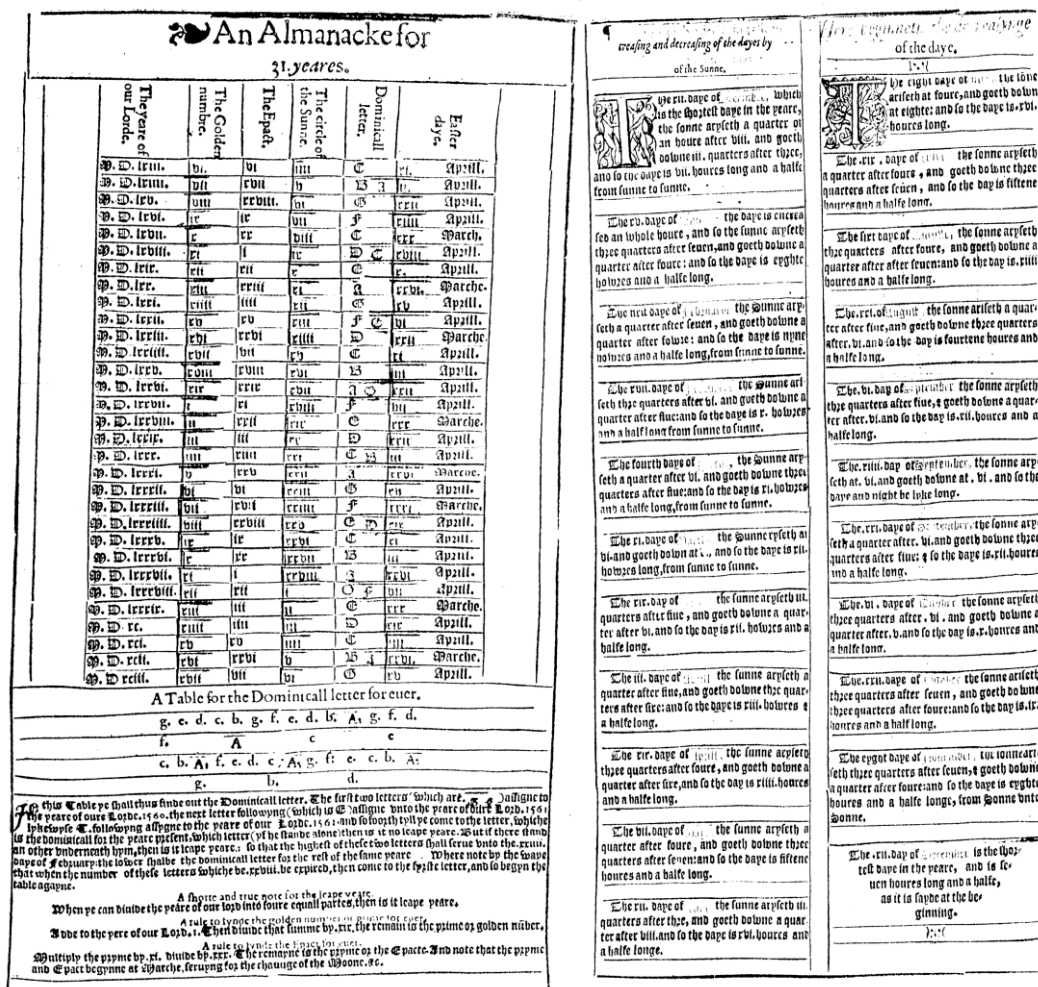


Figura 6 - Almanacke (ed.1563)

⁸¹ “the stars were created by God and so presumably could be read in the same way that believers might read the book of nature to understand their creator.” CHAPMAN (2007) p. 1262.

Enfim, uma segunda e final consideração diz respeito, por sua vez, à própria inserção do *Kalender*, e do próprio *Almanacke*, no livro, que não pode ser imediatamente assumida como iniciativa de Foxe. Elizabeth Evenden e Thomas Freeman destacam alguns elementos que, na verdade, podem indicar que tal empreendimento deve ser atribuído mais ao impressor do que ao autor do *Acts and Monuments*. Primeiramente, o *Kalender* contém alguns nomes de mártires escoceses que não são mencionados no livro. Além disso, “o calendário contém inúmeros erros, e lista pessoas que Foxe não cria estarem registradas no Livro da Vida e que certamente não pretendia ver registradas em seu livro.”⁸² Por outro lado, segundo os autores, o acréscimo de um calendário ao *Acts and Monuments* parece ser algo de que John Day poderia tirar proveitos principalmente comerciais:

“Um dos principais objetivos de Day era facilitar a colocação do ‘Livro dos Mártires’ em igrejas conferindo ao livro uma aparência quase litúrgica. Outro era desafiar Seres, que havia evoluído, na passagem dos anos, de um colaborador a um competidor, e que detinha o direito de imprimir calendários amarrados a salmos.”⁸³

O primeiro objetivo de Day, pode-se dizer, foi alcançado de maneira inequivocamente bem sucedida. O conteúdo do *Acts and Monuments*, cuja dignidade espiritual Foxe se empenhara tanto em defender no prefácio anterior, dedicado ao próprio Cristo, se fazia materialmente justificável nas dimensões e na complexidade gráfica do livro, repleto de xilogravuras reconhecidamente bem executadas, e muito bem resguardadas por seu impressor. Para John Day, afinal, o *Acts and Monuments* tratava-se de uma grande oportunidade para realizar seu “desejo de impressionar patronos em potencial com sua maestria técnica.”⁸⁴ E tal desejo incluía, em seus efeitos, garantias de vitória contra competidores como William Seres. Contudo, seria incorreto ignorar que, dentre os interesses do impressor, a sensibilidade religiosa não tenha tido sua importância.

O *Kalender*, no entanto, foi alvo de severas críticas. Essa espécie de “livro de conduta protestante” foi por muitos intensamente associada aos calendários litúrgicos católicos, em que

⁸² “the calendar contains numerous errors, and lists people who Foe believed were not recorded in the Book of Life and whom he certainly did not want recorded in his book.” EVENDEN; FREEMAN (2014) p.126.

⁸³ “One of Day’s primary objectives was to facilitate the placing of the ‘Book of Martyrs’ in parish churches by giving the book a quasi-liturgical appearance. Another was to challenge Seres, who had, over the passage of years, been evolved from a collaborator into a competitor, and who held the right to print calendars bound with metrical psalms.” Ibidem.

⁸⁴ “the desire to impress patronos and potential patronos with his technical mastery.” Ibid, p.127.

são listados os dias e santos tradicionais. Evenden e Freeman afirmam, assim, que é particularmente importante que se note que “Foxe negou explicitamente sua autoria do calendário e pareceu bastante desejoso de desassociar-se dele.”⁸⁵ Segundo eles, teriam sido as objeções e inquietações de Foxe, associadas a críticas católicas, os principais motivos para a retirada do calendário na edição seguinte do *Acts and Monuments*, publicada em 1570. De fato, a segunda edição do livro, embora idealizada para ser ainda mais completa que a antecessora, não conta com o *Kalender*. Uma informação que Evenden e Freeman não mencionam, contudo, diz respeito à reintrodução do calendário no *Acts and Monuments*, especificamente em sua quarta edição, publicada em 1583 (Figura 7), a partir da qual todas as edições seguintes do livro são introduzidas por ele (Figuras 8 e 9).

O exemplo do *Kalender*, por sua vez, aponta para mais uma das muitas formas pelas quais a “mente do editor” pode ter sido fundamental na composição final do *Acts and Monuments*, para além das ilustrações. Se considerada a assunção de Evenden e Freeman, de que sua inserção no livro não era do interesse ou preferência de Foxe, tendo sido arranjada na verdade por John Day, tem-se aí um mais um caso a partir do qual se pode notar o teor colaborativo da autoria do *Acts and Monuments*. Mais do que isso, a partir do caso do *Kalender*, e especialmente a partir de sua reinserção no livro na edição de 1583, última na qual autor e impressor trabalhariam juntos, pode-se observar as limitações da autoria de Foxe enquanto detentor do controle total e gerência absoluta dos detalhes da produção do *Acts and Monuments*, principalmente no que diz respeito a seus materiais paratextuais.

⁸⁵ “For our purposes, however, it is merely important to note that Foxe explicitly denied his authorship of the calendar and appears to have been anxious to disassociate himself from it.” Ibidem.

The image shows two pages from an antique calendar titled "The Kalender." The left page covers January (31 days) and February (28 days), while the right page covers May (31 days) and June (30 days). Each page is organized into columns for the day of the month, the month name, and the year. The entries list various saints and historical figures, such as "William of Wyke, priest, confessor" and "John the Baptist, martyr," along with their feast days and corresponding years. The text is printed in a dense, historical font.

Figura 9 - Kalender (ed. de 1641 e 1684)

1.3. Os dois públicos do *Acts and Monuments: The Utility of this Story* e *Preface to the Persecutors*

1.3.1. *The Utility of this Story*: os herdeiros dos mártires

O *Acts and Monuments*, em sua primeira edição, tratava-se de um livro volumoso e materialmente complexo, resultado majoritariamente atribuído ao empenho e perícia de seu impressor, John Day. Tratava-se, acima de tudo, de um livro extenso, repleto de xilogravuras e ampla variedade de transcrições e documentos compilados. Pode-se dizer que, muito provavelmente, a inclusão de um calendário e de um almanaque, por exemplo, o tornava ainda mais interessante a seus leitores e possíveis compradores. Era preciso, assim, que o livro fosse propriamente apresentado e introduzido, como o fora o próprio Cristo, também ao conjunto de seus leitores. Muito embora, e certamente, a apresentação editorial e visual do livro se deva à habilidade e direção de seu impressor, é certo que o prefácio que introduz “Uma declaração concernente à utilidade e ao proveito desta história”, texto que intenta esclarecer o principal

proveito a que se dedica o *Acts and Monuments*, é um dos prefácios a partir dos quais se observa com maior clareza a participação de Foxe na elaboração do paratexto do livro.

The Utility of this Story (Figura 10) cabeçalho deste que imediatamente antecede a abertura do volume principal do *Acts and Monuments*, em sua edição de 1563, sintetiza o conteúdo do texto de modo que a partir dele se compreenda a principal utilidade a que o livro se dedica. Foxe dá início ao prefácio, então, ressaltando a percepção da “infinita variedade de livros, diariamente expostos por toda parte”:

“Vendo que o mundo está de tal modo repleto com infinita variedade de livros, diariamente expostos por toda parte: Poderia parecer (talvez) que eu estivesse levando a cabo uma questão supérflua e desnecessária, ao lançar no tempo presente um volume tão grandioso como este, especialmente no que se refere à escrita de histórias, considerando que hoje o mundo se encontra infestado com supérflua abundância de todos os outros tratados, de modo que se pode ver, ao que parece, que livros carecem de Leitores, ao invés de Leitores carecerem de livros.”⁸⁶

A publicação da primeira edição do *Acts and Monuments*, sabe-se, foi reconhecidamente realizada em meio a um amplo contexto de publicações impressas na Inglaterra moderna, de forma que Foxe afirma inclusive lamentar-se diante da “insaciável avareza de escrita e impressão” que marcava seus dias. Diante de tal variedade de livros impressos, digna até mesmo de seu lamento, ele afirma ter hesitado e duvidado de sua capacidade de levar a cabo tal tarefa de compilação da vida dos mártires: “Por essa razão não gostaria que ninguém pensasse que de modo imprudente e apressado me empenhei em tal tarefa [,] pois certamente tenho não apenas duvidado, mas também hesitado e temido dentro de mim por tê-la aceitado. E por quê? Porque percebi quão instruída é essa nossa geração.”⁸⁷

Tal geração de leitores, para os quais pareciam sobrar livros, é indicada, portanto, como um público digno da obra que lhes é introduzida em tal prefácio. Os atos e monumentos dos mártires seriam, assim, uma obra digna o suficiente para que Foxe se visse impelido a elaborá-la e publicá-la, apesar de suas fraquezas e incapacidades:

⁸⁶ “Seing the worlde is so replenished with suche an infinite mul-titude of bookes, dayly put forth euerye where: I shall seme (perhaps) to take a matter in hand superfluous and needeles, at thys present time to sette out so great a volume as this is, especiallye touchinge writing of historyes, considering now adaies the worlde is pestred not onelye with a superfluous plenty therof, but of all other treatises, so that bookes maye rather seme to lacke Readers, then Readers to lacke bookes.” *Acts and Monuments* (1563), p. 20.

⁸⁷ “By reason whereof I would no man shoulde thinke that vnaduisedly and with rashnes I haue here attempted this enterprise. for assuredly I haue bene not onlye doubtfull, but also both bashful and feareful within my selfe for setting the same abroad. And why? for I perceyued well how learned this age of ours was” *Acts and Monuments* (1563), p. 20.

da questão, a saber, a honra da vida e da história dos mártires, que moveu Foxe a compilá-las e publicá-las em um livro impresso, como ele reitera: “algo deveria ser dito por seu próprio merecimento, senão pela consideração de meu dever.” Mais do que um senso de obrigação pessoal de seu autor, a justificativa para a publicação do *Acts and Monuments* é aqui apresentada como derivando-se diretamente da autoridade e da virtude dos próprios mártires.

A história dos mártires, portanto, deveria ser publicada primeiramente em razão de sua própria grandeza e dignidade, e também em nome da “diligente consideração e especial atenção à utilidade comum, que todo homem possa receber por meio dessa nossa história ou martirologia, voltada especialmente à igreja Inglesa.”⁹⁰ A memória dos mártires, impressa e publicada, seria acessível aos homens, que a partir dela poderiam colher e desfrutar dos benefícios espirituais a que se dedicava: a imitação comunitária e individual das virtudes dos mártires. Era esse objetivo de imitação de virtudes que tornava tal história imprescindível em meio a tantas outras publicações impressas que também se apresentavam aos leitores, como “outras Crônicas, que somente se dedicam a questões de governo, e se regozijam (como pode-se dizer) em visualizar os diversos eventos de assuntos mundanos, os estratagemas [...] dos homens de guerra, a brutalidade dos campos de guerra, o saqueamento de cidades [...]”⁹¹

A utilidade comum a que se dedicava o livro, pode-se dizer, consistia exatamente na tarefa de imitação das vidas e atos dos mártires, cuja honra e integridade em muito sobrepujavam os assuntos mundanos das crônicas de reis e guerreiros:

“e ainda se pensarmos ser proveitoso que uma *commonwealth* mantenha na memória uma antiguidade que seja nada menos que profana, e estabelecer isso com os ornamentos do engenho e da eloquência: quanto mais não deveríamos nós aceitar e acolher as vidas e atos, não de guerreiros violentos, mas de benignos e constantes Mártires, que podem servir, não tanto para nos deleitar os ouvidos, mas para nos adornar a vida, para moldá-la com exemplos de grande valor, e para nos instruir a mente em todo tipo de pureza e piedade Cristã”⁹²

⁹⁰ “Yet aboue all other thinges nothing did so much pricke me forward and perswade me to the same, as the diligent consideration and speciall regarde of the cōmon vtilitie, which euery man plentifully may receiue by this our history or martyrologe, framed chiefly of the Englishe church.” *Acts and Monuments* (1563), p. 21.

⁹¹ “For if we be wōt gladly to occupy our selues in other Chronicles, that do only entreate vpon matters of policy, and do (as a man wold say) reioyce to behold therein the diuers happes of worldly affaires, the stratagenes of cepitaines and men of warre, the rore of foughten fieldes, the sacking of cities.” *Ibidem*.

⁹² “and besides if we think it very expedient for a common wealth to keepe antiquitie in remembraunce that is but prophane, to decke, trym, and set that out with the ornamentes of wyt and eloquence: how much more then is it mete for vs to accept and embrace the lyues and doinges, not of roughe warriours, but of moste mylde and constant Martyrs, which may serue, not so much to delight the eare, as to garnish the lyfe, to frame it with examples of great profite, and to enstruct the minde in all kinde of Christian godlynes.” *Ibidem*.

Uma vida adornada, moldada aos exemplos dos “benignos e constantes Mártires” e instruída “em todo tipo de pureza e piedade Cristã” seria, dessa forma, a síntese da utilidade comum a que se dedicava o *Acts and Monuments*. Já introduzida desde o *Ad Christum Eucharisticon*, prefácio que inicia o livro, a imitação das virtudes dos mártires é considerada como um dos principais objetivos da publicação do livro. É por meio dela que Foxe afirma, naquele prefácio, que o exemplo e as virtudes dos mártires se manteriam mesmo após suas mortes, incorporados assim na vida de seus herdeiros e imitadores, os protestantes ingleses que lessem suas histórias contidas no *Acts and Monuments*.

Tal imitação seria imprescindível porque, segundo Foxe, em tais mártires seus leitores teriam “seguro e pleno testemunho de Deus”⁹³, de modo que “acima e além disso, as mortes dos santos prevalecem para a obtenção de uma boa consciência, e do desprezo por parte do mundo, e para que se tenha temor a Deus.”⁹⁴ Além disso, a leitura dos testemunhos dos mártires seria mais do que útil para ensinar os leitores de Foxe a lidar com os tempos turbulentos que eles mesmos poderiam vir a suportar:

“E enquanto na maior parte das vezes nos tornamos mais astutos pela leitura de histórias profanas: por meio desta (se listarmos) somos feitos melhores em nossas vidas, e, além disso, animados em conflitos semelhantes, se pela permissão de Deus virem a acontecer aqui, como homens tornando-se mais sábios por sua doutrina, e mais dispostos por seu exemplo.”⁹⁵

A inclinação pastoral do conteúdo do *Acts and Monuments*, em sua primeira edição, se faz notória e fundamental desde seus prefácios, tais quais o *Ad Christum Eucharisticon* e o *Utility of this Story*. A imitação comunitária dos exemplos e das virtudes dos mártires era, assim, o principal objetivo da leitura de suas vidas e atos. Tal imitação, por sua vez, se fazia praticável e concreta a partir da leitura e da adoção de materiais como o *Kalender*, em que se listavam os nomes e datas de mártires, apóstolos e demais dias litúrgicos. Em tal calendário se misturavam desde homens ordinários a grandes apóstolos, igualando-se, de certa maneira, no

⁹³ Como ele afirma: “So contrarywise, in these men we haue an assured and plaine witnes of God, in whose lyfe appeared a certaine force of diuine nature, and in their death a farre greater signification, whiles in such sharpenes of tormentes wee behelde in them a strength so constant aboue mans reache, a redynes to answer, patience in prison, godlynes in forgeuing, cherefulnes in suffering, besides the manyfold sense and feling of the holy ghost, which they learned in many of their confortes, and we by them.” *Acts and Monuments* (1563), p. 21.

⁹⁴ “Ouer and besides this, the mylde deathes of the saintes do much preuayle for the attaining of a good conscience, and the contempt of the world, and to come to the feare of God.” *Ibidem*.

⁹⁵ “And whereas for the most part we become more cunning by reading of prophane stories: by this (if we lyst) wee are made the better in our liuynges, and besides are animated vnto lyke conflictes, if by Gods permißion they shal happen hereafter, as men becomming wyser by their doctrine, and more stedfast by their example.” *Ibidem*.

registro do tempo litúrgico. Embora a inclusão do *Kalender* não pareça ter sido particularmente pertinente para Foxe, pode-se dizer que a validade de tal conjunção preconizada no calendário, entre mártires protestantes e ingleses e mártires antigos, parece ser explicada justamente no *Utility of this Story*, em que ele apresenta a utilidade e o proveito da leitura das vidas de tais homens, bem como sua relevância para seus contemporâneos.

Acerca da dignidade dos mártires antigos, cujas vidas não poderiam deixar de ser conhecidas por seus leitores ingleses, Foxe afirma:

“Porque sem dúvida esses mártires são muito mais dignos desta honra, muito mais do que. 600. Alexandres, Heitores, Cipiões, e Júlios guerreiros. Pois embora esse mundo julgue tais coisas como absurdas e inaceitáveis, ainda assim com Deus o juiz de todos os homens, são considerados não aqueles que se matam uns aos outros com uma arma (e a essa razão podemos atribuir o renome e a coragem a Ursos, Leões, Lobos, Leopardos), mas aqueles que sendo constantemente mortos pela causa de Deus, mantêm consigo ainda um estômago e um espírito inabalável contra as ameaças dos Tiranos, e injúrias dos Atormentadores. São esses sem dúvida os verdadeiros Conquistadores do mundo, de cuja mão aprendemos qual seja a verdadeira virilidade, daqueles tantos que lutam como Cristo, e não como o mundo.”⁹⁶

Os mártires da antiguidade seriam, dessa forma, mais valiosos que todo o conjunto de conquistadores antigos. Eles seriam, de fato, “os verdadeiros Conquistadores do mundo,” pois em suas vidas e mortes teriam sido verdadeiros imitadores do próprio Cristo, lutando como ele e não como o mundo. Foi suportando a perseguição de seus inimigos com “um espírito inabalável contra as ameaças dos Tiranos, e injúrias dos Atormentadores” que os mártires antigos teriam conseguido derrotá-los, segundo Foxe, “pois assim o filho do Deus altíssimo, venceu de fato o mundo, e ainda o fez da mesma maneira pela qual foi ele mesmo vencido.” Com o exemplo e ajuda providencial do próprio Cristo, os mártires antigos puderam suportar a perseguição de seus tempos e, da mesma forma, caberia também aos leitores de Foxe herdar tal espírito e disposição:

“Com esses valentes o mais doce Cordeiro e invencível Leão da tribo de Judá, antes de tudo vai diante de nós, sobre cuja indizível coragem ouvimos essa profética admiração: Quem é esse (diz ele) que anda

⁹⁶ “For vndoubtedly these martyrs are much more worthy of this honor, then. 600. Alexāders, Hectors, Scipioes, and warring Iulies. For though this world do iudge preposterously of things, yet with God the iudge of al mē, they ar most reputed in dede, not that kil one another with a weapon (for by that reason we may attribute the renoume of fortitude vnto Beares, Lions, Wolues, Leopardes) but they which being constantly killed in Gods cause, doo retayne styll an inuincible spirit and stomacke against the threates of Tirantes, and iniuries of Tormentours. These vndoubtedly are the true Conquerers of the world, at whose hand we learne true manhoode, so many as fight vnder Christ, and not vnder the worlde.” *Acts and Monuments* (1563), p. 21.

na imensidão de sua força? E tal dança é seguida por todos os Mártires seguintes, a quem a santa e religiosa antiguidade da igreja atribui tão grande honra e dignidade, como nunca algum rei ou imperador nesse mundo pode comprar com suas imagens, pináculos, triunfos, templos e demais festejos solenes.”⁹⁷

Os protestantes perseguidos durante o reinado de Maria I seriam, por sua vez, herdeiros diretos dos mártires antigos, mais dignos e valiosos do que quaisquer reis ou imperadores. O exemplo de ambos era o próprio Cristo, e tal herança deveria ser, assim, apropriada pelos leitores do *Acts and Monuments*. Tal asserção constitui-se, de fato, como uma das várias respostas de Foxe à pergunta “Onde estava sua igreja antes de Lutero?”, provocação que muitos autores católicos submetiam a escritores protestantes, no intuito de “enfraquecer a legitimidade do protestantismo ao contrastar sua evidente novidade com a relativa antiguidade do catolicismo romano.”⁹⁸ Dessa forma, a combinação entre mártires protestantes e antigos, proposta no *Acts and Monuments*, era fortemente associada a uma determinada concepção da história da Igreja Inglesa, na qual a validade do protestantismo derivava-se, temporal e espiritualmente, dos próprios mártires antigos.

A importância de se estabelecer a continuidade histórica do protestantismo inglês, ancorada, segundo Foxe, na relação entre mártires antigos e ingleses, inscrevia-se principalmente no valor e na estima pela antiguidade enquanto conceito particularmente caro à tradição humanista do século XVI. Nesse sentido, cabia à história eclesiástica um papel singular e primordial no estabelecimento do valor da tradição religiosa cuja dignidade se intentava demonstrar. Para os protestantes ingleses, em especial, “a antiguidade da nova Igreja era um aspecto central da justificação de seu rompimento com o que os reformadores consideravam ser uma instituição corrupta, isto é, a Igreja e o papado medievais.”⁹⁹

⁹⁷ “Wyth this valiantnes did that most mylde Lambe and inuincible Lyon of the tribe of Iuda, first of al go before vs, of whose vnspeakeable fortitude we heare this propheticall admiration: Who is this (saith he) which walketh so in the multitude of his strength? Forsooth the high sonne of the high God, conquered in dede of the world, and yet conquering the worlde after the same maner that he was conquered. The lyke daunce do all other Martyrs follow, to whom the godly and religious antiquity of the church doth attribute so great honour worthely, as neuer king or emperour could purchase in this world with their images, pillers, spires, triumphes, temples, and their solemne feastes.” *Acts and Monuments* (1563), p. 21.

⁹⁸ Como afirma S. J. Barnett: During and after the Reformation, one of the most pressing issues for Protestants was to locate an appropriate answer to a disarmingly simple Catholic question: where was your church before Luther? Catholic propagandists hoped to undermine the legitimacy of Protestantism by contrasting its evident novelty against the relative antiquity of Roman Catholicism.” BARNETT, S.J. Where was your Church before Luther? Claims for the Antiquity of Protestantism Examined. In: *Church History*, Vol. 68, No. 1 (Mar., 1999), p. 14.

⁹⁹ “the antiquity of the new Church was a central plank of its justification for breaking with what the reformers considered to be a corrupt institution, that is to say, the medieval Church and papacy.” SHEILS, W.J. Protestants and the Meaning of Church History, 1540-1660. In: MILTON, A. (ed). *The Oxford History of Anglicanism. Volume I: 1520-1662*. Oxford University Press, 2017, p. 298.

Segundo W.J. Sheils, em seu capítulo dedicado aos sentidos da história eclesiástica entre os protestantes ingleses, eram dois os principais eixos que orientavam as considerações acerca do passado e da origem da Igreja na Inglaterra. Primeiramente, a ênfase na corrupção moral e institucional da Igreja medieval principalmente a partir do ano 1000 era, por sua vez, mobilizada a fim de evidenciar a necessidade do cisma com o papado. Em segundo lugar, tinha-se a busca por continuidade com a igreja primitiva, que apontava para a identificação de uma verdadeira Igreja existente na Inglaterra alheia às influências e tradições romanas. De tal consideração decorriam, ainda, duas interpretações acerca do passado da Igreja Inglesa.¹⁰⁰ A primeira dizia respeito à origem de uma Igreja Britânica independente de Roma manifestada no período pós-apostólico e mais plenamente desenvolvida nos tempos de Beda, tendo sido submetida à autoridade romana apenas após a conquista normanda. A segunda, por sua vez, referia-se à concepção de uma verdadeira Igreja existente não nas instituições, mas em meio àqueles denominados “*gospellers*”, os perseguidos pelas autoridades eclesiásticas que, ao longo de muitos séculos, uniam-se em pequenas congregações e “cujas crenças, aos olhos dos reformadores, prefiguravam as suas próprias.”¹⁰¹

Trata-se, assim, de duas interpretações que realçam, cada uma à sua maneira, ênfases distintas, porém não necessariamente conflitantes, da história eclesiástica na Inglaterra. A primeira, referente à existência de uma Igreja Britânica paralela à autoridade romana e alheia às suas influências, ressalta o aspecto temporal, histórico e contingencial do tratamento conferido ao passado do cristianismo em território inglês. Por outro lado, tem-se na segunda explicação, voltada à identificação de uma igreja residente nas pequenas comunidades de perseguidos, um destaque para o sentido espiritual da verdadeira Igreja, exposto justamente na exaltação de sua invisibilidade, sobre a qual Foxe viria a tratar de forma mais detalhada na próxima edição do *Acts and Monuments*.

Seria equivocados, contudo, considerar ambas as perspectivas como necessariamente opostas. Tanto a interpretação temporal e histórica quanto a espiritual devem ser tidas, na verdade, como partes de um mesmo todo que remonta, por sua vez, à própria concepção de

¹⁰⁰ Como afirma Barnett: “The break with Rome therefore required reformers to examine the past of Christian history in two potentially conflicting ways: firstly, the emphasis on the corruption of the institutional Church since about 1000 CE reminded readers and hearers of the necessity of the break with Rome; alternatively, the search for continuity with the early Church led reformers to seek out a true church existing in England free of Roman influence. This was sought for in two distinct ways, sometimes but not often overlapping, which were to have important consequences for the self understanding of the Established Church as it grew to maturity in the first half of the seventeenth century.” BARNETT, 2017, p. 298.

¹⁰¹ “On the other hand there were those who looked for the true Church not in institutions but among those ‘gospellers’ who gathered in congregations persecuted by the ecclesiastical authorities, and whose beliefs, in the eyes of the reformers, prefigured many of their own.” Ibidem.

história compartilhada entre protestantes como Foxe. Como bem aponta Anthony Grafton, o pensamento crítico e o peso da evidência eram aspectos sublinhados pelos principais protocolos de leitura da história no século XVI, de modo que cabia ao historiador o exame de suas fontes no sentido de delas extrair especialmente o que fosse demonstravelmente crível.¹⁰² Tal destaque à evidência era, assim, parte fundamental da busca pela veracidade do conhecimento histórico. A *ars historica* se fazia, portanto, pela hábil compilação de documentos variados cuja autenticidade, em especial, deveria ser criticamente apurada e comprovada.

Juntamente a tais normas de crítica e exame encontravam-se, também, considerações providencialistas acerca do tempo e da história. A principal atribuição da história, especialmente para os protestantes, consistia acima de tudo em seu valor de revelação e manifestação dos decretos divinos ao longo do tempo. A crença na imutabilidade dos decretos de Deus e em sua perpétua e intencional ação no tempo era o alicerce da doutrina providencialista que se desenvolveu mais propriamente a partir da teologia de João Calvino em suas Institutas. Apesar de as particularidades e implicações soteriológicas da teologia calvinista serem assunto de intenso debate e polêmica entre protestantes de toda a Europa, pode-se dizer que constituía considerável consenso a crença no caráter providencial da história, no encaminhamento e ordenação dos acontecimentos humanos enquanto manifestações da vontade e arbítrio divinos.¹⁰³

Dessa forma, a legitimidade do protestantismo residia, para seus defensores, na pureza de suas doutrinas salvaguardada pela própria ação divina desde os tempos antigos. Para protestantes como Foxe, era primordial estabelecer, de forma inequívoca, a continuidade temporal e histórica de uma fé proto-protestante divinamente inspirada e conservada desde os tempos apostólicos até o tempo presente. E o elo de tal continuidade residia, segundo Foxe, nos próprios mártires protestantes, em cujo vínculo aos mártires antigos situava-se justamente a exibição da vontade de Deus ao manter, no tempo e no espaço, a integridade de sua Igreja. Cabia a Foxe, assim, dispor a seus leitores as evidências da continuidade histórica entre os dois grupos de mártires, de modo a tornar visível o vínculo místico e espiritual que igualmente os unia.

¹⁰² GRAFTON, A. *What Was History? The art of history in early modern Europe*. Cambridge University Press: 2007, p.11.

¹⁰³ Como afirma Alexandra Walsham: “Providentialism was not a marginal feature of the religious culture of early modern England, but part of the mainstream, a cluster of presuppositions which enjoyed near universal acceptance. It was a set of ideological spectacles through which individuals of all social levels and from all positions on the confessional spectrum were apt to view their universe, an invisible prism which helped them to focus the refractory meanings of both petty and perplexing events.” WALSHAM (2001) p.3.

No *Utility of this Story*, portanto, Foxe apresenta a seus leitores não apenas a utilidade particular de seu livro, mas também um conjunto de preceitos pelos quais a história dos mártires nele contida deveria ser compreendida e interpretada. Os mártires protestantes cujas histórias compunham o *Acts and Monuments* deveriam ser tidos como herdeiros diretos de seus predecessores antigos, como participantes de um mesmo desenrolar de acontecimentos orquestrados pelo próprio Deus e que culminaria, por sua vez, no próprio tempo presente de Foxe e seus leitores. O presente, por conseguinte, tratava-se de um ponto conclusivo da história que se havia iniciado com as primeiras perseguições à Igreja nos tempos primitivos, cujos padecentes tornar-se-iam, apesar das adversidades e com a graça divina, mártires e heróis da causa de Cristo. E era esse o legado herdado pelos protestantes ingleses que, da mesma maneira, deveria então ser apropriado pelos próprios leitores do *Acts and Monuments*, por meio do cultivo e imitação das virtudes dos mártires listados no livro.

Há no prefácio, portanto, um senso de iminência do implemento divino da narrativa da Igreja na Inglaterra, um senso de que tal história não estava terminada, e de que ainda cabia a Foxe e seus contemporâneos o cumprimento de seus devidos papéis. Como ele afirma, acerca dos mártires antigos e de seus sucessores ingleses:

“Agora se Mártires devem ser comparados a Mártires, não vejo eu por que causa os Mártires de nosso tempo não mereçam tão grande louvor quanto os outros na igreja primitiva, que decerto não são inferiores a eles em nenhum ponto de louvor, seja se olharmos para o número dos que sofreram, ou para a grandeza de seus tormentos, ou sua constância ao morrer, ou também se considerarmos o fruto que eles trouxeram à correção da vida dos homens, e o crescimento do evangelho. pois aqueles não fizeram nada menos do que lavar a verdade com seu próprio sangue, que então se via a jorrar. E estes por sua morte restauraram-na novamente, quando estava apodrecida e decaída mais uma vez. Aqueles, que estiveram à frente na batalha, receberam o primeiro encontro e violência de seus inimigos, e assim nos ensinaram a vencer tal tirania. Mas estes rapidamente, como antigos soldados vencidos de fato conquistaram o campo na recompensa da batalha. Aqueles, como famosos agricultores do mundo, semearam os campos da igreja, que antes se viam gastos e abandonados. E estes com a fartura de seu sangue os fizeram crescer e frutificar. E para Deus tais frutos devem ser rapidamente ajuntados no celeiro, o que ainda está para acontecer.”¹⁰⁴

¹⁰⁴ “Now then if Martyrs are to be compared with Martyrs, I see no cause why the Martyrs of our time deserue not as great commendation as the other in the primitiue church, which assuredly are inferiour vnto them in no point of praise, whether we looke vpon the number of them that suffered, or the greatnes of their tormentes, or their constancy in dieng, or also consider the fruite that they brought to the amendement of mens liues, and the encrease of the gospel. for those did but water the truth with their bloud, that was nowe springinge vppe. And these by their deaths did restore it againe, when it was sore decayed and fallen downe. Those standing in the foreward of the battell, did receiue the first encountre and violence of their enemies, and taught vs by that meanes to ouercome such tyranny. But these as spedely, lyke olde beaten soldiours did winne the field in the rereward of the battaile. Those did, like famous husband men of the world, sow the fieldes of the church, that first lay

Os leitores a que se dirigia o *Utility of this Story* seriam, por sua vez, “a posteridade e os filhos dos Mártires”, frutos gerados pela obra dos que os antecederam, os mártires protestantes dos tempos de Maria I, e que, por sua vez, procediam dos mártires dos tempos primitivos, que lavaram “a verdade com seu próprio sangue, que então se via a jorrar”. O prefácio em questão, portanto, pode ser entendido como um pequeno compêndio referente ao lugar que os protestantes elisabetanos, leitores imediatos do *Acts and Monuments*, deveriam ocupar na grande história da Igreja que continuava a se desenrolar. A imitação das virtudes dos mártires, introduzida e tornada exequível a partir dos materiais disponíveis no livro, seria então o principal meio de ação para que tais leitores se apropriassem da herança que lhes cabia:

“Eles, desejando o bem para todos os homens, perdoaram voluntariamente seus Perseguidores: e portanto nós, que somos a posteridade e os filhos dos Mártires, não devemos nos afastar de seus passos, mas sim ser admoestados por seus exemplos, e se não pudermos expressar a mesma caridade para todos os homens, que a imitemos pelo menos conforme nosso poder e força.”¹⁰⁵

Elemento imprescindível de tal imitação, contudo, era o perdão oferecido aos “Perseguidores”, que no *Acts and Monuments* correspondem àqueles considerados os principais opositores e adversários daquela que seria a verdadeira Igreja de Cristo, os perseguidos mártires de todas as eras. Tais inimigos dos verdadeiros fiéis eram, para Foxe, personificados na atuação histórica da Igreja romana, caracterizada segundo ele por seu histórico de usurpações do poder temporal, que se estendia desde a própria formação do papado até os eventos recentes de perseguições e tiranias perpetradas contra os protestantes na Europa. A tais opositores e adversários, Foxe dedicou um prefácio, que será analisado a seguir, e intitulado *Preface to the Persecutors*.

vnmanured and waste. And these with the fatnes of their bloude did cause it to battell and fructifie. Would to God the fruit might be spedely gathered into the barne, which one thing is yet to come.” *Acts and Monuments* (1563), p. 21.

¹⁰⁵ “They wishing well to all men, did of their own accorde forgeue their Persecutors: and therefore ought we, which after a sort are the posterity and children of Martirs, not to degenerate from their former steppes, but beinge admonished by their examples, if we cannot expresse the same charity toward all men, to imitate it at leaste wayes to our power and strēgth.” *Ibidem*.

chamar-vos”- no intuito de que seus destinatários atentassem para os crimes cometidos por eles contra “o número quase inumerável de tantos, ingênuos e simples cordeiros de Cristo.”¹⁰⁶

O primeiro pedido de Foxe a seus interlocutores diz respeito à urgência de que os crimes por eles cometidos fossem vistos e considerados: “contemplai eu vos imploro aqui nesta história o lamentável massacre de vossa matança. Contemplai o trabalho de vossas próprias mãos.”¹⁰⁷ Tais delitos estariam, por sua vez, dispostos e descritos no *Acts and Monuments*, razão pela qual Foxe justifica que seu livro seja lido inclusive por seus adversários católicos:

“Vede eu digo e contemplai aqui presentes diante de vossos olhos, as pilhas de corpos imolados, de tantos homens e mulheres, tanto velhos, jovens, crianças, bebês, recém-nascidos, casados, não casados, esposas, viúvas, empregadas, homens cegos, homens coxos [...], de todos os tipos, de todas as idades, de todos os graus. Senhores, Cavaleiros, Cavalheiros, Advogados, Mercadores, Arcebispos, Bispos, Padres, Ministros, Diáconos, Homens leigos, Artífices, casas inteiras, e familiares todos juntos, Pai, Mãe e Filha, Avó, Mãe, Tia e Filhos. &c. cujas feridas ainda sangrando sob a face de Deus, clamam por vingança. Pois quem vós poupastes? Que país poderia escapar de vossas mãos? Vede, portanto, eu digo, lede, e contemplai vossos atos e fatos. E quando tiverdes visto, então julgueis o que merecestes.”¹⁰⁸

Os crimes papistas precisavam ser lidos e contemplados, vividamente, para que se cumprisse a justiça divina. Há, no texto de Foxe, um forte senso de responsabilização de seus destinatários, cuja culpa havia ainda de ser confirmada e julgada pelo próprio Deus. A condenação divina das perseguições papistas seria, como cria Foxe, executada em não muito tempo, razão pela qual o *Preface to the Persecutors* também é apresentado como sendo um esforço de admoestação de seu autor para com seus interlocutores, a fim de que viessem a se arrepende de seus delitos:

“então aceitai minha boa vontade no Senhor, que aqui eu pensei em significar a vós no início deste *prefácio*, não para lisonjear ou buscar

¹⁰⁶ “If anye other had had the doying and handelynge of thys so tragical an history, and had sene the madde rage of thys your furious cruelty, in spyllyng the bloud of suche an innumerable sort of Christes holy Sayntes and seruautes, as in the volume of thys hystorye maye appeare by you (O ye Papistes, geue me leaue by that name to call you)”. *Acts and Monuments* (1563), p. 18.

¹⁰⁷ “then se and behold I beseche you here in this story the pityfull slaughter of your butchery.” Ibidem.

¹⁰⁸ “See I saye and behold here present before your eyes, the heapes of slayne bodies, of so many men and wemen, both old, yonge, chyl dren, infantes, new borne, maryed, vnm aryed, wyues, wydowes, maydes, blynde men, lame men, whole men, of all sortes, of al ages, of al degrees. Lordes, Knightes, Gentlemen, Lawyers, Merchautes, Archbishops, Bishops, Priestes, Ministers, Deacons, Lay men, Artificers, yea whole householdes, and whole kyndredes together, Father, Mother and Daughter, Grandmother, Mother, Aunt, and Chylde. &c. whose woundes yet bleedyng before the face of God, cry vengeaunce. For whom haue you spared? What country coulde scape your handes? See therefore I say, reade, and behold your actes and factes. And when you haue sene, then iudge what you haue deserued.” Ibidem.

vossa aceitação (com a qual eu não me importo muito) mas somente para apresentar-vos a conversão de vossas almas, se talvez eu possa fazer-lhes algum bem.”¹⁰⁹

Aqui tem-se uma consideração importante acerca da especificidade do *Preface to the Persecutors* enquanto prefácio e, portanto, paratexto. Assim como o *Acts and Monuments* era apresentado, desde sua folha de rosto, para ser lido de uma determinada maneira, a fim de lhes serem contempladas a dignidade e utilidade, do mesmo modo o texto do *Preface to the Persecutors* parece ser elaborado de forma a dirigir a leitura daqueles a quem as histórias contidas no livro condenavam e penalizavam. Os leitores católicos do *Acts and Monuments*, pode-se dizer, teriam um prefácio para lhes indicar de que maneira aquele livro lhes dizia respeito, e o que se esperava de sua respectiva leitura e apreciação. Se aos leitores protestantes cabia a imitação das virtudes dos Mártires, aos católicos restava o necessário arrependimento pelos crimes cometidos, de modo que por seu pesar e contrição pudessem ser redimidos, se não pela história, ao menos por Deus.

A necessidade de arrependimento e confissão dos papistas defendida por Foxe é associada, assim, à própria pregação apostólica contra os fariseus no século I. Segundo Foxe, “Pedro pregando aos Judeus e Fariseus, depois de terem eles crucificado a Cristo, clamou-lhes: *Delictorum poenitentiam agite*, e converteu três mil em um sermão.”¹¹⁰ Tal admoestação do apóstolo, por sua vez, continuaria válida e pertinente aos católicos: “Então Pedro disse e escreveu ainda a vós, e nós juntamente com Pedro vos exortamos: Arrependei-vos de vossas transgressões, sede confundidos em vossas ações, e chegai a alguma confissão de vossas miseráveis iniquidades.”¹¹¹ A almejada confissão dos pecados cometidos pelos papistas seria, portanto, parte dos desígnios divinos para os tempos de Foxe e seus contemporâneos, desígnios esses já anunciados desde os tempos apostólicos, por meio do próprio apelo de Pedro aos judeus.

Trata-se, aqui, de uma relação temporal em que são elencados distintos personagens, sendo-lhes atribuídos papéis cuja realização se dá conforme a direção e vontade do próprio Deus. Dessa forma, tanto os judeus do primeiro século quanto os católicos a quem Foxe se dirige no século XVI desfrutariam de um mesmo papel nessa grande história: o de

¹⁰⁹ “then accept my good wyll in the Lord, whych here I thought to signify vnto you in the begynning of thys preface, not to flatter or seeke for your acceptation (which I care not greatly for) but onely as tendering the conuersion of your soules, if perhaps I may do you any good.” *Acts and Monuments* (1563), p. 18.

¹¹⁰ “Peter preaching to the Iewes & Phariseis, after they had crucified Christe, cryed to them: *Delictorum poenitentiam agite*, and turned three thousand at one sermon.” *Ibidem*.

¹¹¹ “o the sayd Peter sayth and writeth styl to you, and we with Peter exhort you: Repent you mischiefes, bee confounded in your doynge, and come at length to some confession of your myserable iniquitye.” *Ibidem*.

perseguidores da verdadeira Igreja de Cristo, materializada então nos próprios mártires cujas histórias compunham o *Acts and Monuments*. Por essa razão Foxe aponta para a necessidade de arrependimento dos católicos, a fim de que se convertam e abandonem suas práticas, muito embora tais atos, segundo ele, não possam mais ser ignorados:

“Primeiramente, vede agora vossos atos tão vis que não podem ser ocultados, vossa crueldade é trazida à luz, vossos assassinatos são evidentes, vossas [...] práticas, vossas sutis fugas, vossas conspirações secretas, vossas vidas sujas são vistas, e fedem sob a face de Deus e dos homens. Sim, o que vós fizestes tão secretamente e às escuras, que o Senhor o descobriu e o trouxe à luz?”¹¹²

Tanto a descoberta quanto a divulgação dos crimes papistas teriam sido, assim, fruto da vontade divina. E tal divulgação, por sua vez, se daria justamente por meio do *Acts and Monuments*, no qual se veriam descritos não apenas os atos dos mártires protestantes, mas também as práticas e crimes de seus acusadores e perseguidores, “os quais vós podereis aqui neste volume não somente ver, mas também enumerar caso queirais. Deus assim os exibiu e descobriu, e agora o mundo inteiro pode lê-los.”¹¹³ Foxe, ainda, reitera o caráter providencial da publicação de tais feitos: “Como eu já disse, Deus eu vos asseguro os descobriu. [...] ousou assegurar-vos de que não é sem a vontade dEle, que tais matanças devam ser abertas e trazidas à luz.”¹¹⁴

O apreço pela palavra impressa era, com certeza, pilar fundamental das diversas formas de persuasão adotadas pelos protestantes. Como afirma Andrew Pettegree, em seu livro *Reformation and the Culture of Persuasion*, é preciso compreender o livro impresso, sobretudo, “como parte de um amplo conjunto de modos de persuasão que se utilizavam de todos os meios de discurso e comunicação familiares à sociedade pré-industrial. Pregação, canções e teatro tinham sua importância, juntamente à privada e cautelosa tutela da nova família protestante no catecismo e na leitura bíblica.”¹¹⁵

¹¹² “Fyrst, you see now your doinges so wicked can not be hid, your cruelty is come to light, your murthers be euident, your prety practises, your subtyle fleightes, your secrete conspiracies, your fylthy liues are sene, and stincke before the face both of God and man. Yea, what haue you euer done so in secrete and in corners, but the Lorde hath founde it out, and brought it to lyght?” *Acts and Monuments* (1563), p. 18.

¹¹³ “But to passe ouer thys styncking Camerine of your vnm Maidenly lyues, I returne againe to your murthers and slaughters, whych you maye here in this volume not onely see, but also nomber them if you please. God so hath displayed and detected them, that now al the worlde may rede them.” Ibidem.

¹¹⁴ “As I haue sayde, God I assure you hath detected them.” Ibidem.

¹¹⁵ É o que Pettegree afirma logo no primeiro capítulo do livro: “Hence in this study an attempt is made to relocate the role of the book as part of a broader range of modes of persuasion that used every medium of discourse and

Dessa forma, pode-se compreender o *Preface to the Persecutors* como texto que expõe, de certa maneira, a dinâmica entreposta entre as formas de lealdade prestadas por protestantes e católicos, mais especificamente a partir do tom admoestatório e denunciativo empregado por Foxe ao dirigir-se a seus interlocutores católicos. A força da palavra impressa, presumida como obra providencial, era assim mobilizada em um esforço de persuasão que permite compreender o protestantismo tido, conforme visto por Foxe, como herança dos próprios tempos apostólicos, enquanto única escolha legítima de lealdade confessional. Logo, deve-se conceber a publicação e disseminação de livros impressos protestantes na Inglaterra moderna enquanto parte de um contexto amplo e um esforço generalizado de persuasão teológica que localiza o protestantismo, tanto em suas doutrinas quanto em sua história, como divinamente inspirado por Deus.

O *Preface to the Persecutors*, embora dedicado ao público católico, nos diz muito sobre as visões e expectativas de muitos dos protestantes ingleses, expressas e moldadas pelo conteúdo do *Acts and Monuments*. Tais visões e expectativas se referem, por sua vez, ao modo como o protestantismo inglês, do ponto de vista de magistrados como Foxe, era constituído por um forte senso de pertencimento confessional e iminência do Juízo Final, dia no qual as duas igrejas seriam reveladas em sua verdade ou falsidade diante do próprio Deus. O juízo divino pressupunha necessariamente dois grupos, opostos em seus atos e frutos. Como bem elenca Pettegree, o processo de conversão protestante, de uma maneira geral, culminava na identificação de novos inimigos da fé, a saber, os papistas, tidos como adversários da verdade.

Somente na primeira edição do *Acts and Monuments* é que se encontra o *Preface to the Persecutors*. A partir de 1570, um novo prefácio aos papistas é adicionado ao livro, cujo conteúdo se difere bastante do anterior. Tal texto será melhor analisado em seções subsequentes. Contudo, cabe aqui considerar a especificidade do *Preface to the Persecutors* enquanto material que permite observar, em especial nas admoestações de Foxe, o tipo de visão que se esperava ter acerca dos católicos, considerando-se especificamente o início do reinado de Elizabeth. A dinâmica das lealdades confessionais entrepostas entre protestantes e católicos, naqueles anos, ainda passaria por diversas alterações, e é interessante notar como alguns prefácios do *Acts and Monuments* permitem que tais variações sejam observadas.

communication familiar to pre-industrial society. Preaching, singing and drama would all play their part, alongside the careful private tutelage of the new Protestant family in catechism class and Bible reading.” PETTEGREE, A. *Reformation and the Culture of Persuasion*. Cambridge University Press: 2005, p. 8

Tanto o prefácio que apresentava aos leitores a utilidade do *Acts and Monuments*, quanto o prefácio dedicado àqueles cujos crimes o livro denunciaria, podem ser lidos como textos que tornam visível a variedade de atribuições a que se dava o *Acts and Monuments*, desde sua primeira edição. Para os protestantes ingleses, ele era uma fonte de conhecimento que lhes abasteceria com frutos espirituais em sua jornada de imitação dos mártires; para os católicos, restava o arrependimento e a subordinação à benevolência de Elizabeth, agora soberana da Inglaterra. A própria rainha, por sua vez, também tinha um papel a desempenhar, e a ela Foxe também dedicou um prefácio, a dedicatória do *Acts and Monuments*.

1.4 O que esperar da Juíza de Israel? *Preface to the Queen*, a dedicatória do *Acts and Monuments em 1563*

Em 1610, em Veneza, Galileu publicara seu *Sidereus nuncius*. A obra continha a descrição de suas observações astronômicas, recentemente possibilitadas pelo instrumento que ele desenvolvera, o *perspicillum*.¹¹⁶ O livro tinha início com a dedicatória ao Grão-duque Cósimo II de Médici, e vinha acompanhado de uma luneta, através da qual o príncipe poderia observar a lua, a Via Láctea, as nebulosas, e em especial um conjunto de quatro planetas, ou estrelas, que o céu dispunha a seu favor. Não era coincidência o fato de que o nascimento de Cósimo II se dera no mesmo dia do estabelecimento de Júpiter na *midheaven*, o que o tornava, portanto, herdeiro das virtudes da dinastia Médici “pela estrela de Júpiter, a mais nobre de todas elas.”¹¹⁷

Tanto a entrega da luneta quanto o uso engenhoso do calendário astrológico, que relacionava Cósimo a Júpiter, trazem luz à atitude central de Galileu ao oferecer seu livro ao príncipe: “Ao explorar a mitologia dinástica e astrológica dos Médici que associava Cósimo II a Júpiter, Galileu estava, na verdade, oferecendo ao grão-duque o que era seu, isto é, as estrelas predestinadas a portar seu nome.”¹¹⁸ A dedicatória rendeu frutos, afinal, cinco meses após sua publicação, Galileu foi nomeado por Cósimo “Filósofo e Matemático Primeiro do Grão-ducado

¹¹⁶ Dispositivo semelhante a uma luneta.

¹¹⁷ CHARTIER, R. *Forms and Meanings. Texts, Performances, and Audiences from Codex to Computer*. University of Pennsylvania Press, 1995.

¹¹⁸ “By exploiting the dynastic and astrological mythology of the Medicis that closely associated Cosimo I with Jupiter, Galileo was in fact offering the grand duke what was his, that is to say, “stars” predestined to bear his name.” Ibid. p.36.

da Toscana”, posição que lhe conferia mais tempo livre para os estudos, visto que lhe desobrigava de ministrar aulas, além de aumentar consideravelmente seus rendimentos.

O caso do *Sidereus nuncius* se assemelha a muitos outros no cenário de publicações de impressos dos séculos XVI e XVII. Para letrados e artistas, a patronagem era quase sinônimo de sobrevivência, uma condição de publicação. Dedicatórias constituíam o meio para que um autor solicitasse permissão a um patrono, para lhe oferecer sua obra; tal oferta, se atendida, significava, da parte do patrono a desejada aprovação não apenas do livro, mas também do nome a ele associado. Ainda, tal aprovação não se traduzia apenas em um prestígio simbólico, da fama conquistada pelo autor cujo livro fora aceito por um grande nobre. Tais benefícios eram sem dúvida desejados, - e, de fato, eram fundamentais, - por aqueles que ansiavam portar-se como autoridades letradas. Contudo, como deixa claro o desfecho bem sucedido da dedicatória de Galileu a Cósimo II, autores não prescindiam de provisão material.

Era comum que autores, agraciados com a aprovação de seus patronos, fossem contemplados com pensões, cujo valor muitas vezes era destinado a cobrir os gastos com uma próxima edição. Ter acesso a círculos frequentados por nobres e autoridades, aos quais não se chegaria sem o intermédio de um patrono, também integrava a lista de possíveis e desejadas recompensas. A aquisição de títulos e posições de ascensão era também algo pelo qual esperava-se ser recompensado a partir de uma dedicatória, o que nos remete à retribuição dada a Galileu: ter sido nomeado por Cósimo II lhe permitiu usufruir de mais horas livres e mais dinheiro, simultaneamente.

Dentre todos os benefícios possíveis a um autor, o aceite de sua dedicatória lhe conferia proteção. Isso porque, naqueles tempos, um autor cuja obra sabia-se apoiada por um nobre respeitável, ou pelo próprio rei, não seria alvo tão certo dos ataques de seus rivais.¹¹⁹ Para o patrono, por sua vez, restava o usufruto de uma reputação que o configurava como participante de uma cultura letrada fina e atualizada, além de tornar-se conhecido por sua generosidade e liberalidade, ao aceitar patrocinar e apoiar autores cujos serviços também poderiam vir a lhe ser úteis.¹²⁰

No mesmo ano em que Galileu dedicava seu livro a Cósimo II, era publicada na Inglaterra a sexta edição do *Acts and Monuments*. E, assim como o *Sidereus nuncius*, o livro também fora dedicado a um monarca, mais especificamente, a uma rainha, Elizabeth I. Em

¹¹⁹ Como afirma Graham Parry: “Knowledge that a writer had the support of a significant social and political figure made rivals more wary of attacking him in print, or even in person.” PARRY, G. Patronage and the printing of learned works for the author. In: BARNARD, J. McKENZIE, D.F. *The Cambridge History of The Book in Britain. Volume IV, 1557-1695*. Cambridge University Press, 2002, p. 216.

¹²⁰ Ibidem.

1610, porém, Foxe (1516/17-1587), seu autor, já havia falecido, há exatos 23 anos, bem como a soberana a quem o livro fora dedicado, falecida em 1603. O texto que materializa tal dedicatória intitula-se *Preface to the Queen* (Figura 12), cuja versão constante na edição de 1610 era, na verdade, uma das várias reimpressões do texto feitas desde a segunda edição do *Acts and Monuments*, publicada em 1570. Fato é que o *Preface to the Queen* é um dos únicos prefácios cuja presença se observa em todas as edições do *Acts and Monuments* até 1684. Tratava-se de um texto fundamental em meio aos paratextos do livro, pois nele se materializava todo um conjunto de práticas características das relações de patronagem que regiam o vínculo entre autores, impressores, patronos e leitores.

A primeira edição do *Acts and Monuments*, publicada em 1563, foi dedicada a Elizabeth I. De fato, tal publicação parecia um empreendimento formidável num tempo de otimismo generalizado, sentido pela maior parte dos protestantes ingleses. A morte de Maria I, em novembro de 1558, inaugurou o fim das perseguições religiosas, oficializadas por uma legislação que caracterizava o protestantismo como heresia. Conta-se que aproximadamente 300 protestantes teriam sido publicamente executados como hereges de 1553 a 1558. Para os protestantes ingleses, principal público do *Acts and Monuments*, portanto, a ascensão de Elizabeth, logo após o falecimento de sua irmã, não poderia ser nada menos do que a ação providencial do próprio Deus no Reino da Inglaterra.¹²¹

De 1553 a 1558, período em que o trono inglês foi ocupado por Maria, a Missa latina foi re-instituída, altares foram restaurados e igrejas ocupadas com adereços e elementos católicos. Reginald Pole, nomeado para substituir o antigo Arcebispo de Canterbury dos tempos de Eduardo VI, Thomas Cranmer, tinha por principal plano a instituição de um programa de reformas eclesiais, que envolvia, dentre outros pontos, o estabelecimento de residências episcopais, de seminários diocesanos e catecismos vernaculares. Nomes como Stephen Gardiner, Cuthbert Tunstall e Edmund Bonner, conhecidos por sua atuação em favor da supremacia real nos tempos de Henrique VIII, viam-se agora como porta-vozes da restauração do catolicismo. Decerto tais empreendimentos sinalizavam um momento de reconstrução, por parte dos católicos ingleses, do que se havia perdido desde o reinado de Eduardo VI. Como bem afirma Peter Marshall, “a Igreja Mariana não era o fantasma do passado medieval, mas sim a visão do futuro da Contrarreforma.”¹²²

¹²¹ WALSHAM (2001).

¹²² “The Marian Church was not the ghost of the medieval past, but a vision of the Counter-Reformation future.” MARSHALL, P. Settlement Patterns. The Church of England, c. 1553-1603. In: *The Oxford History of Anglicanism. Volume I. Reformation and Identity*, c. 1520-1662. p. 47.

TO THE QUEENES MOSTE EXCEL

Lent Maiestie Queene Elizabeth, by the grace of God Queene of England, France & Ireland, defender of the faith, and supreme gouernour of this Realme of England, and Ireland, vnder the Lorde, as well in causes ecclesiasticall, as also in the temporall these appearing, for humble subiect **IOHN FOXE** hartely wisheth and desireth with increase of Gods holy spirit, and grace, long to flourish, and reigne in perfect health, and much honour, through the mercie and fauour of Christ Iesus, our Lorde and eternall Sauerour, to the comfort of his Church, and glory of his holie name.



Constantine the greate and mightie Emperour, the sonne of Helene an Englyshe woman of this youre Realme and cuntry (moste Christian and renowned Pryncesse Queene Elizabeth) after he had pacified and established the church of Christ, being long before vnder persecution, for the tyme of our Iesus our Christ almost 400 yeres; and coming in his progresse at length to a cite called Co. stantin, (where Eusebius wyter of the Ecclesiasticall story was then placed, Bysshop) requyred of the sayde Eusebius vpon his owne free motion, to demand and aske of him what so euer he thought expedient or necessary for the state and commoditie of his Church, promising to requyte vnto him the same whatsoeuer he should aske, whiche Eusebius, of the hild the requyred what terrene benefite soeuer he would, either of possesions to be graunted, or of imposition to be released, or any other lyke &c. he had to demaie obtained his requyres of that sojherall, and so noble harted Emperour. But the egod and godly Bysshop, were woth then wery, more spirytually getting, then worldly minded, who had learned rather to take a litle, then to aske much, getting all other respedes asid, made this petition, only to obtaine at his maiesties hande, vnder his seale and letters oute in quyre of seclane and license throught, at the marches of Rome, going to all Consulles, Princes, Tribunes and other officers in all cities and cuntries, to searche out the names, sufferings and deeths, of all such as suffered in al that tyme of persecution before, for the testimonie and faith of Christ Iesus. The number of all whiche holy and blessed Martyrs, vpon the sayd licence being searched out, amounted to the account for every daye in the Caledary to be shewed, (as Hierome wyting to Chromatius and Heliodorus doth wyte) sic: thousande Martyrs, beinge only the first daye of January excepted. For that day beyng assigned to the changinge of their Consulles, was therefore festinally solemnized throught out all the Romaine Empire.

In whiche Historie (moste excellent and noble Queene) youe shynes out me in a variable doubt, whether of these two rather to comend and extol the godly Emperour, or the godly Bysshop: the one for his Princely preferre, the other for his godly and iustice.

B. j.

TO THE RIGHT VERTVOVS, MOST EX

cellent and noble Princeesse Queene Elizabeth, our Dreaed Lady, by the Grace of God, Queene of England, France and Ireland, defendour of Christiē Faith and Gospele, and principall gouernour both of the Realme and also ouer the sayd Church of England and Ireland, vnder Christ the supreme head of the same &c. **Iohn Foxe** her humble subiect wisheth daily increase of Gods holy spirit and Grace, with long reigne, perfect health, and joyfull peace, to the comfort of hys Church, and glory of hys holied name.



CHRIST the Prince of all Princes who hath placed you in your throne of Maiesty, vnder him to gouerne the Church and Realme of England, geue your royall highnes leg to rest, and many yeres to raigne ouer vs, in all flourishing felicitie, to his gracions pleasure, and long lasting toy of all your subiectes. Amen.

When I first presented these Acts and Monumentes vnto your maiesty (most deare soueraigne, Queene Elizabeth, our peaceable Salome) whiche your maiesties rare clemency receaued in such gentle part: I well hoped, that these my trauailes in this kinde of writing had bene well at an end: wherby I might haue returned my studies agayne to other purposes, after wyne owne desire, more fit then to write histories, especially in the Englysh tongue. But certayne euill disposed persons, of intemperant tongues, aduersaries to good proceedings would not suffer me so to rest, fuming and creaking, and raising vpliche miserable exclamations at the first appearing of the booke, as was wonderfull to heare. A man would haue thought Christ to haue bene new borne agayne, and that Hierode with all the Citie of Ierusalem had bene in an vpror. Such blyssing and stirring was then againe that poore booke through all quarters of England, euen to the gates of Louaine: so that no Englysh Papyll almost in all the Realme thought him selfe a perfect Catholicke, vnlesse he had cast out some word or other, to geue that booke a blow.

Wherupon considering with my selfe what should moue them thus to rage, first I began with more circumspect diligence to ouerlook agayne that I had done. In searching wherof I founde the fault both what it was, and where it lay: which was in deede, not so much in the booke it selfe (to say the truth) as in an other certeine priuy mystery and working of some of whom Iohnnes Auentinus shall tell vs, in his owne wordes, and shew vs who they be: Quibus, inquit, audiendi que fecerint, pudor est: nullus faciendi, que audire erubescunt. Illic vbi opus nihil veretur: hic vbi nihil opus est, ibi veretur. &c. Who beinge ashamed belike to bear their worthy stratagemes like to come to light, sought by what means they might, the stopping of the same. And because they could not worke it per brachium secularare, by publicke autoritie (the Lord of heauen long pre-

Figura 12 - The Preface to the Queen (ed. 1563 e 1570)

Tal visão do futuro foi severamente interrompida com a morte de Maria. E um outro projeto, a partir de então, começava a ganhar forma. Era esse, pelo menos, o sentimento dos protestantes, especialmente daqueles que se viram livres para retornar à Inglaterra depois de anos passados no exílio. Elizabeth, para muitos deles, figurava-se como a nova Débora, Juíza de Israel. E John Foxe, tendo-se exilado em Estrasburgo, Frankfurt e Basileia durante o reinado de Maria, concretiza todo o senso de gratidão e perplexidade diante da ação divina, expressa no reinado de Elizabeth, na dedicatória de seu *Acts and Monumentes*.

Foxe dá início a sua dedicatória com uma história referente a Constantino (306-337), o imperador pagão que, ao converter-se ao cristianismo, tornou-o religião oficial, e Eusébio de Cesareia (263-339), bispo sob cuja autoria consagrou-se a História Eclesiástica. Segundo ele, o imperador, “depois de ter pacificado e estabelecido a Igreja de Cristo, tendo estado por muito tempo sob perseguição”¹²³, teria ido ao encontro do bispo para “pedir-lhe o que quer que

¹²³ “Constantine the greate and mightie Emperour, the sonne of Helene an Englyshe woman of this youre Realme and cuntry (moste Christian and renowned Pryncesse Queene Elizabeth) after he had pacified and established

considerasse expediente ou necessário para o estado e comodidade de sua Igreja, prometendo oferecer-lhe, da mesma forma, o que quer que pedisse.”¹²⁴

O bispo, tendo ao seu dispor o favor expresso de Constantino, “Imperador tão liberal e de tão nobre coração”, fez então seu pedido: uma licença para visitar todos os cônsules, procônsules, tribunais e demais ofícios de toda a monarquia¹²⁵ romana, a fim de pesquisar os nomes, sofrimentos e atos de todos aqueles que “sofreram por todo o tempo de perseguição anterior, para o testemunho e fé de Cristo Jesus.”¹²⁶ Eusébio, assim, junto ao imperador benevolente, é caracterizado como um bispo que aprendeu a dar mais do que receber, a pedir e usufruir menos, mais necessitado que avaro, mais afeito às coisas espirituais do que às materiais. Foxe apresenta um resultado fundamental da pesquisa de Eusébio:

“O número de todos os santos e benditos Mártires, tendo sido procurados sob a citada licença, chegaram à conta, para serem inscritos em todos os dias do Calendário (tal qual Jerônimo escrevendo a Cromácio e Heliodoro assim testifica), cinquenta mil Mártires, mantendo-se excetuado apenas o primeiro dia de Janeiro. Pois, tendo esse dia sido destinado à escolha de seus Cônsules, foi assim festivamente solenizado por todo o Império Romano.”¹²⁷

A menção à incorporação dos Mártires aos dias do calendário não deve ser encarada como insignificante, especialmente se considerarmos a localização do prefácio em questão. Afinal de contas, o *Preface to the Queen* é antecedido por dois textos: o *Kalender* e o *Almanacke*. Logo, Foxe segue sua carta:

the church of Christ, being long before vnder persecution, frō the tyme of our sauour Christ almost 400 yeres: and comming in his progresse at length to a citie called Cæsaria, (where Eusebius wryter of the Ecclesiasticall story was then placed Byshop) required of the sayde Eusebius vpon his owne free motion, to demaund and aske of him what so euer he thought expediēt or neceßary for the state and commoditie of his Church, promising to graunt vnto him the same whatsoeuer he should aske.” *Acts and Monuments* (1563), p. 18.

¹²⁴ “to demaund and aske of him what so euer he thought expediēt or neceßary for the state and commoditie of his Church, promising to graunt vnto him the same whatsoeuer he should aske.” Ibidem.

¹²⁵ O termo monarquia é usado pelo próprio Foxe.

¹²⁶ “whiche Eusebius, if he had thē required what terrene benefite soeuer he would, either of posseßions to be geuen, or of impositiōs to be released, or any other lyke &c. he had no doubt obtained his request of that so lyberall, and so noble harted Emperour. But the good and godly Byshop, more nedy then gredy, more spiritually geuen, then worldly minded, who had learned rather to take a litle, thē to aske much, setting all other respectes aside, made this petition, onely to obtaine at his maiesties hande, vnder his seale and letters autentique, free leaue and license through al the monarchie of Rome, going to all cōsullles, Procōsullles, Tribunes and other officers in all cities and countries, to searche out the names, sufferinges and actes, of all such as suffered in al that time of persecution before, for the testimonie and faith of Christ Iesus.” Ibidem.

¹²⁷ “The number of all whiche holy and blessed Martyrs, vpon the sayd licence being searched out, amounted to the accompt, for euery daye in the Calendary to be ascribed (as Hierome wryting to Chromatius and Heliodorus doth wytnesse) fiftie thousande Martyrs, sauing only the first daye of Ianuary excepted. For that day beyng assigned to the chousing of their Consules, was therfore festiually solennized throughout all the Romaine Empire.” Ibidem.

“Em tal História (mais excelente e nobre Rainha) duas coisas me colocam em variável dúvida, qual destes dois deve-se elogiar e louvar: o bom Imperador, ou o piedoso Bispo: o primeiro por sua oferta principesca, o segundo por sua piedosa e sincera petição. O Imperador por sua rara e singular afeição ao favorecer e expandir a Igreja do Senhor, ou o Bispo ao zelar pelas ocupações públicas do Senhor, antes de seu próprio lucro privado Ambos nos devem parecer corretos [...] não somente o que naqueles dias foi feito, mas também o que deve ser seguido agora.¹²⁸

Constantino, o Imperador benevolente, e Eusébio, o Bispo piedoso, não eram apenas referências e autoridades distantes no passado cristão. Suas ações e virtudes são trazidas para servirem como exemplo ao proceder tanto de Elizabeth, como soberana, quanto de Foxe, ao produzir uma história dos mártires declaradamente apoiada no modelo de Eusébio. Do Bispo, deveria-se captar a piedade expressa na recusa dos bens e do luxo material, compreendendo que “os bens e ornamentos da Igreja consistem principalmente, não em Donativos e patrimônios, mas no sangue, atos e vida dos Mártires, a busca e o alvo de tais coisas devendo ocupar o estudo dos verdadeiros Bispos Cristãos.”¹²⁹ De Constantino, ficava o exemplo de soberano cômico de sua responsabilidade para com a Igreja de Cristo. Contudo, Foxe estende tal responsabilidade também à nobreza, que, “naqueles dias era destinada a cuidar do estado e utilidade da Igreja, e de seus Ministros: dando, não tirando deles, evitando sua vergonhosa modéstia, com sua liberalidade Principesca.”¹³⁰ Além disso, ele acrescenta e enfatiza o providencial favor que adveio da generosidade prestada pela nobreza constantiniana:

“Tal era sua cuidadosa afeição naqueles dias para com o Senhor, que redundou também a sua igreja, e ministério, ao supri-los e gratificá-los, e fazê-los crescer, ao privilegiá-los e enriquecê-los com amplos presentes e benefícios Principescos, tal afeição foi raramente encontrada desde aqueles dias: como pode aparecer naquela a qual hoje a igreja Romana chama a doação de Constantino, que embora forjada e falsificada deles mesmos (como sem dúvida o é) ainda não

¹²⁸ “In whiche Historie (moste excellent and noble Queene) two thynges put me in a variable doubt, whether of these two rather to cōmend and extolle: the good Emperour, or the godly Byshoppe: the one for his Princely proferre, the other for his godly and sincere petition. The Emperour for his rare and syngular affection in faouoring and furtherynge the Lordes church, or the Byshoppe in zealyng the publique busines of the Lorde, before the priuate lucre of hym selfe Certes in bothe together may to vs appeare, what all maner estates may learne to knowe: not onely what in those dayes was done, but also what ought nowe to be followed.” *Acts and Monuments* (1563), p. 18.

¹²⁹ “In the Byshop is to be noted: the goodes and ornamētes of the Church cheifly to consiste, not in Donatiues and patrimonies, but in the bloud, actes and lyfe of Martyres, the seekyng and settyng foorth whereof ought to occupie the studie of true Christian Byshoppes.” *Ibidem*.

¹³⁰ “In the Emperour also we beholde howe studiously the Nobilitie in those dayes were set to tēder the state and vtilitie of the Churche, and the Ministers of the same: in geuyng to thē, not in takyng from them, yea, in preuenting their shamefast modestie, with their Princely liberalitie.” *Ibidem*.

se pode negar, mas que Imperadores e Príncipes eram naqueles dias Patronos extremamente bondosos à mesma.”¹³¹

A generosidade de Constantino, para Foxe, permanece verdadeira até mesmo apesar da comprovada falsidade do principal documento que a comprovaria. O *Constitutum Donatio Constantini* ou *Constitutum domini Constantini imperatoris*, mais conhecido como Doação de Constantino, foi um documento medieval cuja legitimidade foi finalmente desacreditada por Lorenzo Valla (1407-1457), humanista italiano, em seu *De Falso Credita et Ementita Constantini Donatione Declamatio* (1439). Cria-se que o documento continha o registro da doação de territórios dentro e fora da Itália, de Constantino ao Papa Silvestre I (314-335). Sua autenticidade foi contestada por Valla a partir de estudos linguísticos que lhe permitiram constatar que a construção do texto não poderia coincidir com os tempos do Imperador,¹³² descoberta que se configurou como fundamental triunfo do humanismo italiano, no qual Foxe fora instruído desde o início de sua formação.¹³³

A menção à Doação de Constantino, para além de afirmar a formação humanista de Foxe, também indica a ênfase dada àquela que por ele é considerada a verdadeira causa da prosperidade da nobreza daqueles tempos: a Providência. Embora o documento medieval fosse inautêntico, o fato permanente, para Foxe, reside na atuação retributiva de Deus à generosidade prestada pelo Imperador para com Sua Igreja. Junto à imutabilidade dos decretos eternos de Deus, tinha-se a certeza de sua ação perpétua e propositiva no tempo. E, além da sofisticada defesa teológica relativa ao dilema entre predestinação divina e responsabilidade humana, o chamado providencialismo experimental era fundamental para a aplicação de tal doutrina à vida prática de muitos protestantes. Tratava-se de um ponto essencial da doutrina calvinista: uma “ênfase antropomórfica na íntima ligação entre as dispensações da providência e o enigma da predestinação - o misterioso decreto de Deus de salvação e condenação.”¹³⁴ A explicação de Walsham merece ser citada inteiramente:

¹³¹ Such was thē þe carefull affection of them in those dayes towards the Lorde, that it rebounded also vnto his churche, and ministerie thereof, in furnishyng and in gratifying them, inlarging them, in priuileging and enrichyng them with ample giftes and Princely benefites, that the lyke affection hath rare ben foude since those dayes: as may appeare in that whiche the Romaine churche at this present calleth the donation of Constantine, whiche although it be forged and counterfeited of thē selues (as no doubt it is) yet it can not bee denied, but that Emperours and Princes were in those dayes Patrones highly beneficial vnto the same. *Acts and Monuments* (1563), p. 12.

¹³² FRIED, J. *Donation of Constantine and Constitutum Constantini The Misinterpretation of a Fiction and its Original Meaning*.

¹³³ MACK, P. *A History of Renaissance Rhetoric: 1380-1620*. Oxford University Press: 2011. *Elizabethan Rhetoric: Theory and Practice*. Cambridge University Press: 2004.

¹³⁴ “The real hallmark of Calvinist teaching on this subject, however, was an anthropomorphic emphasis on the intimate link between the dispensations of providence and the enigma of predestination—God’s mysterious double decree of salvation and damnation.” *Ibid.* p.21.

“De acordo com ministros letrados, o Senhor teria fornecido o material básico a todos os seres humanos, mas reservou a graça regeneradora somente aos eleitos, cuja redenção tomou lugar de destaque no plano divino. A Igreja invisível dos verdadeiros crentes, observou Calvino, era a ‘grande sala de trabalho de Deus’, onde ‘de uma maneira mais especial’ Ele demonstrou Seu domínio; era o ‘mais imediato teatro de sua gloriosa Providência.’”¹³⁵

Tal senso de pertencimento à Igreja invisível nutria as sensibilidades puritanas dos séculos XVI e XVII. O providencialismo, observa-se, era fator constituinte não apenas nos tratados teológicos dos letrados, mas também das experiências de pessoas comuns. No prefácio de Foxe, contudo, temos acesso a uma aplicação do providencialismo em relação a acontecimentos e tempos históricos distintos, porém conjugados e orquestrados segundo a vontade de Deus. Constantino e Elizabeth aparecem como igualmente agraciados pela Providência, cada um em seu respectivo contexto, porém ajudados e consagrados para o mesmo propósito:

“Tal é a bondade misericordiosa do Deus todo poderoso para com suas pobres e aflitas criaturas, que embora ele permita por algum tempo que o Tirano ruja, e que o Hipócrito reine pela iniquidade do povo, ainda novamente, a mesma mão do Senhor que fere, cura; que pressiona, revigora; que ataca, salva novamente, para tudo reconciliar. Quão dolorosa e terrível mão do Senhor nos tempos primitivos da igreja foi vista por meio de tantos Imperadores perseguidores, e cônsules cruéis? Lentamente o Senhor enviou esse moderado Constantino, para cessar o sangue, para encerrar a perseguição, para revigorar seu povo. Da mesma maneira, quão intensas explosões, quão [...] tempestades foram sentidas na Inglaterra durante o espaço de alguns anos, até que finalmente a graça de Deus nos enviou vossa Majestade para apagar o fogo, para abrandar a ira, para libertar inocentes.”¹³⁶

A interpretação providencialista que Foxe apresenta acerca do papel de Constantino enquanto imperador, ao favorecer a Igreja cristã e com isso provar-se um instrumento divino,

¹³⁵ “According to learned divines, the Lord supplied the basic material needs of all human beings, but bestowed regenerative grace solely upon the elect, whose redemption took pride of place in the divine master plan. The invisible Church of true believers, observed Calvin, was the ‘great work-room of God’, where ‘in a more especial manner’ He displayed His dominion; it was ‘the more immediate theatre of his glorious Providence.’” Ibidem.

¹³⁶ “Such is the mercifull goodnes of almightie God vpon his poore afflicted creatures, that though he suffer sometyme the Tyraunt to rage, and the Hypocrite to reigne for the iniquitie of the people, yet some tyme againe, the same hande of the Lorde whiche woundeth, healeth: that presseth, refreßeth: that striketh, salueth againe, to make amendes withall. what a sore and dreadfull hand of the Lorde in the primatiue tyme of the churche was sene vnder so many persecuting Emperours, and cruell consules? At length the Lord sent this mild Constantinus, to cease blood, to stave persecutiom, to refreshe his people. In much like maner what bitter blastes, what smarting stormes haue been felt in England duryng the space of certaine yeares, till at last Gods pitifull grace sent vs youre Maiestie to quenche fier brandes, to asswage rage, to releaue innocentes.” *Acts and Monuments* (1563), p. 12.

diz respeito também a uma certa leitura do passado romano. O *Acts and Monuments*, enquanto história eclesiástica de extensão quase enciclopédica, autorizava uma certa visão da história da Igreja na qual era preciso localizar e contextualizar suas influências romanas. Sendo um livro fortemente voltado a propor uma antítese histórica ao catolicismo romano, foi justamente a partir da história que Foxe empenhou-se em dispor uma narrativa que fundamentasse a persistência dos desígnios divinos ao manter pura uma semente de sua própria igreja desde os tempos primitivos. “Serviu para mediar a história romana no vernáculo tanto para os nobres quanto para os comuns por gerações adiante,”¹³⁷ afirma Michael Pucci, e em tal mediação pode-se observar um dos principais elementos da durabilidade e capilaridade do anticatolicismo atribuído ao *Acts and Monuments*.

A caracterização de Constantino no *Preface to the Queen*, portanto, evidencia um conjunto de tópicos essenciais a toda a história contida no *Acts and Monuments*. Tem-se a constatação da agência divina na história, expressa na ênfase da atuação providencial do próprio Deus ao instituir Constantino e guiá-lo a abraçar o cristianismo em favor de seus eleitos. Além disso, o caráter autoritativo da antiguidade era associado a uma leitura protestante da história romana, na qual Constantino figurava como elemento fundamental a uma purificação do passado romano, sendo uma antítese dos demais imperadores. A visão apocalíptica da história no *Acts and Monuments*, por sua vez, estabelecia a necessidade de princípios corporificados, de figuras históricas do passado cristão enquanto cumprimentos de profecias (*prolepsis*). Como afirma Michael Pucci, acerca das relações temporais implicadas no *Preface to the Queen* e em sua caracterização de Constantino:

“Dessa forma, Foxe assegura seus leitores e garante que eles estão não apenas antecipando o reinado de Constantino ao ler sobre as primeiras perseguições, mas também antecipando o futuro profético ao lerem sobre o passado antigo.”¹³⁸

Tal eleição e chamamento traziam consigo consideráveis responsabilidades, que, se bem cumpridas, poderiam resultar em bênçãos divinas. Constantino, por seu desempenho em cessar as perseguições aos cristãos e favorecer a Igreja, teve longo e próspero reinado, Foxe assinala: “O sucesso de seus negócios eu garanto que foi grande: e não temos nós mais motivos

¹³⁷ “It served to mediate Roman history in the vernacular for both nobles and commons for generations to come.” PUCCI, M.S. *Reforming Roman Emperors: John Foxe’s Characterization of Constantine in the Acts and Monuments*. In: LOADES, D. (ed.) Ashgate Publishing, 1999. *John Foxe: An Historical Perspective*. p.29-30.

¹³⁸ “In this way Foxe assures his readers and ensures that they are not only anticipating the reign of Constantine while reading about the first ten persecutions, but also anticipating the prophetic future while reading about the ancient past.” *Ibid*, p.33.

para dar louvores a Deus pelas maravilhosas obras realizadas através de vós?”¹³⁹ A prosperidade do reinado de Constantino, portanto, estava intimamente ligada à sua disposição em auxiliar a Igreja de Cristo, disposição essa que ainda não parecia tão própria de Elizabeth: “embora as tais Doações não tenham ainda surgido em dádivas dadas por vossa graça à Igreja, ainda assim a mesma ternura de coração em vossa Majestade não tem faltado.”¹⁴⁰ Diante da menção de Foxe à parcimônia de Elizabeth, voltemos a ela.

Pode-se dizer que, do trecho supracitado, por muito tempo fora comum que os historiadores enfatizassem apenas a segunda parte. A representação de Foxe como súdito leal e entregue ao louvor de sua soberana por muito tempo marcou os estudos sobre o *Acts and Monuments*. E a própria dedicatória do livro foi elencada como principal texto no qual se observaria a expressão de tal fidelidade. Como salienta Thomas Freeman, “embora essa dedicatória só tenha aparecido na primeira edição, tem sido frequentemente citada por autores que desejam representar Foxe como um propagandista real, ansioso por glorificar sua rainha.”¹⁴¹ Aqui Freeman se refere especialmente a Frances Yates¹⁴² e Roy Strong¹⁴³, a quem ele até se permite fazer uma polida, porém cuidadosa, concessão: “Ainda que essa dedicatória marque o breve apogeu do apreço de Foxe por Elizabeth, sombras inquietantes já estavam a pairar sobre a paisagem ensolarada.”¹⁴⁴

De fato, tais sombras já estavam a pairar, mas antes de tratarmos delas, é fundamental debruçarmo-nos sobre o tal apreço de Foxe por Elizabeth. Primeiramente, pode-se afirmar que a fragilidade do argumento de Yates e Strong reside, muito provavelmente, em uma leitura

¹³⁹ “The successe of his affayres I graunte was great: and no lesse haue wee to geue praise to God for þe maruelous workes brought to passe by you.” Ibid, p.30.

¹⁴⁰ “although the lyke Donations haue not yet appeared in giftes geuen by youre grace vnto the Church, yet the same care and tenderness of harte in youre Maiestie hathe not been lackinge.” *Acts and Monuments* (1563), p. 12.

¹⁴¹ “Although this dedicatory only appeared in the first edition, it has been frequently quoted by scholars who wish to portray Foxe as a royal propagandist, anxious to glorify his queen.” FREEMAN, T.S. Providence and Prescription: The Account of Elizabeth in “Foxe’s Book of Martyrs”. In: DORAN, S. FREEMAN, T. S. *The Myth of Elizabeth*. Palgrave Macmillan: 2003. p.32.

¹⁴² YATES, F. ‘Foxe as Propagandist’. In: *Ideas and Ideals in the Northern Renaissance, 1984. Astraea: The Imperial Theme in the Sixteenth Century*. Pimlico: 1975. Thomas Freeman assim exemplifica o argumento de Yates: “Frances Yates, claiming that the Acts and Monuments is a notable example ‘of the power of propagandist history in establishing and maintaining a régime’, also maintained that Foxe’s book was the source and inspiration of the symbolism by which Elizabeth justified her rule.” FREEMAN, p.28.

¹⁴³ “Roy Strong went even further, leaping breathlessly from one conclusion to another, in an attempt to link Foxe’s book to the celebrations honouring the anniversary of Elizabeth’s accession and thus to the official glorification of Elizabeth: ‘In 1571, coinciding with the rise of Accession Day festivities, convocation promulgated an order that a copy [of the Acts and Monuments] should be installed in every cathedral church that any one might come to read [it]’.” Ibidem.

¹⁴⁴ “Yet while this dedication marks the brief noonime zenith of Foxe’s regard for Elizabeth, unsettling shadows were already lengthening across this sunlit landscape.” FREEMAN, p.32.

equivocada da dedicatória de Foxe. Todo elogio a Elizabeth presente no prefácio deve ser cuidadosamente analisado em constante consideração ao gênero textual no qual o texto se inscreve. O *Preface to the Queen* é, acima de tudo, uma carta, cuja escrita era marcadamente descrita, prevista e ordenada de acordo com regras que, por sua vez, encontravam-se dispostas em diversos manuais. Além disso, trata-se de uma carta destinada a uma rainha, o que é ainda mais fundamental do ponto de vista das expectativas de sua recepção. Finalmente, o *Preface to the Queen* é uma dedicatória, o que deve nos lembrar, ainda mais, que este é um texto destinado a produzir determinados efeitos, dentre eles a constatação da honra de quem o escreve.

Em segundo lugar, é preciso considerar que até mesmo a crítica de Freeman a Yates e Strong, embora fundamental, pode ser incompleta. Isso porque, ao combater a tese de que Foxe teria sido um grande propagandista do *settlement* elisabetano, Freeman acaba por lhe atribuir uma gama complexificada e quase personalizada de motivações cuja totalidade e pertinência não dizem respeito ao texto, mas sim a uma intencionalidade projetada na imagem de Foxe como precursor do puritanismo. Além disso, toda a análise acerca das modificações operadas no texto da segunda edição, de 1570, parece elevar Foxe à posição de encarregado solo do “próprio” texto, responsável por expressar suas tais motivações nas intervenções que realiza. Essa caracterização de Foxe, como precursor do puritanismo e responsável por cada tipo trocado nas páginas de seus livros, mantém ignorada a participação não só de John Day, impressor encarregado das 4 primeiras edições do *Acts and Monuments*, mas também dos demais participantes dos processos de coleção, circulação, impressão e encadernação do livro.

O *Preface to the Queen*, acima de tudo, exemplificava um conjunto de práticas de patronagem que davam sentido à publicação de livros impressos na Inglaterra moderna. O *Acts and Monuments*, endereçado por meio de tal dedicatória à rainha inglesa, era também direcionado a outros - ao próprio Cristo, aos leitores católicos - por meio dos demais elementos paratextuais, tais quais o *Ad Christum Eucharisticom*, o *Kalender*, o *The Utility of this Story* e o *The Preface to the Persecutors*. A primeira edição do *Acts and Monuments*, afinal, era introduzida e apresentada a seus leitores por diversos materiais, cuja variedade se verá ainda mais aumentada e amplificada em edições posteriores, a serem estudadas nas seções seguintes.

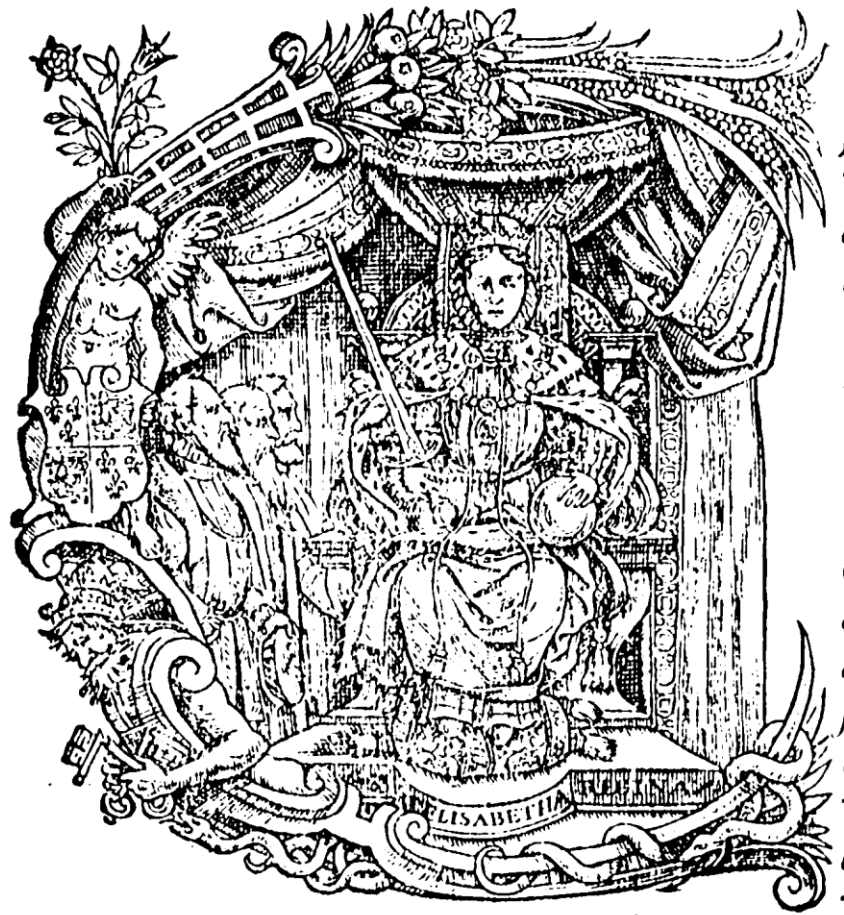


Figura 13 - Inicial capitular presente no Preface to the Queen. Destaque especial às três figuras representadas ao lado de Elizabeth. Trata-se de (da esquerda para a direita) John Day, John Foxe e William Cecil.

CAPÍTULO 2

Uma história eclesiástica em erratas, índices e questões: as edições de 1570, 1576 e 1583

2.1. Os caminhos da reimpressão: um velho poema para um novo livro

No ano de 1570, portanto, era publicada a segunda edição do *Acts and Monuments*. Seu lançamento já havia sido anunciado em 1564, um ano depois de publicada a primeira edição. Na coleção *Letters of the Martyrs*¹⁴⁵, impressa por Day, editada por Foxe e elaborada por Henry Bull, uma nota marginal já comunicava uma “próxima edição do livro dos mártires.”¹⁴⁶ Tal obra, esperava-se, seria ainda mais volumosa do que sua antecessora, corrigindo e revisando suas possíveis falhas e desacertos. Trataria de tempos ainda mais longínquos do que os referidos em 1563, cuja história se iniciava nos tempos de John Wycliffe. Dividida em dois volumes, a narrativa da edição de 1570 se iniciaria nos tempos primitivos da Igreja, em seu volume 1, e continuaria a partir do reinado de Henrique VIII indo até os dias da perseguição sob Maria I, em seu volume 2.

A ampliação do *Acts and Monuments*, agora uma obra em 2 volumes e 2.300 páginas, deve ser compreendida como o resultado final de um longo e conjunto esforço de seus elaboradores pela confecção de um livro autoritativo e irrefutável. A edição publicada em 1570 deveria expurgar sua antecessora das críticas católicas e reclamações que recebeu e, simultaneamente, constituir-se como uma obra ainda mais primorosa e sublime, consumando-se como “a edição perfeita” dos *Acts and Monuments*. E, embora repleta de contradições e improvisações cujas causas ainda se irão discutir, fato é que “nenhuma edição subsequente do *Acts and Monuments* receberia o escrutínio editorial despendido nessa edição.”¹⁴⁷ A necessidade e as implicações de tal cuidado rigoroso com a composição editorial do *Acts and Monuments*, em sua segunda edição, constitui objeto de análise fundamental do presente capítulo.

¹⁴⁵ Coleção de cartas atribuídas aos mártires do tempo de Maria I referidos no *Acts and Monuments*, editada por Henry Bull, conhecido de Foxe. EVENDEN; FREEMAN (2014), pp.129-134.

¹⁴⁶ “In the Letters of the Martyrs a marginal note appeared promising forthcoming material that ‘you shall read in the next edition of the boke of martyrs.’” EVENDEN; FREEMAN (2014), p.135.

¹⁴⁷ “No subsequent edition of the Acts and Monuments would receive the editorial scrutiny lavished on this edition.” Ibid. p. 175.

Pode-se dizer que, quanto a Foxe, a supervisão cuidadosa da produção do livro era parte importante de um esforço de reabilitação de seu prestígio enquanto autoridade letrada na Inglaterra. Seu livro, publicado em 1563, fora atacado por muitos autores católicos em uma profusão de críticas especialmente dirigidas às incorreções históricas nele contidas. Em 1565, Thomas Harding (1516-1572), padre católico e antigo apoiador da causa reformada, publicava na Antuérpia seu *A Confutation of a Book Entitled An Apology of the Church of England*, destinada a contrapor a obra *An Apology, or Answer in Defense of the Church of England* (1562) do célebre autor protestante John Jewel. Embora não se trate de uma obra inteiramente dedicada ao *Acts and Monuments*, Harding não se exime de caracterizá-lo como “aquele grande monturo de vossos fétidos mártires.”¹⁴⁸ No mesmo ano e na mesma cidade em que Harding publicava sua *Confutation*, Thomas Stapleton, letrado católico que após a ascensão de Elizabeth deixara a Inglaterra, lançava seu *A Fortress to the Faith*, juntamente com uma edição da *History of the Church of England* de Beda, combinação que deveria constituir, assim, uma história da igreja anglo-saxã mais fiel do que aquela presente no livro de Foxe.¹⁴⁹

Foi, contudo, no trabalho de Nicholas Harpsfield que a crítica católica ao *Acts and Monuments* ganhou maiores contornos de ambição acadêmica. Em sua obra dedicada a refutar a autenticidade dos *Magdeburg Centuries* (importante coleção de história eclesiástica medieval elaborada pelo protestante Matthias Flacius e publicada em 1559)¹⁵⁰, Harpsfield também se dedicava a contrapor a história contada no *Book of Martyrs*. O livro, intitulado *Dialogi Sex contra summi pontificatus, monasticae vitae, sanctorum, sacrarum imaginum oppugnatores, et pseudomartyres*, foi publicado em 1566, também na Antuérpia, por Christopher Plantin, renomado impressor da região. De suas 1000 páginas, 250 são dedicadas à edição de 1563 do *Acts and Monuments* e àqueles que Harpsfield denomina como “pseudo-mártires” de Foxe. Nele, é São Cipriano, em vez do modelo protestante sustentado na figura de São Estevão, o verdadeiro modelo do martírio cristão. E John Wycliffe, o mártir por excelência e nome de destaque na obra de Foxe, é então descrito como nada menos que um traidor.

Os ataques católicos à veracidade das histórias contidas no *Acts and Monuments* e à qualidade dos homens cujas vidas nele se narra foram fundamentais para a decisão de Foxe pela impressão de uma segunda edição. Tal empreendimento seria, por esse motivo, mais ambicioso e arrojado do ponto de vista editorial. Para refutar as críticas de seus adversários

¹⁴⁸ “that huge dunghill of your stinking martyrs (fol.14r)” KING, J. *Foxe’s Book of Martyrs and Early Modern Print Culture*. Cambridge University Press, 2006. p.253.

¹⁴⁹ EVENDEN; FREEMAN (2011) p.137.

¹⁵⁰ Matthias Flacius também participou ativamente do processo de compilação de manuscritos para a primeira edição do *Acts and Monuments*, em 1563.

católicos, Foxe precisaria remontar a tempos ainda mais longínquos do passado cristão, o que por sua vez demandava o uso de uma documentação ainda mais extensa. O volume ampliado da segunda edição do *Acts and Monuments*, assim, da parte de seu autor, era parte de sua resposta a seus acusadores, resposta essa que requeria mais pesquisa e mais documentos a serem compilados. Para Foxe, portanto, uma segunda edição de seu livro se tratava principalmente de reabilitar sua reputação como letrado protestante; para o impressor John Day, contudo, produzir uma segunda edição de um livro volumoso e complexo como o *Acts and Monuments*, à primeira vista, não parecia um caminho igualmente oportuno.

Sabe-se que a produção da primeira edição custou algumas boas oportunidades de negócio para Day. O tempo e os recursos dedicados à impressão dos *Acts and Monuments* lhe impediam de assumir novos trabalhos, tornando o sucesso do livro objeto de ainda maior necessidade e urgência para o impressor. O resultado de seu trabalho, embora tenha impressionado as autoridades elisabetanas e lhe provido o incremento de sua reputação como impressor, não foi tão financeiramente rentável quanto se poderia prever, pois seu tamanho extravagante o tornava caro demais para grande parcela da população. As poucas vendas da edição de 1563, assim, tornavam a publicação de um segundo livro ainda mais desvantajosa para Day. Na Inglaterra moderna, contudo, a produção de livros impressos nem sempre era regida pelas exigências e conveniências dos rendimentos comerciais; muitas vezes, as garantias de uma boa relação de patronagem com um nobre ou governante benevolente se sobrepunha à necessidade de rentabilidade imediata. Este foi o caso de John Day, que mais uma vez pode contar com o apoio de William Cecil para seu empreendimento de grandes riscos e grandes potencialidades.

O aumento do escopo cronológico do *Acts and Monuments*, pode-se dizer, foi em parte motivado pelas críticas de autores católicos e decerto possibilitado pela patronagem e ajuda de autoridades protestantes como William Cecil e Matthew Parker. Com o apoio de tais colaboradores, Day poderia dar início ao árduo processo de imprimir, de modo eficiente e adequado, as milhares de páginas necessárias ao projeto de Foxe. Assim, a segunda edição do *Acts and Monuments*, um livro em dois volumes, foi elaborada com base nos diversos manuscritos e demais documentos a que seu autor teve acesso, especialmente graças a Matthew Parker, então arcebispo de Canterbury, e que se dividiam em textos impressos no continente, fontes manuscritas, testemunhos pessoais e crônicas medievais. Para narrar sua história, que agora iria desde os tempos apostólicos até o reinado de Maria, o livro deveria ser consideravelmente aumentado em suas dimensões e conteúdos.

Tal extensão material também se fez ver em seus paratextos. Antes da abertura do volume principal, tem-se um novo conjunto de materiais preliminares: um novo prefácio inicial, intitulado *A Protestation to the whole Church of England*, um novo prefácio à rainha Elizabeth, agora denominado *The Epistle dedicatorie to the Queenes Majestie*, e um novo prefácio dirigido aos católicos, em forma de quatro perguntas, *Foure Questions propounded to the Papistes*. Além disso, o livro conta com duas tabelas nas quais se listam, respectivamente, os nomes dos autores citados no volume, *The Names of the Authors alleged in this booke*, e os nomes dos mártires cujas histórias compõem a narrativa do livro, *The names of the Martyrs in this booke conteined*, ambas dispostas em ordem alfabética. Em seguida às tabelas, tem-se um conjunto de duas páginas de poemas dedicatórios escritos em latim, dedicados a John Foxe, John Day e ao próprio *Acts and Monuments*. Imediatamente antes da abertura do volume principal, ainda, tem-se duas erratas, em que são listados os erros de impressão contidos no livro.

A supervisão empregada na configuração das páginas, dos tipos, das ilustrações e demais textos presentes na edição de 1570 não pode ser desatrelada da preocupação, compartilhada com ênfases distintas tanto por seu autor quanto seu impressor, com o valor de apresentação visual e editorial do *Acts and Monuments*. Para além da proeminência de suas ilustrações xilogravadas, a edição de 1570 pode ser compreendida e analisada tendo em vista o arranjo e a composição de seus materiais preliminares, últimos textos a serem impressos e adicionados ao livro, e cujas particularidades materiais e editoriais lançam luz à sua importância para os diferentes sentidos que a partir deles foram atribuídos ao *Acts and Monuments*.

Um bom exemplo da importância atribuída ao paratexto por Foxe e Day, nesta segunda edição, pode ser observado no caso dos versos a seguir:

“Olhe, mais um novo comentário sobre profetas
poderosos:
aumenta-se a glória, e é maior do que era antes.
Leitor, tens as histórias dos santos
e os tempos pérfidos de nossa era, e terrível
crime.
Com certeza a obra, embora de grande volume,
é digna de ser lida pela multidão piedosa
e aprovada pela posteridade.
Uma obra ainda maior emerge, admito:

as letras dos sábios são numerosas,
mas o estilo é similar em peso e arte”.¹⁵¹

Os versos acima fazem parte de um conjunto de poemas em latim que compõem a segunda edição do *Acts and Monuments*. Alguns deles foram compostos em honra a John Foxe, um outro a John Day, e outros, como o citado acima, dirigem-se à glória do próprio livro. Nele, a menção à dimensão da nova obra é feita em tom de defesa, justificando que o aumento do volume do livro não poderia ser tomado como sinônimo de decréscimo de sua qualidade: “as letras dos sábios são numerosas, mas o estilo é similar em peso e arte.” A dignidade e o valor do *Acts and Monuments*, supõe-se, a partir de tais versos, não teriam sido negligenciados ou impossibilitados pelo incremento volumoso de materiais à sua segunda edição. A obra, apesar de sua extensão, permanecia “digna de ser lida pela multidão piedosa e aprovada pela posteridade.”

Na verdade, o aumento do volume era apresentado como sendo parte de uma condição ainda mais digna e honrada a ser atribuída ao livro, agora em sua segunda edição. Sobre uma segunda publicação, “uma obra ainda maior”, o autor dos versos exclama que “aumenta-se a glória, e é maior do que o era antes”. Apresenta-se, aqui, a segunda edição do *Acts and Monuments*, e seu extenso volume de novos materiais adicionados, como sinal da glória e dignidade que, a partir de então, lhe deveriam ser ainda mais devidas. Há, ainda, mais uma consideração a ser feita quanto ao poema citado (Figura 14). Na edição de 1570 e nas subsequentes, ele é indicado como sendo de autoria de “*Rob.R*”, abreviação atribuída ao nome de Robert Recorde (1512-1558), conhecido matemático inglês e autor do célebre *The Castle of Knowledge* (1556).¹⁵² A presença de um poema escrito por um matemático e astrônomo em uma obra de martirologia e história eclesiástica é um exemplo tanto do caráter interdisciplinar das formas de conhecimento na cultura letrada quanto da participação ativa de John Day na produção dos materiais preliminares do *Acts and Monuments*. Isso porque, antes de seu envolvimento com Foxe, o impressor já era conhecido por publicar diversas obras de teor matemático, astronômico e geográfico.

¹⁵¹ “En iterum in magnos noua commentaria vates:/ Auctius & plus est, q" fuit antè decus./Sanctorum historias, & nostri perfida secli/ Tempora lector habes, terrificum scelus./ Dignum certè opus est, quamuis sit grande volumen./ Quod pia turba legat, posteritas probet./ Surgit opus (fateor) maius: numerosa sophorum est/ Littera, sed similis pondere & arte stylus.” In idem Argumentum. Rob. R. Tradução para a língua inglesa feita por John Wade, University of Sheffield, e disponível em: John Foxe’s The Acts and Monuments Online <https://www.dhi.ac.uk/foxe/index.php?realm=more&type=citation>.

¹⁵² RECORDE, Robert. *The Castle of Knowledge* (Londres, 1556). STC 115662.



Figura 14 - Poemas latinos incluídos na edição de 1570

Contudo, o que torna o caso deste poema especificamente significativo, para além da possível autoria de um astrônomo e matemático, diz respeito, na verdade, à data de falecimento de Recorde: 1558. Durante boa parte desse ano Foxe estava ainda em exílio na Basileia e Day ainda trabalhava para o impressor católico John Wayland. Na verdade, em 1558 Foxe ainda não havia nem mesmo publicado o *Rerum*, sua segunda martirologia latina, que só viria a ser lançada em agosto de 1559, um ano após a morte de Recorde. Seria impossível, dada a incongruência entre tais datas, que o poema de Recorde se referisse à segunda edição do *Acts and Monuments*, publicada em 1570. Assim, restam duas possibilidades: a abreviação “Rob.R.” não pode ser atribuída a Robert Recorde, o matemático, ou, sendo de sua autoria, tal poema foi deliberadamente inserido na edição de 1570, apesar da incompatibilidade das datas de sua morte e da publicação.

Infelizmente, a confirmação acerca da primeira hipótese é em parte impossibilitada pelas próprias edições posteriores do *Acts and Monuments*, nas quais o poema é sempre referenciado somente como sendo de autoria de “Rob.R.”. Além disso, a falta de registros de letrados do século XVI cujos nomes pudessem ser atribuídos a tal abreviação, havendo menções apenas a Robert Recorde, o matemático, acaba por reforçar a pressuposição de que a

¶ In idem Argumentum. Rob. R.

EN iterum in magnis noua comment. vi. s. v. ues:
 Auctius & plus est, q̄ fuit ante dccus.
 Sanctorum historis, & nostri perfida sceli
 Tempora lector habes, terrificumq; scelus.
 Dignum certe opus est, quamuis sit grande volumen,
 Quod pia turba legat, posteris atq; probet.
 Surgit opus (fateor) manus numerosa sopherum est
 Littera, sed similis pondere & arte stylus.

Crede

autoria dos versos contidos na edição de 1570 deva ser atribuída a sua pena. Tal conjectura, por sua vez, torna necessário que se questione as circunstâncias nas quais se deu a inserção de um poema que supostamente louva e exalta a edição de 1570 do *Acts and Monuments*, embora sendo-lhe em muito anterior. E é possível que tais condições sejam compreendidas, justamente, ao analisar-se as razões para a publicação de tal edição, bem como as particularidades de seu processo de produção.

Para além do caso particular do poema atribuído a Robert Recorde, deve-se ter em vista o próprio aumento do volume da edição e as implicações de tais arranjos editoriais para as edições subsequentes. O poema de *Rob. R* é, na verdade, apenas um exemplo de um conjunto de práticas e estratégias editoriais, encabeçadas principalmente por John Day, que caracterizariam não apenas a edição de 1570, mas também as duas edições posteriores nas quais autor e impressor ainda trabalhariam juntos, publicadas respectivamente em 1576 e 1583. Isso porque, em tais edições, permanecem tanto o poema de *Rob.R* quanto o conjunto no qual ele se insere, além de muitos outros prefácios e tabelas adicionados ao *Acts and Monuments* a partir da edição de 1570.

Os documentos, xilogravuras, histórias, índices e demais textos que renderam à edição de 1570 tamanho volume e dimensão podem ser compreendidos, portanto, à luz de outros materiais, como o poema citado. Materiais esses que, por sua vez, eram elaborados e organizados de modo a apresentar a edição a seus leitores como um livro ainda mais digno de ser lido e adquirido. A dimensão e a qualidade da nova edição, bem como a honra de seu autor, eram apresentadas e anunciadas em textos justamente como o poema mencionado, inserido em um conjunto anterior à abertura do volume principal, de forma que este fosse introduzido de maneira apropriada a seus leitores, compradores e patrocinadores. Indagar-se, assim, sobre a inserção do poema de *Rob.R* no paratexto da segunda edição do *Acts and Monuments* é um bom passo inicial para compreender não apenas as circunstâncias de publicação de um livro volumoso e polêmico na Inglaterra moderna, mas também, e principalmente, as práticas e estratégias editoriais que se tornaram características do livro em questão, e que foram fundamentais para seu processo gradativo de monumentalização.

Finalmente, quanto ao caso dos versos de *Rob.R*, resta dizer que, considerada a segunda hipótese mencionada, de que o poema seja de autoria de Robert Recorde, e que portanto tenha sido inserido no livro apesar da desarmonia das datas, pode-se afirmar que, se de fato tais versos foram escritos em honra a alguma obra de Foxe, tal obra só poderia ser, então, a segunda martirologia latina do autor, *Rerum*, publicada em 1559, e considerada como uma ampliação de seu antecessor, *Commentarii*, de 1556. Os versos, provavelmente escritos por Recorde em

1558, quando já era anunciada a publicação do livro, foram inseridos na edição de 1570 com o claro propósito de divulgá-la e apresentá-la como sendo uma obra ainda mais digna que sua antecessora. Tais versos, assim, provavelmente escritos em honra ao *Rerum*, publicado onze anos antes, podem ser considerados como uma dentre várias estratégias editoriais dos elaboradores do *Acts and Monuments*.

O caso do poema de *Rob.R*, portanto, é uma amostra instigante do modo como Foxe e Day se responsabilizaram, especialmente nessa segunda edição, pela configuração editorial e paratextual do *Acts and Monuments*. Mais do que isso, ele aponta para o conjunto de materiais paratextuais incluídos no livro como sendo objeto de atenção e perícia por parte do autor e do impressor, e cujas implicações são fundamentais para que se compreenda o desenvolvimento das demais edições do livro. O presente capítulo, portanto, se dirige à análise das edições de 1570, 1576 e 1583, obras nas quais Foxe e Day trabalharam juntos, no intuito de compreender as estratégias e arranjos editoriais empregados nos mais diversos gêneros textuais que integram o paratexto do livro.

2.2. *The Preface to the Queen* em 1570: riscos, críticas e uma carta de William Cecil

“Embora muitos tenham vendido bobagens frívolas e
Tolices inalteradas por um alto preço
Não duvides que irás recuperar o grande lucro que desejas,
Day, mesmo que os Monumentos estejam-te custando caro.”¹⁵³

Os versos anônimos acima, imediatamente posteriores ao poema de *Rob.R*, são dedicados a John Day. No poema, intitulado “*Ad Jo: Daium typographum*”, é contrastada a grandeza do *Acts and Monuments*, que exige de seu impressor cuidados e responsabilidades indizíveis, com a baixeza das publicações que, embora portadoras de conteúdos tolos, eram vendidas a altos preços. A recompensa prometida a Day no poema diz respeito, enfim, aos lucros futuros advindos do livro a que tanto se devotava.

¹⁵³ “Frivola quum multi deliramenta, meramque; / Stultitiam magno vendiderint pretio, / Ne dubita optato referes vel singula lucro / (Daie) licet magno stent Monumenta tibi.” *Acts and Monuments* (1570), p.20.

A dedicação de Day a esta segunda edição pode parecer, à primeira vista, ingenuamente corajosa. Era altíssimo o custo, - e, igualmente, o risco, - de se produzir um livro impresso com as dimensões do *Acts and Monuments*. Não apenas por seu tamanho, mas também pela complexidade de suas ilustrações e variedade tipográfica, além da constante preocupação em torno da quantidade de papel a ser utilizada. Publicar a primeira edição, em 1563, não foi tarefa fácil para o impressor, e muito menos o seria a publicação de uma segunda edição, poucos anos após a primeira. Acrescente-se a isso o fato de que a publicação de um livro de tal porte, uma edição após a outra, era algo quase inédito no mercado livreiro inglês,¹⁵⁴ e tem-se mais um fator a justificar o labor do impressor.

Os principais desafios implicados na produção de um livro como a segunda edição do *Acts and Monuments* diziam respeito, principalmente, a dois aspectos fundamentais da produção de livros impressos na Inglaterra moderna: papel e trabalhadores. A edição chegou a conter 2.300 páginas e aproximadamente 3.5 milhões de palavras¹⁵⁵, o que evidencia a inquestionável necessidade de se poupar papel na produção do livro. Além disso, tamanho volume de material exigia uma equipe de trabalhadoras ainda maior e mais qualificada do que seria preciso para outros tipos de publicação. A baixa oferta de compositores qualificados na Inglaterra era ainda um obstáculo adicional à formação do quadro de trabalhadores de Day. A clássica e já conhecida dificuldade enfrentada pelos impressores ingleses de se obter papel de qualidade adicionava-se, ainda, à legislação que limitava o número de trabalhadores estrangeiros a serem contratados por empregadores na Inglaterra a um máximo de 4.¹⁵⁶ Tais eram os principais obstáculos tidos por Day ao produzir a segunda edição do *Acts and Monuments*.

Além disso, deve-se considerar que o trabalho do impressor incluía ainda outras obras, de cuja produção dependia boa parte de seu sustento. A constante e imprevista aquisição e incorporação de materiais, que caracterizou a produção da edição de 1563, ainda viria a assombrar seus projetos, forçando-o a reorganizar todos os demais trabalhos em torno da

¹⁵⁴ “The publication of two editions of a work of this physical magnitude by the same printer, one edition following on the heels of the other, was unprecedented in the history of the English book.” EVENDEN; FREEMAN (2014) p.136.

¹⁵⁵ “Although he deleted a considerable amount of material found in the first edition, his additions increased the text’s length from 1.8 to 3.5 million words.” KING (2006) p.113.

¹⁵⁶ “Another problem which required support from the great and the good resulted from the shortage of skilled compositors and pressmen in England at the time. The current English law limited employers to hiring a maximum of four foreign workmen. However, in order to print Foxe’s work, Day would need up to half a dozen compositors and another three to six pressmen.” EVENDEN; FREEMAN (2014) p.163.

agenda de Foxe. A prioridade conferida ao *Acts and Monuments* fazia com que Day declinasse ou postergasse muitos projetos potencialmente lucrativos em prol da publicação do livro.

Os riscos intrínsecos à publicação de uma obra como o *Acts and Monuments* só poderiam ser compensados, assim, a partir da generosidade de um bom patrono, e o nome que aqui não pode deixar de ser citado é o de William Cecil, de quem Day recebeu garantias de assistência para a segunda edição do livro. Tal segurança teria sido um fator mais que considerável para sua decisão de responsabilizar-se por esse novo projeto, mesmo que as vendas da primeira edição não tenham sido motivo de comemoração para o impressor e sua equipe. Com as promessas da nova edição, podia-se crer que a coragem de Day, ainda que não necessariamente ingênua, não seria em vão.

O protagonismo de Cecil no apoio e sustento da produção do *Acts and Monuments* era conhecido desde sua primeira edição, publicada em 1563. Na dedicatória à rainha contida na edição em questão, o texto é iniciado com uma grande e elaborada inicial capitular representando a letra C, de Constantino, palavra que inicia o prefácio. Na edição de 1570, a mesma inicial permanece, agora introduzindo a palavra Cristo. Isso porque, de fato, tem-se uma nova dedicatória (Figura 15), um novo texto, absolutamente distinto do conteúdo presente na edição anterior. Nele, não mais menções a Constantino ou Eusébio, mas sim a defesa da dignidade do *Acts and Monuments* e do caráter providencial de sua elaboração e inspiração constitui-se como tema central da dedicatória, ainda dirigida a Elizabeth.

TO THE RIGHT VERTVOVS, MOST EX-

cellent and noble Princeffe Queene Elizabeth, our Dreade Lady, by the Grace of God, Queene of England, Fraunce and Ireland, defendour of Chrites Fayth and Gospel, and principall gouernour both of the Realme and also ouer the sayd Church of England and Ireland, vnder Chritt the supreme head of the same &c. *John Foxe* her humble subiect wytheth dayly increafe of Gods holy spirite and Grace, with long reigne, perfect health, and ioyful peace, to gouerne hys flocke committed to her charge, to the example of all good Princes, the comfort of hys Church, and glory of hys blessed name.



CHRIST the Prince of all Princes who hath placed you in your throne of Maiesty, vnder him to gouerne the Church and Realme of England, geue your royall highnes lög to sit, and many yeares to raigne ouer vs, in all flourishyng felicitie, to his gracious pleasure, and long lasting ioy of all your subiectes. Amen.

When I first presented these Acts and Monumentes vnto your maiesty (most deare soueraigne, Queene Elizabeth, our peaccable Salome)

which your maiesties rare clemency receaued in such gentle part: I well hoped, that these my trauailes in this kinde of writyng had bene well at an ende: wherby I might haue returned my studies agayne to other purposes, after myne owne desire, more fit then to write histories, especially in the English tounge. But certaine euill disposed persons, of intemperant tounes, aduersaries to good procedynges would not suffer me so to rest, fuming and freatyng, and raising vp suche miserable exclamations at the first appearng of the booke, as was wonderfull to heare. A man would haue thought Christ to haue bene new borne agayne, and that Herode with all the Citie of Ierusalem had bene in an vprore. Such blustryng and styrring was then against that poore booke through all quarters of England, euen to the gates of Louaine: so that no English Papist almost in all the Realme thought him selfe a perfect Cathulicke, vnlesse he had cast out some word or other, to geue that booke a blow.

Wherupon considering with my selfe what should moue them thus to rage, first I began with more circumspect diligence to ouerlook agayne that I had done. In searchyng wherof I founde the fault both what it was, and where it lay: which was in dede, not so much in the booke it selfe (to say the truth) as in an other certeine priuy mystery and working of some: of whom Ioannes Auentinus shall tell vs, in his owne wordes, and shew vs who they be: Quibus, inquit, audiendi quæ fecerint, pudor est: nullus faciendi, quæ audire erubescunt. Illic vbi opus nihil verentur: hic vbi nihil opus est, ibi verentur. &c. Who being ashamed belike to hear their worthy stratagemes like to come to light, sought by what meanes they might, the stopping of the same. And because they could not woork it per brachium seculare, by publicke authoritie (the Lord of heauen long pre-

John Foxe

Figura 15 - The Preface to the Queen (ed. 1570)

O título do prefácio já indica, por sua vez, o novo tom adotado por Foxe ao caracterizar a monarca. Elizabeth, no prefácio de 1563, era “defensora da fé, e *suprema* governante do dito Reino da Inglaterra e Irlanda, segunda após o Senhor, tanto em questões eclesiásticas, quanto ao que pertence ao estado temporal.” Em 1570, porém, ela é tida como “*principal* governante tanto do Reino quanto da dita Igreja da Inglaterra e Irlanda, sob Cristo o supremo cabeça da

mesma.” Tal substituição, de suprema por principal, prenuncia a ênfase conferida ao teor providencial da ascensão de Elizabeth, em parte relacionada ao sentimento generalizado de insatisfação compartilhado por muitos protestantes, dentre eles o próprio Foxe, com a condução das políticas religiosas operadas na Igreja inglesa desde a chegada da monarca ao trono.

Foxe era conhecido crítico do posicionamento de Elizabeth quanto à controvérsia sobre as vestimentas clericais, que aqueceram o debate teológico inglês em fins da década de 1560.¹⁵⁷ Não seria implausível que sua dedicatória à rainha, inserida na segunda edição do *Acts and Monuments*, evidenciasse, ainda que não de maneira direta, sua frustração com o que protestantes como ele consideravam como reminiscências papistas ainda a serem expurgadas da Igreja da Inglaterra. No *Preface to the Queen*, por sinal, tais resquícios de doutrina papista são contrastados tanto à ênfase na primazia divina e cristocêntrica do governo da Igreja inglesa quanto à desonestidade das críticas que a primeira edição do livro de Foxe havia recebido anteriormente.

De fato, quanto à edição de 1563, Foxe afirma em sua dedicatória que “certas pessoas dispostas ao mal, de línguas intempestivas, adversários do bom procedimento não me permitiram descansar [...] de modo que quase nenhum Papista Inglês poderia pensar-se como perfeito Católico, a não ser que tivesse lançado uma palavra ou outra para atacar o livro.”¹⁵⁸ Segundo ele, a principal razão para as críticas ferinas que recebeu residia na vergonha não admitida de seus próprios adversários, “que sendo envergonhados ao ver seus estratagemas sendo trazidos à luz, buscaram por quaisquer meios que puderam, a cessão dos mesmos.”¹⁵⁹ O orgulho e o vexame dos papistas, de acordo com Foxe, era a principal raiz de todos os ataques dirigidos a seu livro, ataques esses caracterizados por um forte teor bibliográfico.

Segundo Foxe, a mesma onda de críticas e perversões por parte dos autores católicos teria ocorrido nos tempos de Henrique VIII, pai de Elizabeth, quanto à publicação das primeiras Bíblias inglesas, “quando eles não puderam nem por manifesta razão ganhar a questão contida no livro, nem ainda suportar a publicação, então procuraram por um treinamento sutilmente

¹⁵⁷ Como afirma Karl Gunther: “A fixture in histories of the English Reformation, the vestments controversy was a formative moment in the religious and political history of early modern England.” GUNTHER (2014), p.190.

¹⁵⁸ “But certaine euill disposed persons, of intemperant tounge, aduersaries to good procedynges would not suffer me so to rest, fuming and freatyng, and raising vp suche miserable exclamations at the first appearyng of the booke, as was wonderfull to heare [...] Such blustryng and styrring was then against that poore booke through all quarters of England, euen to the gates of Louaine: so that no English Papist almost in all the Realme thought him selfe a perfect Catholicke, vnlesse he had cast out some word or other, to geue that booke a blow.” *Acts and Monuments* (1570), p.7.

¹⁵⁹ “Who beyng ashamed belike to hear their worthy stratagemes like to come to light, sought by what meanes they might, the stopping of the same.” *Ibidem*.

elaborado perverter a tradução, notas e prólogos existentes, contendo o rei em suas mãos, e todo o povo, alegando nela haver milhares de mentiras.”¹⁶⁰ Para além do fato de que Henrique VIII não era precisamente conhecido pelos protestantes elisabetanos como um monarca exemplar na defesa de seus ideais, tem-se aqui, na verdade, uma consideração importante acerca do aspecto editorial dos ataques católicos notado por Foxe, bem como de uma sutil aproximação do caráter de seu livro com as próprias Escrituras Sagradas.

A perversão de “tradução, notas e prólogos” indicada por Foxe como ocorrida nos tempos de Henrique VIII contra a Bíblia muito se assemelha, pode-se dizer, ao tipo de crítica dirigida a seu próprio livro. Dentre os materiais mais atacados da edição de 1563 do *Acts and Monuments* tem-se o *Kalender*, fortemente censurado por sua aparência demasiado semelhante aos calendários litúrgicos tradicionais católicos. Em 1604, ademais, Robert Parsons, renomado jesuíta inglês e reitor do English College em Roma, publicaria em seu *A Treatise of Three Conversions of England from Paganism to Christian Religion*, sob o pseudônimo de Nicholas Doleman, uma severa e organizada crítica ao *Acts and Monuments*. O principal objeto de reprovação consistia na disposição de folhas e conteúdos do livro: enquanto os 200 anos da Igreja inglesa nos tempos primitivos e o primeiro milênio da história cristã receberam, respectivamente, apenas 8 e 64 folhas, os 50 anos do século XVI renderam 600. Tal desproporção editorial foi considerada por Parsons como sinal da fraqueza argumentativa da história contada por Foxe.

Embora a crítica de Parsons seja posterior até mesmo à morte de Foxe, ataques semelhantes foram apontados pelo autor em sua própria época, a que ele alega ter respondido com ainda mais empenho e trabalho do que dedicara à primeira edição: “Por isso eu aceitei tais dores, e retornei a meus labores ao trabalhar novamente a história: fazendo aqui como fez Penélope com sua teia, desfazendo o que ela havia feito antes: ou como fazem muitas vezes os construtores, que erguem e derrubam, seja para transpor o estilo, ou para alargar as fundações.”¹⁶¹ Tal trabalho de reparação e aperfeiçoamento não deixou de ser assinalado no livro, cujo texto principal era antecedido por um conjunto de erratas (Figura 16), nas quais se apontavam os erros de impressão existentes no volume. A primeira errata, na qual é listada uma

¹⁶⁰ “when they neither by manifest reason could gainstand the matter contained in the booke, nor yet abide the comming out therof, then sought they by a subtile deuised traine to depraue the translation, notes, and prologues therof, bearing the king in hand, and all the people, that there was in it a thousand lyes.” *Acts and Monuments* (1570), p.7.

¹⁶¹ “Therefore haue J takē these pains, & reiterated my labors in trauallyng out the story againe: doying herein as Penelope did with her webbe, vntwistyng that she had done before: or as builders do sometimes, which build and take downe again, either to trāspose the fashion, or to make the fōudation larger.” *Acts and Monuments* (1570), p.7.

“Correção de certas faltas, defeitos, e descuidos em ambos os volumes cometidos, e assim por serem corrigidos”, indica as folhas, colunas e linhas nas quais podem se encontrar erros pontuais de impressão presentes no livro. Em seguida tem-se uma lista de “Certas precauções do Autor para o Leitor, de coisas a serem consideradas na leitura desta história”, em que Foxe indica um conjunto de observações necessárias para a correta leitura do livro, tais quais algumas correções e explicações sobre certos trechos específicos.

As erratas adicionadas a essa segunda edição devem ser compreendidas como partes importantes do projeto geral de aperfeiçoamento do *Acts and Monuments*, justificado no próprio *Preface to the Queen*. Ironicamente, elas também evidenciam as dificuldades implicadas no processo de produção do livro, no sentido de serem resultado da pressa e da constante aquisição de novos materiais que caracterizaram a impressão do volume, e que tornavam ainda mais complexo o trabalho de coordenar e incorporar textos ainda mais numerosos e diversos do que os presentes na edição anterior.

notas marginais e referências também demonstram os diversos níveis de mediação da leitura proposta na segunda edição do *Acts and Monuments*.

A mediação da leitura, evidente nas intervenções editoriais empregadas no livro, se dava de forma ainda mais manifesta na ênfase de Foxe em apresentar seu livro como escrito na “língua popular.” É o que ele escreve a Elizabeth, “que embora a história seja escrita em língua popular, servindo não tão bem à vossa leitura, e também à dos letrados: ainda assim eu desejo tanto que vós e eles considerem nisso a necessidade do inculto rebanho de Cristo submetido ao vosso governo nesse Reino da Inglaterra.”¹⁶² Tanto os letrados quanto a própria rainha, leitores do latim, deveriam ver na escrita do *Acts and Monuments*, dada na língua inglesa, a qual o “inculto rebanho de Cristo” poderia acompanhar, um empreendimento pastoral cuja importância seria inquestionável. A acessibilidade dos conteúdos do *Acts and Monuments*, majoritariamente escrito no vernáculo, era parte fundamental de sua elaboração enquanto livro que se pretendia simultaneamente autoritativo e acessível aos *illiterati*.

Outro aspecto que tornaria a leitura do *Acts and Monuments*, segundo Foxe, algo imprescindível aos fiéis ingleses, era o gênero a que o livro pertencia. Tratava-se, sobretudo, de uma história eclesiástica, cuja importância para a Igreja Inglesa Foxe defende e justifica como sendo próxima do próprio Evangelho:

“E assim tendo ouvido da virtuosa inclinação de vossa Majestade, que providente cuidado, e zelo cheio de solicitude tendes vós, dispondo-vos (rapidamente creio eu) a fornecer todos os cantos desse vosso Reino com a voz do Evangelho de Cristo, e fiel pregação de sua palavra, pensei eu ser não apenas proveitoso unir a vosso piedoso proceder, e ao ofício do ministério, também o conhecimento da história Eclesiástica, que em para mim não deve ser separada do mesmo: pelo primeiro [Evangelho de Cristo] o povo pode aprender as regras e preceitos da doutrina: e pelo outro eles podem dispor de exemplos da poderosa ação de Deus em sua igreja, para confirmação de sua fé, e edificação da vida Cristã.”¹⁶³

A história eclesiástica era um domínio fundamental para a defesa da autoridade do protestantismo, e principal campo de batalha entre letrados protestantes e católicos. Embora

¹⁶² “And though the story being writtē in the popular tounge, serueth not so greatly for your owne peculiar reading, nor for such as be learned: yet I shall desire both you and them, to consider in it the necessitie of the ignorant flocke of Christ committed to your gouernement in this Realme of Englād.” *Acts and Monuments* (1570), p.8.

¹⁶³ “And therefore hearyng of the vertuous inclination of your Maiesty, what a prouident care, and zeale full of solicitude you haue, mindyng (speedely I trust) to furnish all quarters and countreyes of this your Realme with the voyce of Christes Gospell, and faithfull preachyng of his word, I thought also not vnprofitable to adioyne vnto this your godly procedings, and to the office of the ministery, the knowlege also of Ecclesiasticall history, which in my mind ought not to be separate from the same: that like as by the one the people may learne the rules and preceptes of doctrine: so by the other they may haue examples of Gods mighty working in his church, to the confirmation of their faith, and the edification of Christiā life.” *Ibidem*.

campo de estudo cujo alcance circunscrevia especialmente letrados e estudiosos eclesiásticos, Foxe insiste em reconhecer o potencial pedagógico e pastoral da história eclesiástica se ministrada às classes incultas. Seu livro, escrito na língua popular e, principalmente, contendo uma história da Igreja verdadeira desde os tempos apostólicos, seria assim o elemento fundamental para uma genuína reforma da Igreja inglesa. O caráter exemplar do ensino da história eclesiástica, segundo Foxe, seria frutífero para o germinar de uma verdadeira e piedosa espiritualidade no seio da Igreja da Inglaterra:

“Pois quando observamos qual luz e proveito foram trazidos à Igreja por histórias nos tempos antigos estabelecidos pelos Juízes, Macabeus e Atos dos Apóstolos depois do tempo de Cristo: então da mesma forma redundará em não pouco proveito na Igreja, o conhecimento dos Atos dos Mártires de Cristo agora desde o tempo dos Apóstolos.”¹⁶⁴

Tanto a língua popular na qual foi impresso, quanto as histórias e exemplos contidos em suas páginas, tornavam o *Acts and Monuments* um livro de valor inestimável para os esforços de reforma espiritual a que Foxe dedicava sua vida. O proveito que a leitura de seu livro forneceria à Igreja inglesa seria considerável tal qual o fruto gerado pela leitura das próprias Escrituras. Os Atos e Monumentos deveriam ser, assim, tão solenes e indispensáveis ao público inglês quanto eram os Atos dos Apóstolos. Tem-se aqui uma afirmação inequívoca do status litúrgico e sacramental a que tendia a publicação do *Acts and Monuments*, o que se observava desde sua primeira edição. Como a própria Bíblia, o livro de Foxe, além de divinamente inspirado, deveria ser também acessível aos iletrados e incultos.

Tal acessibilidade, contudo, não dizia respeito necessariamente aos meios de aquisição do livro. Seu tamanho volumoso e a complexidade de sua produção o tornavam desmedidamente caro para grande parte da população londrina a que supostamente se dedicava. Seus reais compradores enquadravam-se nos altos postos da sociedade elisabetana, ocupada por ricos comerciantes e autoridades eclesiásticas e políticas. Um livro de martirologia e história eclesiástica, com as proporções e conteúdos presentes no *Acts and Monuments*, seria decerto inacessível, tanto material quanto intelectualmente, para boa parte dos cidadãos ingleses. Para entender como, apesar de seu preço alto e conteúdo relativamente ininteligível

¹⁶⁴ “or as we see what light and profite commeth to the Church by histories in old tymes set forth of the Iudges, Kinges, Machabeis, and the Actes of the Apostles after Christes tyme: so likewise may it redound to no small vse in the Church, to know the Actes of Christes Martyrs now since the time of the Apostles.” *Acts and Monuments* (1570), p.8.

para boa parcela da população inglesa, o livro configurou-se como parte fundamental das sensibilidades religiosas protestantes por décadas, logrando ser direcionado às camadas mais populares, é preciso voltar-se novamente à figura de William Cecil.

A vida de William Cecil (1520-1598), pode-se dizer, coincidiu com momentos decisivos da história inglesa no século XVI. Figura fundamental da vida política na Inglaterra desde o reinado de Henrique ao de Elizabeth, Cecil foi também conhecido investidor e apoiador de diversos projetos científicos e literários. Seu nome consta na lista de investidores da expedição dirigida por Sebastian Cabot em direção a *Cathay*, nome alternativo para a China no século XVI, e que acidentalmente deu origem às relações comerciais entre Inglaterra e Rússia em 1553.¹⁶⁵ Anteriormente, como secretário do jovem Eduardo VI, Cecil também foi um dos principais articuladores dos acordos comerciais entre Londres e Antuérpia, tão necessários à prosperidade dos mercadores ingleses entre as décadas de 1540 e 1550.¹⁶⁶ Seu interesse por projetos promissores, especialmente do ponto de vista comercial, era notável. Igualmente evidente também era seu fervor e dedicação à causa protestante. Contudo, nem seu entusiasmo por empreendimentos comerciais nem seu zelo pela reforma eclesiástica devem ofuscar, por sua vez, sua atitude de político e estadista:

“Não há razões para se duvidar que ele era [...] de coração sinceramente ligado à fé protestante; porém antes de tudo, ele era um estadista que procurava erguer e fortalecer a Inglaterra por meios políticos, e usou a religião, como o fez com outros instrumentos, para atingir o objetivo que tinha em mente.”¹⁶⁷

Pode-se, assim, atribuir o apoio de Cecil à produção e publicação do *Acts and Monuments*, especialmente em sua segunda edição, a uma frutífera mistura de sua habilidade como investidor, de sua convicção pessoal no protestantismo e do discernimento apurado acerca de seu papel como estadista e principal conselheiro de Elizabeth. Fato é que o livro foi fartamente divulgado por vários pontos da Inglaterra graças à atuação de Cecil e seus subordinados. Uma carta do Privy Council de 27 de novembro de 1570 é o exemplo absoluto

¹⁶⁵ Como afirma Stephen Alford, sobre a expedição à China encabeçada por Cathay e financiada pela Muscovy Company: “Experienced and astute men invested, including Sir William Cecil, King Edward’s secretary and Northumberland’s right-hand man [...] Cecil was a supporter of Cabot’s enterprise, buying a share in the company in March 1553.” ALFORD, S. *London’s Triumph: Merchant Adventurers and the Tudor City*. Penguin Books: 2018, p. 69.

¹⁶⁶ Idem, p.60.

¹⁶⁷ “That he was at heart, at all events in his later years, sincerely attached to the Protestant faith, there is no reason to doubt; but before all things, he was a statesman who sought to raise and strengthen England by political means, and used religion, as he used other instrumentalities, to attain the object he had in view.” HUME, M.A.S. *The Great Lord Burghley: A Study in Elizabethan Statecraft*. Londres: James Nisbet & Co, 1898, p.

de sua atuação na promoção do livro pelos quatro cantos da Inglaterra. Endereçada aos arcebispos de Canterbury e York e ao bispo de Londres, a carta os admoesta a não medir esforços para que “o dito livro seja tido em todas as igrejas, salões ou da forma como pareça melhor às vossas razões, de modo que seja feito público e chegue às mãos e ao conhecimento de todos os bons súditos de sua majestade.”¹⁶⁸

As cartas enviadas a Canterbury e Londres não sobreviveram, e a única cópia restante, enviada a York, foi mantida por acidente.¹⁶⁹ Além disso, sabe-se que a carta não consta nos próprios registros do Privy Council do ano de 1570, o que pode ser explicado pelo fato de que o conselho estava, naquele ano, acompanhando a Rainha em viagens e visitas, “e o fato de que estava em movimento pode ajudar a explicar por que a manutenção de registros era tão esporádica.”¹⁷⁰ Pode-se dizer, como confirmam Evenden e Freeman, que “a ausência da carta dos registros do Privy Council, então, não é nem particularmente incomum e nem deveria lançar dúvidas sobre sua autenticidade.”¹⁷¹

Para além das circunstâncias de sua preservação, contudo, o conteúdo da carta lança luz a aspectos fundamentais da recepção da segunda edição do *Acts and Monuments*. Nela, os signatários, dentre os quais se destaca o próprio Cecil, encorajam os arcebispos de Canterbury e York e o bispo de Londres a “usar vossos bons e favoráveis meios como melhor pudéreis, tanto para ordenar que o tal livro seja tido em todas as igrejas, salões ou como vos parecer melhor às vossas razões.”¹⁷² Tal requerimento era justificado, na carta, porque a leitura do *Acts and Monuments* era questão “muito proveitosa para trazer os súditos de vossa majestade à boa opinião, ao bom entendimento, e assim a um caro apreço pelo presente governo deste reino

¹⁶⁸ Trecho da carta: “We have therefore thought good for the consyderacons abovesayd and partly also for the relief and encouragement of the poer man himself, having bestowed so great adventure and charges in so honest a travaill, to desire your lordships to use such your good and favorable meanes as you best may, eyther by taking order that the same booke be had in all churches, halles or or otherwise as to your wisdomes shall seme metest, so as yt may be made publicque and come to the handes and knowledge of all hir majesties good subiectes generally.” Conforme presente em: EVENDEN, E; FREEMAN, T. Print, Profit and Propaganda: The Elizabethan Privy Council and the 1570 Edition of John Foxe’s ‘Book of Martyrs’. *The English Historical Review*, Vol.119, No. 484 (Nov, 2004), p.1292.

¹⁶⁹ “It is now in part three of the second of the Institution Act Books of York, which contains original records of institutions to benefices, subscriptions of the clergy and records of ordinations for the years 1568-1572. The York copy is included among these documents because, on the reverse side of the Privy Council’s letter is the record of an institution to the parish Wollaston (Notts.) on 8 December 1570. Clearly the registrar, or one of his clerks, used the blank reverse side of the letter to record the institution to Wollaston and the letter was only preserved because of this oversight and because of the determination of the York authorities to maintain a complete record of institutions in the diocese.” Ibid, p.1290.

¹⁷⁰ “The Privy Council accompanied the Queen on her progress during the summer and autumn of 1570 and the fact that it was on the move may help to explain why the record keeping was so sporadic.” Idem, p.1292.

¹⁷¹ “The letter’s absence from the Privy Council register then, is neither particularly unusual nor should it cast any doubt on its authenticity.” Ibidem.

¹⁷² “to use such good and favorable meanes as you best may, eyther by taking order that the same booke be had in churches, halles, or or otherwise to your wisdomes shall seme metest.” Ibidem.

pelo verdadeiro ensaio e conferência dos tempos passados.”¹⁷³ A colocação do livro nas igrejas e salões de tais autoridades deveria, portanto, torná-lo “público e fazê-lo chegar às mãos e ao conhecimento de todos os bons súditos de vossa majestade.”¹⁷⁴

Carecendo de força legal, e não tendo sido adicionado aos cânones da Convocação de 1571, que por sua vez nem mesmo foram assinados por Elizabeth, o pedido contido na carta de 27 de novembro de 1570 não teve peso de lei para seus destinatários. Isso não significa, entretanto, que não fora atendido. Como afirma John King, sabe-se que o *Acts and Monuments*, “reverenciado por muitos protestantes como um livro ‘sagrado,’ era frequentemente colocado junto à Bíblia para a leitura de pessoas comuns em muitos locais públicos incluindo catedrais, igrejas, escolas, bibliotecas, guildas e pelo menos uma hospedaria.”¹⁷⁵ Era comum, ainda, que cópias do livro fossem doadas a bibliotecas e demais instituições, prática cuja função comemorativa “corresponde ao memorialismo inerente da coleção enciclopédica de documentos de Foxe acerca da história da Cristandade ocidental.”¹⁷⁶

Apesar de, com efeito, não ter havido uma determinação legal do governo elisabetano que tornasse obrigatória a colocação de uma cópia do *Acts and Monuments* junto à Bíblia em cada igreja inglesa, e embora a carta do Privy Council se referisse apenas a autoridades eclesiásticas e suas respectivas *households*, fato é que muitas igrejas o fizeram. Apesar de todos as contrariedades envolvidas no caso da carta e de seu pedido, a discussão tem o mérito de apontar para a variedade dos usos litúrgicos assimilados à recepção do *Acts and Monuments*, que foi em muitos lugares, espontaneamente associado à própria Bíblia Sagrada.

A distribuição de cópias do *Acts and Monuments* foi o resultado, primordialmente, da atuação de William Cecil, seja ao patrocinar a impressão do livro, seja ao mobilizar importantes autoridades eclesiásticas a contribuírem em seu esforço de divulgação da obra em suas *households* e paróquias. A espontaneidade de doações de cópias a bibliotecas, de maneira especial, demonstra a persistência de formas de apreço voluntário difundidas entre protestantes

¹⁷³ “The matter whereof being very profitable to bring hir majesties subiectes to good opynion, understanding, and dere liking of the present government of thes realme by trewe rehearsall and conference of tymes past.” Ibidem.

¹⁷⁴ “[...] so as yt may be made publicque and come to the handes and knowledge of all hir majesties good subiectes generally.” Ibidem.

¹⁷⁵ “Reverend by many Protestants as a ‘holy’ book, it was frequently chained alongside the Bible for reading by ordinary people at many public places including cathedrals, churches, schools, libraries, guildhalls, and at least one inn.” KING (2006), p.1.

¹⁷⁶ “The commemorative function of donated copies of the Book of Martyrs corresponds to memorialism that is inherent within Foxe’s encyclopedic collection of documents concerning the history of western Christendom.” Ibid, p.6

ingleses, e aponta para modos de monumentalização do livro que ainda serão melhor analisados a seguir.

Resta afirmar, ainda, que à época de sua segunda edição, o *Acts and Monuments* já era reconhecidamente promovido por autoridades eclesiásticas como Cecil e Parker, e que tal apreço oficial deve ser sempre considerado ao se tratar sobre o processo de monumentalização do livro, cuja publicação e distribuição foram viabilizadas justamente por tais autoridades. William Cecil desempenhou papel fundamental na distribuição e oficialização do *Acts and Monuments*, e seu protagonismo indica de forma clara as relações existentes entre autores, impressores e autoridades políticas do reinado de Elizabeth. Porém, é a outra autoridade elisabetana que deve ser associado o incremento de material e escopo concretizado na edição de 1570. Na verdade, grande parte da pesquisa empreendida por Foxe, e do auxílio prestado a Day na impressão, deve ser atribuída a Matthew Parker (1504-1575), que ocupou o Arcebispado de Canterbury de 1559 até 1575. De fato, foi Cecil o principal articulador dos esforços envolvidos na distribuição do livro, mas foi graças a Parker que a execução da segunda edição, com seu escopo expandido e volume aumentado, foi em primeiro lugar possível, e é a sua atuação que se dedicará a seção seguinte.

2.3. A *Protestation to the Church of England*: Matthew Parker e os artífices do protestantismo inglês

Foi John Foxe o autor e pregador do sermão da Sexta-feira Santa ministrado em St. Paul's Cross, na Páscoa de 1570. O sermão foi também impresso e rapidamente publicado por Day, em algumas folhas de papel restantes das últimas etapas de impressão do *Acts and Monuments*. Ao final do sermão, Foxe adicionou um posfácio aos papistas, porque, segundo ele, teria restado ali “uma página vazia de papel em branco.”¹⁷⁷ O posfácio contém uma defesa da doutrina da justificação pela fé antecedida por um conjunto de ataques à teologia católica. O sermão, intitulado, *A sermon of Christ crucified*, conjugava as atenções tanto pastorais quanto apologéticas de Foxe.

O apoio oficial de autoridades elisabetanas ao *Acts and Monuments* e seu autor, observável a partir da carta do Privy Council, pode também ser exemplificado pelo sermão em

¹⁷⁷ “Foxe seems to have been working in Day’s printing house on this edition, since at the end of the sermon he added a ‘Postscript to the Papists’, because ‘here remaineth behind an emptie page of white paper.’” EVENDEN; FREEMAN (2014), p.233.

questão. Foi a convite de Edmund Grindal, então arcebispo de York e seu amigo de longa data, que Foxe pode subir ao púlpito de St. Paul's Cross em um dos dias mais sagrados do calendário cristão. A ênfase soteriológica de seu sermão, voltado especialmente a uma exposição da doutrina da justificação pela fé, aponta para a preocupação pastoral tão característica de seus escritos, e que se torna ainda mais manifesta em sua folha de rosto, que indica ter sido o tal sermão “escrito e dedicado para todos aqueles que pelejam e têm fardos na consciência, a fim de ser lido para seu conforto espiritual.”¹⁷⁸ Com o apoio de autoridades eclesiásticas elisabetanas como Grindal, assim, Foxe lograva seus intuitos espirituais para com os membros da Igreja da Inglaterra.

De fato, é à Igreja Inglesa que ele dedicou um dos prefácios da segunda edição do *Acts and Monuments*. Trata-se de uma petição “À verdadeira e fiel congregação da Igreja universal de Cristo, com todos e cada um de seus membros, onde quer que estejam congregados, ou espalhados pelo Reino da Inglaterra,” na qual se tem “uma explicação ou petição do autor, desejando a mesma abundância de toda paz e tranquilidade, com a pronta vinda de Cristo o esposo, para dar fim à toda miséria mortal.” No título do prefácio se unem, a propósito, dois dos principais temas tratados ao longo do texto: a constituição da verdadeira Igreja de Cristo, a quem se dedicam os dizeres de Foxe, e as repercussões históricas e apocalípticas do conflito entre tal comunidade e seus algozes, representados pela Igreja de Roma.

Tanto o *Protestation to the Church*, prefácio incluído na segunda edição do *Acts and Monuments*, quanto o sermão pregado em St. Paul's Cross, por sua vez, apontam para o protagonismo das inclinações pastorais de Foxe, especialmente observável nos trabalhos que desenvolveu na década de 1570. De fato, era um tempo turbulento, em que o settlement elisabetano era marcado por ambiguidades doutrinárias e conflitos políticos que lhe expunham suas principais fragilidades. Desde a década anterior, a Inglaterra encontrava-se envolvida em embates com a França e a Escócia, vindo ainda a Espanha a tornar-se sua principal adversária militar. Internamente, ao norte, rebeliões de nobres favoráveis à ascensão de Maria Stuart ameaçavam a ordem do reino. Em 25 de fevereiro de 1570, a bula papal emitida pelo papa Pio V, *Regnans in excelsis*, condenava a autoridade e a fé de Elizabeth, oficializando sua excomunhão, além de desobrigar os súditos católicos que vivessem sob seu governo de se submeterem a sua soberania. Assim, o reino se via dividido, no início da década, por controvérsias teológicas que colocavam em xeque a legitimidade da própria instituição da Igreja Inglesa.

¹⁷⁸ Ibidem.

Para muitos de seus súditos e ministros protestantes, causava receio e incerteza a dubiedade das tendências devocionais e teológicas de Elizabeth, que oscilava entre a defesa de sua supremacia real e seu conservadorismo quanto às reformas eclesiásticas defendidas por protestantes mais radicais. Pode-se dizer que, “porque deplorava extremistas de ambos os lados da divisão religiosa, para alguns isso lhe denotava falta de convicção em assuntos espirituais.”¹⁷⁹ De fato, Elizabeth governava um reinado de fervorosos: de católicos relutantes em reconhecer sua autoridade e de protestantes, internamente tão divididos quanto influentes, ávidos por mudanças.

Entre os protestantes elisabetanos, o ponto crucial de controvérsia residia não necessariamente na legitimidade de Elizabeth como monarca, mas sim em seu poder de legislar e dirigir assuntos litúrgicos e doutrinários. Aliás, as primeiras décadas de seu reinado foram definitivamente marcadas por debates sobre a extensão de sua atuação, enquanto soberana, na implementação providencial da verdadeira reforma que, para muitos puritanos, ainda estava para se realizar em solo inglês. Desde o início de seu governo, muitos protestantes, dentre os quais pode-se incluir o próprio Foxe, criam que estava nas mãos de Elizabeth o destino da Igreja da Inglaterra, no sentido de encaminhar sua doutrina e liturgia conforme os padrões divinos estabelecidos nas Escrituras. Na década de 1570, contudo, tal expectativa não mais se sustentava para muitos deles.

A incômoda ambiguidade doutrinária, apontada por muitos protestantes elisabetanos como sendo constitutiva do posicionamento de sua rainha, era por eles acusada também nos diversos documentos oficiais da Igreja da Inglaterra elaborados ou aprovados durante seu reinado. As Injunções de 1559 previam a “supressão da superstição” e a “implantação da verdadeira religião”, a serem executadas através de um programa de visitas reais às paróquias inglesas, que

“requeria a recriação do panorama essencial da reforma Eduardiana - uma liturgia em língua inglesa, a provisão de Bíblias e Paráfrases, a abolição de imagens inclusive em janelas e paredes, a proibição de todas as vestimentas com exceção da sobrepeliz e, na comunhão, a capa, a supressão das procissões paroquiais e a substituição da litania inglesa, e a abolição do culto dos santos e dos mortos.”¹⁸⁰

¹⁷⁹ “Because she deplored extremists on both sides of the religious divide, to some observers this denoted a lack of conviction in spiritual matters.” SOMERSET, A. *Elizabeth I*. Anchor Books: Nova York: p.75.

¹⁸⁰ “Both the articles and the Injunctions were to a large extent modelled on those of Edward’s reign, and required the recreation of the essential framework of Edwardine reform - an English liturgy, the provision of Bible and Paraphrases, the abolition of images including those on window and wall, the outlawing of all vestments except the surplice and, at communion, the cope, the suppression of the parish procession and substitution of the English

Enquanto os resquícios da religiosidade tradicional católica eram diligentemente repreendidos em seu reino, com a execução de tais visitas e injunções, Elizabeth não se constrangia em manter em sua capela privada um crucifixo. Era esse tipo de dualismo devocional que atormentava os mais radicais entre seus súditos protestantes, que temiam que a duplicidade da monarca fosse sinônimo direto de complacência da Coroa para com os papistas. A manutenção das vestimentas eclesiásticas na aplicação da comunhão, por conseguinte, geraria uma das principais controvérsias litúrgicas do reinado elisabetano nas décadas de 1560 e 1570. Além do uso das vestes clericais, também a correta execução do sacramento da comunhão constituiu-se como uma das discussões teológicas fundamentais do período.

Um ano depois da pregação de Foxe em St. Paul's Cross e do envio da carta do Privy Council, recomendando a alguns arcebispos a aquisição de cópias do *Acts and Monuments*, foram finalizados e oficializados os Trinta e Nove Artigos de Religião, que viriam a ser adicionados ao Livro de Oração Comum e, assim, integrariam o conjunto doutrinário da Igreja da Inglaterra. O conteúdo de alguns artigos preocupava a muitos, especialmente o de número 28, segundo o qual o Corpo de Cristo era dado e comido “somente de uma maneira celestial e espiritual.”¹⁸¹ Tal artigo, embora esclareça um ataque à ideia de transubstanciação, ainda assim acaba por omitir a condenação da crença na presença real de Cristo nos elementos eucarísticos, um ponto central nos confrontos confessionais entre protestantes e católicos. Todas essas questões doutrinárias - supremacia real, vestimentas clericais, comunhão e eucaristia - apontam para o fundamento absoluto da Reforma Inglesa: a constituição da Igreja da Inglaterra. Desde os tempos de Henrique VIII, pode-se dizer que o intuito central de cada reforma eclesiástica proposta pelos protestantes ingleses foi a correta instrução e condução da Igreja Inglesa, cujo desenvolvimento, de tão inédito e súbito na década de 1520, ainda seria objeto de discussão e querelas por todo os séculos XVI e XVII.

Assim, a segunda edição do *Acts and Monuments*, publicada em 1570 e motivada sobretudo por controvérsias religiosas, entre Foxe e seus críticos, era porventura iniciada com um prefácio dirigido à Igreja da Inglaterra. O *Protestation to the Church* (Figura 17) integrou os materiais preliminares do livro por todas as edições subsequentes e sua publicação, por certo, exemplifica as diferentes formas pelas quais o *Acts and Monuments* pode ser relacionado às disputas confessionais que marcaram o reinado de Elizabeth.

litany, and the abolition of the cult of the saints and of the dead.” DUFFY, E. *The Stripping of the Altars: Traditional Religion in England 1400-1580*. Yale University Press, 2005. p. 568.

¹⁸¹ MARSHALL, P. Settlement Patterns: The Church of England, c.1553-1603. In: MILTON, A. (ed.) *The Oxford History of Anglicanism. Volume I: Reformation and Identity, c.1520-1662*. Oxford University Press, 2017. p.51.

As menções aos embates confessionais com os católicos são feitas pelo próprio Foxe em seu prefácio, que se inicia com a seguinte afirmação de Foxe: “Quão perigosa coisa é hoje em dia escrever ou fazer algum bem, pois tanto pela lisonja pode um homem ofender os devotos, ou pelo falar sincero obter o ódio dos ímpios.”¹⁸² Ao comparar seu livro com o Templo de Salomão, e a si mesmo com o rei de Israel encarregado de erguer a sagrada edificação, ele diz crer por bem que, depois de seus “vij. anos de trabalho sobre essa história Eclesiástica, mais humildemente desejaria que o Deus todo-poderoso concedesse sua bênção sobre a mesma.”¹⁸³ Contudo, se nem mesmo o Templo de Salomão foi, em seu tempo, poupado de vilipêndios e ofensas a sua santidade, não havia de ser diferente com o *Acts and Monuments*:

“Mas assim como ocorreu no tal Templo de Salomão, muitos que lá foram, foram não para orar mas para fofocar, alguns para olhar as novidades, outros para conversar e caminhar, alguns para comprar e vender, [...] e finalmente alguns também para destruir e derrubar, como de fato o fizeram.”¹⁸⁴

¹⁸² Such a daungerous thyng it is now a dayes to write or do any good, but either by flatterying a man must offende the godly, or by true speakyng procure hatred with the wicked. *Acts and Monuments* (1570), p.1.

¹⁸³ “Vpon lyke trust in Gods gracious goodnes. If I sinneful wretch, not comparyng with the building of that Temple but followyng the zeale of the builder might either be so bold to aske, or so happy to speed, after my vij. yeares trauaile about this Ecclesiasticall history, most humbly would craue of almighty God to bestow hys blessing vpon the same.” Ibidem.

¹⁸⁴ “But as it hapned in that Temple of Salomon, that all which came thether, came not to pray but many to prate, some to gaze and see newes, other to talke and walke, some to buye and sell, some to carpe and find fault, and finally some also at the last to destroy and plucke downe, as they did in deede.” *Acts and Monuments* (1570), p.1.

TO THE TRVE AND FAITHFULL CON-
gregation of Christes miuesall Church, with all and singular the members
therof, wheresoever congregated, or dispersed through the Realme of England, A
Petition or petition of the author, wishing to the same abundance of all peace and
tranquillite, with the speedy coming of christ the soule, to make an ende
of all warrell matters.



Salomon the peaceable Prince of Israell, as we
read in the thyrd of Kynges, after he had finished the building
of the Lordes Temple (which he had vij. yeares in hand) made
his petition to the Lord for all that should pray in the sayd Tem-
ple, or turne theyr face toward it, And his request was granted,
the Lord aunfweyng him, as we read in the sayd booke . cap. 6.
I haue heard (saith he) thy prayer and haue sanctified this place. &c.
Altho the infinite Maicly of God is not to be compalled
in any materiell walles, yet it fo pleased his goodnes to
respect this prayer of the kyng, that not onely he promised to
heare them which there prayed, but also replenished the same
with hys owne glory. For so we read agayne in the booke afore-
sayd: Et non poteram manifestare propter nebulas, quia respicit gloria

Domini, animum Domini. 3. Reg. 7.

Vpon the truth in Gods gracious goodnes, If I sinfull wretch, not comparing with the building
of that Temple but following the zeale of the builder might either be fo bold to alke, or fo happy to
spee, after my vij. yeares traualle about this Ecclesiasticall bulfing, most humbly would craue of al-
mighty God to bestow hys blessing vpon the same, that as the prayers of them, which prayed in the
outward Temple were heard: so all true disposed mindes which shall resort to the reading of this pre-
sent history containing the Actes of Gods holy Martyres, and Monumentes of his Church, may by
the example of theyr life, fayth, and doctrine, receiue some such spirituall fruit to their soules through the
operation of hys grace, that it may be to the aduancement of his glory, and profite of his Church,
through Christ lesus our Lord. Amen.

But as it happened in that Temple of Salomon, that all which came thither, came not to pray but
many to prate, some to gae and see newes, others to take and walke, some to buye and sell, some to
carpe and find fault, and finally some also at the last to defroy and plucke downe, as they did in dedde.
For what is in this world fo strong but it will be impugned: what fo perfect, but it will be abused: fo
true, that will not be contraryed: or fo circumpectly done, wherein wrangling *Themen* will not set in
his rooth: Euen so neither do I looke for any other in this present history: but that amongst many
well disposed readers some waspes nest or other will be styrrd vp to busze about myne eares. Such a
dangerous thyng it is now a dayes to write or do any good, but either by flatteryng a man must ofe
fende the godly, or by true speaking procure hatred with the wicked. Of such flatteryng waspes & bus-
zying downes I had sufficient trial in my former edition before, who if they had found in my booke
any iust cause to carpe, or vpon any true zeale of truth had proceeded against the vtterer thereof, they
and had brought iust profits for the same, I could haue right well abyde it. For God forbid, but
that faulces wheresoever they be, should be detected and accufed. And therefore accusers in a common
wealth after my maner do ferue to no small head.

But the such accusers must beware they play not the dogge, of whom Cicero in his Oration spea-
keth, which being set in *Capitalis* to fray away thees by night, left the thees and fell to barke at
true men walking in the day. Where true faulces be there to bay and barke is not amiffe. But to carpe
where no cause is, to fyre in others firewes, and to leape ouer their owne blockes: to fuallow camels,
and to stayne pates: to oppelle truth with lyes, and to set vp lyes for truth, blaspheme the deare
Martyres of Christ, and to canonize for Saintes, whom Scripture would scarce allow for good sub-
iectes, that is intollerable. Such barking cures, if they were well ferued, would be made a whyte to
floppe. But with theie bawling spites I entred not at this tyme much to wattle.

Wherefoe to leaue them a while, till further leasure ferue me to attend vpon them, thus much I
thought in the meane reason by way of Protestation or petition, to write vnto you both in generall
and particular the true members and faythfull congregation of Christes Church, wheresoever either
congregated together, or dispersed through the whole Realme of England: that for much as all the
congregation of theie aduerfaries is to do what they can, by discredyng of this history with flanders and
fynfuller flammies, how to withdraw the readers fro it: This therefore shalbe in few wordes to premonish
and desire of all & singular of you (all well mynded louers & partakers of Christes Gospell) not to suf-
fer your selues to be deceaued with the bigge bragges, and hyperbolicall speeches of thole blaundryng
tongues, what soeuer they haue or shall hereafter enchaime against the same. But indifferently flying
your iudgement till truth be tryed, you will first peruse, and then refuse: meaning the vttrathies of
this history, not by the scooping vp of their hundredes and thousandes of lyes which they giue out, but
wily weyng the purpose of their doymges, accordyng as you finde, and fo to iudge of the matter.

To read my booke I assure neither one nor other. Eueny man as hee seeth cause fo lyke as he lyke.



Figura 17 - À esquerda, tem-se a primeira página do prefácio, em que pode ser vista a composição tipográfica em tipo itálico e caixa alta. à direita, tem-se a inicial capitular da letra S, que inicia o texto, e em cujo conteúdo pode-se notar uma edificação mobili

As críticas católicas à edição de 1563 teriam lembrado a Foxe a evidente possibilidade de que “entre os tantos bem dispostos leitores algumas vespas se aninhem ou outras se agitem a zumbir em meus ouvidos.”¹⁸⁵ Tais vespas seriam culpadas por, acima de tudo, “blasfemar os queridos Mártires de Cristo, e canonizar como Santos, aqueles que as Escrituras iriam dificilmente tomar como bons sujeitos, isso é intolerável.”¹⁸⁶ Apesar de todos os ataques a seu livro, Foxe reforça sua prioridade para com os “bem dispostos leitores [...] todos os sensatos amantes e partícipes do Evangelho de Cristo”, “os verdadeiros membros e fiel congregação da Igreja de Cristo, seja congregados juntos, ou espalhados por todo o Reino da Inglaterra.” Ele os admoesta a que não sejam enganados “com os grandes brados e discursos hiperbólicos de tais línguas ferinas, seja o que for que elas venham a exclamar”¹⁸⁷ contra sua história. Foxe,

¹⁸⁵ “Euen so neither do I looke for any other in this present history: but that amongst many well disposed readers some waspes nest or other will be styrrd vp to busze about myne eares. *Acts and Monumentes* (1570), p.1.

¹⁸⁶ “to: blaspheme the deare Martyres of Christ, and to canonize for Saintes, whom Scripture would scarce allow for good subiectes, that is intollerable.” Ibidem.

¹⁸⁷ “This therefore shalbe in few wordes to premonish and desire of all & singular of you (all well mynded louers & partakers of Christes Gospell) not to suffer your selues to be deceaued with the bigge bragges, and hyperbolicall

assim, exorta seus leitores a ocuparem seus lugares na batalha confessional que tornou sua segunda edição necessária.

O *Acts and Monuments*, enquanto martirologia e história eclesiástica, é aqui apresentado como sendo obra fundamental para a preservação da verdade contra aqueles que tentam deturpá-la. Segundo Foxe, era seu intento que nenhum leitor “fosse levado por qualquer clamor sinistro de adversários, que tantas vezes deturpam boas obras, não pelas faltas que encontram: mas encontram faltas porque deturpam.”¹⁸⁸ Ao expor os estratagemas utilizados por seus críticos, Foxe estaria munindo seus leitores das ferramentas necessárias para que não incorressem em erro:

“Mas indiferentemente mantendo vosso julgamento até que a verdade seja testada, ireis primeiro examinar, e depois recusar: mensurando as mentiras desta história, não pela enumeração das centenas e milhares de mentiras que eles despejam, mas sabiamente pesando o propósito de suas ações, conforme pensáreis, a fim de julgar bem a questão.”¹⁸⁹

O exame a que Foxe convida seus leitores, de que decorrerá a recusa dos erros papistas, pode ser compreendido como uma atribuição intelectual componente de um verdadeiro embate confessional. Dessa forma, o *Acts and Monuments* seria, dentre outras coisas, uma resposta formidável às demais histórias eclesiásticas elaboradas pelos defensores de Roma. O exame da história da Igreja, do “curso dos tempos” corretamente exposto no livro de Foxe, seria fundamental para que as mentiras e omissões papistas fossem trazidas à luz e, simultaneamente, ficasse evidente a retidão da doutrina protestante:

“Novamente considerando a profusão de Crônicas e escritores de histórias, tanto na Inglaterra, e fora da Inglaterra, dos quais a maior parte foi Monge ou cliente da sé de Roma, isso me fez contemplar o quão parcialmente eles organizam suas próprias histórias.”¹⁹⁰

speeches of those slaundryng tounges, what soeuer they haue or shall hereafter exclaime agaynst the same.” Ibidem.

¹⁸⁸ “But if the fruite therof shall recompence the readers trauayle, then would I wish no man so light eared, to be caryed away for any sinister clamour of aduersaries, who many tymes depraue good doynge, not for the faultes they finde: but therefore finde faultes because they would depraue.” Ibidem.

¹⁸⁹ “But indifferently staying your iudgement till truth be tried, you will furst peruse, and then refuse: measuryng the vntruthes of this history, not by the scoryng vp of their hundredes and thousands of lyes which they giue out, but wisely weyng the purpose of their doynge, accordyng as you finde, and so to iudge of the matter.” Ibidem.

¹⁹⁰ “Agayne considering the multitude of Chronicles and storywriters, both in England, and out of England, of whom the most part haue bene either Monkes or clientes to the sea of Rome, it greued me to behold how partially they handled their stories.” *Acts and Monuments* (1570), p.1.

A parcialidade com que os autores católicos narravam suas histórias é então destacada por Foxe como sinal de sua falta de credibilidade. As críticas dirigidas ao *Acts and Monuments* seriam, dessa maneira, parte de um conjunto de práticas editoriais e retóricas por parte daqueles “que tantas vezes deturpam boas obras, não pelas faltas que encontram: mas encontram faltas porque deturpam”. Nelas, segundo Foxe, “todas as coisas foram conduzidas especialmente para a honra da Igreja de Roma, ou ainda para o favor de seu próprio secto de Religião.”¹⁹¹ Os desvios e deturpações sobre o conhecimento do passado, como narrado pelos papistas, seriam tais que:

“as pessoas comuns, ouvindo e lendo em seus escritos nenhuma outra Igreja mencionada ou magnificada mas somente aquela Igreja que aqui floresceu neste mundo em riquezas e luxos, foram conduzidas também à mesma persuasão, pensando que nenhuma outra Igreja se ergueu em toda a terra, mas somente a Igreja de Roma.”¹⁹²

A correção e purificação do passado da Igreja seriam, assim, um dos objetivos centrais alegados por Foxe para ampliar seu livro e publicá-lo com ainda mais documentos e histórias que atestariam sua irrefutabilidade. A falta de conhecimento acerca da história eclesiástica seria identificada por ele como raiz de muitos males à Igreja da Inglaterra e seus membros, que careciam de leituras que lhes elucidassem a verdade acerca tanto de seu passado quanto de seu presente. Assim, tanto o *Acts and Monuments* quanto às críticas de que foi alvo seriam parte de uma luta entre a falsa e a verdadeira Igreja, luta essa que se dava no desenrolar do tempo e da história. A necessidade de uma história correta acerca do passado da verdadeira Igreja, a quem Foxe se diz dirigir nesse prefácio, tornava-se evidente especialmente no sentido de sua função educacional:

“Porque primeiro ver o simples rebanho de Cristo, especialmente a parte iletrada, tão miseravelmente abusado, e tudo por ignorância da história, não sabendo o curso dos tempos, e verdadeira descendência da Igreja, me comoveu, tal parte de diligência tem sido tão mal suprida nesse meu país Igreja da Inglaterra.”¹⁹³

¹⁹¹ “yet were all thinges drawn to the honour specially of the Church of Rome, or els to the fauour of their owne sect of Religion.” Ibidem

¹⁹² “Wherby the vulgare sort, hearing and reading in their writings no other Church mentioned or magnified but onely that Church which here florished in this world in riches and iollitye, were drawne also to the same persuasion, to thinke no other Church to haue stand in all the earth, but onely the Church of Rome.” Ibidem.

¹⁹³ “For first to see the simple flocke of Christ, especially the vnlearned sort, so miserably abused, and all for ignoraunce of history, not knowing the course of times, and true descent of the Church, it pitied me, that part of diligence so long to haue bene vnsupplied in this my cuntry Church of England.” *Acts and Monuments* (1570), p.2.

Tem-se aqui um formidável destaque às inclinações pastorais de Foxe, para quem o conhecimento da história eclesiástica seria fundamental para o desvelar da luz em meio às trevas da ignorância que, segundo ele, por tanto tempo havia escravizado “o simples rebanho de Cristo”. Tal expectativa se trata de uma preocupação especialmente pastoral porque o conteúdo do *Acts and Monuments*, a narrativa histórica acerca da Igreja, esperava-se que fosse ministrada aos leigos e iletrados por aqueles a quem Foxe de fato se dirigia em prefácios como esse.

Nesses termos, portanto, justifica-se a preocupação pastoral expressa também no sermão de John Foxe, convidado a ocupar o púlpito de St. Paul’s Cross naquela Sexta-feira Santa de 1570. De fato, desde a recente publicação da segunda edição de seu *Acts and Monuments*, naquele mesmo ano, foi às questões espirituais que Foxe dedicara seus esforços. Em 1571, além de uma versão latina de seu sermão pregado em St Paul’s, Foxe trabalhou com Day em um cauteloso trabalho de edição do *Reformatio Legum Ecclesiasticarum*, uma coleção de leis canônicas que, elaboradas em 1552 por Thomas Cranmer, então arcebispo de Canterbury, nunca se havia oficializado desde então. Segundo Evenden e Freeman, tal publicação era, com efeito, um esforço para apresentar ao Parlamento a validade e a necessidade de um novo código de leis canônicas bem como de reforma do Livro de Oração Comum.¹⁹⁴ Ainda em 1571, Foxe publicou, juntamente com Day, uma edição dos Evangelhos em idioma anglo saxão e em língua inglesa, dedicada à própria Elizabeth I. Em sua dedicatória, Foxe destaca a importância de se ter as Escrituras acessíveis no vernáculo e da participação histórica de soberanos devotos em tal tarefa, numa tentativa de “relembrar Elizabeth muito gentilmente de suas obrigações enquanto soberana.”¹⁹⁵

Tanto o *Reformatio* quanto os Evangelhos foram trabalhos produzidos em conjunto por Foxe e Day, e, sobretudo, com o apoio e direção de autoridades do governo elisabetano, respectivamente, Thomas Norton (1532-1584) e Matthew Parker (1504-1575). Foi por meio de Thomas Norton, membro influente da Câmara dos Comuns e calvinista fervoroso, que Foxe obteve acesso aos manuscritos utilizados na produção do *Reformatio*, material pertencente a

¹⁹⁴ “The production of the *Reformatio* was part of a carefully organised initiative to achieve legislation mandating not only a new code of canon law but also reform of the Prayer Book. This is made clear by Foxe’s explicit call, in the preface to the *Reformatio*, for reform of the Book of Common Prayer. [...] The fascinating thing about the production of the *Reformatio* is that it was so manifestly designed as part of an effort to lobby parliament.” EVENDEN; FREEMAN (2014), p.237.

¹⁹⁵ “There were probably two particular agendas behind this history lecture. One was to buttress the recent editions of the Bishops’ Bible, and at the same time to remind Elizabeth very gently of her duties as a godly ruler.” Ibidem, p.239.

Norton devido a sua condição de genro do próprio Thomas Cranmer.¹⁹⁶ Foi Norton também quem encomendou a Day a publicação de uma série de tratados polêmicos, numa campanha organizada pelo próprio William Cecil, contra a ameaça católica expressa tanto pela excomunhão de Elizabeth quanto pela Rebelião do Norte, no início de 1570.¹⁹⁷ A agitação dos primeiros meses da década de 1570 não deixaram isentos, por certo, nem Foxe nem Day.

Na dedicatória a Elizabeth presente na edição de *The gospels of the fower Euangelistes*, Foxe gratifica “o reverendo e douto pai, Matthew Arcebispo de Cant., um importante e famoso trabalhador nessa Igreja da Inglaterra, por cuja aplicada diligência e estudos, esse livro, com outros mais, foi coletado e pesquisado dos monumentos Saxões.”¹⁹⁸ Fato é que, dentre os outros livros referidos por Foxe, destaca-se certamente o *Acts and Monuments*, especialmente em sua segunda edição. Com efeito, boa parte da documentação relativa à história medieval da Igreja Inglesa adicionada ao livro em 1570 foi obtida graças a Parker e à equipe de escritores protestantes empregada por ele.

O grupo liderado por Parker, todavia, não era integrado apenas por escritores; tratava-se, em verdade, de uma complexa rede, como ele informou a Cecil em carta de 9 maio de 1573, composta de “desenhistas e entalhadores, pintores, ilustradores, escritores e encadernadores.”¹⁹⁹ A variedade de atribuições e habilidades de tais colaboradores mencionados por Parker aponta inequivocamente para a diversidade de atividades envolvidas nos trabalhos do grupo, que iam desde a aquisição e a coleção de manuscritos medievais até a impressão e publicação de livros compostos por tais textos, que para isso eram agrupados e corrigidos por Parker e seus pesquisadores, dentre os quais não se pode deixar de mencionar o próprio Foxe.²⁰⁰

Pode-se dizer que a aquisição e coleção de manuscritos, por parte dos esforços de Parker e seu grupo, foi possibilitada certamente pelo posto privilegiado de Parker enquanto arcebispo de Canterbury e por suas boas relações de poder e prestígio. Como afirma Benedict Scott

¹⁹⁶ Curiosamente, Norton havia se casado com Margery Cranmer, filha do Arcebispo Thomas Cranmer. Após o falecimento de Margery, Norton desposou Alice Cranmer, filha do Arcebispo Edmund Cranmer, irmão de Thomas Cranmer. HASLER, P.W. (ed) *The History of Parliament [...]* (via History of Parliament online).

¹⁹⁷ EVENDEN; FREEMAN (2014), p.235.

¹⁹⁸ “[...] the reverend and learned father in God, Matthew Archbishop of Cant., a cheefe and a famous travailler in thys Church of England, by whose industrious diligence and learned labours, this book, with others moe, hath bene collected and searched out of the Saxons monuments.” FOXE, J. *The gospels of the fower Evangelistes* (Londres, 1571).

¹⁹⁹ “I have within my house in wages, drawers and cutters, painters, limners, writers, and bookbinders. [...] Letter of 9 May 1573, Corr.426.” Conforme citado por ROBINSON, B.S. “Darke Speech”: Matthew Parker and the Reforming of History. *The Sixteenth Century Journal*, Vol. 29, No. 4, 1998, p.1072.

²⁰⁰ “If we accept the evidence of the catalogue of manuscripts and owners compiled by Joscelyn in the mid-1560s, the list must be expanded to include such figures Sir Henry Sidney, the earls of Bedford, Arundel, Huntington, and Sussex, Nicholas Wotton, Sir John Cheke, Foxe, and Reynold Wolf.” Ibid, p.1070.

Robinson, “a posição de Parker no governo e nas redes de afiliação produzidas pelas políticas religiosas do período tanto promoveram esse trabalho, quanto marcaram seu caráter conservador, eclesiástico e autoritativo.”²⁰¹ Foi por meio de suas numerosas e frequentes cartas a William Cecil e ao Privy Council que Parker logrou, afinal, sua “imensa obra de reivindicação de documentos anteriormente ilegíveis, e de coleção de tais ‘monumentos de antiguidade’ na mais substancial biblioteca de manuscritos históricos daquela geração.”²⁰²

A compilação de tais “monumentos de antiguidade” era crucial para o principal intuito das pesquisas de Parker e de seus colaboradores, a saber, a demonstração da antiguidade autoritativa do protestantismo enquanto religião nacional. Tratava-se de testificar a validade das doutrinas protestantes por meio do exame e edição de documentos medievais que lhes comprovassem a veracidade e a antiguidade. As doutrinas aprovadas e promovidas pela Igreja da Inglaterra sob o reinado de Elizabeth deveriam, a partir de tais documentos, ser compreendidas como sendo herdeiras do que criam os “cristãos Ingleses” desde antes da conquista normanda. É o que confirma o próprio Foxe, em seu prefácio aos *Gospels of the fower evangelistes*, publicados em 1571, ao afirmar que as pesquisas de Parker teriam “ensinado à Inglaterra ‘como a religião atualmente ensinada e professada na Igreja [...] não é nenhuma nova reforma de coisas passadas, que não eram antes, mas sim um retorno da Igreja ao estado puro da antiga conformidade.”²⁰³ Não deve ser surpresa a menção de que os Evangelhos publicados por Foxe e Day, por sua vez, foram patrocinados e dedicados a Matthew Parker.

A história eclesiástica de Foxe, em 1570 grandemente ampliada em seu volume textual graças às contribuições de Parker e suas pesquisas, deve ser compreendida como obra de aspirações semelhantes àquelas que fomentavam os trabalhos guiados pelo arcebispo. De fato, Foxe era membro do grupo liderado por Parker, tendo feito uso de muitos dos documentos por ele coletados. Foi por intermédio do arcebispo que Foxe pode ter acesso às mais importantes de suas fontes relativas ao período da história medieval inglesa, como as respectivas versões

²⁰¹ Como ele afirma, sobre as correspondências de Parker com o Privy Council em 1568: “In other words, regardless of the specific efficacy of the Privy Council’s authorization of Parker’s activities in 1568, those activities must be seen as being enabled by the relations of power and prestige in which the archbishop held a central position. Parker’s place in government and his place in the networks of affiliation produced by the religious politics of the time both furthered this work, and marked its conservative, ecclesiastical, and authoritative character.” Ibid, p.1072.

²⁰² Como afirma Robinson: “All of these publications were enabled by an immense work of reclaiming documents previously unreadable, and of collecting these “monuments of antiquity” into the most substantial library of historical manuscripts of that generation.” Ibid, p.1065.

²⁰³ “In this way, the archbishop's "industrious diligence & learned labours" taught England "how the religion presently taught & professed in the Church ... is no new reformation of thinges lately begonne, which were not before, but rather a reduction of the Church to the Pristine state of olde conformitie.” Ibid, p.1064.

da *Chronica maiora* de Gervase de Canterbury: a de Matthew Paris e a de Thomas de Walsingham, também conhecida como *Chronicon Angliae*. Ambas faziam parte da coleção pessoal de Parker, e sabe-se que o texto de Matthew Paris, em especial, “foi a fonte preponderante de Foxe para a história da Inglaterra e até da Europa no que se refere às seis primeiras décadas do século XIII”²⁰⁴ Tal conteúdo era de extrema importância para o projeto martirológico de Foxe na segunda edição do *Acts and Monuments*, marcada pela ampliação do número de documentos especificamente voltados ao passado da Igreja medieval inglesa.

É nesse sentido que Foxe, em seu prefácio à Igreja da Inglaterra, destaca a importância inequívoca da história eclesiástica para a iluminação do entendimento dos fiéis ingleses acerca de suas origens. Tais origens, conforme a proposta do *Acts and Monuments* e segundo os trabalhos liderados por Matthew Parker, deveriam ser compreendidas como independentes do legado romano e católico. Como afirma Robinson, essa forma de instrumentalização da história “resultou não somente na legitimação da religião reformada mas também em um senso acerca do valor distintivo da história inglesa: os ingleses, afirmava-se, poderiam traçar sua Igreja a uma fonte pré-romana.”²⁰⁵ Ao demonstrar a antiguidade das doutrinas protestantes, que poderia ser vislumbrada pelo exame de seus antecedentes medievais, autores como Foxe estariam logrando o projeto do arcebispo de Canterbury, a saber, uma forma de “trabalho editorial a serviço da doutrina religiosa nacional.”²⁰⁶ Como bem aponta o próprio Foxe em seu *Protestation to the Church*:

“Pois para dizer a verdade, se os tempos fossem bem pesquisados, ou se aqueles que escreveram as histórias tivessem sem parcialidade ficado entre Deus, e Baal, não se detendo em nenhum lado, poderia ter sido encontrada a maior parte dessa corrupção Católica introduzida na Igreja pelos Bispos de Roma, como a Transubstanciação, elevação, e adoração do Sacramento, confissão auricular, votos forçados de celibatos para os Sacerdotes, veneração de Imagens, Missas privadas [...], a ordem de Missas Gregorianas agora utilizada, a autoridade usurpada e *Summa potestas* da Sé de Roma, com toda a raiz de suas cerimônias de superstição se multiplicando agora na Igreja, tudo isso (eu digo) são novidades postas na mente de Roma, sem qualquer marca de antiguidade, como deve suficientemente aparecer, confio eu, pela leitura desta presente história. Tal história portanto eu elaborei, como outros escritores de histórias outrora já investiram seu trabalho a fim de magnificar a

²⁰⁴ “Matthew Paris’s *Chronica maiora* was Foxe’s paramount source for English and even European history for the first six decades of the thirteenth century.” EVENDEN; FREEMAN (2014), p.149.

²⁰⁵ “This use of history resulted not only in a legitimation of reformed religion but also in a sense of the distinctive worth of English history: the English, it was claimed, could trace their Church to a pre-Roman source.” ROBINSON (1998), p.1064.

²⁰⁶ “But what Parker sponsored was editorial work in the service of national religious doctrine: he and his scholars were engaged in a polemically motivated form of copyediting for the print-shop, and their work represents an early form of eclectic editing.” Ibid, p.1063.

Igreja de Roma: então nesta história deve ser mostrada a todos os leitores Cristãos a Imagem das duas Igrejas, tanto de uma, quanto da outra: especialmente da pobre oprimida e perseguida Igreja de Cristo.”²⁰⁷

O teor apocalíptico do trabalho editorial de Foxe era absolutamente claro. Ao apresentar e descrever a seus leitores a descendência da verdadeira Igreja de Cristo na Inglaterra, Foxe estaria lhes revelando “a verdade dos tempos mantida por tanto tempo na obscura escuridão da antiguidade.”²⁰⁸ A alusão à “Imagem das duas Igrejas” é uma clara referência à literatura apocalíptica que tanto influenciara Foxe desde suas primeiras martirologias, protagonizada pelos escritos de John Bale. O conflito histórico e espiritual entre as duas Igrejas seria, assim, corretamente assimilado a partir do acesso aos documentos pelos quais tal embate se materializara ao longo dos tempos. Segundo Foxe, seu livro permitiria que se contemplasse “como em espelho o estado, curso, e alteração da Religião, declínio da doutrina, e as controvérsias da Igreja, [podendo-se] melhor discernir entre antiguidade e novidade.”²⁰⁹ Ao examinarem o curso dos tempos e, conseqüentemente, a novidade das corrupções papistas em contraste com a pureza e antiguidade das doutrinas protestantes, os leitores de Foxe poderiam identificar a Sé de Roma como sendo a falsa Igreja, responsável por condenar e perseguir, por sua vez, a verdadeira Igreja.

Essa última, de acordo com Foxe, “embora, não fosse tão manifesta aos olhos do mundo, ainda assim era a única Igreja verdadeira aos olhos de Deus. Acerca desta Igreja Cristo se referia ao falar do Templo, que ele levantaria novamente ao terceiro dia.”²¹⁰ A Igreja verdadeira, segundo Foxe, seria invisível ao mundo, “pois tal qual a natureza da verdade: assim

²⁰⁷ “For to say the truth, if tymes had bene well searched, of if they which wrote histories had without partialitie gone vpright between God, and Baal, halting on neither side, it might well haue bene found the most part of all this Catholicke corruption intruded into the Church by the Bishops of Rome, as Transubstantiation, leuation, and adoration of the Sacrament, auricular confession, forced vovos of Priestes not to marry, veneration of Images, priuate and satisfactory Masses, the order of Gregories Masse now vsed, the vsurped authoritie and Summa potestas of the sea of Rome, with all the rout of their ceremonies & wiedades of superstiti? ouergrowing now the Church, al these (I say) to be new nothings lately coyned in the minte of Rome, without any stampe of antiquitie, as by readyng of this present history shall sufficiently, I trust, appeare. Which history therfore I haue here taken in hand, that as other storywriters heretofore haue employed their trauaile to magnifie the Church of Rome: so in this history might appeare to all Christen readers the Image of both Churches, aswell of the one, as of the other: especially of the poore oppressed and persecuted Church of Christ.” *Acts and Monuments* (1570), p.2.

²⁰⁸ “but with a moderate discretion taking the best of euery one should both ease the labour of the reader from turning ouer such a number of writers: and also should open the plaine truth of times lying long hid in obscure darknes of antiquitie.” *Acts and Monuments* (1570), p.2.

²⁰⁹ “Wherby all studious readers, beholding as in a glasse the state, course, and alteration of Religion, decay of doctrine, and the controuersies of the Chnrch, might discerne the better betwene antiquitie and noueltie.” *Ibidem*.

²¹⁰ “and yet had Christ an other Church in earth besides that, which albeit, it was not so manifest in the sight of the world. yet was it the onely true Church in the sight of God. Of this Church ment Christ speaking of the Temple, which he would rayse agayne the third day.” *Ibidem*.

também é a condição própria da verdadeira Igreja, que comumente ninguém vê, mas somente seus membros e participantes.”²¹¹ Ele afirma também que, “embora a correta Igreja de Deus não seja tão invisível no mundo que ninguém possa vê-la: ainda assim não é tão visível a ponto de todo olho mundano percebê-la.”²¹² Nesses trechos, assim, ficam evidentes as implicações eclesiológicas do prefácio de Foxe.

As premissas eclesiológicas envolvidas no prefácio evidenciam, a sua maneira, o clima do debate teológico em que se colocavam tantos protestantes elisabetanos, debate esse marcado por um notório anti catolicismo. Contudo, como se verá em seções seguintes, as argumentações protestantes de cunho eclesiológico poderiam seguir rumos bastante distintos no que se refere ao estado das reformas religiosas na Inglaterra, e em especial ao modelo de governo eclesiástico que elas deveriam reforçar. Para além do debate confessional, porém, a trajetória editorial do *Acts and Monuments* foi também movida por outras razões, especialmente familiares. O período interposto entre a publicação da segunda edição do livro, em 1570, e a última edição em que Foxe e Day trabalharam juntos, publicada em 1583, traria ainda outras preocupações para ambos, a cujo exame se dedicará a seção seguinte.

2.4. Entre pais e filhos: a edição de 1576 e os conflitos geracionais do puritanismo

No mesmo ano da morte do arcebispo Parker, John Day recebia em casa seu filho Richard, recém-egresso de Cambridge. Na verdade, o rapaz nem mesmo chegara a se matricular, tendo retornado por razões mais pessoais que profissionais: estava apaixonado por uma jovem moça que morava perto da casa de impressão de seu pai. Parecia, afinal, que “o jovem obstinado havia desistido de seus estudos devido a uma paixão por algo além da impressão.”²¹³ O retorno do filho permitiu a John Day utilizar os conhecimentos de Richard para empregá-lo como corretor dos impressos que produzia, a fim de treiná-lo profissionalmente para assumir seus negócios no futuro. A terceira edição do *Acts and*

²¹¹ “For like as is the nature of truth: so is the proper condition of the true Church, that commonly none seeth it, but such onely as be the members and partakers therof.” Ibidem.

²¹² “For although the right Church of God be not so inuisible in the world, that none can see it: yet neither is it so visible agayne that euey worldly eye may perceaeue it.” Ibidem.

²¹³ “The headstrong young man had quit his studies due to a passion for something other than printing.” EVENDEN, E. *Patents, Pictures and Patronage: John Day and the Tudor Book Trade*. Ashgate Publishing Limited. 2008, p.151.

Monuments, por sua vez, publicada em 1576, foi o principal projeto entregue de John Day a seu filho.

Quanto ao conteúdo, a edição do *Acts and Monuments* publicada em 1576 em pouco diferia de suas antecessoras. Todavia, se o conteúdo permanecia quase intacto, o mesmo não pode ser dito da qualidade material do livro. O papel de baixa qualidade e as misturas de tipos menores contribuía para que o conteúdo das páginas beirasse o ilegível. Além disso, era comum que a tinta perfurasse o papel que, de tão fino, facilmente se rasgava. A opção por tipos menores fez que “o texto da edição de 1570 fosse comprimido em poucas páginas de modo que pudesse ser conjugado em um volume.”²¹⁴ A compressão do texto e sua consequente publicação em um único volume, ademais, era um meio para torná-lo mais rentável.²¹⁵ De tal disposição foi duplo o resultado: embora o livro tenha se tornado mais acessível, pelos custos reduzidos de sua produção, a qualidade inferior de sua composição foi fortemente criticada.

Foi de Richard Day a responsabilidade pela escolha do papel e dos tipos, bem como pela composição dos materiais preliminares do livro. Assim como a qualidade material, também o paratexto da edição de 1576 seria distinto do que se observou nas edições anteriores. Tendo mantido todos os prefácios constantes da edição de 1570, exceto os escritos em latim, Richard introduziu um conjunto de novos materiais, como novos poemas latinos, novas tabelas e erratas, além de algumas mudanças na disposição do índice de mártires. São cinco os poemas latinos adicionados à edição de 1576, e dentre eles, três são de autoria de contemporâneos de Richard do King’s College: Giles Fletcher, Thomas Ridley e Thomas Barwick. Dentre os dois restantes, é desconhecida a autoria do poema MMS, enquanto o último sabe-se ter sido escrito pelo próprio Richard. A inserção de tais poemas, escritos por membros do King’s College a convite de Richard, demonstra, em certa medida, seu esforço em estabelecer sua reputação acadêmica, reforçada pela responsabilidade sobre a terceira edição do *Acts and Monuments* e pelo fato de ter adicionado a ela versos de seus eminentes contemporâneos.

Além dos poemas, Richard também acrescentou ao livro novas tabelas, em que são listados “Certos trechos da Escrituras expostos” e “Certas passagens tratadas em geral figuradas em seu lugar.” O índice do livro, que anteriormente listava as pessoas nele mencionadas por ordem alfabética de seus primeiros nomes, passou a elencá-las por seus sobrenomes, modo que se assemelhava mais ao dos *commonplace books*.

²¹⁴ “This resulted in what is essentially the text of the 1570 edition being squeezed into fewer pages so that it could be bound in one volume.” Ibid, p.155.

²¹⁵ “In addition to the obvious savings in the cost of paper that this represented, Richard Day may also have calculated that he would be able to sell more *bound* copies of a one-volume than of a two-volume work, further increasing his profits.” EVENDEN; FREEMAN (2014), p. 272.

Evenden e Freeman destacam, ao tratarem sobre a atuação de Richard na produção do *Acts and Monuments*, a observação de Christine Hutchins, segundo quem “o índice de Richard Day e demais instrumentos auxiliares na edição de 1576 foram inspirados em ferramentas desenvolvidas para exegese bíblica.”²¹⁶ Dessa forma, os materiais desenvolvidos ou inseridos por Richard, como as tabelas e poemas, além das modificações no modo de listagem do índice, devem ser compreendidos como dispositivos que tornavam o *Acts and Monuments* uma obra cuja leitura se assemelhava à utilização que seus leitores faziam das próprias Escrituras Sagradas. Isso permite que Evenden e Freeman concluam, portanto, que “essa é uma das primeiras e mais claras indicações do apreço especial em que os protestantes ingleses tinham a obra de Foxe e sua tendência de colocá-lo em um nível quase igual ao das Escrituras.”²¹⁷

De fato, as modificações operadas por Richard Day à edição de 1576 aproximam seu modo de leitura daquele característico da exegese bíblica, e contribuíram, à sua maneira, para a confirmação do apreço litúrgico nutrido em relação ao *Acts and Monuments* ao longo das demais edições. Para além do índice e dos poemas mencionados, há, ainda, uma lista que merece atenção especial no que se refere aos modos de leitura que suscita. Trata-se de uma lista de números que relaciona os numerais indo-arábicos aos seus correspondentes romanos, “A fim de auxiliar os iletrados, pensamos por bem apresentar os Números com Cifras em Algarismo, pelos quais eles poderão melhor compreender os Números” (Figura 18).²¹⁸

²¹⁶ “Christine Hutchins has acutely observed that Richard Day’s index and other finding aids in the 1576 edition were modelled on tools developed for biblical exegesis.” EVENDEN; FREEMAN (2014), p.270.

²¹⁷ “This is one of the earliest and clearest indications of the special regard in which English Protestants held Foxe’s work and their tendency to place it on a nearly equal level with Scripture.” Ibid, p.271.

²¹⁸ “To helpe the unleraned, we have thought it good to set forth the playne Numbers with Ciphers in Algorisme, whereby they might understand the Number the better.” *Acts and Monuments* (1576), p.24.

a extensão do *Acts and Monuments* aos leitores do vernáculo, e o esforço de Richard em atender de modo específico às suas necessidades.

Além disso, considerando-se ainda a opção de Richard por manter praticamente intacto o conteúdo dos textos presentes no livro, alterando apenas a dimensão dos tipos utilizados, deve-se compreender as modificações e adições feitas ao conjunto paratextual da edição de 1576 como amostra do apreço nutrido por ele, muito provavelmente aprendido de seu próprio pai, pela importância dos paratextos. Pelos poemas escritos por seus contemporâneos do King's College, ele poderia expor sua influência junto aos letrados e autoridades de seu tempo; pelas tabelas de trechos das Escrituras e adaptação do índice, ele confirmava o valor litúrgico atribuído ao *Acts and Monuments*, bem como o teor acurado e preciso que se esperava de sua leitura; pela lista de numerais romanos, ele incluía diretamente os leitores do vernáculo no conjunto do público do livro.

A atenção prestada à inclusão desses materiais paratextuais não se estendeu, porém, ao cuidado com a correção do arranjo editorial do livro. Logo abaixo da lista de números tem-se a errata da edição, que é “tão breve ao ponto de parecer superficial.”²¹⁹ O tamanho da errata, pode-se dizer, indica muito da preocupação de Richard com o rigor editorial do livro. Como afirmam Evenden e Freeman:

“Indicações dessa mesma negligência aparecem por toda a edição de 1576, em que erros frequentemente ocorrem e que deveriam ter sido observados por revisores competentes. Por exemplo, linhas foram puladas pelos compositores e palavras eram algumas vezes descuidadamente transformadas por eles. Ainda mais séria foi a forte deterioração na precisão de um dos mais impressionantes aspectos da edição de 1570: a rede de referências guiando o leitor a materiais em diferentes seções do livro. Um erro comum era o de simplesmente reimprimir os números das páginas citados em referências da edição de 1570, sem fazer as alterações necessárias para a paginação da edição de 1576.”²²⁰

A inobservância de Richard para com a correspondência entre a paginação do livro e suas referências e notas marginais certamente deve ter aborrecido os leitores que chegaram a

²¹⁹ Como bem apontam Evenden e Freeman: “Another worrying symptom of carelessness is that the errata list for this volume is brief to the point of being perfunctory.” EVENDEN; FREEMAN (2014), p.273-274.

²²⁰ “Indications of this same slackness appear throughout the 1576 edition, where mistakes frequently occur that should have been spotted by competent proofreaders. For example, lines were skipped by compositors and words were sometimes carelessly transformed by them. Far more serious was the marked deterioration in the accuracy of one of the most impressive features of the 1570 edition: the network of cross-references guiding the reader to material in different sections of the work. One common mistake was that of simply reprinting the page numbers cited in cross-references in the 1570 edition, without making the necessary alterations for the different pagination of the 1576 edition.” Ibid, p.273.

precisar delas. Contudo, as reclamações mais duradouras acerca da edição de 1576 não dizem respeito a seus erros de paginação, mas sim à sua inferioridade material e estética. Em uma carta enviada a Foxe em 1582, quando já estava trabalhando naquela que seria a quarta edição do *Acts and Monuments*, publicada em 1583, seu antigo amigo do *Magdalen College*, Simon Parrett, lhe advertia que essa próxima edição fosse “impressa em bom papel, e em impressão apropriada e legível e não em preto borrado, ou em papel rasgado como é a última edição...é lamentável ver uma obra tão notável ser obscurecida com papel sujo e tinta precária.”²²¹

Parrett teve seu pedido concedido. A edição de 1583, publicada um ano depois de sua carta a Foxe, viria a ser a mais impressionante das edições do *Acts and Monuments* do ponto de vista visual e material. Publicada em papel de alta qualidade, suficientemente denso para absorver a tinta, a quarta edição do *Acts and Monuments* foi também impressa em um novo tipo gótico de 70-I mm, o que a tornava apropriada e agradavelmente legível. É inegável a elegância e o detalhe dos ornamentos que acompanham os títulos de muitos dos prefácios, bem como de suas iniciais capitulares, tal qual o exemplo da primeira página do *Ad Christum Eucharisticon* (Figura 19), escrito em latim e dedicado ao próprio Cristo, sendo reintroduzido ao livro desde sua omissão na edição de 1576.

Os mesmos ornamentos acompanham o *Preface to the Queen*, também presente na edição de 1583, e em cujo título nota-se uma meticulosa variedade de tipos empregados (Figura 20). Adereços idênticos são observados, ainda, na parte superior da página inicial dos poemas latinos (Figura 21), dentre os quais foi excluído o poema de autoria de Richard Day. No *Protestation to the Church*, nota-se a inicial capitular utilizada na edição de 1570, que ilustra o Templo de Salomão acompanhando a letra S, bem como a ampla variedade de tipos aplicada em seu título (Figura 24), se comparada às edições de 1576 e 1570 (Figuras 23 e 22).

A variedade de tipos utilizados nos títulos dos prefácios e a inclusão de ornamentos sofisticados e iniciais capitulares detalhadamente elaboradas são aspectos fundamentais da composição editorial da edição de 1583. Mais ainda, merece destaque a reinclusão da inicial capitular S ao *Protestation to the Church*, aspecto que, juntamente com a variedade tipográfica e o esmero ornamental, apontam para a dedicação de John Day à produção do livro. Seu envolvimento com a edição de 1583 foi fruto, por sua vez, de seu esforço por retomar sua reputação como impressor após as críticas ao trabalho do filho e de seu engajamento nas disputas confessionais que marcaram a década de 1580 na Inglaterra.

²²¹ Conforme citado por Evenden e Freeman: “printed in good paper, and a fair and legible print and not in blacke, blurred, and torne paper as the last edition is...It is pittifull to see such a notable peece of worke to bee darkned with foule paper and obscure print.” BL, Harley, MS. 416, fo. 204r.

A edição de 1583 foi elaborada por Day a fim de recuperar seu renome como impressor de obras volumosas e visualmente complexas, como o *Acts and Monuments*. Desde a primeira edição, publicada em 1563, o livro já se destacava por suas dimensões e técnicas complexas de impressão de gravuras, especialmente. Na edição de 1570, o cuidado para com a composição editorial e tipográfica seria elevado ao grau máximo, colocando o *Acts and Monuments* no topo das publicações impressas na Inglaterra. A terceira edição, publicada em 1576 sob direção de Richard Day, materializou para Day o risco de se ver depreciado enquanto profissional após as críticas e reclamações quanto ao livro produzido pelo filho. Uma quarta edição, corrigida, expandida e profundamente aprimorada seria sinônimo de recuperação de seu nome como impressor e da manutenção dos laços de prestígio que tal reputação lhe conferia.

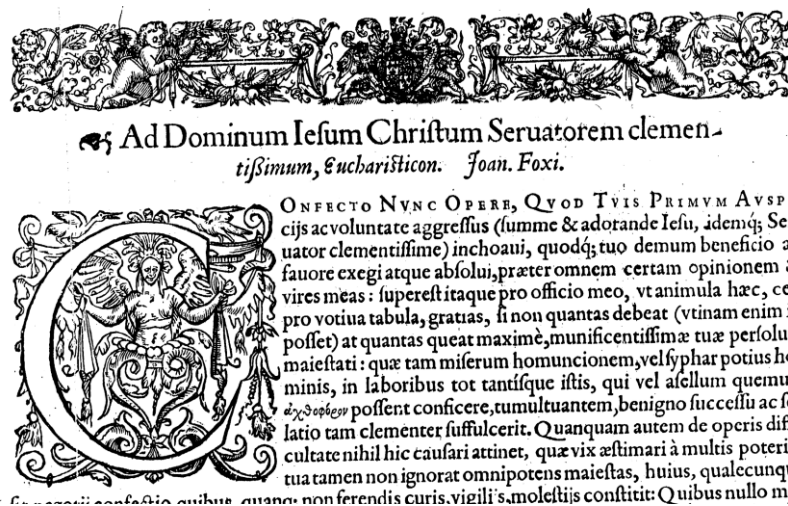


Figura 19 - Ornamentos e inicial capitular do *Ad Christum Eucharisticon*, da edição de 1583

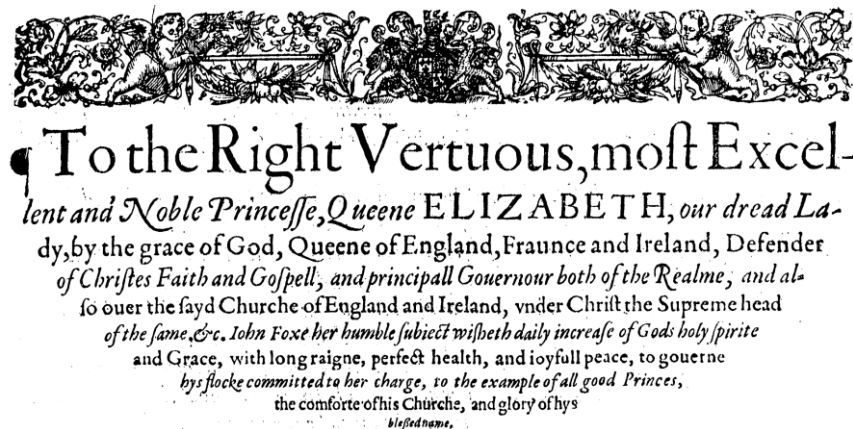


Figura 20 - Composição tipográfica e ornamental do *Preface to the Queen*, da edição de 1583



In Martyrologium Ioan. Foxi,
Laurentius Humfredus.

In Sanct. Martyrum historiam,
Abrah. Hartwelus.

Tristes Iliadas docti miramur Homeri:
Quas scite studuit texere toroq; aene.
Descentur tragica multorum facta coturno;
Hæc mædialis spectant mæsta theatra genæ.
Multâ dolendâ quidem, sed vaturn sompnia multa,
Fictis intexant vera probata nobis.

E Loquio, venerande, tuo non mædrupte ipsi
Sed nos: non Cælum, Foxe, sed orbis eget:
Illorum creuisse malis læthoq; putatum est
Quos nunc ipse vides degenerare greges.
Illorum, crede, historia velut ignibus ante
Calfiet quod nunc friget Euangelium.

Figura 21 - Ornamento que acompanha os poemas latinos presentes na edição de 1583

To the true and faythfull Congregation of Christes Vniuersall Church, with all and singular the members thereof, wheresoever congregated or dispersed through the Realme of England, a Protestation or Petition of the Author, wishing to the same aboundance of all peace and tranquility, with the speedy coming of Christ the Spouse, to make an ende of all mortall myserye.



S Alomon the peaceable Prince of Israell, as we read in the thirde of Kynges, after he had finished the building of the Lordes Temple (which he had vij. yeares in hand) made his petition to the Lord for all that should pray in the sayde Temple, or turne theyr face toward it. And his request was graited, the Lord aunsweryng him, as we read in the sayd booke. cap. 6. *I haue heard (sayth he) thy prayer and haue sanctified this place. &c.* Albeit the infinite Maiesty of God is not to be compassed in any materiall walles, yet it so pleased his goodnesse to respect this praier of the king, that not only he promised to heare the which there prayed, but also replenished the same with his own glory. For so we read again in the booke afore sayd: *Et non poterant ministrare propter nebulâ, quia repleuit gloria domini, domû domini. 3. Re. 7.*

Vpon like trust in Gods gracious goodnes, if I sinnefull wretch, not comparing with the building

Figura 22 - Composição tipográfica e inicial capitular do Protestation to the Church, da edição de 1570

TO THE TRUE AND FAITHFULL CONGRE-
gation of Christes vniuersall Church, with all and singular the members thereof, wheresoever congregated, or dispersed through the Realme of England, A Protestation or petition of the Author, wishing to the same aboundance of all peace and tranquillie, with the speedy coming of Christ the spouse, to make an end of all mortall miserie.



S Alomon the peaceable Prince of Israell, as we read in the thyrd of Kynges, after he had finished the building of the Lordes Temple (which he had vij. yeares in hand) made his petition to the Lord for al that shoulde pray in the sayd Temple, or turne their face towarde it, And his request was graunted, the Lord aunsweryng hym, as we read in the sayd booke. cap. 6. *I haue heard (saith he) thy prayer and haue sanctified this place. &c.* Albeit the infinite Maiesty of God is not to be compassed in any materiall walles, yet it so pleased his goodnes to respect thys prayer of the Kynge, that not onely he promised to heare them which there prayed, but also replenished the same with his own glory. For so we read agayne in the booke afore sayd: *Et non poterant ministrare propter nebulam, quia repleuit gloria Domini, domum Domini. 3. Reg. 7.*

Figura 23 - Composição tipográfica e inicial capitular do Protestation to the Church, da edição de 1576

TO THE TRVE AND FAITHEVLL CON-
 gregation of Christes vniuersall Church, with all and singular the members
 thereof, wherefoeuer congregated, or disperfed through the Realme of England, A
 Protestation or petition of the author, wifhyng to the fame aboundance of all peace and
 tranquilitie, with the fpedy comyng of Chriff the fponfe, to make an ende
 of all mortall miferie.



Domini, domum Domini. 3. Reg. 7.

Alomon the peaceable Prince of Israell, as we
 read in the thyrd of Kynges, after he had finished the buildyng
 of the Lordes Temple (which he had vij. yeares in hand) made
 his petition to the Lord for all that should pray in the fayd Tem-
 ple, or turne theyr face toward it, And his request was graunted,
 the Lord aunfweyng him, as we read in the fayd booke . cap. 6.
I haue heard (faith he) thy prayer and haue sanctified this place. &c.
 Albeit the infinite Maicety of God is not to be compassed
 in any materiall walles, yet it so pleased hys goodnes to
 respect this prayer of the kyng, that not onely he promised to
 heare them which there prayed, but also replenished the fame
 with hys owne glory, For so we read agayne in the booke afore-
 sayd: *Et non poterant ministrare propter nebulam, quia repleuit gloria*

Figura 24 - Composição tipográfica e inicial capitular do *Protestation to the Church*, da edição de 1583

Para além das reclamações feitas acerca da edição de 1576, o relacionamento entre pai e filho foi tremendamente abalado por conflitos relacionados às patentes de Day. No ano de 1577 John Day deveria negociar a renovação de seus direitos de impressão adquiridos em 1570,²²² para cuja tarefa designou o filho. Uma das ações de Richard para tal foi a apresentação de uma cópia da edição de 1576 do *Acts and Monuments* a um “Mestre Killigrew.” Não se pode afirmar ao certo se o destinatário do livro era Sir. Henry Killigrew ou seu irmão Sir. William Killigrew, porém sabe-se que em 1579 o segundo recebeu, de Richard, uma versão inglesa, traduzida por ele, da peça *Christus Triumphans* de Foxe. A folha de rosto da peça indica ter sido “Impressa por John Day, e Richard seu Filho, residindo em Aldersgate”, e sua dedicatória é assinada por Richard, sem menções a seu pai. Tanto a oferta da cópia do *Acts and Monuments* quanto da peça *Christus Triumphans*, bem como sua dedicatória, elucidam o envolvimento e protagonismo que Richard passava a adotar nos negócios do pai, de modo que, pode-se dizer, ele “emergira de tais negociações com as patentes concedidas a seu pai e a ele também.”²²³

De fato, em 1578, foi concedido a Richard o uniforme da Companhia dos Estacionários, muito embora ele não houvesse cumprido o tempo requerido de 7 anos como aprendiz para lográ-lo. A possibilidade de tal concessão é mais uma amostra do apoio de seu pai, o influente e reconhecido impressor John Day, pelos avanços do filho no mercado de impressos do qual dependiam o sustento e o renome da família. Outro sinal de tal apreço foi dado quando Day

²²² Era de 7 anos o prazo de vigência de monopólios de impressão, que, após tal intervalo, deveriam ser renovados.

²²³ “In any case, Richard emerged from these negotiations with the patents issued to his father and to him as well.” EVENDEN; FREEMAN (2014), p.293.

encarregou Richard de sua livraria em St. Paul's. Apenas dois anos depois, em 1580, porém, Day foi surpreendido com a descoberta de que suas obras estavam sendo pirateadas por seu próprio filho. Richard estava, por sua vez, privando o pai do lucro total das obras protegidas por suas patentes ao saturar o mercado com versões mais baratas dessas mesmas obras, forçando-o a reduzir seus preços.

Nesse mesmo ano de 1580, contudo, John Day foi reeleito supervisor da Companhia dos Estacionários, posto que o encarregava de administrar e supervisionar os demais impressores vinculados à companhia. A casa de impressão de St. Paul's, que dois anos antes fora concedida a Richard, foi então invadida por Day e outros oficiais da companhia com o fim de reter os livros pirateados e demais equipamentos de impressão ali constantes. A partir de tal ação, John Day “não apenas garantiu que Richard não mais teria os recursos para piratear quaisquer de suas obras, ele também o humilhou da maneira mais pública possível.”²²⁴ Com efeito, Richard se retirou do mercado de impressos e em dezembro daquele mesmo ano adentrou a vida eclesiástica.

O relacionamento entre pai e filho foi definitivamente estremecido pelos conflitos comerciais envolvidos em tais disputas. Os direitos de impressão, que constituíram a fortuna da família, seriam, ao fim da vida de John Day, a fonte de suas principais desavenças. Contudo, além de indicar a interrelação entre tais contendas profissionais e familiares, a disputa pelas patentes entre John Day e seu filho apontam para um aspecto fundamental do funcionamento do mercado de impressos na Inglaterra moderna. Afinal, os direitos de impressão do *Acts and Monuments* pertenciam a John Day, seu impressor, e não a seu autor, John Foxe. Era de Day a prerrogativa e a responsabilidade sobre a continuidade das edições do livro, bem como a condução de sua impressão e publicação. Este é um elemento definitivo do mercado de impressos do período e que tem suas implicações observáveis justamente no protagonismo do impressor, e menos do autor, na querela sobre as patentes e obras pirateadas.

A prioridade atribuída a Day, enquanto impressor registrado do *Acts and Monuments*, associa-se à relativa ausência de Foxe na produção da edição de 1576. Desde a publicação da edição de 1570, seus esforços se voltaram a obras de cunho definitivamente mais pastoral, como demonstram as publicações de *The gospels of the fower Evangelistes*, em anglo-saxão e inglês, em 1571; de *The whole workes of W. Tyndall, Iohn Frith, and Doct. Barnes*, em 1573, um fólho cujas páginas superavam o número de 750 e impresso em papel de alta qualidade, pelo próprio

²²⁴ “But John Day had not only ensured that Richard would no longer have the resources to pirate any of his works, he had also humiliated him in the most public fashion possible.” Ibidem.

Day; além da tradução dos comentários de Lutero sobre o livro de Gálatas, lançada em 1575 e feita por John Field, um influente representante do emergente movimento presbiteriano que ganhava espaço no cenário confessional inglês. É justo dizer que tal tradução acabou por tornar-se um “clássico puritano”, com cinco edições lançadas entre 1575 e 1588, mais três no ano de 1635 e mais uma em 1644.

Até a publicação da edição de 1576 e das críticas dela decorrentes, e apesar dos muitos projetos que ele ainda manteve com Day, fato é que Foxe orientava seu empenho para trabalhos pastorais e teológicos, fruto muito provavelmente de sua atuação mais dedicada como ministro. Pouco tempo antes da publicação da edição, na verdade em 1574, seu filho Samuel havia ingressado no mesmo colégio do pai, o *Magdalen College*, em Oxford. Àquela altura, o colégio era presidido por um amigo próximo de Foxe, inclusive autor de um dos poemas dedicatórios presentes no *Acts and Monuments* desde 1570, Lawrence Humphrey. Sob a liderança de Humphrey, pode ser dito que o colégio havia se tornado um verdadeiro “seminário puritano,” cuja condição, contudo, não era sinônimo necessário de uniformidade e convergência entre seus membros. Fato é que o equilíbrio no *Magdalen College* era distribuído entre duas facções que se formavam quando da direção de Humphrey, que “liderava uma delas, que consistia majoritariamente de membros antigos; muitos dos mais novos, incluindo os futuros porta-vozes puritanos John Barebon e Edward Gellibrand, sentiam que Humphrey havia ficado perigosamente tépido em buscar a reforma da Igreja.”²²⁵

Em meio a tal configuração, a entrada de Samuel Foxe e o notório apoio a ele dispensado por parte de Humphrey, tendo este até mesmo se encarregado de ensinar-lhe grego pessoalmente, acabaram tornando o filho do martirologista um alvo certo para os oponentes do diretor. A proximidade entre Foxe e Humphrey era tal que em 1577 Foxe teria escrito ao amigo solicitando que Gellibrand, então tutor de seu filho, fosse substituído. Além disso, no mesmo ano Samuel abandonou o seminário de repente, sem obter dispensa oficial ou informar sua família, rumando para a França. Segundo Evenden e Freeman, é possível que tal movimento possa ser compreendido como uma fuga de ameaças ou ataques que o jovem possa ter recebido.²²⁶ Com efeito, Foxe o persuadiu a retornar e pediu ao colégio que confirmasse sua

²²⁵ “By 1575 two factions had been formed in the college. Laurence Humphrey led one, which consisted largely of the senior fellows; many of the junior fellows, including the future puritan luminaries John Barebon and Edward Gellibrand, felt that Humphrey had become dangerously lukewarm in pursuing a godly reformation of the Church.” *Ibidem*, p.282.

²²⁶ “We do not know the reasons for this precipitous flight, which caused John Foxe considerable paternal anxiety, but it is impossible to avoid the conclusion that Samuel was trying to escape an increasingly ugly situation at the college.” *Ibidem*, p.283.

readmissão sem que fosse aplicada qualquer medida disciplinar. Fato é que em 1580 Samuel foi novamente aceito no seminário, apenas para ser expulso no ano seguinte.

Tal expulsão foi respondida com um “lobby frenético”²²⁷ da parte de John Foxe. Um apelo a William Cecil foi suficiente para que Samuel fosse readmitido e sua membresia fosse restaurada por ordem real. Apesar do desfecho satisfatório, tal contenda rendeu a Foxe profundo descontentamento. Aos detratores do filho ele denominaria como “aqueles puritanos facciosos” (“*factiosa ista Puritanorum*”).²²⁸ Nem mesmo o autor do *Acts and Monuments* sairia ileso do complexo e crescente caminho de radicalização que tantos puritanos seguiam durante o reinado de Elizabeth. E o desencanto de Foxe com o puritanismo não deixou de ser expresso, de certa forma, no próprio *Acts and Monuments*. À edição de 1583, publicada pouco tempo após a expulsão do filho, Foxe adicionou um prefácio especialmente dirigido aos protestantes ingleses, intitulado *Four Considerations to the Protestants*, em que se inscreviam quatro considerações do autor acerca do estado do protestantismo em seu país. A seção seguinte se dedicará à análise de tal prefácio, bem como à consideração de suas respectivas implicações para a compreensão do potencial polêmico e teológico do *Acts and Monuments*, especialmente na década de 1580.

2.5. *Four Questions to the Papists* e *Four Considerations to Protestants*: os mártires e o Corpo de Cristo

A quarta edição do *Acts and Monuments*, publicada em 1583, foi elaborada por uma forte necessidade de reabilitação de reputações. John Day, em especial, após profundos desentendimentos e desavenças com o filho, dedicou-se arduamente a esta que viria a ser sua última edição do livro. Foxe, por sua vez, amalgamou a tal projeto suas inclinações pastorais manifestas em anos de trabalho como ministro. Sua crescente desilusão com a intransigência dos puritanos adversários a seu amigo Lawrence Humphrey, em oposição a quem foi efetuado o afastamento de Samuel, seu filho, do *Magdalen College*, teria, dentre outras coisas, lhe confirmado a necessidade de exortar o público protestante acerca dos perigos da fragmentação teológica.

²²⁷ Assim Evenden e Freeman se referem às tentativas de Foxe de reverter a situação em torno da expulsão de Samuel.

²²⁸ Assim ele os caracteriza em uma carta a um bispo cujo nome não se conhece. Ibidem, p.284.

Também no ano de 1583 faleceu Edmund Grindal, arcebispo de Canterbury desde 1575. Grindal, na verdade, desde a primavera de 1577 havia sido posto em prisão domiciliar em seu palácio em Lambeth por ordem da própria rainha.²²⁹ O motivo da prisão do “Arcebispo Puritano”, como ficou posteriormente conhecido, referia-se ao absoluto descontentamento de Elizabeth para com a defesa de Grindal das chamadas *prophesyings*, “reuniões ou ‘exercícios’ para que o clero praticasse suas habilidades de pregação e sua aptidão para o uso das Escrituras, com leigos interessados podendo participar da parte pública de tais procedimentos.”²³⁰

Como salienta Diarmaid MacCulloch, “exercícios regulares haviam se estabelecido amplamente, e os bispos geralmente os aceitavam: não tanto a rainha.”²³¹ A popularidade de tais reuniões em fins da década de 1570 tornava evidente a efervescência e variedade do clima confessional do protestantismo na Inglaterra, cuja legitimidade era disputada por distintos grupos. A determinação de Elizabeth ao contê-las, também, torna clara a extensão de tais disputas, materializada pela carta real circulada no reino e que instituiu sua proibição. Talvez despercebidas pela rainha, contudo, as *prophesyings* continuaram ocorrendo, agora sob o nome mais neutro de “*exercises*”.²³² Acima de tudo, tanto a proibição quanto a permanência das *prophesyings* devem ser compreendidas como aspectos indicativos do estado confessional da Inglaterra elisabetana às vésperas da década de 1580, período marcado pelo acirramento da oposição entre conformistas e puritanos.

A disputa pela correta forma de governo da Igreja da Inglaterra marcaria definitivamente a teologia protestante produzida durante o reinado de Elizabeth. O debate eclesiológico era, por sua vez, precedido por expectativas diversas acerca do real legado da Reforma Inglesa. Desde os anos 1560, diversos protestantes, como James Pilkington e o próprio Foxe, por exemplo, afirmavam que a completude da Reforma em solo inglês ainda demandava muitos esforços, não estando concluída. Ainda era preciso eliminar os resquícios da religiosidade e da teologia papista, expressos nas reminiscências tradicionalistas na liturgia e em muitos artigos teológicos aprovados por Elizabeth. As sucessivas gerações de puritanos herdavam, assim, o dever de purificar a Inglaterra de tais recordações dos tempos do

²²⁹ MACCULLOCH (2005), p.384.

²³⁰ “gatherings or ‘exercises’ for clergy to practise their preaching skills and ability to use scripture, with interested lay people gathered for the public part of the proceedings.” Ibidem.

²³¹ “Regular exercises had become widely established, and the bishops generally welcomed them: not so the Queen.” Ibidem.

²³² Como afirma MacCulloch: “The Queen, for once forced to abandon her habitual use of the bishops to do her disciplinary work, summarily forbade all prophesyings by circular royal letter (they later quietly resumed under the more neutral name ‘exercises’ apparently without her noticing.” Ibidem.

catolicismo, e tal responsabilidade residia, justamente, no embate contra o sistema de governo episcopal da Igreja.

Em contrapartida, outros grupos de protestantes, igualmente variados, não compartilhavam do afã puritano por reformas vigorosas. Desde o afastamento de Grindal, fortaleceu-se “uma geração de bispos a quem podemos chamar conformistas,”²³³ para quem não eram opostos a continuidade das reformas eclesiásticas e o sistema episcopal. O argumento conformista, em linhas gerais, enfatizava a prerrogativa real como dispositivo divinamente instituído para prosseguir os objetivos protestantes de reforma. Aos bispos, assim, cabia um papel proeminente na condução do governo da Igreja, em união à conformidade da Coroa. Assim, o sucessor de Grindal em Canterbury foi John Whitgift, e sua atuação como arcebispo lhe rendeu a reputação de principal porta-voz dos conformistas ingleses. Com efeito, a turbulenta década de 1570 finalizava-se com ainda mais embates, instabilidades e ameaças à ordem estabelecida entre Coroa e Parlamento, então dividido entre facções conformistas e puritanas.

Parte considerável dos puritanos ingleses defendia a validade de um sistema de governo presbiteriano, pautado nos moldes genebrinos; isso não significa, entretanto, que o presbiterianismo era a única alternativa de governo eclesiástico defendida por todos. Tratava-se de uma posição relativamente majoritária entre os puritanos, porém não necessariamente exclusiva. Fato é, contudo, que dentre os apoiadores de um modelo presbiteriano dava-se que a quase totalidade fosse de inclinação puritana. Dada a distinção do presbiterianismo como movimento de cunho especificamente eclesiológico, isto é, majoritariamente inclinado às definições de governo eclesiástico, tem-se que, para muitos puritanos, ele não se configurava como decorrente necessário das assunções teológicas calvinistas. Por outro lado, o apoio a um modelo presbiteriano de governo geralmente decorria de uma disposição teológica marcadamente puritana. Compreender o puritanismo enquanto movimento eminentemente teológico, e o presbiterianismo enquanto proposta de governo eclesiástico, contribui para que tais distinções sejam mais claras.

As tensões confessionais não deixaram de afetar o próprio *Acts and Monuments*. É o que se pode concluir a partir da leitura de um prefácio adicionado à edição de 1583, intitulado “*Four Considerations geven out to Christian Protestantes professours of the Gospell, with a briefe exhortation inducing to reformation of life*” (Figura 25). Trata-se de um texto endereçado

²³³ “Grindal’s disgrace brought to prominence a generation of bishops whom we might call ‘conformist’ because they could see nothing in the existing settlement of the Church that was an obstacle to godly reformation.” Ibidem.

aos protestantes ingleses, dividido em quatro considerações que compõem uma “breve exortação para reforma de vida.” Nele, Foxe admoesta seus leitores a “temer ao Senhor e andar em sua obediência e corrigir o que houver de errado entre nós,”²³⁴ em referência à “contenciosa e nada fraternal divisão entre nós, tão lamentável de se ver.”²³⁵ Àquela altura, no início da década de 1580, a fragmentação teológica entre os protestantes ingleses já havia atingido inclusive o próprio Foxe, com o conflito causado pela expulsão de seu filho Samuel do *Magdalen College*, em 1581.

Por certo, Foxe teria até mesmo razões pessoais para lamentar o estado de contenda em que se encontravam os protestantes ingleses, aos quais ele se dirige no prefácio. Sua primeira consideração, por sua vez, diz respeito aos motivos pelos quais seus irmãos na fé deveriam ser gratos a Deus, “primeiramente por termos a verdadeira luz do Evangelho tão brilhante entre nós, tão publicamente recebida, tão livremente pregada, com tamanha liberdade de consciência sem perigo professada.”²³⁶ Tal liberdade, com efeito, devia-se, segundo Foxe, ao fato de terem os ingleses “uma Rainha tão graciosa conosco, de nossa própria terra natal, criada e nascida entre nós, nos governando tão calmamente, tão dedicada a nós, nos defendendo em tamanha paz.”²³⁷ O reconhecimento de sua liberdade deveria, assim, despertar imensa gratidão pelo reinado de Elizabeth. A resignação ao governo “de nossa Soberana e feliz Rainha ELIZABETH, tal qual o exemplo das abundantes misericórdias de Deus não pode ser visto em nenhuma nação ao nosso redor”²³⁸, deveria, dessa forma, começar a unir os protestantes ingleses em torno do triunfo da pregação em solo inglês, “por termos a verdadeira luz do Evangelho tão brilhante entre nós.”²³⁹

O tom providencialista da menção a Elizabeth não deve ser interpretado como um elogio despropositado à rainha. Tratava-se, com efeito, de um recurso utilizado a fim de destacar a necessidade de união entre os protestantes ingleses, então extremamente polarizados. O apelo à liberdade de consciência proporcionada no reinado de Elizabeth é feito, portanto, no sentido de enfatizar as razões disponíveis para agradecer a Deus e, ainda, conformar-se à

²³⁴ “And would God our liues were such, that the destruction and ruine here of late seene amongst vs, may portend nothing agaynst vs, as I trust there is no cause for vs to feare, but rather to feare the Lord and walke in his obedience & amend that is amisse amongst vs.” *Acts and Monuments* (1583), p.26.

²³⁵ “What should I speake of the contentions and vnbrotherly diuision amongst vs most lamentable to see.” *Ibidem*.

²³⁶ “first in hauing the true light of Gods gospel so shining among vs, so publicly receiued, so freely preached, with such libertie of conscience without daunger professed.” *Ibidem*.

²³⁷ “a Queene so gracious vnto vs, of our owne natiue country, bred and borne amongst vs, so quietly gouerning vs, so long lent vnto vs, in such peace defending vs.” *Ibidem*.

²³⁸ “our Souereigne and most happe Queene ELIZABETH, in such sort as the like example of Gods abundant mercies are not to be seene in any nation about vs.” *Ibidem*.

²³⁹ “first in hauing the true light of Gods gospel so shining among vs.” *Ibidem*.

vontade divina manifesta no trono inglês. Tal necessidade de gratidão e resignação é seguida, na segunda consideração, pela comparação entre a tranquilidade, irrefletidamente usufruída por seus leitores, e “o estado e os tempos de nossos outros conterrâneos, e abençoados Mártires do passado”²⁴⁰

Segundo Foxe, os mártires viveram tempos nos quais “crianças foram forçadas a atear fogo em seus pais: O pai ordenado a acusar o filho, a esposa a acusar o marido, o marido a esposa, o irmão a irmã, a irmã o irmão.” Especial ênfase é dada a esse trecho, a que se segue a indicação de que “exemplos assim não faltam neste livro para serem vistos. pag.774.”²⁴¹ Tem-se aqui um reforço dos sofrimentos enfrentados pelos mártires sendo utilizado como lembrete aos protestantes de “quais tempestades de perseguições eles suportaram, de quão pouco descanso desfrutaram, com quais inimigos eles se viram frente a frente, com quais cruces pressionados, sob quais Príncipes, sob quais Prelados eles viveram, ou melhor, morreram.”²⁴² A bonança da qual desfrutavam, agora comparada às aflições sofridas pelos mártires, deveria produzir o efeito desejado por Foxe: que os protestantes ingleses de seu tempo abrandassem os ânimos e se unissem.

Foxe segue em tal comparação em sua terceira consideração: “Ó que agradecimentos eles prestariam a Deus, quão felizes se encontrariam eles tendo apenas metade do que nós temos, com liberdade de consciência, e segurança de vida.”²⁴³ Em contrapartida, ele se pergunta como seria o caso oposto:

“Ou caso nós tivéssemos vivido aqueles tempos deles tão atormentados e angustiados como eles foram, destituídos de bens, odiados pelo mundo, citados em assembleias, torturados em prisões, apartados de esposa, casa e filhos, esperando nada a não ser a morte, O que diríamos nós? o que pensaríamos? o que faríamos? Muito mais, sem dúvida, do que fazemos agora, que Deus nos ajude a fazer melhor, pois não creio que poderíamos fazer pior.”²⁴⁴

²⁴⁰ “As these things first are to be considered concerning our selues: so secondly let vs consider likewise, the state and tymes of other our countrymen, and blessed Martyrs afore past.” Ibidem.

²⁴¹ “At what time children were caused to set fire to their fathers: The father adiuired to accuse the sonne, the wife to accuse the husband, the husband the wife, brother the sister, sister the brother, examples whereof are plenty in this booke to be seene, pag. 774.” Ibidem.

²⁴² “what stormes of persecutions they susteined, what little of rest they had, with what enemies they were matched, with what crosses pressed, vnder what Princes, vnder what Prelates they liued, or rather dyed.” Ibidem.

²⁴³ “O what thanks would they geue to God, how happy would they count themselues hauing but halfe of that we haue, with freedome onely of conscience, and safetie of lyfe.” Ibidem.

²⁴⁴ “Or if in case we our selues had bene in those times of theirs so troubled and distressed as they were, spoiled of goods, hated of the world, cited in consistories, pinched in prisons, sequestred from wife, house and children, loking for nothing but death, What would we say? what would we thinke? what would we do? Much otherwise doubtlesse, then we do now, God graunt we may do better,, for worse I thinke we cānot if we would.” Ibidem.

Segundo Foxe, era preciso que os protestantes de seu tempo fossem “exortados por isso (queridos e amados) a recuperar-nos, enquanto ainda há tempo.”²⁴⁵ Em sua quarta questão, ele convoca seus leitores a “pensar, considerando os tempos que passaram, os tempos que vivemos, e os tempos que virão, como nos posicionamos, e por meio de quem nos posicionaremos.”²⁴⁶ Para ele, eram incompatíveis com o verdadeiro Evangelho “nosso excessivo ultraje em vestes pomposas, nossos desejos carnis e comportamentos incastos, sem o temor de Deus, nossa imprudente segurança sem consciência, como se não houvesse um julgamento vindouro.”²⁴⁷ A perspectiva do juízo divino, precedida pela gratidão a Deus pelas bênçãos presentes, deveria mover os protestantes ingleses a reformarem suas vidas: “Que possamos então tendo a luz nos sido dada, andar como filhos da luz. Do contrário se andarmos como filhos da desobediência, Deus tem sua vara para flagelar-nos se formos Rebeldes, ele tem seus Faraós e Nabucodonosores para afligir-nos.”²⁴⁸

A realidade do castigo divino pela “vida orgulhosa e ociosa, falsidade em palavra e ação sem simplicidade, avareza insaciável, pouca preocupação em ouvir a palavra de Deus, menos ainda em lê-la, menos ainda em segui-la,”²⁴⁹ é assim descrita a fim de alertar os leitores de Foxe acerca dos perigos da mundanidade de suas vidas. Ele afirma, “a adversidade, se vier, não nos desanimará: nem mesmo a prosperidade agora presente nos manterá em segurança, considerando o que há de vir.”²⁵⁰ Dessa forma, apesar do atual estado de bonança e liberdade de que desfrutavam, e que Foxe muito exemplificou em seu prefácio, os protestantes ingleses deveriam manter-se vigilantes diante da possibilidade do juízo do próprio Deus sobre sua avareza e contenciosidade.

Nota-se, sobretudo, que a insatisfação de Foxe se faz sentir especialmente ao constatar a indisposição dos protestantes ao contentar-se com o estado de quietude de seus próprios tempos. Mais ainda, ele se pergunta que fariam os mártires “se pudessem desfrutar de metade

²⁴⁵ “Wherefore let vs be exhorted (dearely beloued) to reclayme our selues, whyle time doth serue.” Ibidem.

²⁴⁶ “Wherefore, welbeloued, these thinges being so, let vs call our selues to mind, considering the times that haue bene, the times that be, and times that may come, how we stand, and by whom we stand.” Ibidem.

²⁴⁷ “our excessiue outrage in pompous apparrell, our carnall desires and vnchast demeanors, without feare of God, our careles security without conscience, as though there were no iudgement to come, our studyes so vpon this world, as though there were no other heauen.” Ibidem.

²⁴⁸ “Let vs therfore hauing light geuen vs, walke like children of light. Otherwise if we walke like children of disobedience, God hath his roddes to scourge vs if we will needes be Rebelles, he hath his Pharaos and Nabuchodonosors to plague vs.” Ibidem.

²⁴⁹ “what pride and idlenes of life, double dissembling in word & deed with out simplicity, auarice vnsatiabile, litle regard to heare Gods word, lesse to read it, least of all to folow it.” Ibidem.

²⁵⁰ “As aduersity if it come, ought not to dismay vs: so neither prosperity now present ought not to puffe vs up in security, considering what commonly is wont to folow.” Ibidem.

da tranquilidade que nós temos, de dispor da liberdade da palavra de Deus.”²⁵¹ Não somente desfrutavam de liberdade de consciência, os protestantes a quem Foxe se dirige, segundo ele, podiam usufruir do “verdadeiro uso dos sacramentos sem a molestaçã dos prelados Romanos.”²⁵² A menção à correção dos modos de administração dos sacramentos na Igreja da Inglaterra dos tempos de Elizabeth deve ser, por sua vez, compreendida conforme as implicações de tal afirmação para o contexto confessional do período. Tendo sido a doutrina eucarística um ponto mais do que sensível em toda a história do protestantismo inglês, chama a atenção a menção feita por Foxe aos sacramentos, no sentido de que tal questão continuava a configurar-se como uma das mais polêmicas mesmo no reinado de Elizabeth.

Considerar a referência de Foxe aos sacramentos, em especial ao da eucaristia, torna necessário voltar a um outro prefácio do autor. Isso porque o *Four Considerations to the Protestants* é antecedido, na edição de 1583 e em todas as seguintes, por um outro prefácio intitulado *Four Questions to the Papists* (Figura 25). Tal qual o *Preface to the Persecutors* da edição de 1563, trata-se de um texto dedicado aos leitores católicos, a quem Foxe apresenta o modo adequado como o livro deveria ser lido. Contudo, o *Four Questions* foi publicado na segunda edição do *Acts and Monuments*, em 1570, em substituição ao *Preface to the Persecutors*. A principal diferença entre ambos, além da divisão em questões do segundo, reside no tom empregado por Foxe ao se dirigir aos leitores: no primeiro prefácio, predomina um aspecto admoestativo e reconciliador na atitude para com os papistas; no segundo, tem-se uma proposta clara de debate teológico cujo fim é a refutação e acusação de seus erros e falsidades. As quatro questões são iniciadas com a seguinte declaração de Foxe:

“A todos vós e em particular, que professais a doutrina e Religião do Papa vosso santo pai, e de vossa mãe Igreja de Roma, adotando o nome de Católicos, comumente chamados Papistas, onde quer que habitais no Reino da Inglaterra, estas quatro questões ou Problemas a seguir eu apresento, desejando que possais neles meditar ou respondê-los em vosso tempo livre.”²⁵³

Dirigidas aos “Católicos, comumente chamados Papistas”, pode-se dizer de modo geral que as quatro questões se voltam, respectiva e tematicamente, a assuntos relacionados à definição da verdadeira Igreja, à identificação do Papa com o Anticristo, à importância da

²⁵¹ “if they might haue had halfe this tranquillitie which we haue, to enioy the liberty of Gods word.” Ibidem.

²⁵² “and true vse of the sacraments without molestatiō of Romish prelates.” Ibidem.

²⁵³ “To you all and singuler, which professe the doctrine and Religion of the Pope your holy Father, and of your mother Church of Rome, pretending the name of Catholickes commōly termed Papistes, wheresoeuer abiding in the Realme of England, these foure Questions or Problemes hereunder folowing I would moue, desiring you all either to muse vpon thē, or to answeere thē at your leisure.” *Acts and Monuments* (1583), p.23.

história como revelação dos desígnios divinos e à delineação da verdadeira natureza da religião cristã. Tem-se, em conjunto, uma defesa da validade da teologia protestante segundo pressupostos históricos e hermenêuticos. As questões de Foxe a seus leitores católicos, sobretudo, clarificam muitas das divergências teológicas que distinguem católicos e protestantes na Inglaterra elisabetana. Contudo, embora dedicadas aos papistas, elas também tornam evidentes alguns pontos que separavam inclusive os protestantes ingleses, especialmente no que concerne ao governo eclesiástico.

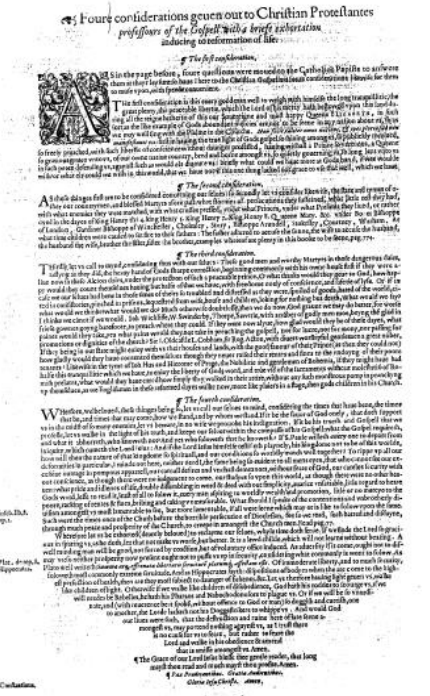
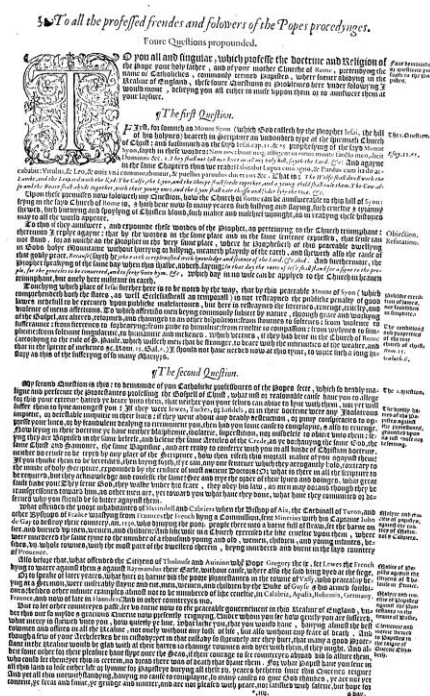


Figura 25 - Four Questions to the Papists (ed.1570) e Four Considerations to the Protestants (ed.1583)

Chama atenção especial a quarta questão, que Foxe assim inicia: “Eu proponho minha questão a fim de perguntar-vos, se a religião de Cristo é meramente espiritual, ou corporal?”²⁵⁴ Aqui tem-se um resumo da discussão a respeito da natureza da verdadeira religião cristã, em que Foxe expõe sua defesa de vários pontos da teologia protestante, mais especificamente no que concerne à eclesiologia (relativa à organização da igreja) e à soteriologia (doutrina da salvação). Numa crítica aos excessos ritualísticos da espiritualidade católica, Foxe se esforçava em defender sua crença na doutrina protestante da justificação somente pela fé, na suficiência

254 “I turne my question to aske this of you: whether the religion of Christ be meere spirituall, or else corporall?” *Acts and Monuments* (1583), p.25.

dos sacramentos da ceia e do batismo e, principalmente, na natureza necessariamente espiritual da verdadeira Igreja de Cristo.

Para Foxe, a carnalidade dos rituais e sacramentos católicos não poderia ser compatível com a simplicidade do Evangelho contido nas Escrituras. Os ritos católicos seriam, para ele, exercícios meramente corpóreos, sem relevância ou significado espiritual, sem respaldo escriturístico e sem valor diante de Deus. Para ele, eram apenas dois os sacramentos verdadeiramente apontados nas Escrituras: a Ceia e o Batismo. E, ainda, de nenhum deles era possível esperar que se obtivesse a remissão de pecados, porquanto eram apenas “amostras visíveis de benefícios invisíveis e espirituais.”²⁵⁵

Foxe aqui defende que a salvação de um cristão não consistia em cerimônias ou sacramentos, mas sim em dons espirituais. A fé em Jesus Cristo seria, então, a única maneira de obter salvação e somente através dela seria possível que pecados fossem perdoados, que a ira de Deus fosse satisfeita e que o homem fosse plenamente justificado de qualquer acusação. Foxe tentava reforçar, assim, que tais frutos espirituais só poderiam ser gerados a partir de uma fé alinhada a uma religião igualmente espiritual. A religiosidade romanista era sinônimo, para ele, de falta de genuína santificação e, portanto, de ausência da ação divina, da qual uma fé morta e carnal não poderia proceder.²⁵⁶

Apesar de terem sido primeiramente publicadas em 1570, as quatro questões, ao tratarem de pontos fundamentais da teologia protestante, trazem luz a uma discussão que se tornou ainda mais fundamental em décadas posteriores, a saber, a natureza da Igreja. A menção de Foxe, no prefácio aos protestantes na edição de 1583, *Four Considerations to the Protestants*, à benevolência de Elizabeth e à correta execução dos sacramentos diz respeito a um conjunto de debates e querelas especialmente relacionados à doutrina eucarística definida pela Igreja inglesa. Embora a suficiência do batismo e da ceia enquanto únicos sacramentos bíblicamente ordenados tenha se tornado um consenso da teologia protestante, foram intensas as controvérsias em torno desse assunto para os protestantes ingleses, principalmente quanto aos limites da “presença real” do Corpo de Cristo no elemento do pão.

²⁵⁵ “but onely are visible shewes of invisible and spirituall benefits.” Ibidem.

²⁵⁶ Portanto, Foxe afirma haver uma antítese entre um cristão verdadeiro e aquele sujeito à religião de Roma: “Now conferre these Antitheses together, and see whether of these is the truer Christian, the ceremonially man after the Church of Rome, or the spirituall man with his faith and other spirituall fruites of pietie following after the same. And if ye say that ye mixt them both together, spirituall things with your corporal ceremonies, to that I answere agayne, that as touching the end of remission of sinnes, and salvation, they ought in no case to be joynd together, because the meane cause of all our salvation and remission, is onely spirituall, and consisteth in faith, and in no other.” Ibidem.

A ambiguidade inglesa quanto a esse assunto foi ainda mais reforçada no reinado de Elizabeth, durante o qual foram operadas importantes alterações quanto à administração do sacramento eucarístico. Em um dos *Thirty Nine Articles of Religion* (1563), o de número 28, dizia-se que o Corpo de Cristo era dado e ingerido “apenas de uma maneira celestial e espiritual.”²⁵⁷ Apesar da clara oposição à doutrina da transubstanciação, é omitida no trecho a condenação da crença na presença real, e que constava no artigo correspondente a ele nos *Forty Two Articles of Religion*, de 1552. O comentário de Peter Marshall acerca das inexatidões teológicas dos documentos confessionais elisabetanos parece formidável:

“A doutrina eucarística era um pilar da identidade confessional em quase todas as partes da Europa durante a Reforma. Porém era como se a Igreja da Inglaterra pedisse que seus adeptos adivinhassem sua doutrina em meio aos indícios e pistas de suas rubricas e parafernalias.”²⁵⁸

Apesar das ambiguidades e das dúvidas envoltas na teologia oficial da Igreja da inglesa nos anos de Elizabeth, pelo menos um fato pode-se confirmar acerca do *Acts and Monuments* em tal contexto. Trata-se, com efeito, do forte apelo sacramental proposto no livro e observável desde sua primeira edição. Para certificar-se de tal apelo basta observar a folha de rosto que inicia a maioria das edições do *Acts and Monuments* (Figura 1). A oposição entre as duas Igrejas retratadas se dá, em especial, nas cenas centrais: à esquerda, um grupo de protestantes martirizados em fogueiras; à direita, a celebração de uma missa, no exato momento da elevação da hóstia.

A ênfase sacramental implicada no *Acts and Monuments* pode ser observada em muitos dos textos e demais materiais paratextuais já analisados. No *Ad Christum Eucharisticon*, por exemplo, o primeiro prefácio da edição de 1563, diz-se que, por meio do livro, os mártires poderiam receber do próprio Deus “a mesma [vida], muito mais distintamente com o benefício de glória, como se eles jamais a tivessem perdido.” A compilação das histórias dos mártires era o passo inicial para a revitalização de suas memórias, como se eles fossem vivificados pela leitura do livro. A imitação dos mártires, guiada por dispositivos como o *Kalender* e extensamente justificada no *Utility of this Story*, por exemplo, era a forma fundamental pela qual os protestantes poderiam honrar a dignidade de seus antepassados e servir ao Deus que

²⁵⁷ MILTON (2017), p.51.

²⁵⁸ “Eucharistic doctrine was a keystone of confessional identity in virtually all parts of Reformation Europe. But it seemed almost as if the Church of England was asking adherents to guess its doctrine from hints and clues in the rubrics and paraphernalia.” Ibidem, p.50.

estes serviram. A tradição martirológica a qual Foxe se reporta ao escrever sobre os protestantes ingleses evidencia, por sua vez, a força da temática sacramental das histórias contidas no livro.

O *Acts and Monuments* comportava, assim, uma forma específica de sacramentalidade comunitária, especialmente expressa na proposta de imitação coletiva dos exemplos dos mártires. Segundo Jennifer Rust, é inclusive à afirmação de uma ordem sócio-sacramental que se deve a notável durabilidade dos temas levantados pelo livro. A caracterização dos protestantes perseguidos no reinado de Maria como mártires, em todos os seus vínculos com o passado cristão, constituía assim um repertório sacramental compartilhado por Foxe e seus leitores. E no centro de tal repertório figurava, por sua vez, a eucaristia.

Sobre tal repertório sacramental, cabe considerar o comentário de Eamon Duffy:

“dentro da diversidade de opções religiosas medievais havia um notável grau de homogeneidade religiosa e imaginativa por todo o espectro social, um repertório compartilhado de símbolos, orações e crenças que atravessavam e até mesmo preenchiam os espaços entre letrados e iletrados.”²⁵⁹

Em meio a tais práticas e crenças compartilhadas, a celebração da missa era parte fundamental, constitutiva e indispensável das formas de religiosidade na Inglaterra moderna e medieval. É imprescindível, portanto, considerar a continuidade da teologia sacramental medieval expressa nos principais debates confessionais do século XVI. Jennifer Rust, ao analisar a folha de rosto do *Acts and Monuments*, afirma que a justaposição visual em que se opõem católicos e protestantes, missa e mártires, “convida os espectadores a identificar essa comunidade [os mártires] com os valores ideais previamente associados com o sacramento,”²⁶⁰ de forma que “a comunidade de mártires imolados também se torna o equivalente sacramental da consagração que supostamente ocorre durante a Missa.”²⁶¹

Dessa forma, o apelo sacramental do *Acts and Monuments* deve ser compreendido como um aspecto não apenas constitutivo do projeto martirológico de Foxe, mas também como item fundamental da ligação entre o livro e os debates confessionais aos quais suas respectivas edições se relacionam. Publicadas em 1570, as quatro questões eram lidas como respostas

²⁵⁹ “Yet within the diversity of medieval religious options there was a remarkable degree of religious and imaginative homogeneity across the social spectrum, a shared repertoire of symbols, prayers, and beliefs which crossed and bridge even the gulf between the literate and illiterate.” DUFFY (2005), p.3.

²⁶⁰ “invites viewers to identify this community with the ideal values formerly associated with the sacrament.” RUST, J. Reforming the Mystical Body: From Mass to Martyr in John Foxe’s “Acts and Monuments”. *ELH*, Vol. 80, No. 3 (2013), p.639

²⁶¹ “the community of immolated martyrs also becomes the sacramental equivalent of the consecration that is supposed to happen during the Mass.” *Ibidem*.

especialmente dirigidas às críticas católicas tão comentadas por Foxe ao longo de outros prefácios do livro; em 1583, seguido das quatro considerações aos protestantes, o *Four Questions to the Papists* pode ser lido como um texto que aponta para um conteúdo fundamental de muitos dos prefácios de Foxe.

Conforme dito por Thomas Betteridge, há “uma tensão no *Acts and Monuments* entre visibilidade e invisibilidade.”²⁶² Embora a afirmação de Betteridge se refira de maneira especial às xilogravuras do livro, pode-se dizer que a relação entre o *Four Considerations* e o *Four Questions* exemplifica tal tensão de maneira igualmente pertinente. Enquanto o primeiro aponta para a necessidade de que os protestantes se unam e reconheçam a bonança visível de seus próprios tempos, em um apelo à unidade visível da Igreja formada por eles, o segundo destaca, em sua quarta questão, a invisibilidade da verdadeira Igreja de Cristo como principal prova de sua pureza.

A tensão reside, portanto, na maneira paradoxal como os mártires são caracterizados, simultaneamente, como expressões corporais da perseguição e injustiça perpetrada à verdadeira Igreja, materializada por seus corpos imolados, e como membros dessa mesma Igreja, que se mantém invisível aos olhos humanos. Assim, a realidade visível do sofrimento corporal dos mártires é contraposta à verdade que eles revelam como membros visíveis do corpo invisível da verdadeira Igreja. A realidade corpórea da violência e da morte de que padecem os autoriza, portanto, como testemunhas fidedignas da justiça invisível de que são participantes. Os mártires imolados, equivalentes ao próprio corpo de Cristo imolado e sacrificado (e profanado no ritual da missa católica) erguem-se, no *Acts and Monuments*, como testemunhas infalíveis da natureza da verdadeira Igreja.

Cabiam aos protestantes ingleses de 1583, conforme o *Four Considerations to the Protestants* lhes sugere, reconhecer-se como herdeiros de tais testemunhas, e retomarem seu legado por meio da imitação piedosa de suas virtudes. A imitação moral dos exemplos dos mártires, dessa forma, superava a profanação ritualística da sacramentalidade católica, e os colocava como provas verdadeiras e visíveis da realidade invisível e oculta da qual faziam parte todos os eleitos. O resgate do valor eclesiológico dos mártires e da necessidade de que fossem imitados tornava urgente, também, que os protestantes ingleses abrandassem suas rivalidades e reconhecessem as graças visíveis das quais podiam usufruir em seu próprio tempo.

²⁶² “One possible explanation for the massive textual response to Foxe's work is that it is the result of a tension embodied in *Acts and Monuments* between visibility and invisibility, "truth" and history that almost forces its readers to seek to shape or explain its meaning.” BETTERIDGE, T. *Truth and History in Foxe's Acts and Monuments*. In: HIGHLEY, C; KING, J. *John Foxe and His World*. St Andrews Studies in Reformation History. Ashgate Publishing, 2002. Posição 4012 (Kindle).

A conjugação de temas sacramentais, eclesiológicos e litúrgicos no *Acts and Monuments*, em especial nos dois prefácios analisados, aponta para a complexidade teológica implicada no tratamento dado aos mártires. Tal reunião temática evidencia, sobretudo, a dificuldade de cristalizar o legado de Foxe, e o próprio *Acts and Monuments*, como representantes inequívocos do movimento puritano, apropriação posterior que não necessariamente coincide com exemplos analisados na própria edição de 1583 do livro. Em fins do século XVI e ao longo do século XVII, o trabalho e a identidade confessional de Foxe seriam apropriados pelos mais diferentes grupos religiosos; é importante, então que se tenha em mente a complexidade de tal legado e de suas respectivas interpretações.

Apesar de tudo, Foxe não veria o cumprimento de seus dizeres acerca da unidade entre protestantes. Seu último grande projeto, o comentário sobre o livro de Apocalipse, parece um exemplo formidável das prioridades a que ele se dedicava em seus últimos anos, bem como de seus maiores interesses desde o início de sua formação como letrado e ministro protestante. O comentário não chegou a ser finalizado, tendo Foxe falecido em 18 de abril de 1587. Um ano depois, seu filho Samuel o editou e publicou sob o título de *Eiscami* (palavra grega para especulações) e dedicou-o ao então arcebispo de Canterbury, John Whitgift. Como afirmam Evenden e Freeman, os anos finais de John Foxe foram marcados por seu trabalho em prol de objetivos eminentemente espirituais, materializados em sua ênfase no conforto pastoral, na emulação de condutas morais irrepreensíveis e, além disso, nas provas da veracidade da doutrina protestante a serem encontradas na antiguidade.

Sua tarefa de revelação histórica da profecia bíblica, pode-se dizer, era o principal elemento a reunir seus escritos, baseados na premissa de que “o entendimento da história era um passo crucial para a compreensão das profecias escriturísticas.”²⁶³ O louvor prestado a ele por causa do *Acts and Monuments*, em parte, se deve justamente ao apelo espiritual de seu conteúdo, expresso na prioridade conferida aos temas apocalípticos de sua obra. O reconhecimento de Foxe como letrado seria, assim, permanentemente vinculado ao *Acts and Monuments*. E o mesmo pode ser dito, por sua vez, acerca do impressor do livro.

É fácil compreender os motivos pelos quais a trajetória de John Day, por tanto tempo, esteve de tal modo amalgamada ao *Acts and Monuments* e seu autor, John Foxe. O sucesso de tal obra tornou seu já conhecido impressor um grande nome no mercado de impressos da Inglaterra moderna, e, é o que se defende aqui, serviu para evidenciar a realidade já conhecida

²⁶³ Como afirmam Evenden e Freeman: “Another, and a particularly important one, of the spiritual purposes underlying Foxe’s work as an historian was that he felt a correct understanding of history was a crucial step in understanding scriptural prophecies.” EVENDEN; FREEMAN (2014), p.317.

de seu renome e prestígio em tal universo. Para além do *Acts and Monuments*, pode-se dizer que Day foi responsável por um verdadeiro “império da impressão”²⁶⁴, do qual dão conta inúmeros e variados títulos e cujo conjunto exhibe muitas das particularidades do mercado de impressos na Inglaterra moderna. Tal império, porém, findou com a morte de seu elaborador. Em 1584, a já debilitada saúde de Day exauriu-se em meio ao constante e intenso trabalho, a seguidos processos de grupos de impressores que lhe reclamavam os monopólios, e à extenuante intriga com seu próprio filho, Richard.²⁶⁵ Falecido o impressor, seus direitos e monopólios foram cedidos ao filho, que posteriormente os transmitiu à influente Companhia dos Estacionários.

Dessa forma, após as mortes de Foxe e Day, o *Acts and Monuments* continuaria a ser reimpresso e permaneceria relevante em distintos contextos, especialmente graças às articulações comerciais e institucionais da Companhia. O capítulo seguinte será dedicado, por sua vez, à análise das edições posteriores às mortes de seu autor e impressor, e ao modo como, então, a impressão e publicação do livro foram profundamente ressignificadas. O legado do *Acts and Monuments*, assim, ganharia novas dimensões e apropriações, observáveis especialmente na composição editorial e paratextual das novas edições nas quais o livro seria reimpresso. Novos apoiadores, novos impressores, novos leitores: o *Acts and Monuments*, desde as vésperas do século XVII, seria elaborado e apropriado segundo novos pressupostos e conforme novas conjunturas sociais e culturais, sendo monumentalizado de maneira profunda e duradoura. À consideração e análise de tais questões, portanto, se dedica o capítulo final do presente trabalho.

²⁶⁴ A expressão é utilizada por Elizabeth Evenden: “Day had been able to build a vast printing empire because of a number of crucial elements at the heart of his business strategy, which exposed both the strengths and weaknesses of the system of monopolies.” EVENDEN (2008), p.178.

²⁶⁵ Os anos finais de John Day foram marcados por disputas ferrenhas contra pirateadores como Roger Ward, que passou a produzir ilicitamente os catecismos de John Ponet sob cuja impressão Day detinha os direitos. John Wolfe também lhe causou problemas ao se apropriar dos salmos metrificados, de modo que, ao final da disputa, o próprio Day teria optado por ceder algumas de suas patentes a alguns impressores. Mas, sem dúvida, o maior desafio consistia em sua lida com o filho Richard, que acabou por também piratear tipos e títulos da casa de impressão de Day.

CAPÍTULO 3

Como *The Acts and Monuments* se tornou *The Book of Martyrs*: as edições de 1596, 1610, 1632, 1641 e 1684

3.1 *The Acts and Monuments* depois de Foxe e Day: versões abreviadas e a edição de 1596

Em 18 de Maio de 1683 era impresso um anúncio, junto ao periódico sabidamente anticatólico de Henry Care, *The Weekly Pacquet of Advice from Rome*, que se lê a seguir:

“A Reimpressão do Livro dos Mártires de Mr. Fox em Três Volumes, sem qualquer Adição ou Alteração tanto em Sentido quanto em Palavra, em um novo Tipo Romano, com Figuras Gravadas em chapas de metal, tendo sido Proposta para ser realizada por Subscrição, por Quarenta e cinco shillings por uma Cópia em *Quires*²⁶⁶ de Papel Comum, vinte shillings a serem pagos à vista, o restante a prazo, e para o melhor Papel em *Quires*, três Pounds; trinta shillings à vista. Para fins de Encorajamento, àqueles que Subscreverem para Seis [cópias] será concedida uma Sétima gratuitamente. Os Realizadores, William Rawlins e Samuel Roycroft, em Great Bartholomew’s Close, estão preparando Tipos, Papel e Pranchas para levar a cabo a dita Obra, e pretendem iniciar a mesma a primeiro de agosto e terminá-la ao próximo dia de Nossa Senhora: Assim àqueles que usufruirão dos benefícios de suas Propostas, espera-se que enviem suas Subscrições antes do fim de julho próximo, a fim de que os Realizadores acrescentem a sua resolução de Impressão não mais do que é subscrito. Um Catálogo dos Nomes daqueles Senhores cujas subscrições já se encontram em mãos dos realizadores será impresso em alguns dias.”²⁶⁷

²⁶⁶ A terminação “*Quires*” era utilizada como unidade de medida para distintas quantidades de folhas de um livro impresso.

²⁶⁷ “The Reprinting of Mr Fox’s Book of Martyrs in Three Volumes, without any Addition or Alteration either in Sense or Word, on a new Roman Letter, with Figures Engraven on Copper Plates, having been Proposed to be done by Subscription, at Forty five shillings for one Copy in Quires of the Ordinary Paper, twnty shillings to be payd in hand, the rest on delivery, and for the best Paper in Quires, three Pounds; thirty shilling in hand. For a further Encouragement, those that Subscribe for Six to have a Seventh gratis. The Undertakers, William Rawlins and Samuel Roycroft, in Great Bartholomew’s Close, are preparing Letter, Paper and Plates for carrying on the said Work, and intend to begin the same by the first of August and to have it finished by Lady-day next: And therefore those who will take the benefit of there Proposals, are desired to send in their Subscriptions before the end of July next, for that the Undertakers do adhere to their resolution of Printing no more than are subscribed for. A Catalogue of the Names of those Gentlemen whose subscriptions are already come to the hand of the undertakers will in a few dayes be printed.” Henry Care, *The Weekly Pacquet of Advice from Rome*, no. 39 (18 de Maio de 1683). Citado em: EVENDEN; FREEMAN (2014), p.337.

Há exato um século antes da publicação do anúncio, a quarta edição do *Acts and Monuments* era publicada em Aldersgate, por John Day. A edição de 1583, marcada por suas ilustrações admiráveis e composição tipográfica complexa e sofisticada, foi um dos últimos projetos a unir o autor e impressor do *Acts and Monuments*, já em seus anos finais de vida. Sua extensão, em fins do século XVI, ultrapassaria em quatro vezes o tamanho da Bíblia King James.²⁶⁸ Como divulgado no anúncio acima, porém, um século depois, a publicação da nona edição do *Acts and Monuments* era comunicada e organizada por meios e dispositivos definitivamente distintos daqueles a partir dos quais homens como Foxe e Day operavam.

Os anos finais de John Foxe e John Day, respectivamente falecidos nos anos de 1587 e 1584, foram marcados pelo declínio gradual do sistema de monopólios pelos quais o *Acts and Monuments* havia sido até então financiado e publicado. Um século mais tarde, a nona edição do livro era anunciada não mais por meio de cartas ou prefácios de outros livros produzidos pelos elaboradores, mas sim por um anúncio publicado em um periódico anticatólico; era financiada não mais pela patronagem de mecenas poderosos e influentes a quem tantos livros impressos eram dedicados e apresentados, mas sim por contribuições individuais de signatários de uma lista de subscrições, também impressa e divulgada com os nomes de seus respectivos assinantes. Além disso, a impressão e reprodução do livro não mais eram objeto de privilégio pessoal de um ou outro impressor, mas sim pertencentes à Companhia dos Estacionários, organização a quem cabiam a regularização e fiscalização do mercado de impressos inglês no século XVII.

Entre 1583, ano de publicação da última edição produzida por Day e Foxe, e 1684, quando foi lançada a edição de que trata o anúncio acima, os modos de publicação do *Acts and Monuments* foram profunda e gradativamente transformados. Tais transformações, contudo, não dizem respeito apenas ao *Book of Martyrs*, título pelo qual o livro seria definitivamente conhecido ao longo do século XVII, mas também às próprias bases do funcionamento da cultura impressa inglesa. Desde a vigência do sistema de monopólios no século XVI, do qual John Day foi um dos principais legatários, as formas pelas quais livros impressos eram financiados e publicados se modificaram e acompanharam muitas das mudanças políticas sucedidas na Inglaterra do período. É especialmente a tais transformações, de um mercado orientado por privilégios baseados em laços de poder e prestígio a um sistema de regulação composto por sindicatos de impressores e, posteriormente, ordenado por subscrições coletivas, que se relaciona toda a história editorial do *Acts and Monuments* no século XVII.

²⁶⁸ KING (2006).

Como bem afirma Christopher Hill na introdução de seu livro clássico sobre a história política da Inglaterra seiscentista, *The Century of the Revolution*, “a transformação que se deu no século XVII é muito mais do que uma mera revolução constitucional ou política, ou uma revolução na economia, na religião, ou no gosto estético. Ela compreende a vida como um todo.”²⁶⁹ Assim, as mudanças ocorridas no mercado de impressos ingleses devem necessariamente ser compreendidas em sua relação com tais transformações. Ademais, a história editorial do *Acts and Monuments* pode ser relacionada a tais mudanças e desfechos, e é à análise de tais relações que se dedica o presente capítulo.

O período transcorrido entre a edição de 1583 e a de 1684, a última das grandes edições do *Acts and Monuments*, deve ser compreendido nos termos de tais transformações e modificações do sistema de impressão e publicação de livros na Inglaterra. Cada uma das edições publicadas nesse intervalo comporta em sua composição editorial características significativas à compreensão da trajetória do livro no século XVII, e ao discernimento acerca de seu processo de monumentalização, que se confirma de forma ainda mais definitiva. Dessa forma, as edições de 1596, 1610, 1632, 1641 e 1684 serão aqui analisadas levando em conta as diversas formas pelas quais, a partir de suas composições editoriais e materiais paratextuais, pode-se constatar e compreender as modalidades de monumentalização atribuídas ao *Acts and Monuments*.

3.1.1 A primeira versão resumida do *Acts and Monuments*: miniaturização e monumentalização

Poucos meses antes de falecer, John Day, após longa disputa marcada por pressões e relutâncias, acabou por renunciar alguns de seus monopólios de impressão à Companhia dos Estacionários. Foram 36 os direitos transferidos, dentre os quais se destacam os relativos aos livros *Whole works of Tyndale Frith and Barnes* e *A hundred sermons*, de Henry Bullinger. Os direitos sobre o *Acts and Monuments*, contudo, não foram cedidos. Após sua morte, porém, todas as patentes restantes foram passadas a seu filho Richard, que posteriormente as transferiu para a Companhia. A morte do impressor, pode-se dizer, coincidiu com o processo cada vez

²⁶⁹ “The transformation that took place in the seventeenth century is then far more than merely a constitutional or political revolution, or a revolution in economics, religion, or taste. It embraces the whole of life.” HILL, C. *The Century of the Revolution, 1603-1714*.

mais evidente de desmantelamento do sistema de monopólios a partir do qual seu renome foi constituído.

Tal desmantelamento se fazia cada vez mais sentir em finais do século XVI. Afinal, apenas dois anos após a morte de John Foxe era publicada a primeira versão resumida do *Acts and Monuments*, no ano de 1589. Em 1588, afinal, Timothy Bright, conhecido polímata na corte de Elizabeth, recebera da própria rainha uma patente que lhe permitia traduzir ou resumir quaisquer obras de seu interesse.²⁷⁰ O resultado de tal concessão foi, então, a primeira versão resumida do *Acts and Monuments*. Publicada em 1589, logo após a vitória inglesa contra a Armada Espanhola e no auge do otimismo nacional por ela ocasionado, a versão resumida de Bright evidenciava o valor e prestígio atribuídos ao *Acts and Monuments* e especialmente a seu autor, poucos anos após seu falecimento. Contudo, o livro de Bright era, “ou se propunha a ser, mais uma miniaturização de todo o *Acts and Monuments* de Foxe do que um extrato de seus pontos mais importantes, ou então um enfoque em uma era em particular.”²⁷¹ E em tal consideração reside um ponto importante acerca do legado atribuído a Foxe e seu livro já pouco tempo após sua morte.

A publicação da versão resumida de Timothy Bright é bastante elucidativa no que diz respeito às diversas formas como o *Acts and Monuments* era, especialmente na década de 1580, mobilizado e apropriado pelos mais diferentes grupos religiosos do protestantismo elisabetano. Sabe-se que a patente concedida a Bright foi garantida pela própria Elizabeth, e que seu livro foi intensamente promovido pelos esforços conjuntos de John Whitgift, Arcebispo de Canterbury, e John Aylmer, Bispo de Londres. Tais expressões de apoio oficial por parte de autoridades eclesiásticas associam-se ao tom conformista adotado por Bright ao longo de seu livro, e de maneira especial, à composição editorial e paratextual de seu conteúdo. Um dos prefácios escritos por Bright, e que finaliza a seção prefatorial do livro, se intitula *Speciall Note of England*, e constitui-se de declarações em louvor ao pioneirismo da Inglaterra na reforma de suas instituições eclesiásticas:

“Inglaterra, o primeiro reino que universalmente abraçou o Evangelho.

²⁷⁰ Ironicamente ou não, o único agraciado com tal concessão antes de Bright teria sido o próprio John Day.

²⁷¹ “His abridgement was, or attempted to be, a true miniaturization of the whole of Foxe's Acts and Monuments rather than an extract of the high points, or focus upon a particular era.” NUSSBAUM, D. Whitgift's Book of Martyrs: Archbishop Whitgift, Timothy Bright and the Elizabethan Struggle over John Foxe's Legacy. In: LOADES, D (ed.) *John Foxe: An Historical Perspective*. Routledge Revivals, 2008. p.137.

Constantino, o primeiro Imperador cristão (que destruiu a idolatria dos Gentios, e plantou o Evangelho por todo o mundo), um inglês.
 John Wicliff, o primeiro a manifestamente expor o Papa, mantendo aberta oposição a ele, um inglês;
 O mais nobre Príncipe, rei Henrique viii. o primeiro rei que repudiou o Papa.
 O digno Príncipe, rei Eduardo vi. o primeiro rei, que aboliu absolutamente toda a superstição papista.
 Sua Majestade Real, nossa mais graciosa Soberana, a própria Opositora do papa, e uma Mãe de todos os príncipes Cristãos: a quem o Todo Poderoso longamente preserve sobre nós.
 Inglaterra, a primeira a abraçar o Evangelho: a única a estabelecê-lo por todo o mundo: e a primeira reformada.”²⁷²

Tais versos, ao elencarem reis e imperadores como protagonistas do contínuo processo de reforma da Inglaterra, podem ser compreendidos como uma amostra da ênfase conformista adotada por Bright ao longo de sua versão resumida do *Acts and Monuments*. A menção ao pioneirismo de tais personagens na restauração do Evangelho na Inglaterra constitui uma investida favorável à conformidade religiosa, em especial, na medida em que evidencia a ação providencial de Deus na história inglesa a partir de ações orquestradas por seus próprios soberanos. Até mesmo Constantino, figura fundamental na história eclesiástica de Foxe, não escapa da associação com a Reforma Inglesa, ao ser caracterizado como o primeiro imperador cristão e, principalmente, inglês. A inclusão de Constantino na lista de soberanos ingleses, contudo, para além da associação com um passado especificamente inglês, ressalta ainda outra dimensão do livro de Bright, relativa à antiguidade da Igreja inglesa.

Na década de 1580, o principal tópico que movimentava o debate religioso na Inglaterra era definidamente eclesiológico. Grupos confessionais se distinguiam quanto à questão da legitimidade do sistema episcopal, disputa na qual opunham-se de maneira especial conformistas e presbiterianos. Era John Whitgift, pode-se dizer, o principal porta-voz do partido conformista, enquanto a Thomas Cartwright cabia destaque na defesa do emergente

²⁷² “England, the first kingdome that universallie embraced the Gospel./ Constantine, the first christian Emperor (who utterhe destroyed the idolatrie of the Gentiles, and planted the Gospel through out the world) an Englishman./ Iohn Wickliff, that first manifestly discovered the Pope, and mainteyned open disoutation against him, an Englishman./ The most noble Prince, king Henrie viii. the first king that renounced the Pope./ The worthie Prince, king Edward vi. the first king, that utterlie abolished all popish superstition./ Her Royall Maiestie, our most gracious Sovereigne, the verie Maul of the pope, and a Mother of Christian princes: whome the Almighty long preserve over us./ Englande, the first that embraced the Gospel: the onely establisher of it throughout the world: and the first reformed.”

presbiterianismo. Sabe-se que no início da década de 1570, inclusive, ambos protagonizaram uma espécie de disputa panfletária pela admiração de John Foxe. Estava em jogo em tal contenda, justamente, a legitimidade autoritativa atribuída a Foxe enquanto escritor do *Acts and Monuments*, desde então tido como versão referente da história da Igreja na Inglaterra. Na década de 1580, por sua vez, as apropriações do livro de Foxe, no que concerne às origens do cristianismo em solo inglês, viriam a adquirir ainda mais valor.

A intensificação do debate quanto à validade do sistema episcopal na década de 1580 pode ser compreendida, especialmente, em relação aos eventos políticos que fomentaram uma espécie de nacionalismo inglês, consagrado principalmente após a vitória contra a Armada Espanhola em 1588. Além disso, o fortalecimento da oposição oficial ao catolicismo em solo inglês ocorria simultaneamente à crescente consolidação das divisões internas no seio do protestantismo elisabetano. As contendas parlamentares em torno da revisão do *Prayer Book*, as repercussões da querela das vestimentas e a proliferação de comunidades confessionais baseadas em reuniões secretas, como as *prophesyings* apoiadas por John Field e Edmund Grindal, eram apenas alguns dos tópicos a efervescer o debate religioso naqueles anos. Nesse contexto, a validade do sistema episcopal passava a ser também objeto de contenda, e necessitava de defesa por parte de seus principais adeptos, em sua maioria ocupantes dos altos postos da Igreja da Inglaterra.

A publicação da versão resumida de Timothy Bright, portanto, foi promovida em um contexto de acentuado debate acerca do modo de governo adequado à Igreja inglesa, bem como sobre o próprio legado do *Acts and Monuments* para tal definição. Deve-se atenção, portanto, ao fato já mencionado de que o livro de Bright se propunha a ser uma miniaturização da obra de Foxe, e não especificamente um resumo de seus principais pontos. Tal consideração é importante para que se compreenda as implicações de uma versão resumida do *Acts and Monuments* e seu valor para o gradativo processo de monumentalização ao qual o livro era associado, já na década de 1580.

Com efeito, o livro de Bright foi massivamente promovido por John Whitgift, Arcebispo de Canterbury, em seu conflito aberto contra os autores dos *Marprelate Tracts* (conjunto de tratados que circularam anonimamente na Inglaterra e cujo principal tema era o ataque ao sistema episcopal). Uma versão resumida e adaptada do *Acts and Monuments* parecia, ao arcebispo e seus aliados, uma arma poderosa na disputa com os não conformistas, que acusavam a manutenção do modelo episcopal como sendo um forte resquício da persistência de doutrinas papistas no seio da Igreja da Inglaterra. Foxe, nas mãos de Bright, e com o apoio de Whitgift, se tornava assim um defensor da autoridade episcopal e sua história eclesiástica,

agora resumida e miniaturizada por Bright, passava a ser um escudo contra as alegações dos não conformistas. Contudo, apropriações do legado de Foxe não seriam exclusivas dos conformistas; como se há de observar em seguida, foi pelas mãos de não conformistas de confessionalidade puritana que o *Acts and Monuments* foi mais profundamente apropriado em contendas político-religiosas, especialmente no século XVII.

O embate envolvido na publicação do livro de Bright constitui, acima de tudo, uma intrigante amostra de como o *Acts and Monuments*, poucos anos após a morte de Foxe, não tardou em ter sua autoridade associada aos mais diversos grupos confessionais. Mais do que isso, a própria tentativa de miniaturizar o livro, conferindo-lhe uma versão reduzida destinada a reproduzir sua composição formal sem alterações ao texto original, deve ser compreendida como um exemplo de como o livro já desfrutava de uma reputação preenchida por elementos de sacralidade e durabilidade, que apontam para sua crescente monumentalização.

Apesar da importância da versão de Bright do *Acts and Monuments* para a popularização do livro e seu processo de monumentalização, fato é que a versão de Bright não foi bem sucedida comercialmente. Segundo King, as baixas vendas do livro podem ser explicadas pela ausência de ilustrações, que lhe diminuía o apelo comercial. Entretanto, convém lembrar que os leitores de menor poder aquisitivo, que foram a maioria do público alvo da versão de Bright, muito provavelmente já tinham acesso a tais ilustrações por meio das cópias do *Acts and Monuments* dispostas em igrejas. O suposto apelo comercial das ilustrações do livro não é suficiente para compreender as dinâmicas entrepostas entre a publicação e as formas de consumo de um livro como o *Acts and Monuments*. Em resumo, pessoas de baixo poder aquisitivo não eram ávidas compradoras de livros impressos; seu acesso a eles se dava majoritariamente por outras vias, como o empréstimo e a escuta de leituras públicas. Sendo assim, o baixo desempenho comercial do livro de Bright deve ser compreendido segundo outros parâmetros.

Dessa forma, é fundamental compreender que as formas pelas quais o *Acts and Monuments* era acessado por camadas mais populares do público eram extremamente variadas e complexas. O livro era não apenas extensivamente lido; era manuseado, observado e ouvido. Além disso, era um livro grandioso, volumoso e elegante, e grande parte de sua autoridade residia justamente em suas dimensões e composição estética. Dificilmente uma versão resumida, como a elaborada por Bright, teria uma recepção tão entusiasmada quanto àquela produzida por uma edição de fato. Tal consideração é imprescindível porque, ao longo do século XVII, a composição editorial do *Acts and Monuments* permanecerá relativamente distante dos impactos da diversificação do mercado de impressos e a ascensão da imprensa

periódica e de materiais de natureza material mais efêmera (panfletos, baladas, entre outros). Tal distinção indica, por sua vez, a especificidade do *Acts and Monuments* como livro cuja natureza material conservava a necessidade de que fosse reproduzido segundo os mesmos padrões de complexidade e sofisticação seguidos em edições anteriores.

3.1.2 A edição de 1596: impressores, livreiros e sindicatos

Em meio às circunstâncias da publicação de Timothy Bright, esforços já eram mobilizados em prol daquela que seria a quinta edição do *Acts and Monuments*. Desde 1587, era manifesto o interesse de Henry Dunham, - antigo funcionário de John Day, e que naquele ano atuava como supervisor da Companhia dos Estacionários²⁷³, - em produzir uma versão resumida do livro. Tal projeto, no entanto, foi interrompido com sua morte em 1590. Contudo, por intermédio dos Estacionários, foi comissionada uma quinta edição para o livro de Foxe, impressa por Peter Short, que naquele ano de 1596 ainda operava oficialmente sob o registro de Richard Day, como confirmam tanto a inscrição de seu nome no Registro da Corte da Companhia dos Estacionários de 1595²⁷⁴ quanto a informação contida na folha de rosto da edição (Figura 26).

As indicações contidas na folha de rosto da edição de 1596, além de pontuarem Peter Short como seu impressor e referenciem-no como operando sob o signo de Richard Day, também remetem à folha de rosto da edição predecessora, publicada em 1583. Na edição em questão, o *Acts and Monuments* era apresentado como tendo sido “Recentemente revisado e reconhecido, em parte também aumentado, e agora pela quarta vez publicado e recomendado ao Leitor estudioso, pelo Autor (com a ajuda de Cristo nosso Senhor) Iohn Foxe, que deseja que o bom Leitor o ajude com suas Orações.”²⁷⁵ Em 1596, como se vê na Figura 32, a menção a Foxe se mantém: “Agora mais uma vez, tendo sido reconhecido, examinado, e recomendado ao leitor estudioso pelo Autor Mestre Iohn Foxe, impresso pela quinta vez.”²⁷⁶ O que se destaca,

²⁷³ Ver: *A transcription of the Registers of the Company of Stationers of London, 1554-1640 AD. Volume I.* pp. 243-243b. Disponível em: <https://archive.org/details/transcriptofregi01statuoft/page/n5/mode/2up>. Acessado em 30/10/2020.

²⁷⁴ Como afirmam Evenden e Freeman: “The court entry identifying Short’s role in the book’s production appears on 7 April 1595 in Register B. See: Records of the Court of the Stationer’s Company 1576-1602, p.51.” EVENDEN; FREEMAN (2014), p.323.

²⁷⁵ Como se lê na mesma seção da folha de rosto: “Newly revised and recognised, partly also augmented, and now the fourth time agayne published and recommended to the studious Reader, by the Author (through the helpe of Christ our Lord) Iohn Foxe, which desireth thee goo Reader to helpe him with thy Prayer.”

²⁷⁶ “Now againe, as it was recognised, perused, and recommended to the studious reader by the Author Maister Iohn Foxe, the fifty time newly imprinted.”

afinal, é que a referência a Foxe presente na folha de rosto da edição de 1596 o caracteriza, pela primeira vez entre as edições do *Acts and Monuments*, como “Mestre John Foxe”, título pelo qual ele será reconhecido de forma duradoura até as edições do século XVII.

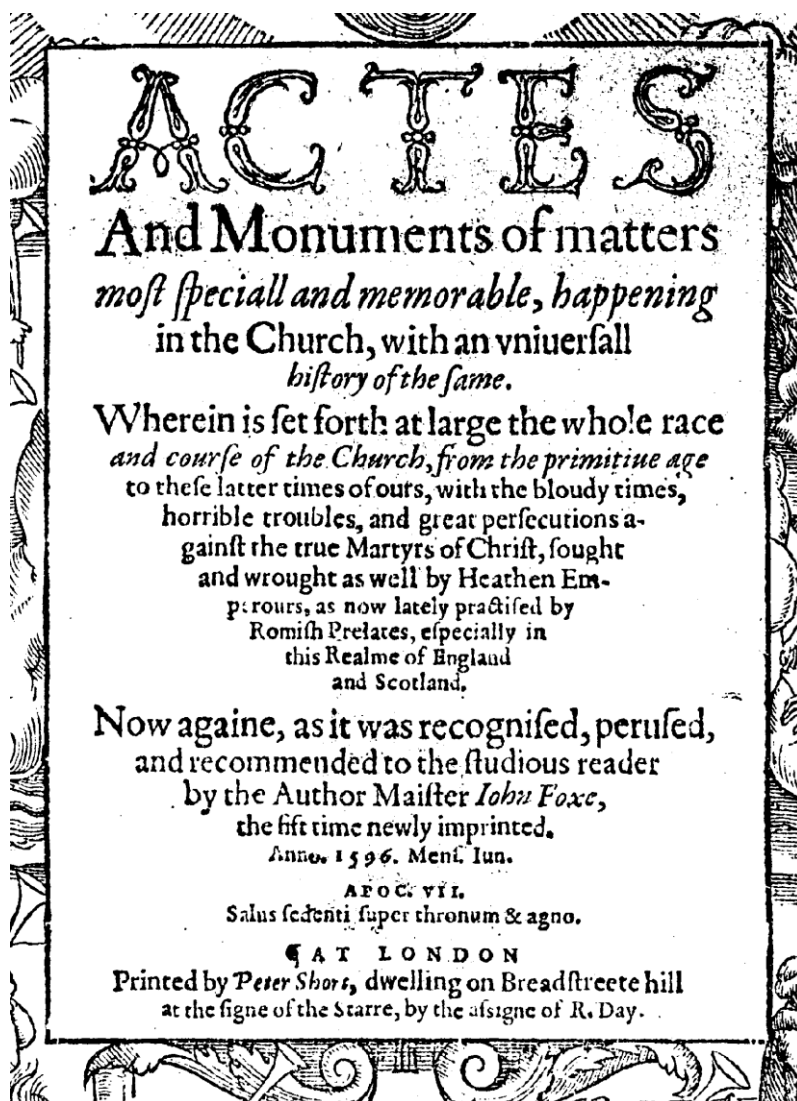


Figura 26 - Trecho da folha de rosto da edição de 1596

A denominação de Foxe como Mestre pode ser atribuída, por sua vez, a uma tendência, já estabelecida desde pelo menos a década de 1570, de referenciá-lo como autoridade em matérias de história eclesiástica. A distinção e dignidade atribuídas ao conteúdo do livro se expressam ainda, na edição de 1596, pelo aperfeiçoamento das referências e notas marginais contidas em quantidade considerável das páginas do livro. Como já foi dito anteriormente, o

Acts and Monuments já desfrutava de possibilidades de leitura bastante semelhantes às aquelas associadas à leitura devocional das Escrituras, e tal aceção se faz ainda mais visível no uso pressuposto nas notas marginais e referências.

A melhoria da estabilidade textual observável na edição de 1596 se deve, de maneira particular, à uniformização do material contido no livro após a morte de Day e Foxe. A partir de então, o conteúdo textual do *Acts and Monuments* passaria por pouquíssimas alterações nas edições seguintes. O mesmo não pode ser dito, contudo, acerca dos paratextos do livro. Já na edição em questão, tem-se acrescido um novo poema (Figura 27) que, embora intitulado em latim, contém versos redigidos em língua inglesa, e indicado como sendo de autoria de John Hopkins.

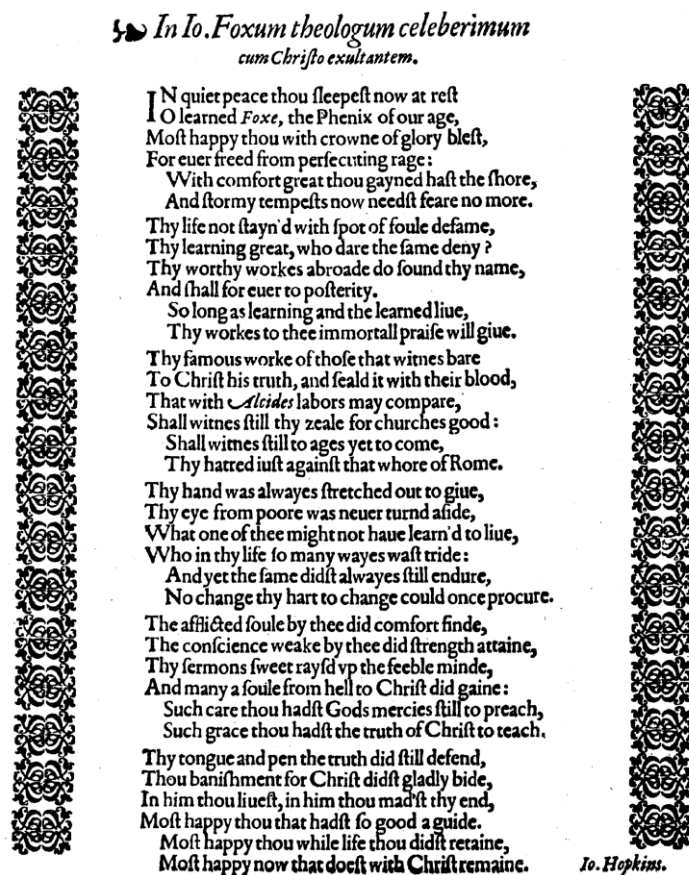


Figura 27 - Versos adicionados à edição de 1596, únicos impressos em língua inglesa

Trata-se de um poema dedicado ao próprio Foxe, e que já em seus versos iniciais lhe qualifica como tendo sido, após sua morte, liberto da opressão e perseguição de seus inimigos: “Em doce paz tu agora descansas/ Ó sábio Foxe, a Fênix de nossa era/ Agora ainda mais feliz

agraciado com coroa de glória/ Para sempre liberto da ira perseguidora.” Em seguida, tem-se versos que louvam a reputação de Foxe e de suas obras:

“Tua vida imaculada de manchas de calúnia,
Teu ensino grandioso, quem o pode negar?
Tuas dignas obras mundo afora ressoam teu
nome,
e assim o farão pela posteridade,
Enquanto o conhecimento e os sábios viverem,
Tuas obras render-te-ão louvor imortal.”²⁷⁷

A magnanimidade moral de Foxe e sua morte gloriosa, cujo fim é o desfrutar da presença do próprio Cristo nos céus (“Mais feliz és tu cuja vida não se reteve, / Mais feliz agora quem com Cristo habita”), se aliam, nos versos em questão, ao legado deixado por suas obras. Importante notar que, no poema, são reunidos como exemplos da bondade e virtude de Foxe tanto seus livros e sermões quanto seu agir piedoso.

3.2. A edição de 1610: a primazia da Companhia dos Estacionários

Em 24 de março de 1603 faleceu Elizabeth I. Naquele mesmo dia seu sucessor foi proclamado: James VI da Escócia era agora James I da Inglaterra.²⁷⁸ A ascensão de James, entretanto, não se deu sem estranhamentos. As relações entre os dois países haviam se agravado de modo intenso nas décadas anteriores, tendo Elizabeth consentido com a execução da própria mãe de James, Maria Stuart, em 1587. À época de sua coroação, James era um rei escocês recebido com ressalvas pela maior parte dos súditos ingleses. Sua esposa dinamarquesa, Anne, era uma católica convertida do luteranismo, e o próprio James permitia-se alguns gastos excessivos no Tesouro ou Parlamento. Apesar de tais inconvenientes, pode-se dizer que “James

²⁷⁷ “Thy life not stayn’d with spot of soule defame,/ Thy learning great, who dare the same deny?/ Thy worthy workes abroade do found thy name,/ And shall for ever to posterity.” Acts and Monuments (1596), p.28.

²⁷⁸ “The Queen died between two and three in the morning of 24 March 1603. She had never made a will, but by this time there could be no doubt as to who would succeed her. [...] At ten the morning of 24 March, James had been proclaimed King in London.” SOMERSET (2003), p.568.

teve um desempenho notável em seu reinado na Inglaterra, especialmente no que se refere à religião.”²⁷⁹

Dessa forma, a sexta edição do *Acts and Monuments* seria publicada em 1610, nos primeiros anos do reinado de James, em meio a particularidades familiares e à consolidação da Companhia dos Estacionários na impressão de edições do livro, de modo especial em sua complexa relação com as versões resumidas que se difundiam com o desenrolar da década de 1610. Primeiramente, os vínculos familiares envolvidos com a publicação da sexta edição dizem respeito ao impressor da edição anterior, Peter Short, falecido em 1604. No mesmo ano, sua esposa casou-se com Humphrey Lownes, também impressor, e que viria a ser o responsável pela impressão da sexta edição do *Acts and Monuments*.

Em segundo lugar, quanto à participação da Companhia dos Estacionários, cabe ressaltar que, tendo Richard Day falecido em 1606, os direitos que ainda permaneciam sob sua posse foram finalmente repassados à Companhia. A sexta edição do *Acts and Monuments*, por sua vez, foi impressa por Lownes sob a supervisão dos estacionários. Como sua predecessora, também foi financiada por um sindicato de livreiros que dividiriam entre si o provento pelas vendas do livro. De fato, publicada em 1610, essa é a primeira edição a partir de cuja folha de rosto passou-se a constar a referência à Companhia dos Estacionários, como se vê na Figura 28.

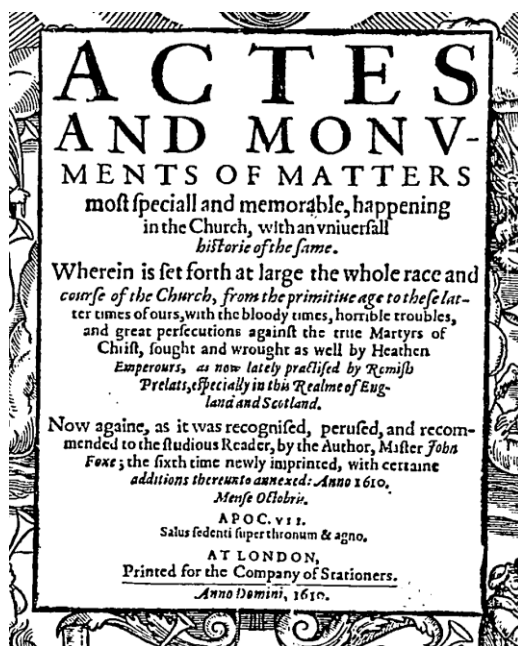


Figura 28 - Trecho da folha de rosto da edição de 1610

²⁷⁹ “Given all these disadvantages, James performed a remarkably accomplished balancing-act in his English reign, not least in religion.” MACCULLOCH (2005), p.514.

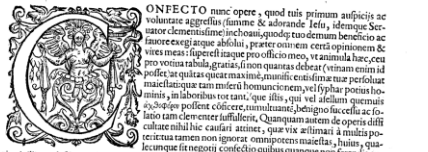
É comumente dito que, dentre as edições do *Acts and Monuments*, marcadas por distinções e especificidades, a edição de 1610 é a que mais se assemelha à sua predecessora, publicada em 1596. Tal semelhança diz respeito, por sua vez, à tipografia e à composição visual das duas edições, que, segundo John King, foram “virtualmente inalteradas.”²⁸⁰ Além disso, segundo ele, a uniformidade visual entre tais edições seria suficiente para tornar uma “investigação bibliográfica precisa da sexta edição [...] menos profícua do que o exame das outras edições.”²⁸¹ De fato, a edição de 1610 não se constitui, à primeira vista, como um exemplo de grandes alterações tipográficas ou visuais. Nela não são adicionados novos prefácios ou tabelas, nem é modificado o conteúdo de algum texto. Contudo, um exame bibliográfico de sua composição tipográfica e ornamental pode se provar, ao contrário dos dizeres de King, notadamente frutífero do ponto de vista da trajetória editorial das publicações do *Acts and Monuments*.

Na verdade, é justamente em uma das esferas levantadas por King como “virtualmente inalteradas” - a tipografia - que se pode observar uma das poucas, porém não por isso desimportantes, particularidades da edição de 1610. Tome-se como exemplo o *Ad Christum Eucharisticon*. Na edição de 1596 (Figura 29), nota-se seu título parcialmente inscrito em tipo romano e itálico, e ornamentado por uma vinheta em cujo centro observa-se um cristograma de forma latina: IHS. Além disso, o texto é iniciado com uma elaborada inicial capitular da letra C, e seu fim é acompanhado por uma segunda vinheta distinta da primeira. Na edição de 1610 (Figura 29), o mesmo prefácio se apresenta com seu texto mais compactado, ocupando 98 linhas (quantidade inferior às 110 linhas do prefácio na edição anterior). As letras que compõem seu título são inscritas em forma maiúscula e tipos romanos, com exceção da inscrição “*Ioannis Foxi.*”, em itálico. Tem-se um novo ornamento a anteceder o título, que por sua vez é iniciado com uma nova inicial capitular da letra C, embora represente o mesmo desenho contido na edição anterior.

²⁸⁰ Como ele afirma: “The printer could formulate a precise estimate for the amount of paper required for the 1610 edition because the typography and layout are virtually unchanged from those of the preceding edition.” KING (2006), p.138.

²⁸¹ “For this reason, close bibliographical investigation of the sixth edition is less rewarding than inquiry into the other unabridged hand-press edition.” Ibidem.

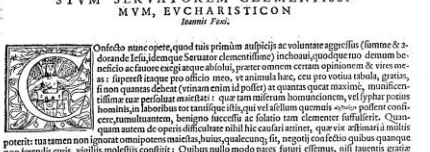
Ad Dominum Iesum Christum Seruatorem clementissimum, Eucharisticon Ioan. Foxi.



ONFECTO nunc opere, quod tuis primis auspicijs ac voluntate aggressus (summe & adorande Iesu, Idemque Seruator clementissime) inchoasti, quod tuo demum beneficio ac more ex quoque aboli, prater omnem certam opinionem & vires meas: superest itaque pro officio meo, vt annula haec, ceu pro votata tabula, gratias, si non quantas debeat (vinam enim id maieftatis, que tam interit hominum, quam ipfius potius honoris, in laboribus tot tant, que illis, qui vel alicui quouis pofitioe poffunt cedere, numquam, beneigno lucellae ac locutione tam non ignorat: omnipotens maieftas, huius, quantumque fit negotij confedio quibus quaque non ferendis cunctis, vigilijs, moleftijs confitit: Quibus nullo modo patres funt effemmas, nisi fauentis gratia tua nuncen adhaerere: Perfectionem enim, pendere oculis ipfa confectio, fingularem excedit deitatem: Tui igitur muneris est (clementissime Iesu) quod opus tuae lateptum auspicio hac vique prosequamur. fit. Nos vicissim quod nostri fit officij, gratias clementiae tuae, cum nullo primario, Martirum tuorum aeternis quod eorum illud pro nominis tanta fuisse propensio: Quae quoniam fiti nominis vix tuae labor infirmitas. Et tamen vult hoc modo tua de clarare maieftas, nobisque in noscere hominibus, quoniam honorificum fit pro tu nominis gloria foret diuina, aut occurrerit, nullo cum gloria foret ab te recipi clarior, quam fiti nunquam aliquo perdidit. Habituantes hinc vix, ubi vix, fuit moriantur, iohanne clarentur a funere fecit, quoniam fiti feruati.

Sic Crumenum videmus, Ridelium, Latimerum, Iohannem Hooperum, Bradfordum, caterosque eiusdem decur pugiles, quanto maiore occubuisse cum gloria in acie tua depugnantes, quam fiti Iuda fauore in qua traxit collocati, illud ipfius causam tuam pofpofuerunt. Quae enim gens, quae rorum pro lingua, quae natio, quae temporis vetustas, quae hominum posteritas eorum non carerebunt, laudes, quae virtutum agnoscere, non magnitudinem admirabunt? Quis Wickelium vixit, aut Cobhamum nullo, tum fuit ex illis, aut in causa tua egissent fuit. Quanto honori illud Hulfio Bohemensi, restitit in aeternum? Speciemus et diuersa parte aduersarios tuos, quorum tam multas esse confitit ca, quae per abant fore palam: Et tamen quid vixit in angulis & tenebris ab illis efflagitatum tam prode, vt videri ipfius laudis fiti conceperit animo opinionem, quae fiti peruenit & contumeliam, quam nec vix effugere, nec inerte vixit in fine peruenit. Quis Guilielmus, Boscoro, Scortus, Gaudieros, tanquam excedenda hominum nomina nunc non noitit non excludit, qui eorum factora adhibere fiti, quae fepit memoria? Et quid hos in tanta multitudine hominum tuorum recedat? Cui vixit profere cessit tu rebelle nuntius, aut hostem se ecclesiae tuae profere? Cui vixit profere cessit tu rebelle nuntius, aut hostem se ecclesiae tuae profere? Cui vixit profere cessit tu rebelle nuntius, aut hostem se ecclesiae tuae profere? Cui vixit profere cessit tu rebelle nuntius, aut hostem se ecclesiae tuae profere?

AD DOMINVM IESVM CHRISTVM SERVATOREM CLEMENTISSIMUM, EVM, ECHARISTICON Ioannis Foxi.



Onfecto nunc opere, quod tuis primis auspicijs ac voluntate aggressus (summe & adorande Iesu, Idemque Seruator clementissime) inchoasti, quod tuo demum beneficio ac more ex quoque aboli, prater omnem certam opinionem & vires meas: superest itaque pro officio meo, vt annula haec, ceu pro votata tabula, gratias, si non quantas debeat (vinam enim id maieftatis, que tam interit hominum, quam ipfius potius honoris, in laboribus tot tant, que illis, qui vel alicui quouis pofitioe poffunt cedere, numquam, beneigno lucellae ac locutione tam non ignorat: omnipotens maieftas, huius, quantumque fit negotij confedio quibus quaque non ferendis cunctis, vigilijs, moleftijs confitit: Quibus nullo modo patres funt effemmas, nisi fauentis gratia tua nuncen adhaerere: Perfectionem enim, pendere oculis ipfa confectio, fingularem excedit deitatem: Tui igitur muneris est (clementissime Iesu) quod opus tuae lateptum auspicio hac vique prosequamur. fit. Nos vicissim quod nostri fit officij, gratias clementiae tuae, cum nullo primario, Martirum tuorum aeternis quod eorum illud pro nominis tanta fuisse propensio: Quae quoniam fiti nominis vix tuae labor infirmitas. Et tamen vult hoc modo tua de clarare maieftas, nobisque in noscere hominibus, quoniam honorificum fit pro tu nominis gloria foret diuina, aut occurrerit, nullo cum gloria foret ab te recipi clarior, quam fiti nunquam aliquo perdidit. Habituantes hinc vix, ubi vix, fuit moriantur, iohanne clarentur a funere fecit, quoniam fiti feruati.

Sic Crumenum videmus, Ridelium, Latimerum, Iohannem Hooperum, Bradfordum, caterosque eiusdem decur pugiles, quanto maiore occubuisse cum gloria in acie tua depugnantes, quam fiti Iuda fauore in qua traxit collocati, illud ipfius causam tuam pofpofuerunt. Quae enim gens, quae rorum pro lingua, quae natio, quae temporis vetustas, quae hominum posteritas eorum non carerebunt, laudes, quae virtutum agnoscere, non magnitudinem admirabunt? Quis Wickelium vixit, aut Cobhamum nullo, tum fuit ex illis, aut in causa tua egissent fuit. Quanto honori illud Hulfio Bohemensi, restitit in aeternum? Speciemus et diuersa parte aduersarios tuos, quorum tam multas esse confitit ca, quae per abant fore palam: Et tamen quid vixit in angulis & tenebris ab illis efflagitatum tam prode, vt videri ipfius laudis fiti conceperit animo opinionem, quae fiti peruenit & contumeliam, quam nec vix effugere, nec inerte vixit in fine peruenit. Quis Guilielmus, Boscoro, Scortus, Gaudieros, tanquam excedenda hominum nomina nunc non noitit non excludit, qui eorum factora adhibere fiti, quae fepit memoria? Et quid hos in tanta multitudine hominum tuorum recedat? Cui vixit profere cessit tu rebelle nuntius, aut hostem se ecclesiae tuae profere? Cui vixit profere cessit tu rebelle nuntius, aut hostem se ecclesiae tuae profere? Cui vixit profere cessit tu rebelle nuntius, aut hostem se ecclesiae tuae profere? Cui vixit profere cessit tu rebelle nuntius, aut hostem se ecclesiae tuae profere?

Figura 29 – a) Ad Christum Eucharisticon (ed.1596); b) Ad Christum Eucharisticon (ed. 1610)

O mesmo ornamento presente no *Ad Christum Eucharisticon* se repete em todos os demais prefácios da edição de 1610. Exceções são encontradas, no entanto, nos prefácios dedicados respectivamente aos leitores católicos (*Four Considerations to the Papists*) e protestantes (*Four Considerations to Protestants*), que não são ornamentados; e no *Preface to the Queen*, que é acompanhado por uma vinheta distinta. Outra forma de padronização pode ser observada na composição tipográfica dos títulos da edição, cuja totalidade é inscrita em tipos romanos e forma maiúscula (Figuras 30, 31, 32 e 33).



TO THE RIGHT VERTVOVS,
MOST EXCELLENT AND NOBLE PRIN-
CESSE, QUEENE ELIZABETH, OVR DREAD LADIE, BY THE
grace of God, Queene of England, France and Ireland, Defender of Christs faith and
Cefell, and principall Governor both of the Realme, and also ouer the said Church of England
and Ireland, vnder Chriff the Supreme head of the same, &c. Iohn Fox her humble fubiect
witheth daily increafe of Gods holy Spirit and Grace, with long raigne, perfect
health, and ioyfull peace to gouerne his Doctee committed to her charge,
to the example of all good Princes, the comfort of
his Church, and glorie of his blef-
fed name.

Figura 30 - Composição ornamental e tipográfica do título e cabeçalho do *Preface to the Queen* (ed. 1610)



Figura 31 - Composição ornamental e tipográfica do título e cabeçalho do *Ad Christum Eucharisticon* (ed. 1610)

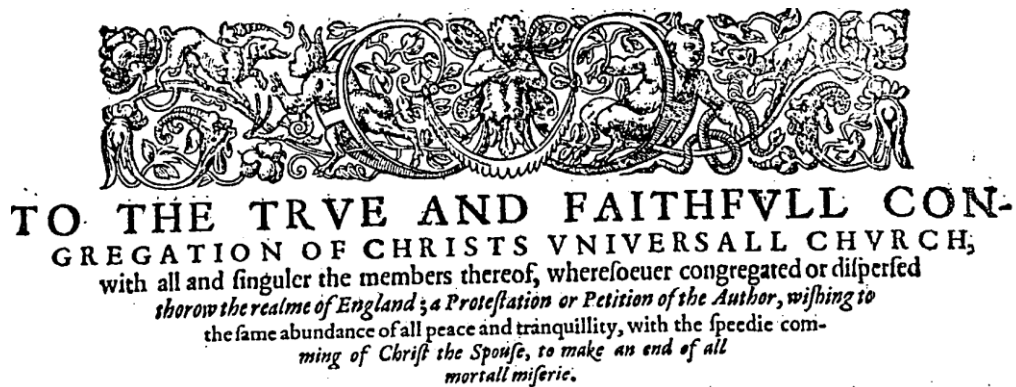


Figura 32 - Composição ornamental e tipográfica do título e cabeçalho do *Protestation to the Church* (ed. 1610)



Figura 33 - Composição ornamental e tipográfica do título e cabeçalho do *The Utility of this Story* (ed. 1610)

A partir dos exemplos apontados, na edição de 1610 pode-se observar uma certa padronização tipográfica, especialmente nos títulos dos prefácios. Em comparação à edição que lhe antecede, publicada em 1596 por Peter Short, tem-se na edição de 1610 um padrão tipográfico mais definido e homoganeamente aplicado ao longo dos prefácios. Como demonstra-se nas figuras acima, a recorrência de tipos romanos e maiúsculas nos títulos da

maioria dos prefácios da edição é acompanhada, também, da repetição de uma mesma vinheta a adornar tais títulos.

Tal tendência de uniformizar textos e títulos, além de ornamentá-los com um padrão estável de ornamentação, pode ser associada, primeiramente, à semelhança editorial com a edição anterior, de 1596. Isso porque, contendo mínimas alterações em seu conteúdo textual, foi possível que a edição de 1610 fosse composta, em termos editoriais, de forma notavelmente similar à edição precedente, o que permite concluir que seus compositores operavam de modo preciso a partir de uma cópia da edição de 1596.²⁸² A principal exceção a esse acerto e precisão do processo de composição, no que se refere à similitude entre as edições, reside na alteração da ordem entre alguns prefácios. Na edição de 1596, o primeiro prefácio, após o *Kalender*, é o *Ad Christum Eucharisticon*; enquanto, na edição de 1610, tem-se o *Preface to the Queen*. Apesar desse detalhe, que parece ser melhor compreendido como uma incorreção acidental dos compositores, a composição editorial das duas edições é idêntica no que diz respeito à ordenação e distribuição dos prefácios e demais materiais paratextuais.

Da padronização tipográfica e ornamental da edição de 1610 pode ser depreendida, ainda, a extensão da gerência da Companhia dos Estacionários na produção do *Acts and Monuments*. Detentora dos direitos de publicação do livro desde a morte de Richard Day em 1606, e embora já atuante em sua produção desde a edição de 1596, pode-se dizer que foi a partir da edição de 1610 que a Companhia passou a exercer de modo mais fértil e intenso suas prerrogativas legais sobre o título do *Acts and Monuments*. Com efeito, o uso de tipos romanos e maiúsculos nos títulos dos prefácios do livro, bem como a tendência à uniformização tipográfica, vieram a ser notadamente recorrentes nas edições seguintes, publicadas em 1632, 1641 e 1684.

3.3. *A Table of Tables, A Chronologie of Mr Fox his Martyrologie*: a edição de 1632

Para que se compreenda as questões envolvidas na publicação da sétima edição do *Acts and Monuments*, lançada em 1632, é imprescindível considerar os conflitos de natureza política, constitucional e religiosa que marcaram o reinado do sucessor de Jaime I, Carlos I (1600-1649), seu filho. O período durante o qual Carlos ocupou o trono da Inglaterra, de 1625

²⁸² “Casting off of text was irrelevant, because compositors closely followed a copy of the early version.” KING (2006), p.138.

a 1649, compreendeu um dos tempos mais efervescentes da política inglesa, tempos esses protagonizados pelos desacordos entre Coroa e Parlamento em torno da prerrogativa real sobre o governo eclesiástico e a taxaço de impostos, pelo acirramento dos embates confessionais entre puritanos e arminianos no Parlamento, e pelo florescimento acelerado da imprensa periódica. Foram anos turbulentos e complexos, durante os quais afluou a primeira das Guerras Civis Inglesas que tanto distinguiram o século XVII na Inglaterra. E foi justamente em tal contexto, de alvoroço político e acirramento confessional, que o *Acts and Monuments* ganhou sua sétima edição.

Seria equivocado, quicá imprudente, ignorar que tais conflitos constitucionais e religiosos já se anunciavam desde o reinado de Jaime I. De fato, pode-se afirmar que parte das adversidades e complicações enfrentadas por Carlos em seus primeiros anos de reinado foram revezes herdados dos tempos de seu pai: de litígios com setores puritanos do Parlamento à necessidade de destreza para com as questões religiosas. Como afirma Diarmaid MacCulloch, Jaime era experiente “na lida com um clero contencioso, e manteve um equilíbrio caracteristicamente cuidadoso entre tais tendências em sua Igreja dividida, promovendo alguns, desfrutando dos sermões de outros, como lhe convinha.”²⁸³ Carlos, por sua vez, não teve meios de manifestar a mesma cautela do pai.

Contudo, convém ter-se cuidado no que se refere à destreza política de Jaime, que, tal qual o desacerto de Carlos, não deve ser superestimada. Apesar de suas experiências bem sucedidas na contenção de conflitos na Igreja Reformada da Escócia, suas complicações na fala e seu sotaque escocês não o impediram de ser visto com certo mal-estar por muitos de seus súditos ingleses. Além disso, sua disposição moderada ao enfrentar questões doutrinárias, expressa em sua postura relativamente transigente com o catolicismo romano, aguçou os temores de muitos protestantes pelo velho e principal adversário da Reforma na Inglaterra, tal como visto por eles, o papismo. O aspecto indulgente da relação de Jaime para com os católicos ingleses, especialmente os bispos, aumentava gradativamente a desconfiança de membros puritanos no Parlamento de que talvez o rei pudesse favorecer uma conspiração papista. Para eles, acima de tudo, “a busca obstinada de paz por parte de Jaime parecia um comportamento bastante estranho em um monarca.”²⁸⁴

²⁸³ “King James had decades of experience in dealing with squabbling clergy, and he kept a characteristically careful balance among all these tendencies in his fractious Church, promoting some, enjoying the sermons of others, as he saw fit.” MACCULLOCH (2005), p.515.

²⁸⁴ “James’s obstinate search for universal peace seemed very odd behaviour in a monarch.” MACCULLOCH (2005), p.513.

Tais receios seriam nada menos do que profundamente amplificados no reinado de Carlos, em que seriam adicionados às relações já deterioradas entre Coroa e Parlamento elementos ainda mais controversos. Pouquíssimo tempo depois da morte de Jaime, em maio de 1625, Carlos se casara com a francesa e católica Henrietta Maria, irmã de Luís XIII, a quem Carlos concedeu auxílio militar em suas guerras religiosas, tomando a fortaleza de La Rochelle e contribuindo para o futuro cerco da cidade em 1627. Além disso, tal aliança fortaleceu a abertura à liberdade de culto para católicos na Inglaterra, o que definitivamente não contribuiu para o arrefecimento dos ânimos puritanos no Parlamento, dissolvido por Carlos em 1629 após tensões acerca de sua prerrogativa real.

No mesmo ano do fechamento do Parlamento operado por Carlos, em 1629, era lançada uma oferta por parte da Companhia dos Estacionários, segundo a qual “caso dez membros da Companhia se unissem para assumir a impressão do livro, eles receberiam a permissão da Companhia para imprimi-la pelo preço modesto de 12 *pence* em cada *pound* feito pelas vendas.”²⁸⁵ O resultado de tal oferta seria, por sua vez, a sétima edição do *Acts and Monuments*, a ser publicada em 1632 e impressa graças aos esforços conjuntos de três impressores vinculados aos Estacionários, - Adam Islip, Felix Kingston e Robert Young, - cujos nomes aparecem referenciados na folha de rosto do livro (Figura 34).

²⁸⁵ “On 7 September 1629 the Stationers’ Company, in an obvious effort to launch a new edition, made an offer that if ten members of the Company banded together to undertake the printing of the work, they would receive the Company’s permission to print it in return for the modest payment of 12 pence in every pound made from sales.” EVENDEN; FREEMAN, 2014, p.326.

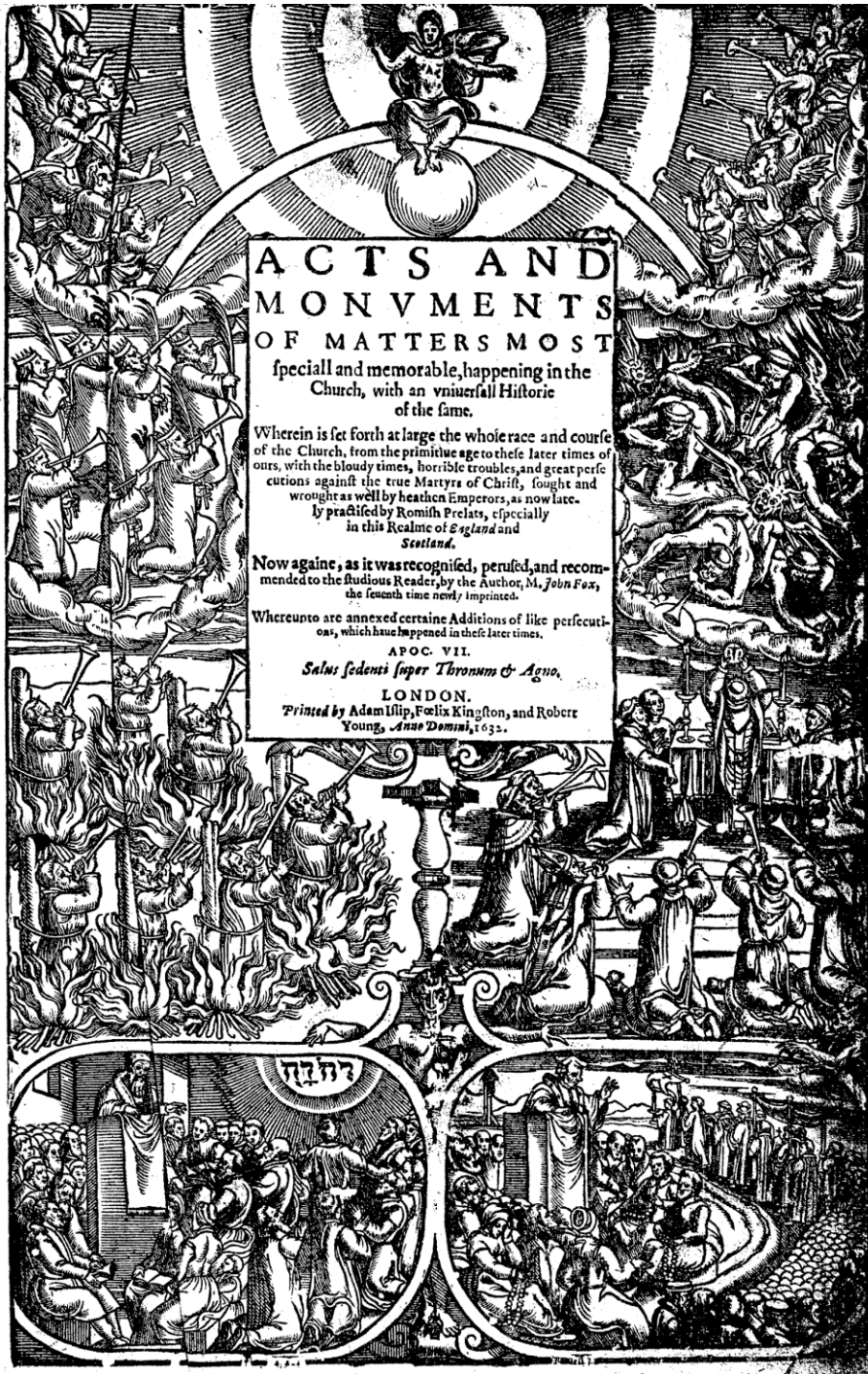


Figura 34 - Folha de rosto da edição de 1632

Islip, tradicional membro do mercado livreiro londrino, já havia trabalhado como Supervisor da Companhia, cargo que lhe rendeu patentes sobre a impressão de livros de direito, compartilhadas com outros dezesseis impressores.²⁸⁶ Além disso, foi ele quem adquiriu o

²⁸⁶ KING (2006), p.146.

equipamento outrora pertencente a John Wolfe, conhecido impressor envolvido nos processos contra John Day anteriormente mencionados.²⁸⁷ Kingston, por sua vez, era um renomado impressor que, em 1618, havia sido indicado como *King's Printer* na Irlanda. Robert Young, finalmente, também havia atuado como *King's Printer*, porém na Escócia, tendo passado pela Irlanda enquanto agente do *Irish Stock*. Ainda, os primórdios de sua experiência como impressor haviam se dado em sua atuação como aprendiz de Humphrey Lownes, o impressor encarregado da até então última impressão do *Acts and Monuments*, publicada em 1610.

A versão do *Acts and Monuments* publicada em 1632, por sua vez, comportava 3 volumes, distribuídos respectivamente entre Kingston, Islip e Young. Foi dito por Evenden e Freeman que “as dificuldades de se imprimir a sétima edição do *Acts and Monuments* resumem as crescentes complicações envolvidas na reimpressão da obra de Foxe no século XVII.”²⁸⁸ E, por certo, boa parte dessas dificuldades podem ser identificadas na problemática participação de Robert Young no processo. O caso é que Young havia, à época da impressão do *Acts and Monuments*, iniciado uma parceria com outros impressores, Miles Fletcher e John Haviland, para a reimpressão da versão resumida de uma outra obra de Foxe, *Christs victorie over Sathans Tyrannie*, elaborada por Thomas Mason.²⁸⁹

O problema implicado em tal situação decorria de que, aparentemente, Young havia acordado com Helen Mason, viúva de Thomas Mason e detentora de suas patentes, a reimpressão de sua própria versão do livro de Mason acrescida por materiais da edição do *Acts and Monuments* na qual estava trabalhando. Dessa forma, “os membros do sindicato estavam temerosos de que o já bastante volumoso livro de Mason, ampliado com o novo material furtado por Young, traria ‘muitos danos’ às vendas da nova edição de Foxe.”²⁹⁰ Toda a questão foi finalizada com a decisão da corte da Companhia dos Estacionários, que desatrelou o livro de Mason produzido por Young da cobertura das patentes de Helen Mason, além de ordenar que as casas de impressão de Fletcher e Haviland fossem desmontadas e que as folhas da edição fossem trazidas ao Salão da Companhia.²⁹¹

²⁸⁷ EVENDEN; FREEMAN (2014), p.327.

²⁸⁸ “The difficulties in printing the seventh edition of the *Acts and Monuments* epitomise the increasing difficulties involved in reprinting Foxe’s work during the seventeenth century.” Ibid, p.329.

²⁸⁹ “By 5 March 1632 serious tensions had divided Robert Young from the other members of the syndicate. They complained to the Stationers’ Company that Young had entered into a partnership with two other printers, Miles Fletcher and John Haviland, to reprint a new edition of Thomas Mason’s abridgement of Foxe, *Christs victorie over Sathans Tyrannie*.” Ibid, p.328.

²⁹⁰ “The syndicate was worried that Mason’s already substantial abridgement, enhanced with the new material pilfered by Young, would cause the new edition of Mason to do ‘much hurt’ to the sale of the new edition of Foxe.” Ibidem.

²⁹¹ Ibidem.

Com efeito, a contenda causada pela conduta de Young traz luz às complexas dinâmicas do mercado de impressos da Inglaterra seiscentista. Mais ainda, é certo que as complicações associadas à impressão e publicação da sétima edição do *Acts and Monuments*, das quais a querela de Young é a principal, podem ser melhor compreendidas em sua relação com a história da própria Companhia dos Estacionários. Como mui bem afirma John Barnard, a trajetória da companhia, desde sua oficialização com estatuto real em 1557 até o *Licensing Act* de 1695, compreendeu “tanto mudanças quanto continuidades, com a Companhia e seus membros se adaptando a novas circunstâncias - econômicas, sociais, políticas e (em um menor grau) tecnológicas.”²⁹² Assim, analisar a trajetória das edições do *Acts and Monuments* no século XVII requer, inicialmente, que se considere as circunstâncias às quais a Companhia, principal responsável pelo livro no período, teve de se adaptar.

Considerando-se que, desde a edição de 1610, a produção do *Acts and Monuments* se deu com base na agremiação de esforços dirigida pela Companhia em torno de sindicatos de impressores, tem-se aí uma amostra da principal característica do mercado de impressos no século XVII, e que diz respeito especialmente ao modo de organização e comissão de livros impressos. Ao longo do século XVI, pode-se dizer que a publicação do *Acts and Monuments*, nas quatro edições publicadas por Day, obedecia a demandas específicas de seus próprios elaboradores e daqueles que patrocinavam a produção do livro. A primeira edição, publicada em 1563, foi resultado do trabalho longínquo de Foxe em suas martirologias latinas anteriores; a segunda edição, de 1570, foi lançada como incremento e resposta a críticas católicas, tendo sido fortemente aprovada e apoiada por autoridades elisabetanas como Cecil e Parker; em 1576, Richard Day foi o responsável pela terceira edição do livro no que pode ser considerado mais um projeto familiar dos Day do que um empreendimento próprio de Foxe; e, finalmente, em 1583, John Day retoma a direção da impressão do livro para restaurar sua reputação profissional.

Já a partir da edição de 1596, a primeira a ser publicada após a morte de Foxe e Day, pode-se observar a crescente participação da Companhia no direcionamento dos esforços envolvidos na impressão do livro. Embora os direitos de publicação ainda pertencessem a Richard Day e de ter sido Peter Short o impressor responsável pela edição, foi da Companhia

²⁹² “Both are indeed significant moments, but it is important to recognize that the trade in these years is characterized by change as much as by continuity, with the Company and its members adapting to new circumstances – economic, social, political and (to a lesser extent) technological.” BARNARD, J. Introduction. In: BARNARD, J; MCKENZIE, D.F; BELL, M. (eds.) *The Cambridge History of the Book in Britain. Volume I. 1557-1695*. Cambridge University Press, 2002, p.9.

a incumbência de encarregar a um sindicato de impressores o financiamento do livro, em 1595. Tem-se aqui uma distinção notável com relação ao modo como as primeiras edições do *Acts and Monuments* foram financiadas. Enquanto Foxe e Day operavam primordialmente com base nos investimentos e favores pessoais de patronos influentes na corte elisabetana, os elaboradores das edições posteriores tinham de recorrer à liderança da Companhia dos Estacionários para que seus projetos fossem viabilizados, e, muitas vezes, eram comissionados justamente pela própria companhia para assumirem tais empreendimentos.

Em 1610, a atuação da Companhia se estendeu até mesmo para a composição tipográfica e editorial do livro. Tal intervenção pode-se ver não somente na padronização tipográfica e ornamental da edição, mas também no protagonismo atribuído aos Estacionários na própria folha de rosto, em que se indica ter sido o livro “impresso para a Companhia”, dispositivo utilizado para identificá-la como editor. Nas primeiras décadas do século XVII, o mercado de impressos, então mais do que nunca regulado pela Companhia dos Estacionários, via-se marcado pela gradativa sobreposição da publicação em relação à impressão, do editor em relação ao impressor. A impressão de livros e demais materiais passava a ser cada vez mais associada à Companhia e suas regulamentações do que à atuação de impressores particularmente bem sucedidos no mercado.

Convém ressaltar, claro, o tom gradativo de tais alterações e, acima de tudo, o caráter essencialmente retrospectivo de sua observação. Não se pode, a fim de identificar a atuação da Companhia no mercado de impressos ingleses do século XVII, tomar como absoluto, uniforme e onipresente seu protagonismo em todas as edições do *Acts and Monuments* impressas no período. E tal cautela se prova pertinente de maneira especial ao se analisar a edição de 1632, impressa por três impressores distintos e publicada pela Companhia em um momento delicadamente crítico do debate político e religioso na Inglaterra.

Como exemplo das dificuldades envolvidas no modelo de financiamento e publicação regulamentado pelos Estacionários já foi mencionado o caso da problemática atuação de Robert Young, anteriormente. Além disso, todavia, é interessante observar as implicações tipográficas e editoriais do trabalho compartilhado entre os três impressores, e as consequências de suas contribuições para a monumentalização do livro que, pode-se dizer, pode ser contemplada de modo inequivocamente claro e sem precedentes na edição de 1632.



**AD DOMINVM IESVM
CHRISTVM SERVATOREM CLE-
MENTISSIMVM, EVCHA-
RISTICON IOAN-
NIS FOXI.**



Onfeda nunc opere, quod tuis primū auspicijs ac volun-
te aggressus (summe & adorande Iesu, idemque Senator cle-
mentissime) inchoavi, quodque tuo demum beneficio ac fa-
uore exegit atque absoluit, preter omnem certam opinionem
& vires meas: superest itaque pro officio meo, vt anima
hac, ceu pro votiva tabula gratias, si non quantas debeat (v-
tinam enim id possit) ac quantas queat maxime, inuincibili-
tate tue perhorat maieftati; que tam multum hominatio-
nem, vel Iphar potius hominis, in laboribus tot tamque
istis, qui vel a se ipsis quæsiuissent possent cooscere, tumul-
tuantem, benigno succellu ac solatio tam clementer suffulserit. Quanquam autem de
operis difficultate nihil hic causari attinet, quæ via æstimari à multis poterit tua tamen
non ignorat contempt Maieftatis, huius, quæcūq; sit, negotij confectio quibus quan-
que non ferendis curis, vigilijs, molestijs conditi, quibus nullo modo parca futuri ef-
semus, nisi fauentis gratia: tuæ nunc assulisset ac se se quodam modo adiuuisset ope-
ri. Quid in enim fæat ac testes ingenio, quod se ipsa experti sumus? Perseus enim
enim, penesque oculis ipsius conspicimus, singularem excellit dextera tuæ: non modo
in succellu negotij prouehendo, sed in vita etiam spirituique inter labores conferuando.
Tui igitur muneris est (clementissime Iesu) quod opus tuis susceptum auspicijs: huc vtq;
proueham sit. Nos vicissim, quod nostri fit officij, gratias clementia tuæ, cum nostro
priuatum, tum publico quodammodo Ecclesie tuæ nomine, agimus. Vel hinc enim
certimus quæti causam Martyrum tuorum adites, quando eorum illustrando nomini
tanta fauoris propensione. Quanquam verò si nulla hic extaret eorum recordatio, non
possem non omnibus modis esse illustissimi, quorum fiat nomina viræ tuo libro inscrip-
ta. Et tamen voluit hoc modo tua declarare Maieftas, nobisque innotescere homini-
bus, quæm honorificum sit pro tuis nominis glorijs, quæ obuiantibus eorum tu
vita a cinere ac rogo sic vindicatas, sic causam tueris, sic dignitatem illustrias, vt eandem
multo cum glorijs ferore abs te recipiant clariorem, quàm si ipsi nunquam aliqui
perdidissent. Habet siquidem peculiare hoc sibi militie tue ratio, longè à mundo hoc
differens, quod in celsis tuis militarijs sine viuis, sine morituris, multo clarescant à
fuerit foelicitas, quàm si visissent maxime.

Sic Crannerum videmus, Ridelcum, Latimerum, Iohannem Hooperum, Bradfor-
dum, cæterosque eiusdem decurie pugiles, quanto maiore occubuisse cum gloria in a-
cie tua depugnantes, quàm si, relicta ratione in qua erant collocati, illi ipsi sine causam
tuum possidissent. Que enim gens, que lingua, que natio, que temporum verus, que
quæ hominum possessitas eorum non cantabile laudes, non virrurum agnoscat, non mag-
nitudinem admirabitur? Quis Wicleuum vnquam, aut Cobhamum ostium fuisse existi-
masse, nisi tu in causâ eam essent strenuè? Quanto honori illud Hasso Bohemeri, no-
fiteque Tisdallo fuit, quod vitam in Euangelij sui causa perdidit, magis abs te recipere,
quàm ipsi retinere mulierat? Spectemus & diuersa parte aduerseris tuos, quorum
tam multas esse constat cedes, iniurias, crudelitates aduersus tuos, quæ ita; item occulte



**AD DOCTVM LECTOREM,
IOANNIS FOXI.**



Digant mihi, verisimile mecum in animo, quàm peri-
culosa res alce sit, emittere nunc aliquid in publicum, quod
in manus oculoque multorum subeat, his præsertim tam
exulceratis moribus temporibusque, vbi tot hominum dif-
fidijs, tot studijs partium, tot morosis capitibus, tam rigidis
centurijs, & Criticorum fannis feruent fere omnia, vt difficil-
limum sit quicquam tam circumspèctè scribere, quod non
in aliquam calumnia diu matrem rapiat, per beatè profe-
dò (solliciteque videtur ij, quibus cum vitæ cursum tenere
liceat, vt in otio viucentes cum dignitate, sic alienis frui que-
are laboribus, vel in Theatro otiosè sedentes spectatores, vt nullam interim ipsi vel
ex actione talium, vel ex labore periculosi metuentum sit. Me verò, nescio quo pacto,
longè diuersè quidem hæcæna exereuit vitæ ratio; quippe cui nec fortæ illam
felicitatem, in cuius complexibus tam multos suauiter foueri video, nec otij amonita-
tem experiri, vix etiam per omnem vitam degustare in continuo laborum ac negotiorum
feruore ac contentione contingerit. Quanquam de fortuna parum quætor quam semper
concepit, quæ neque de laboribus nullum dicitur, si modo labores ij tantum vel
prodesse vel placere ceteris possent hominibus, quantum me priuatum atterunt in-
commodaque. Nunc ad inæz infelicitatis cumulum accedit insuper, quod in eo argu-
menti genere laborandum fuit, quod præter ingularem reum ipsarum materiam, præter
linguæ inuentionem, præter tradandam difficultatem, que vix innotem recipiat cratio-
nis, eo porro Autorem ipsum redigit angustias, vt neque saluam narrare sine iniuria Histo-
ria, nec verum dicere sine magna sua inuidia odioque multorum liceat. Nam cum in eo
Historiæ argumento mihi verandum fuit, quod non ad superiorum modo temporum
res gestas alieque repetitas pertinet, sed hæc ipsam ætatem nostram, posteraque gentis
nunc homines etiamnum præsentis, visioque, sic attingat, sic perficiat, sic deligat, quem-
admodum in hoc materie genere necessariò faciendum fuit: quæstio, quid hic mihi aliud
expectandum sit, nisi postquam frustra me detulgero valedictum materiam, oculos
preclerit, sentiam accerit, corpus exhaustum, decursum vt post hæc omnia multo magis
me hominum odijs, sibilis, inuidiæ ac calumnijs exponam? In tot istis asperitatibus cum
nihil me tu ù præstare poterit, non Cæsar, non Monarcha, non Rex, non Regina, non vlla
huius mundi præsidia, præter solam Diuinitatis potentiam deorum, principio igitur,
aque ante omnia hæc ceu ad tutissimum asylum me recepit, huic me librinque commen-
dauit & commendo. Tum vero insuper in eodem domino tuum illum candorem (do-
cte piæque Lector) esmque tuam humanitatem appellare volui, quæ ex humanioribus
literis studijsque te fieri præditum, quo nostris his laboribus tuæ approbationis, ac ceteris
aque ante omnia hæc ceu ad tutissimum asylum me recepit, huic me librinque commen-
dauit & commendo. Tum vero insuper in eodem domino tuum illum candorem (do-
cte piæque Lector) esmque tuam humanitatem appellare volui, quæ ex humanioribus
literis studijsque te fieri præditum, quo nostris his laboribus tuæ approbationis, ac ceteris
aque ante omnia hæc ceu ad tutissimum asylum me recepit, huic me librinque commen-
dauit & commendo.

Nam alioqui non defuturos sit scio qui varijs modis nobis facerent molestiam. Ha-
bet hic Monas suos mortuos, Sycophanta suos sibilos, nec deest Calumniator, sua
lingua & aculeus quem insigat. His fidem detrahet Historiæ, ille artificium in tradendo,
aliter diligentem, vel in excutiendis rebus iudicium desiderabit. Illi forsitan operis dis-
plicebit moles, vel minus dilposita feruorque temporum ratio. Et si nihil horum iue-
rit, ætatem in nova Religiois pagina in tanta iudiciorum, capitum, sententiarum varietate,
vbi sine quocumque fauet ac blanditur iudicio, quid tam affibè, aut circumspèctè errare
potest,

Figura 35 – a) Ad Christum Eucharisticum (ed. 1632); b) Ad Doctum Lectorem (ed. 1632)



**AD DOMINVM IESVM
CHRISTVM SERVATOREM CLE-
MENTISSIMVM, EVCHA-
RISTICON IOAN-
NIS FOXI.**

Figura 36 - Composição tipográfica e ornamental do título e cabeçalho do Ad Christum Eucharisticum (ed. 1632)



**AD DOCTVM LECTOREM,
IOANNIS FOXI.**

Figura 37 - Composição tipográfica e ornamental do título e cabeçalho do Ad Doctum Lectorem (ed. 1632)

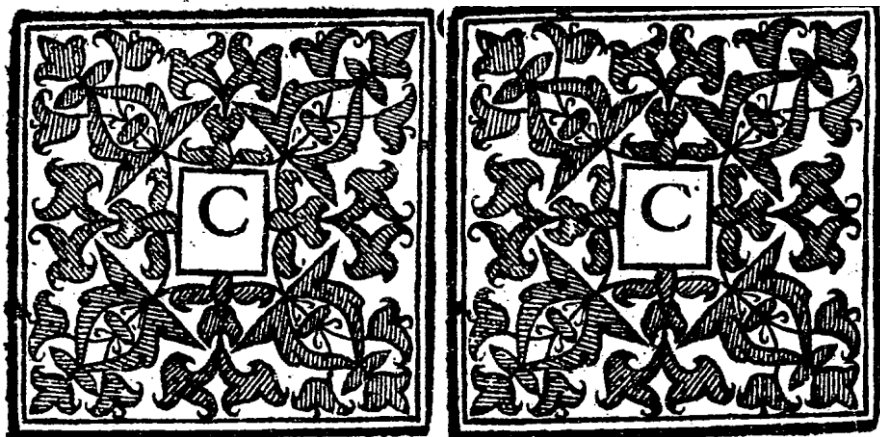


Figura 38 – a) Inicial capitular que introduz o texto do *Ad Christum Eucharisticon* (ed. 1632); b) Inicial capitular que introduz o texto do *Ad Doctum Lectorem* (ed. 1632)

A Figura 35 traz, respectivamente, os tradicionais prefácios latinos do *Acts and Monuments*, resumidamente intitulados *Ad Christum Eucharisticon* e *Ad doctum Lectorem*. Observa-se que ambos os textos compartilham uma composição tipográfica semelhante, contendo o mesmo ornamento introdutório e iniciais capitulares idênticas (Figuras 36, 37 e 38). Além disso, ambos os textos têm seus títulos inscritos em tipo romano e forma minúscula, padrão observável apenas aqui, já que os títulos dos demais prefácios apresentam variações, alguns contendo tipos em itálico ou minúsculos. É plausível que, como afirmam King e Oliver, e a partir dos padrões tipográficos de tais prefácios, tenha sido Adam Islip o impressor responsável por boa parte dos paratextos da edição de 1632. Na distribuição dos três volumes do livro, lhe coube o segundo, e menor deles, além de treze folhas dos materiais preliminares.

Segundo King, “porque esse era o menor volume, ele pode ter aceitado o trabalho adicional a fim de equalizar sua responsabilidade com aquela assumida por cada um de seus parceiros.”²⁹³ Contudo, pode-se associar o protagonismo de Islip na elaboração do paratexto do livro a uma razão mais adequada do que sua suposta solícitude profissional para com os demais impressores. Afinal, Islip era, dos três, o mais experiente e melhor relacionado com os Estacionários, tendo sido por muito tempo um Supervisor nomeado da Companhia. Dada a natureza editorial dos materiais paratextuais, que eram comumente os últimos a serem incluídos e a parte de um livro impresso mais suscetível à incorporação de demandas comerciais e

²⁹³ “Because his volume is the shortest, he may have taken on the added work in order to equalize his responsibility with that assumed by each of his partners.” KING (2006), p.148.

propagandísticas, é de se supor que, especialmente na edição de 1632, fossem eles um dos principais materiais a receber atenção da Companhia. Islip, assim, com sua experiência e influência junto à organização, seria, dentre os três, o profissional adequado para o encargo dos paratextos.

Dessa forma, considerando-se a natureza e dinâmica editorial intrínseca ao material paratextual no *Acts and Monuments*, e o justificado interesse da Companhia dos Estacionários em destacar sua participação na elaboração de suas edições a partir de tais elementos, pode-se melhor compreender duas das principais adições acrescidas ao repertório paratextual do livro em 1632: a *Table of Tables* (Figura 39) e a *Chronologie*.

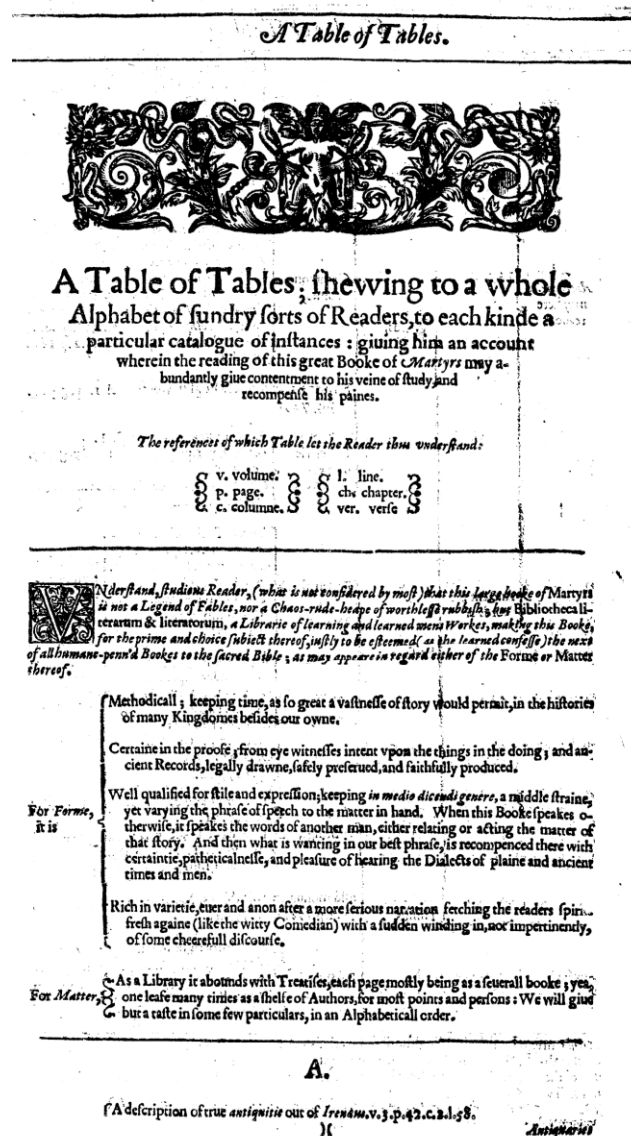


Figura 39 - Página inicial da *Table of Tables* (ed.1632)

Em seguida aos poemas latinos, tem-se, portanto, a

“Tabela das Tabelas, mostrando-se por todo um Alfabeto a Diversos Tipos de Leitores, a cada qual um catálogo particular de exemplos: dando-lhe um resumo pelo qual a leitura deste grande Livro dos Mártires poderá conferir abundante contentamento à sua veia de estudo e recompensar seus labores.”

Trata-se de um índice, listado em ordem alfabética, que organiza um conjunto heterogêneo de referências e comentários que podem auxiliar o leitor desse “grande Livro dos Mártires” em sua leitura e estudo dos materiais nele contidos. São listados termos e palavras e seus respectivos significados e aplicações, bem como os volumes e páginas em que se encontram. Há, ainda, uma legenda (Figura 40) identificando os mecanismos de indicação de tais referências: volume, página, coluna, linha, capítulo e verso.

A título de exemplo, tome-se a primeira palavra indicada, “*Antiquaries*”, cuja seção se encontra ilustrada na (Figura 41). Primeiramente, tem-se a ocorrência da palavra dividida em duas grandes seções, a serem desenvolvidas em demais partes. “*Antiquaries*”, assim, é indicada como sendo, em suas aparições no livro, “Uma descrição da verdadeira antiguidade de Ireneu,” conteúdo a ser encontrado no verso 3, página 42, coluna 2, linha 58. A segunda forma de ocorrência da palavra diz respeito a seu sentido de “Antigos Registros”, e essa seção se divide, por sua vez, em “Palavras”, “Pessoas” e “Coisas”. Cada uma dessas partes é, então, pormenorizada em outras porções. Em Palavras, tem-se que o termo “*Antiquaries*” aparece como se referindo a “Nomes próprios”, “Nomes comuns”, “Sermões em palavras de Inglês antigo” e “Termos judiciários”. Em “Pessoas”, a palavra se encontra em menção a pessoas “Eclesiásticas” e “Seculares”. E, finalmente, quanto a seu emprego para definir “Coisas”, ela é usada como significando “Escritos”, “Antigos monumentos de Abadias, Monastérios e Conventos”, e “Práticas.” Ainda, cada uma das subseções é igualmente decomposta em sucessivas partes, sempre indicadas com sua respectiva localização no livro.

The references of which Table let the Reader thus understand:

v. volume. l. line.
 p. page. ch. chapter.
 c. column. ver. verse

Figura 40 - Legenda informativa contida na Table of Tables

A Table of Tables.

<p><i>Antiquaries may here reade</i></p>	<p>Ancient Records of</p>	<p>Words</p>	<p>Proper names. { The diuers writing of the names of the ancient Saxon kings of England. vol. 1. p. 142, 143. The acceptions of ancient names of places, as Dorobernia and Canturburie are taken for one. v. 1. p. 225. c. 1. l. 50. with many like. The names of all that were at the conquest of England. v. 1. p. 236, 237.</p>
		<p>Common names.</p>	<p>{ The differenc names of reproach giuen to true Christians in diuers Countries; as about Lyons they are called the <i>poore people of Lyons</i>; in the borders of Sarmatia, Liouonia, and these Northerne parts they haue beene called <i>Lobards</i>; in Flanders and Artois, <i>Turrelapins</i>; in Dolphin, <i>Chagnards</i>; but most commonly <i>Waldoy</i>. v. 2. p. 186. c. 1. l. 1.</p>
		<p>Sermons in ancient old English words. vol. 1. pag. 52 1. pag. 7 13.</p>	<p>Judicarie termes; As { <i>Forbonizatum</i>. v. 2. p. 490. c. 1. <i>In fisci</i>. v. 1. pag. 470. c. 1. l. 73. pag. 465. c. 2. l. 66. <i>Clericus</i> is expounded how it is taken in law bookes. v. 1. p. 489. c. 1.</p>
		<p>Ecclesiasticall</p>	<p>{ A note of all ancient religious orders. v. 1. p. 337. Catalogues of Popes. Vol. 1. p. 507. & p. 588, 589. 206. A note of the Archbishops of Cant. v. 1. p. 173. c. 2. p. 220. 515. 863.</p>
		<p>Persons</p>	<p>{ A table of Romane Kings of England. v. 1. p. 139. Of Britain kings of England. v. 1. p. 146. c. 1. Of Saxon Kings of England. v. 1. p. 142, 143, &c. Of Danish inuaders. Vol. 1. p. 207, 208.</p>
		<p>Secular</p>	<p>{ Of secular persons entering into religious Orders, as kings Monks. v. 1. p. 173. col. 1. lin. 55. Queenes Nuns. v. 1. p. 172. c. 2. l. 63, &c.</p>
		<p>Writings</p>	<p>{ The forme and copy of a Popes Bull. v. 2. p. 632. c. 1. 18. ancient Euidences affording nuffy antiquities. v. 1. p. 485. to 489. Writs and Instruments. v. 1. p. 489.</p>
		<p>Things</p>	<p>{ Old monuments of Abbeyes, Monasteries, and Nunneries. v. 1. p. 171. c. 2. l. 45, &c.</p>
		<p>Practises</p>	<p>{ The form of right appealing. v. 1. p. 286. c. 2. When a law was made first against priests marriage. v. 2. p. 479. c. 1. When Reliques were brought into the Church. v. 3. p. 13. c. 1. l. 14.</p>

Figura 41 - A porção correspondente à palavra "Antiquaries". Atenção à disposição gráfica da informação, repartida em diferentes seções.

A presença de uma tabela como essa no *Acts and Monuments*, que conjuga funções de índice, ao apontar a localização precisa e exata dos termos listados, e também de glossário, ao sinalizar os diversos significados possíveis atribuídos a tais termos, é algo digno de destaque. Em primeiro lugar, a precisão empregada na identificação das referências, listadas em tantos níveis (volume, página, coluna, linha, capítulo e verso), aponta para algo que até então não ocorria em materiais semelhantes no livro. Inclusive, uma das reclamações acerca da edição de 1576, por exemplo, dizia respeito aos erros de referenciação das páginas do livro, além de que, pode-dizer, os mecanismos de citação nas edições anteriores jamais foram tão variados, tendo sido mais comum a menção apenas às páginas referidas. Tal correção, portanto, deve ser compreendida como algo consideravelmente inédito nas edições do *Acts and Monuments*, e que pode ser explicada, de maneira especial, pela crescente uniformização do texto do livro, cuja constância e regularidade, nas edições do século XVII, permitia que as referências no paratexto fossem mais exatas e fidedignas.

Além disso, como outros materiais presentes em edições anteriores do livro, tal qual o índice elaborado por Richard Day em 1576 ou até mesmo o próprio *Kalender*, reinserido a partir de 1583, a *Table of Tables* da edição de 1632 propõe uma modalidade de leitura descontínua do *Acts and Monuments*, que lhe aproxima muitíssimo das próprias Escrituras. Tal semelhança com a Bíblia Sagrada pode ser vista na própria correção e exatidão das referências listadas, cujo recurso pressupunha uma leitura fragmentada e metódica do livro. Contudo, deve-se saber que na própria *Table of Tables* há a menção de que o *Acts and Monuments* era digno da comparação com o texto sagrado. E tal justificativa se dá na seção logo abaixo da legenda das referências, em que se lê:

“Compreenda, Leitor diligente (o que não é considerado por muitos), que esse grande livro dos Mártires não é uma Legenda de Fábulas, nem uma pilha caótica e rude de pouco valor, mas sim *Bibliotheca literarum & literarorum*, uma Biblioteca de obras de homens e aprendizes eruditos, tornando este Livro, pela escolha de seu tema principal, digno de ser justamente estimado (como confessam os eruditos) como o mais próximo dentre todos os escritos dos homens à Bíblia sagrada; como deve se mostrar no que diz respeito tanto à sua Forma quanto a seus Assuntos.”²⁹⁴

²⁹⁴ “Understand, studious Reader, (what is not considered by most) that this large booke of Martyrs is not a Legend of Fables, nor a Chaos-rule-heape of worthlesse, bu Bibliotheca literarum & literatorum, a Librarie of learning and learned mens Workes, making this Booke, for the prime and choice subject thereof, justly to be esteemed (as the learned confesse) the next of all humans-penn’d Bookes to the sacred Bible; as may appeare in regard either of the Forme or Matter thereof.” *Acts and Monuments* (1632), p. 42.

Jamais os elaboradores do *Acts and Monuments* haviam sido tão explícitos e inequívocos ao equiparar o livro às Escrituras como nesse caso. Jamais haviam sido, igualmente, tão detalhistas em suas justificativas para tal aproximação. Por ser uma “Biblioteca de obras de homens e aprendizes eruditos”, como se diz no trecho, o *Acts and Monuments* era o mais semelhante à Bíblia no que se refere “à sua Forma e a seus Assuntos” (Figura 42). Quanto à forma, o *Acts and Monuments* é apresentado como sendo, em primeiro lugar, “Metódico: contando o tempo, como uma tão grande imensidão de histórias o faria, nas histórias de tantos reinos além do nosso.” Assim como a Bíblia, o tempo e a variedade de outros povos e reinos para além da Inglaterra eram objeto do livro de Foxe. Em segundo lugar, o *Acts and Monuments* era “Correto em prova, do intento de testemunhas oculares sobre as coisas descritas; e Registros Antigos, legalmente obtidos, seguramente preservados, e fielmente produzidos.” Fidedignidade e antiguidade, duas das maiores premissas defendidas desde os tempos do próprio Foxe, voltam a aparecer como associadas ao caráter sagrado do livro. Em terceiro lugar, assim como a Bíblia, o *Acts and Monuments* era tido como

“Bem qualificado em estilo e expressão; mantendo *in medio dicendi genere*, um meio termo, ainda que variando a frase do discurso da questão. Quando este Livro fala de outra maneira, fala as palavras de outro homem, seja relatando ou representando o assunto daquela história. E assim o que falta em nossa melhor frase, é recompensado com exatidão, com forma patética, e deleite de ouvir os Dialectos de tempos e homens simples e antigos.”²⁹⁵

²⁹⁵ “Well qualified for stile and expression; keeping in medio dicendi genere, a middle straine, yet varying the phrase of speech to the matter in hand. When this Booke speakes otherwise, it speakes the words of another man, either relating or acting the matter of that story. And then what is wanting in our best phrase, is recompenced there with certaintie, pathaticalnesse, and pleasure of hearing the Dialects of plaine and ancient times and men.” Ibidem.

Vnderstand, studious Reader, (what is not considered by most) that this large booke of Martyrs is not a Legend of Fables, nor a Chaos-rude-heape of worthlesse rubbish; but Bibliotheca literarum & literatorum, a Librarie of learning and learned mens Workes, making this Booke, for the prime and choice subject thereof, iustly to be esteemed (as the learned confesse) the next of all humane-penn'd Bookes to the sacred Bible; as may appeare in regard either of the Forme or Matter thereof.

For Forme, it is

Methodicall; keeping time, as so great a vastnesse of story would permit, in the histories of many Kingdomes besides our owne.

Certaine in the prooffe; from eye witnesss intent vpon the things in the doing; and ancient Records, legally drawne, safely preserued, and faithfully produced.

Well qualified for stile and expression; keeping *in medio dicendi genere*, a middle straine, yet varying the phrase of speech to the matter in hand. When this Booke speaks otherwise, it speaks the words of another man, either relating or acting the matter of that story. And then what is wanting in our best phrase, is recompenced there with certaintie, patheticalnesse, and pleasure of hearing the Dialects of plaine and ancient times and men.

Rich in varietie, euer and anon after a more serious narration fetching the readers spirit fresh againe (like the witty Comedian) with a sudden winding in, not impertinently, of some cheerefull discourse.

For Matter,

As a Library it abounds with Treatises, each page mostly being as a seuerall booke; yea, one leafe many times as a shelve of Authors, for most points and persons: We will giue but a taste in some few particulars, in an Alphabetical order.

Figura 42 - Seção da abertura da *Table of Tables* contendo as justificativas da aproximação entre o *Acts and Monuments* e a Bíblia Sagrada.

Tem-se aqui uma proposição fundamental acerca do potencial performativo e patético pressuposto na leitura do *Acts and Monuments*. A menção a seu estilo, como semelhante ao da própria Bíblia, diz respeito aqui, além do efeito de emocionalização da leitura, ao caráter representativo das histórias e personagens presentes no livro. Ao lerem as vidas dos mártires e demais recursos do livro, os leitores poderiam ter acesso à vida de tais homens, de modo a reproduzir em suas próprias vidas os exemplos contidos em tais encontros. A imitação da vida dos mártires era, como dizia o próprio Foxe, a principal finalidade concebida para a leitura do *Acts and Monuments*. Tal qual a Bíblia, esperava-se que seus leitores não apenas lessem o livro, mas imitassem seus personagens e fossem espiritualmente nutridos por meio de sua leitura.

Em quarto lugar, finalmente, diz-se na *Table of Tables* que o *Acts and Monuments* merecia ser comparado às Escrituras por ser “Rico em variedade [...] após uma narração mais séria, refrescando novamente o espírito dos leitores (como o astuto Comediante) com um uso

imprevisto, porém não impertinente, de um discurso alegre.”²⁹⁶ Tal qual a Bíblia, na variedade de gêneros literários e discursos, e no conseqüente deleite que se poderia ter de sua leitura, o *Acts and Monuments* se apresentava, na *Table of Tables*, como sendo digno de crédito por sua diversidade e seu potencial de comover e agradar.

Além de sua forma, a aproximação do *Acts and Monuments* às Escrituras se justifica, na seção da *Table of Tables*, no que se refere a seus assuntos:

“Como uma Biblioteca, abunda em Tratados: cada página sendo o mesmo que vários livros, sim, uma folha sendo muitas vezes como uma estante de Autores, no que concerne a muitos pontos e pessoas: Daremos senão uma amostra de alguns pormenores, em ordem Alfabética.”²⁹⁷

O *Book of Martyrs* é, assim, assemelhado a uma biblioteca, na qual cada página é como um conjunto de livros e cada folha é como uma estante de Autores. Eis aqui uma afirmação interessante acerca da composição material e editorial do livro como sendo amostras de seu valor literário, sobretudo. A riqueza literária do *Acts and Monuments*, expressa em sua configuração editorial, seria o ponto temático primordial que lhe justificaria a aproximação às próprias Escrituras Sagradas. Em seguida a essa seção, tem-se justamente o início da tabela, o que permite que se observe a conjugação de tais ideais e expectativas acerca do livro juntamente a sua constituição editorial.

Além da *Table of Tables*, na edição de 1632 tem-se um outro paratexto bastante caro à trajetória editorial do *Acts and Monuments* no século XVII, e profundamente relevante para que se compreenda o processo de monumentalização associado ao livro. Trata-se de uma cronologia, mais especificamente, “Uma Cronologia de Mestre Foxe Sua Martirologia”, na qual se tem:

“Um anúncio ao Leitor, /De que é apresentado a ele uma compendiosa Tabela Cronológica das mais notáveis contidas em todo o Livro dos Mártires, (conforme são colocadas segundo Mestre Foxe seu Método e Computação) dispondo-as em várias colunas/ A Primeira e menor coluna fazendo relato do tempo/ As quatro seguintes tratando-se de pessoas/ A sexta e maior tratando-se de questões, concisamente anatomizando o conjunto completo da história nas veias, artérias [...] do mestre. / A sétima, a última e menor, apontando para o local nos grandes volumes, em que devem

²⁹⁶ “Rico em variedade, ever and anon after a more serious narration serching the readers spirit fresh againe (like witty Comedian) with a sudden winding in, not impertinentluy, of some cheerefull discourse.” Ibidem.

²⁹⁷ “As a Library it abounds with Treatises, each page mostly being as a severall booke; yes, one leafe many times as a shelve of Authors, for most points and persons: We will give but a taste in some few particulars, in an Alphabeticall order.” Ibidem.

ser encontrados os conteúdos de todas as demais colunas, e preenchidos com carne, sangue e espíritos de maiores discursos.”²⁹⁸

A *Chronologie* (Figura 43), assim, é apresentada como sendo uma tabela cronológica consistente de distintas colunas, contendo em si diversas referências úteis a uma leitura adequada do *Acts and Monuments*. Mais do que isso, trata-se de um índice, especialmente na sétima coluna “À qual adicionamos esse breve resumo cronológico, a fim de que sirva ao Leitor estudioso.” Assim, pela visão cronológica da martirologia de Foxe, o leitor poderia ver “o caminho que ele trilhará, e onde estão os vários desvios antes que ele comece a ler.” Com efeito, a função suplementar de um dispositivo paratextual nunca fora tão bem explicitada no *Acts and Monuments* como aqui se faz.

E, tem-se, ainda, uma menção direta à constituição de espaços destinados ao registro pessoal do leitor, “como um Registro ou Caderno, pelo qual ele possa recolher seus pensamentos e observações depois de tão longa viagem ao ler um livro tão volumoso.” É a primeira vez, exceto se considerarmos os famosos *banderoles* incluídos em algumas xilogravuras das primeiras edições, que um material paratextual do *Acts and Monuments* é deliberadamente produzido de modo a incluir a participação escrita de seus leitores. De fato, pode-se dizer que a Cronologia é o primeiro texto especificamente preliminar a pressupor um engajamento escrito dos leitores do livro com seu conteúdo. Ainda, uma diferença essencial dela para com os *banderoles* reside justamente no objeto de tal engajamento: enquanto os *banderoles* promoviam o preenchimento manuscrito do leitor com as últimas palavras do mártir retratado, em frases formulaicas previamente conhecidas, a Cronologia propõe um espaço destinado ao registro das impressões individuais do leitor.

²⁹⁸ “An Advertisement to the Reader, That here is presented unto him a compendious Chronologicall Table of the most remarkeable things contained in the whole Booke of Martyrs, (according as they are set downe after Master Fox his Method and Computation) digesting them into severall columnnes, the First and smaller columnne making report of time. Foure next larger os persons. Sixth and largest of matters, concisely anatomizing the whole body of the storie into the matter veines, arteries and sinewes. Seventh, last and least, pointing to the place in the large volumes, where the contents of all the other columnnes are to be found, and filled up with flesh, blood ans spirits of larger discourses.” Ibidem.

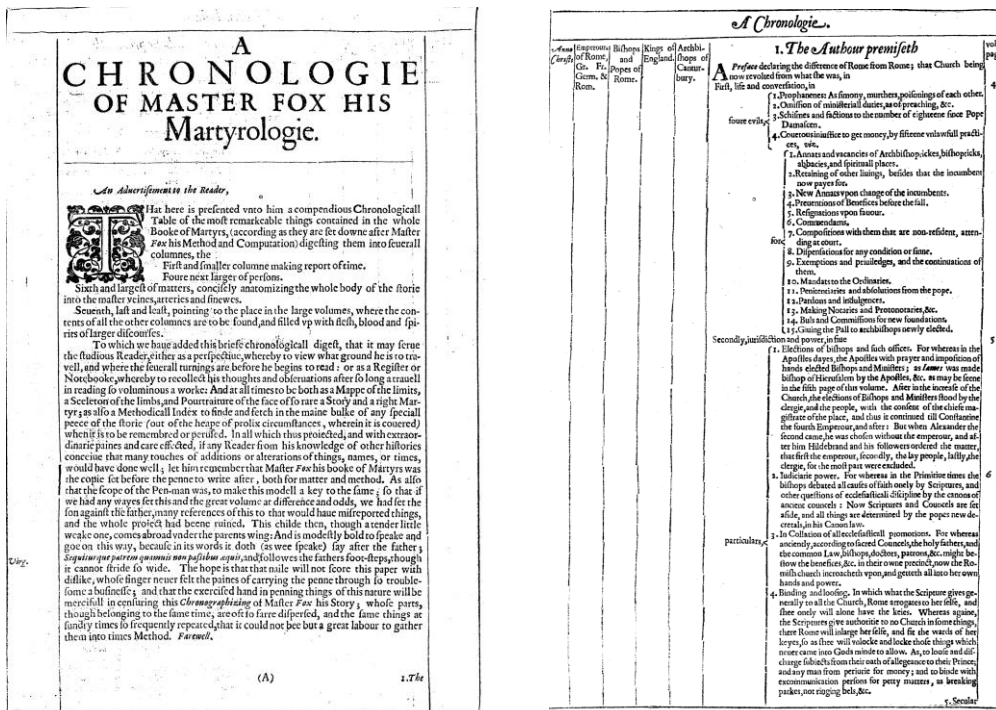


Figura 43 – a) Seção introdutória da *Chronologie* (ed.1632); b) Destaque para os espaços em branco, destinados ao uso manuscrito do leitor

Contudo, deve-se lembrar que na Cronologia, por sua vez, o registro das observações pessoais do leitor é tido como apenas uma das possibilidades de seu uso. Além de poder ser “um Registro ou Caderno”, ela também é elencada como podendo ser útil para que o leitor tenha maior perspectiva do “caminho que ele trilhará, e onde estão os vários desvios antes que ele comece a ler.” O caráter opcional do uso da Cronologia como registro e caderno se torna ainda mais evidente se for considerado o real espaço destinado a anotações e afins, que pode ser melhor visualizado na Figura 43. Ainda assim, a menção a essa possibilidade de uso do *Acts and Monuments* é fortemente sugestiva no que concerne aos diversos modos de leitura a que ele estava sujeito, e, nesse caso em especial, à ciência de seus elaboradores acerca de tais modalidades.

Por fim, diz-se que a Cronologia deve ser, acima de tudo,

“um Mapa dos limites, um Esqueleto dos membros, e Retrato do rosto de tão rara História e justo Mártir; como também um Index Metódico para localizar e buscar no volume principal qualquer parte especial da história (fora do monte de circunstâncias prolixas, pelas quais está coberto) quando deva ser relembrada ou examinada.”²⁹⁹

299 “And at all times to be both as a Mapped of the limits, a Sceletion of the limbs, and Pourtraiture of the face of so rare a Story and a right Martyr; as also a Methodicall Index to finde an fetch in the maine bulke of any speciall peece of the storie (out of the heap of prolix circumstances, wherein it is covered).” Ibidem.

O *Acts and Monuments*, pode-se verificar, era dotado de vários materiais de listagem. Seus variados e numerosos materiais exigiam um considerável nível de sistematização que, é justo afirmar, só conseguiu ser plenamente executado a partir da edição de 1632, em que a uniformização textual do livro permitia que se tivesse mais precisão ao se listar e referenciar seu conteúdo. Tal constância do texto, garantida pela redução de novos materiais a serem acrescentados à medida que o livro ia sendo republicado em suas sucessivas edições, é fortemente associada à simultânea monumentalização do livro, que era, a cada edição, apresentado como sendo digno e meritório de louvor e leitura diligente. Tal exaltação do livro era, por sua vez, cada vez mais unida à admiração estendida a seu autor, John Foxe. É ele, inclusive, o “justo Mártir” mencionado no trecho acima. A consideração das honras prestadas a Foxe no paratexto do livro, portanto, será objeto do próximo subcapítulo, sendo item imprescindível à compreensão da monumentalização do *Acts and Monuments*.

3.4. *The Life of Mr Fox*: A edição de 1641 e o legado de John Foxe no século XVII

Antes de prosseguir ao estudo da exaltação de Foxe como autor e de analisar, assim, a oitava edição do *Acts and Monuments*, é preciso ainda considerar alguns últimos pontos acerca da edição que lhe precede, publicada em 1632. Tais observações são importantes, por sua vez, justamente para que se compreenda o contexto de publicação da edição de 1641, a ser analisada nesta seção. Fato é que a edição de 1632 ainda renderia outras ponderações que não caberiam no presente trabalho, porém as questões levantadas a seguir constituem parte fundamental do estudo da trajetória editorial do *Acts and Monuments* e, especificamente, das conjunturas envolvidas na publicação de uma edição tão relevante como a de 1641.

Um dos pontos pertinentes acerca da edição de 1632 diz respeito às questões envolvidas quanto a sua demanda. Muito se pode discutir acerca dos interesses e motivações implicados na publicação de um livro como o *Acts and Monuments*, em especial no século XVII. E, especialmente por ter se tornado tão popular, é comum que o livro tenha sua publicação explicada e analisada do ponto de vista mercadológico, tendo em vista as demandas comerciais e propagandísticas que se comumente espera justificarem a republicação de um livro impresso. John King, ao considerar os interesses e razões para que a Companhia dos Estacionários desse

início a seus esforços por uma sétima edição do *Acts and Monuments*, afirma que a razão primeira para tal teria sido a constatação de que a edição anterior, publicada em 1610, já havia sido totalmente esgotada em suas cópias.

A inadequação de tal afirmativa, contudo, pode ser explicada com base em algumas razões. Primeiramente, deve-se considerar, mesmo ao se tratar da demanda pelo *Acts and Monuments* em termos mercadológicos, o próprio valor atribuído ao livro no mercado de impressos e, especialmente, a dinâmica de funcionamento e regulação de tal mercado. Isso significa ter em mente o real apelo comercial do *Acts and Monuments*, tendo em vista que, mesmo no século XVII, ele continuava sendo um livro grandioso, tecnicamente complexo e justificadamente oneroso, não sendo, portanto, objeto de compra de muitos membros do público leitor inglês. Como já dito anteriormente, havia outras formas de acesso a um livro como o *Acts and Monuments*, para além da aquisição por compra.

Desde a década de 1570, sabe-se que muitas igrejas o colocavam à vista juntamente com a Bíblia, a fim de ser visualizado pelos fiéis. Sabe-se que muitas cópias do *Acts and Monuments* eram doadas a paróquias e demais instituições, além de serem lidos trechos do livro em reuniões devocionais familiares.³⁰⁰ O *Acts and Monuments*, desde suas primeiras edições, não era produzido e publicado para fins puramente comerciais; não se tratava de um livro dedicado à extensa comercialização, mas sobretudo ao favorecimento de relações de patronagem e preservação das reputações de seus elaboradores. Assim, é especialmente ao se tratar das primeiras décadas do século XVII, marcadas pela efervescência comercial da imprensa periódica, por exemplo, que as pretensões mercadológicas de um livro como o *Acts and Monuments* devem ser reavaliadas.

Dessa forma, além de considerar a extensão do apelo comercial do *Acts and Monuments*, é preciso refletir sobre a atuação da Companhia dos Estacionários, principal responsável pela publicação do livro no século XVII, para além de uma instituição uniformemente movida pelo lucro comercial, mas interessada em outras formas de relações e interesses institucionais. Evenden e Freeman destacam esse ponto ao fazerem sua correção dos dizeres de King, apontando para o fato de que a edição de 1632 teria sido comissionada segundo uma oferta da Companhia na qual se dizia que “‘certas pessoas de qualidade’ desejavam que

³⁰⁰ Um exemplo interessantíssimo do uso devocional e familiar do *Acts and Monuments* no século XVII pode ser encontrado na análise de Andrew Cambers acerca do diário de Margaret Hoby: A particularly clear instance of such reading occurred in late September 1599, when the family read and listened to passages from the Book of Martyrs for several days in succession, with the reading shared between various members of the family.” CAMBERS, A. Reader’s marks and religious practice. In: KING, J. (ed.) *Tudor Books and Readers. Materiality and the Construction of Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press (2010) p.211.

fosse feita uma nova edição ‘para o bem geral do Reino.’”³⁰¹ Segundo os autores, a motivação por trás da publicação muito provavelmente teria sido política, já que em março de 1629 o Parlamento havia sido fechado por Carlos, e as crescentes denúncias às tendências católicas e arminianas do clero e da Coroa acirravam ainda mais o debate político:

“Estava claro com a dissolução do Parlamento que esses ataques necessariamente seriam calados e, ainda, que a paz com a França e a Espanha, as maiores potências católicas, fatalmente se seguiria. Tentar ressuscitar a obra de Foxe seis meses depois pode muito bem ter sido uma tentativa de dar continuidade ao Parlamento (e as guerras) por outros meios.”³⁰²

Apesar de tudo, Evenden e Freeman não deixam de assumir a natureza especulativa de tal afirmação, apresentando, contudo, as evidências que creem justificar a validade de sua conjectura. Segundo eles, “a larga continuação sobre a perseguição de protestantes que foi adicionada a essa edição é não somente manifestamente anti-católica, ela também expõe tentativas católicas de destituir a Coroa inglesa, seja por conquista ou subversão”.³⁰³ Embora a conclusão de tal postulado possa ser tomada como pertinente, é preciso cautela no que concerne ao juízo político atribuído ao *Acts and Monuments* nessa edição de 1632. Tal ponderação se deve à complexidade de se relacionar de forma direta as edições do *Acts and Monuments* às respectivas conjunturas políticas contemporâneas à sua publicação.

O *Acts and Monuments*, à época da publicação de sua sétima edição em 1632, não era um livro comercialmente apelativo como outras formas de publicação, de fato, e ainda assim, como bem apontam Evenden e Freeman, “certas pessoas de qualidade” acreditavam ser proveitosa sua publicação “para o bem geral do Reino.” Comissionada poucos meses após a dissolução do Parlamento por Carlos I, em 1629, não deixa de ser plausível a assunção de que houvessem motivações políticas na publicação dessa edição. Contudo, talvez tal atribuição não seja tão sólida quando se analisa o intervalo de tempo entre a oitava e nona edições do livro. De 1641 a 1684, período complexamente carregado de tensões políticas - o regicídio de Carlos I (1649), o Interregno (1649-1660), o Protetorado de Oliver Cromwell (1653-1659), a

³⁰¹ “Furthermore, the order goes on immediately to declare that ‘certayne persons of quality’ wished that a new edition be made ‘for the generall good of the Kingdome’”. EVENDEN; FREEMAN (2014), p.326.

³⁰² “It was clear with the dissolution of parliament that these attacks would necessarily be muted and, additionally, that peace with France and Spain, the major Catholic powers, would necessarily follow. Trying to resurrect Foxe’s work six months later may well have been an attempt to continue parliament (and the wars) by other means.” Ibid. p.327.

³⁰³ “Admittedly this is speculative, but there is evidence to support this hypothesis. The large continuation on the persecution of the Protestants that was added to this edition is not only manifestly anti-Catholic, it also places Catholic attempts to overthrow the English crown, through either conquest or subversion.” Ibidem.

Restauração (1660-1688), seguida pelas vésperas da Revolução Gloriosa de 1688 - nenhuma edição do *Acts and Monuments* foi publicada ou comissionada para impressão. Seria de se esperar que, em tempos tão politicamente efervescentes, um livro tão influente como o *Acts and Monuments* fosse publicado pelo menos uma vez. Assim, percebe-se que a atribuição política não é suficiente para explicar o lapso de publicações do livro em tal intervalo.

Com efeito, é complexa tal atribuição direta, entre as edições do *Acts and Monuments* e o cenário político em que se inserem cronologicamente, não porque seja necessariamente errônea, mas porque talvez não deva ser tida como a explicação prioritária. Em vez disso, é mais seguro compreender as reimpressões do *Acts and Monuments* no século XVII não necessariamente em termos comerciais ou ideológico-políticos, mas sim em termos de uma confluência, complexa e nem sempre previsível, de variáveis das quais tanto vínculos mercadológicos quanto compromissos políticos se dão como partes. É possível, dessa forma, observar que, a cada edição do *Acts and Monuments*, algumas variáveis podem ser vistas mais clara e prioritariamente do que outras, em parte devido às possibilidades distintas que se tem para atribuir explicações acerca de cada edição.

Por fim, compreender a limitação de explicações prioritariamente comerciais ou políticas acerca do *Acts and Monuments* é fundamental para que se analise com maior cautela a própria edição de 1641. Justamente porque ela é publicada em um momento particularmente delicado da política inglesa, com a deposição do Arcebispo Laud e, o principal evento a ela associado, o colapso do sistema de licença e credenciamento de autores e livros impressos que então vigorava. A década de 1640 se iniciava, assim, com um clima de radicalização política que cada vez mais se difundia, aliado com mudanças significativas no mercado de impressos.

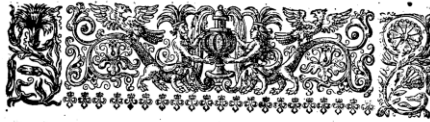
Dentre todas as alterações e adições operadas na edição de 1641 do *Acts and Monuments*, é a tradução de *The Life of Mr. Foxe*, seguida do texto original em latim, *Johannis Foxii Vita*, que merece destaque fundamental para a análise do livro tal qual aqui se propõe. A Vida de Mr. Foxe é introduzida, ainda, por um prefácio Ao Leitor (Figura 44) em que se destacam as circunstâncias e expectativas associadas à inserção de tal material ao *Acts and Monuments*. Diferentemente dos demais materiais paratextuais aqui analisados, os prefácios em questão, tanto o latino quanto a tradução inglesa, encontram-se, por sua vez, na abertura do segundo volume do livro, e não na seção prefatorial.

Trata-se de um memorial alegadamente escrito trinta anos antes por um dos filhos de Foxe, Simeon. Os detalhes da escrita de tal material não são bem conhecidos, mas sua inclusão na edição de 1641 do *Acts and Monuments* fornece-nos um caso interessante de como a monumentalização do livro não pode ser desatrelada dos louvores prestados a seu autor. Na

seção introdutória, Ao Leitor, Simeon explicita os motivos que lhe fizeram dedicar-se à escrita da história de seu pai:

“Tendo sido constante e sinceramente solicitado por muitos, para gratificar a Posteridade, com a História da vida de meu Pai, que eu escrevi há mais de trinta anos; e percebendo que nenhuma questão nova surgiu, motivo pelo qual (embora eu estivesse em silêncio) eu deveria desconfiar do julgamento das Eras vindouras, no que concerne a um homem tão conhecido; mas como todas essas coisas necessárias a esse Propósito, estivessem agora fora de meu poder, pela morte daqueles, de cujo Testemunho depende a verdade de cada Particular; Não me recusei, dispondo-me bem com todos os homens, a fim de encontrar Perdão por minha primeira recusa; e caso eu ainda deva permanecer com a mesma opinião, que me mantenha facilmente no direito que tenho de usar minha liberdade.”³⁰⁴

³⁰⁴ “Having been often, and earnestly requested by many, to gratifie posterity, with the History of my Fathers life, which I had written above thirty yeers since; and finding, that no new matter had faln out, for which (though I were silent) I should distrust the judgement of after ages, concerning a man so well known; but that many things to this purpose necessary, were now out of my power, by the death of those, upon whose testimony, the truth of each particular depended; I made no question, but both easily withall men, to finde pardon for my first refusall; and ir still I should continue in the same minde, as easily to keep my self in the right I have to use my liberty herein.” Ibidem.



THE LIFE OF

MR JOHN FOX,

Translated out of the *Latine*.

TO THE READER,

Having been often, and earnestly requested by many, to gratifie posterity, with the History of my Fathers life, which I had written above thirty yeeres since; and finding, that no new matter had falln out, for which (though I were silent) I should distrust the judgement of after ages, concerning a man so well known; but that many things to this purpose necessary, were now out of my power, by the death of those, upon whose testimony, the truth of each particular depended; I made no question, but both easily withall men, to finde pardon for my first refusall; and if still I should continue in the same minde, as easily to keep my self in the right I have to use my liberty herein. But when I perceived, that some who were meer strangers to him, and utterly ignorant of his conversation, had taken upon them, to write his life; of which they could learn nothing, but by hear-sayes, and flying reports; whereby it fell out, that many of his actions were amplified above the truth; many things otherwise related then performed; and much passed over, that came not to their knowledge; having my self when I was a young man, been always conversant with him in his latter dayes, and when I was absent from him, had better intelligence of any remarkable passage in his life; I thought it but my duty, to preserve his memory from wrong; and if I could adde nothing to it, at least to

A 3 place

To the Reader.

place it in its true, and proper light. Neither feared I, but that I should be able, to justifie this to the Readers, that being his Son I published my Fathers life, though in respect of my nearness to him, I may be suspected. For first, that so memorable a man should be unknown to posterity, even the injury done him, by those who had ill handled his Story, would not suffer: neither was it safe, that any but his own friends should undertake to right him: and what reason is there, that his Sonnes credit should be more suspected, then the force of their anger, and grief, who desire that no memory of him might at all remain. Thus long I have forborne, till being in equall danger, of the offence that may be taken, by the adverse party, and those that desired his Story, I chose at length to satisfie their mindes, who not without some vehemence requested it of me. At whose importunity, I have consented to set forth this Book, written at first, to no other intent, then to preserve by me the image of my Fathers life; and now, in so confirmed a fame of him, rather thought necessary by others, then so judged by my self.



THE



Figura 44 - Retro e verso do prefácio *The Life of Mr Fox* (ed.1641)

Simeon alega ter-lhe sido solicitado algumas vezes que escrevesse um relato da vida de seu pai, já então “um homem tão conhecido”, pedido que foi por ele recusado por falta dos recursos necessários à tal atividade, como a ausência daqueles que poderiam testemunhar e creditar os fatos por ele contados, “de cujo Testemunho depende a verdade de cada Particular.” Contudo, segundo ele, tudo mudou quando se deu conta de que “alguns, que lhe eram meros estranhos, e absolutamente ignorantes de sua convivência, se encarregaram, de escrever sua Vida; da qual não poderiam aprender nada, a não ser de ouvir dizer, e relatos duvidosos.” Tal perspectiva, de ver a vida de seu pai descrita e, conforme ele afirma, distorcida por pessoas que não lhe conheciam³⁰⁵, fez que Simeon se sentisse impellido a aceder aos pedidos feitos a ele no passado:

³⁰⁵ Segundo ele, “pelos quais se viu, em que muitas de suas ações foram amplificadas acima da verdade; muitas coisas por outro lado relatadas e não realizadas; e muitas omitidas, de modo que não chegaram ao conhecimento deles.”

“tendo eu quando era um jovem, sido sempre próximo a ele em seus últimos dias, e quando eu estava distante dele, ainda assim mantinha melhor Informação de qualquer passagem notável de sua vida; Pensei ser nada menos do que meu dever, preservar sua Memória do erro; e mesmo caso eu não pudesse acrescentar nada a ela, que pelo menos pudesse colocá-la em sua verdadeira e apropriada luz.”

No intuito de conservar a memória do pai apartada do erro, produzido por autores que não lhe poderiam fazer jus à verdadeira história, é que Simeon se apresenta aos leitores de sua Vida de Foxe. Dessa forma, tem-se estabelecida uma relação de absoluta confiança para com os leitores, que podem assim prosseguir sua leitura certos de que os relatos ali contidos são verdadeiros pois narrados pelo próprio filho do autor. A atribuição de autoridade do testemunho e do escrito de Simeon, garantida por sua posição de filho de Foxe, é um elemento constitutivo de toda a narrativa que ele desenvolve, e deve ser compreendida como tal, principalmente no que se refere às caracterizações imputadas a Foxe.

Contudo, é de se pensar que tal proximidade familiar pudesse enfraquecer a veracidade da narrativa de Simeon, problema por ele mesmo apontado quando afirma:

“Nada temi, mas devo ser capaz de justificar isso aos Leitores, que sendo seu Filho publiquei a vida de meu Pai, embora em respeito à minha proximidade a ele, eu possa ser suspeito. Pois em primeiro lugar, que um homem tão memorável devesse ser desconhecido da Posteridade, até mesmo a injúria praticada contra ele, por aqueles que compreenderam mal sua História, não poderia ser: nem mesmo era seguro, que ninguém a não ser seus próprios Amigos se encarregassem de louvá-lo.”³⁰⁶

Segundo Simeon, a injustiça cometida contra seu pai, expressa nos ataques dirigidos a sua História, a saber, o *Acts and Monuments*, tornava urgente que alguém de sua confiança preservasse sua memória de tais injúrias por aqueles que, conforme ele diz, não compreenderam quem era Foxe e, assim, “compreenderam mal sua História.” Ele se pergunta, afinal, “que razão há, para que o crédito de seus Filhos fosse mais suspeito, do que a força da raiva e do luto daqueles que desejam que nenhuma Memória dele sequer permaneça?” Assim, Simeon justifica a seus leitores a necessidade e importância da Vida que escreveu sobre seu pai e seu esforço em “lançar esse Livro, escrito a princípio para nenhum outro intento, senão o de

³⁰⁶ “Neither feared I, but that I should be able, to justify this to the Readers, that being his Son I published my Fathers life, though in respect of my nearnesse to him, I may be suspected. For fr=irst, that so memorable a man should be unknown to posterity, even the injury done him, by those who had ill handled his Story, would not suffer: neither was it safe, that any bit his own friends should undertake to right him.” Ibidem.

preservar por mim a Imagem da vida de meu Pai; e agora, em tão confirmada Fama dele, pensei ser necessário por outros, do que julgado por mim.”

Em seguida ao texto Ao Leitor, tem-se o prefácio *The Life of Mr. Fox* (Figura 45) com título inscrito em tipos romanos e forma maiúscula, acompanhado por um ornamento sofisticado composto pelo brasão real de armas da Inglaterra (Figura 46). Tem-se, assim, o brasão tradicionalmente reconhecido como representando, em seu escudo, os reinos da Inglaterra (leões), Escócia (flor de liz) e Irlanda (harpa). Ao redor do brasão, tem-se a inscrição em francês, *Honi Soit Qui Mal Y Pense* (Envergonhe-se quem nisto vê malícia), lema da conhecida Ordem da Jarreteira, inaugurada no século XIV. É interessante notar que tal ornamento já havia sido utilizado, anteriormente, em outro prefácio do *Acts and Monuments*. O *Preface to the Queen* das edições de 1583, 1596 e 1610 também foi introduzido por ornamentos que continham tal brasão. Ainda, especificamente na edição de 1596 tem-se também o *Protestation to the Church* acompanhado da mesma maneira.

Simeon inicia a Vida de Foxe partindo de seu local e ano de nascimento: “Boston, uma antiga Cidade no Condado de Lincoln, An. 1517.” São mencionados a morte de seu pai e posterior casamento de sua mãe, fato que lhe colocou sob a tutela de seu padrasto. Seus estudos em Oxford são narrados como um momento em que “a excelência natural, e agudeza de sua inteligência, eram bem destacadas pela adequação do lugar, onde era frequente a emulação de iguais; e onde a proficiência de cada Estudante era rigidamente observada.”³⁰⁷ Lá, “onde em um curto espaço de tempo ele havia conquistado a admiração de todos, e o amor de muitos, em recompensa por seus estudos, e bom comportamento ele foi escolhido como Fellow do *Magdalen Colledge*.” O reconhecimento das qualidades acadêmicas e morais de Foxe são destacadas por Simeon como tendo sido fundamentais para seu crescimento na universidade e, especialmente, para o despertar de sua afinidade para com os assuntos espirituais:

“Ele tomou sobre si o estudo de Teologia com ainda maior fervor, seguido de circunspeção, e se descobriu favorável à Reforma que então se desenrolava, antes que fosse conhecido por aqueles que sustentavam a causa, ou que fosse capaz de protegê-los: daí surgiram seus primeiros problemas.”³⁰⁸

³⁰⁷ “The native excellence, and sharpnesse of his wit, were well seconded by the fitnessse of the place, where the emulation of equals was frequent; and where each Students proficiency was narrowly sought into.” *Acts and Monuments* (1641).

³⁰⁸ “He betook upon himself to teh study of Divinity with somewhat more fervency, then circumspection, and discovered himself in favour of the Reformation then in hand, before he was known to them that maintained the cause, or were of ability to protect the maintainers of it: whence grew his first troubles.” *Ibidem*.



THE LIFE OF

MR JOHN FOX.

JOH N FOX was borne in *Boston*, an ancient Town in the County of *Lincoln*, An. 1517. his Father and Mother being of the Commonalty of that Town, well reputed of, and of good state. While he was very young, his Father dying, and his Mother being married again, he came into the Tutelage of his Father in Law, with whom he dwelt during his childhood: which he had scarce passed over, when his friends well approving his good inclination, and towardness to learning, sent him to study at *Oxford*. The first nurse of his more serious Studies, was *Brazen-nose* Colledge, where he was Chamber-fellow with Doctor *Nowell* so famous a man in this Citie afterward, and Dean of *Pauls*: That no great marvel it was, if their manners were so like in the course of their lives, whose education, and nurture in Youth was the same. The native excellence, and sharpness of his wit, were well seconded by the fitness of the place; where the emulation of equals was frequent; and where each Students proficiency was narrowly fought into: neither was industry wanting, which as it seldome accompanyeth the greatest wits, so where it is conjoynd is most available. By which vertues, when in a short space he had wonne the admiration of all, and the love of many, in reward of his learning, and good behaviour he was chosen Fellow of *Magdalen* Colledge; which being accounted a principall honour in the Universtie, and usually due to the Students of that House, was seldome, and not unlesse in regard of singular deserts, bestowed upon any others. It should seem he designed the first over branchings of an early wit, to the exercises of Poetry, and wrote divers Latine Comedies yet to be seen, in a copious, and gracefull style, but somewhat lofty, which fault of writings, (in all things else so grave and temperate) he left not altogether in his elder yeeres, though age, and experience did not a little mitigate it. But even then he began to give earnest of what he afterward proved, for that neither those first flourishings of his youth were spent, but in holy Histories of the Bible: nor followed he that vein long. He betook himself to the study of Divinity with somewhat more fervency, then circumspection, and discovered himself in favour of the Reformation then in hand, before he was known to them that maintained the cause, or were of ability to protect the maintainers of it: whence grew his first troubles. This was the time when King *Henry* 8. uncertain what course to take, being at variance with the Pope, and unresolv'd in himself, thinking the affairs of the Church (then grown to an infinite height of power and pride) neither in all respects tolerable, nor that it was necessary wholly to alter them, while he desired to their moderation in both, prevailed in neither, obscuring an act, then which none was of more glory since the world began, by an unprofitable indifferency. Never before were the people in more distraction, or lesse security of their lives, and estates; there being in the Laws such contrarieties, as no man could tell what to take to with safety, or what to avoid. For although the Popes supremacy had bin renounced, yet was his doctrine still retained. The first news of the abolishing the Popes supremacy was as prosperous as welcome to the Reformers; and divers joynd themselves

A 4

Figura 45 - Página inicial do prefácio *The Life of Mr. Fox* (ed.1641)



Figura 46 - Ornamento que acompanha o cabeçalho do prefácio, contendo o brasão real de armas da Inglaterra.

Tinha início, assim, o apreço de Foxe pelo protestantismo, em um processo que é descrito por Simeon como crescente e gradativo, intimamente conectado com os eventos do reinado de Henrique VIII. Segundo ele, o rei encontrava-se “incerto sobre qual caminho tomar, estando em discordância com o Papa, e confuso dentro de si, considerando os assuntos da Igreja

(então imersa em infinito estado de poder e orgulho) intolerável em todos os aspectos.” A incerteza do rei parecia traduzir-se também nos ânimos de seus súditos: “Nunca antes esteve o povo em maior distração, ou menor segurança de suas vidas, e propriedades, havendo nas Leis tantas contrariedades.” Simeon se refere aqui aos primeiros anos seguintes ao rompimento da Coroa inglesa com o papado, momento marcado pela abertura da Inglaterra às doutrinas protestantes que naquele tempo efervesciam a Europa, de modo que “as primeiras notícias da abolição da supremacia do Papa foram tão prósperas como as boas-vindas aos Reformadores. e muitos se juntaram a eles por amor à verdade.”³⁰⁹

As implicações da dissolução dos monastérios e da promulgação do *Act of Six Articles* são elencadas como exemplos do clima instável em que a Reforma parecia ser implementada em solo inglês, processo que se tornava cada vez mais dependente do arbítrio tempestuoso de Henrique. Assim, Simeon declara que “era esse o estado da Igreja, quando Mestre Foxe começou a estudar atentamente a substância da controvérsia, então em alvoroço.” Tinham início, nesse momento, os primórdios do projeto, árduo e longo, de pesquisa da história eclesiástica da Inglaterra que resultaria, dentre outras coisas, na elaboração do *Acts and Monuments*. O exercício investigativo de Foxe concentrou-se, segundo Simeon, primeiramente na “História antiga e moderna da Igreja, para aprender que início teve: que crescimento, e expansão; por quais artes floresceu, e por quais erros começou a deteriorar-se.” Seu principal objetivo em tais comparações era o de identificar, portanto, em que momento de tal história sua geração se encontrava.³¹⁰

A religiosidade de Foxe, afeito ao protestantismo, não deixou de levantar suspeitas entre seus contemporâneos do *Magdalen College*, não tardando para que fosse julgado e condenado como herege. Constantemente observado, suas ausências à missa e demais solenidades, além de sua aumentada reclusão, chamaram a atenção de seus superiores que, ao condenarem-no, contudo, usaram de clemência para com ele. Conforme alega Simeon, “todavia, seus adversários afirmaram que ele lidou de maneira favorável com sua sentença, e poderia ter tido sua vida ameaçada, caso eles não houvessem usado de extrema clemência para com ele.” Foxe encontrava-se não apenas destituído de sua posição na universidade, mas também inequivocamente advertido dos riscos que corria por conta de sua fé.

³⁰⁹ Ibidem.

³¹⁰ Pois assim Simeon segue: “to consider the causes of all those controversies which in the mean space had sprung up, and to weigh diligently of what moment they were, and what on either side was produced found, or infirm.” Ibidem.

Simeon alega que no momento em que seu pai se encontrava “abandonado por seus próprios amigos, e despido de toda assistência humana, a providência de Deus começou a se mostrar.” Foxe foi acolhido, pois, por Sir Thomas Lucy, então Cavaleiro de Warwickshire e de cujos filhos Foxe trabalharia como tutor, mudando-se assim para a cidade de Londres. Esse é o primeiro caso trazido por Simeon como exemplo da ação providencial de Deus na vida de seu pai, tendo sido também o episódio que lhe permitiu adentrar o círculo íntimo da Duquesa de Richmond, ao redor de quem orbitavam figuras que se provaram fundamentais para Foxe e seu projeto, como John Bale. O evento que uniu Foxe à Duquesa, além disso, constitui um exemplo interessante da narrativa de Simeon, em que ele destaca ainda mais a intervenção divina na vida do pai. Segundo Simeon:

“Estando Mestre Foxe um dia sentado na Igreja de São Paulo, exausto de tanto jejuar, seu semblante magro, e olhos esvaziados, diante dos modos de homens mortos, todos contemplando um espetáculo de tanto horror, Aí achegou-se a ele um homem que ele nunca havia visto antes, sentando-se perto dele, e saudando-lhe com tamanha familiaridade, depositou uma quantia de dinheiro em sua mão, pedindo-lhe que dela fizesse bom uso; acrescentando que ele não sabia quão grandes eram os infortúnios que lhe oprimiam, mas podia supor não serem de leve calamidade: De modo que ele deveria aceitar de bom grado aquele pequeno presente de seu conterrâneo, que a cortesia havia feito ofertar; que ele deveria ir, e fazer o melhor que pudesse, e aproveitar todas as ocasiões para prolongar sua vida; enquanto isso que ele soubesse, que dentro de poucos dias, novas esperanças se seguiriam, e uma condição de vida mais certa.”³¹¹

Tal qual prenunciou o desconhecido, poucos dias depois Foxe foi convidado a instruir as crianças da casa da Duquesa de Richmond. Esse relato explicita o tom providencial dos eventos de sua vida, de modo que se visse a ação misteriosa e inescrutável do próprio Deus em prol de seu servo. Inclusive, são muitas as semelhanças de tal narrativa com elementos definitivamente associados à vida do próprio Cristo. A ênfase na condição exaurida e quebrantada do semblante de Foxe, fatigado pelo jejum que praticava, fortemente lhe aproxima do relato neotestamentário da tentação de Cristo. Contudo, o desconhecido a abordar Foxe não era, como no relato dos Evangelhos, o próprio Satanás, porém um enviado de Deus a lhe

³¹¹ “As Master Fox one day, sate in Pauls Church, spent with long fasting, his countenance thinne, and eyes hollow, after the gashfull manner of dying men; every onde shunning a spectacle of so much horror. There came to him one whom he never remembred to have seen before, who sitting by him, and saluting him with much familiarity, thrust an untold summe of money into his hand, bidding him ne of good chear; adding withall, that he knew not how great the misfortunes were which oppressed him; but might suspect it was no light calamity; That he should therefore accept in good part that small guift from his Countryman, which common surtesie had enforced him to offer; that he should go, and male much of himself, and take all occasions to prolong his life; in the mean time let him know, that within a few dayes; new hopes were at hand, and a more certain condition of livelyhood.” Ibidem.

auxiliar com dinheiro e uma profecia sobre seu futuro. Ainda assim, não é descuidado identificar as aproximações entre Foxe e Cristo, observáveis em ainda outros exemplos.

Foxe permaneceu na casa da Duquesa de Richmond durante o que Simeon chama de “tempos dourados de felicidade” do reinado de Eduardo VI, de 1547 a 1553. Porém, tais dias não foram desacompanhados dos “olhos de muitos, que por ódio, ou inveja perguntavam por ele, e secretamente esperavam, por Doutor Gardiner, Bispo de Winchester [...], porque ele era o maior inimigo de Mestre Foxe.” A menção a Stephen Gardiner aponta para uma duradoura tradição protestante de vilificação do bispo, que era comumente associado ao próprio Anticristo desde os escritos evangélicos da década de 1530. Tal caracterização de Gardiner por parte dos principais escritores protestantes deve sua duração, enfim, à eficaz mistura entre hostilidade e teologia evangélica. Como afirmam Michael Riordan e Alec Ryrie, em seu artigo *Stephen Gardiner and the Making of a Protestant Villain*:

“Não foram apenas os heróis da verdadeira Igreja que selaram sua fé com suas vidas, mas também seus necessários oponentes, os vilanescos perseguidores sedentos pelo sangue dos santos. Em tal mundo, a falsa Igreja não poderia ser vista como mera abstração. Ela requeria uma face humana.”³¹²

O acirramento das pressões sobre Foxe lhe fez decidir pela fuga da Inglaterra. O exílio, contudo, poderia lhe render profundos revezes: “banimento, pobreza, desprezo, e dentre os que não lhe conheciam, a alcunha de renegado.” Apesar de todos os riscos, sua opção pelo exílio prevaleceu. E em sua fuga, assim, Simeon destaca mais um exemplo da intervenção providencial. Ao relatar a fuga de Foxe, e todos os seus percalços, Simeon conclui que “quem quer que leia essa história, não necessitará de argumento mais evidente, que lhe faça reconhecer, tanto o curso certo da providência de Deus, ou a incerteza de todos os planos humanos.” A condução milagrosa da fuga de Foxe, aliada ao encaminhamento divino de suas escolhas e circunstâncias, aproximava sua vida de um exemplo, acima de tudo, do cuidado divino do próprio Deus dirigido a ele, de forma que nem mesmo as investidas de Gardiner poderiam subsistir.

A passagem de Foxe pela Antuérpia a caminho da Basiléia, por sua vez, é usada por Simeon para destacar o caráter absolutamente cosmopolita da cidade, que “naquele tempo era

³¹² “Not only the heroes of the true church who sealed their faith with their lives, but also their counterparts, the villainous persecutors who thirsted for the blood of the saints. In such a world, the false church could not be an abstraction. It need a human face.” RIORDAN, M; RYRIE, A. Stephen Gardiner and the Making of a Protestant Villain. *The Sixteenth Century Journal*, Vol. 34, No. 4 (2003), p. 1045.

muito conhecida pela grande amizade e cortesia estendida àqueles da nação inglesa.”³¹³ Basileia, segundo Simeon, era o destino de muitos ingleses que buscavam refugiar-se da “crueldade dos tempos”, e cuja maioria “mantinha-se pela revisão, e correção de escapes da Prensa; esse lugar de impressão cuidadosa, e repleto de homens prósperos e diligentes em tal profissão, de modo que superava a todas as Cidades da Alemanha.” Foxe, por sua vez, “sempre acostumado à dureza” e tendo aprendido “como suportar o labor”, uniu-se a tal comunidade de autores, impressores, compositores e corretores.

Foi na Basileia, então, que Foxe “começou a escrever sua História dos Atos e Monumentos da Igreja: uma obra que pelo próprio Título já parecia além das crenças humanas.”³¹⁴ Simeon reitera que, tendo primeiramente escrito em latim, Foxe “enviou uma Cópia para Basileia, para ser Impressa; onde a obra é ainda grandemente estimada, como também em diversas outras Nações estrangeiras.”³¹⁵ Ele se refere, aqui, ao *Rerum*, que Foxe publicou em 1554. Então, “pouco depois para gratificar os iletrados, ele a escreveu em sua língua Materna.”³¹⁶ Tudo isso acontecia, por sua vez, simultaneamente ao fim do reinado de Maria I, que faleceu em 1558, tendo Elizabeth I ascendido ao trono inglês.

Simeon equipara a ascensão de Elizabeth ao renascimento do protestantismo: “enquanto isso a Religião Reformada passava a florescer novamente na Inglaterra, e a facção papista passava a decair, pela morte da Rainha Maria.”³¹⁷ Tal “mudança súbita dos assuntos públicos” em sua terra natal despertou em Foxe, conforme afirma Simeon, o desejo e a possibilidade de seu retorno. Segundo ele, não somente Foxe se alegrou com tais novidades, mas “todo o mundo cristão sentiu algum benefício por essa mudança do Governo Inglês.”³¹⁸ Para os protestantes ingleses, por sua vez, o trono ocupado por Elizabeth parecia ser sinônimo de que “suas mentes estavam quietas: suas consciências livres.”³¹⁹

Elizabeth é retratada por Simeon como tendo sido um verdadeiro instrumento de “felicidade para o mundo”; por suas “várias virtudes” seu reinado elevou a Inglaterra a um caminho de paz e prosperidade guiado pelo próprio Deus. Quase 2 páginas da Vida são

³¹³ “The City was at that time much spoken of for the great friendship, and curtesie, shewed to those of the English nation.” Ibidem.

³¹⁴ “he began to write his History of the Acts, and Monuments of the Church: a work by the Title alone seeming beyond mans belief.” Ibidem.

³¹⁵ “and sent the Copy to Basil, to be Printed; where the work is still in great estimation, also in divers other forraign Nations.” Ibidem.

³¹⁶ “Shortly after to gratifie the unlearned, he wrote it in his Mother tongue.” Ibidem.

³¹⁷ “In the mean while the Reformed Religion began again to flourish in England, and the Papist faction much to decline, by the death of Queen Mary.” Ibidem.

³¹⁸ “The whole Christian world straight felt some benefit by this change of the English Government.” Ibidem.

³¹⁹ “Their mindes were at quiet: Their conscience at liberty.” Ibidem.

destinadas à descrição das qualidades de Elizabeth e de suas respectivas consequências, das quais se destaca a derrota da Armada Espanhola em 1588. Tal como Foxe, porém, ela também foi injustiçada por seus detratores, pois “quando se unem grandes virtudes e vitórias em uma só pessoa, da necessidade a Inveja se faz presente, seguida pelo ódio, e traições.”³²⁰ Segundo Simeon, era assim que atuavam os adversários tanto de Elizabeth quanto de seu pai, “perseguindo até a própria virtude”. Contudo, o amparo providencial de Deus se fez sentir, ao frustrar as investidas inimigas e preservar seus escolhidos, pois “os desejos dos homens são comumente empregados para um fim, e a Vontade de Deus para outro.”³²¹

Simeon equipara as trajetórias e virtudes de Elizabeth e Foxe de modo a capturar a ambos como enviados de Deus igualmente imbuídos de missões grandiosas para o Reino da Inglaterra. Elizabeth, a rainha que libertou o protestantismo da obscuridade das perseguições passadas, cumpriria o plano divino a ela designado ao completar a Reforma iniciada no reinado de seu pai. Foxe, o escritor exilado e perseguido, encarregar-se-ia de escrever a história da Igreja Inglesa, de modo a expor suas origens e, principalmente, o destino que lhe aguardava. Ambos, encarregados de missões nacionais, não deixariam de sofrer perseguições, ataques e traições, porém seriam ultimamente preservados pelo próprio Deus em cada perigo que enfrentassem.

Se Elizabeth tinha de lidar com críticas a sua prerrogativa como rainha e à sua feminilidade como sendo incompatível com o governo de um país, Foxe teve de enfrentar ataques a sua principal obra, o *Acts and Monuments*, críticas que se dirigiam, na verdade, à sua legitimidade enquanto autor. E aqui tem-se um ponto fundamental da narrativa de Simeon, que inclusive o faz registrar uma ressalva necessária, antes de prosseguir sua explanação acerca do livro do pai:

“Devo escrever sobre uma vida, portando frutos continuamente verdadeiros, e sólidos, mas não de modo que os sentidos dos Leitores sejam excessivamente comovidos, em que nem os raros estratagemas da guerra, ou da paz sejam relatados, nem quaisquer discursos que os Escritores usam, quando querem cativar os ouvidos dos ouvintes. Falarei de uma vida passada sem ruídos, de modéstia em casa, e afora, de persistência, caridade, desprezo pelo mundo, e sede pelas coisas celestiais; de trabalhos exaustivos, e essas ações de tal modo realizadas, a fim de serem exemplares, ou benéficas para os outros.”³²²

³²⁰ “Where so great vertues, and victories met together in one person, of necessity Envy would be an attendant, followed by hatred, and trecheries.” Ibidem.

³²¹ “the desires of men are often employed to one end, and the Will of God to another.” Ibidem.

³²² “I shall write of a life, bearing continually true, and solid fruits, but not such, whereon the Readers senses may forfeit; where neither the rare stratagemes of war, or peace shall be related, nor any such discourses as Writers use, when they intend to captivate the eares of the hearers. I am to speak of a life passed over without noise, of modesty

As críticas feitas a Foxe e ao *Acts and Monuments*, a serem relatadas em seguida por Simeon, deveriam ser compreendidas a partir de tais dizeres como ataques perpetrados contra um homem cuja vida e exemplo seriam irretocáveis. A simplicidade da descrição de Simeon, em contraste com os artifícios que os “Escritores usam, quando querem cativar os ouvintes”, deveria ser tida como sinônimo da pureza e da modéstia da própria vida de seu pai, cuja frugalidade e desprezo pelo mundo o tornavam a antítese moral de seus adversários. A oposição entre Foxe e seus críticos, ainda, é reforçada no relato de que, quanto às suas horas livres:

“ele gastava não dormindo, ou descansando, mas sim em oração, e estudo; e para ambos ele sempre se retirava a um lugar privado e afastado, ou fazia uso no silêncio da noite para fins de discipulação, a não ser que por acaso, por vezes os gemidos veementes que ele misturava com suas orações, sendo ouvidos por alguns que estivessem próximos ao local, indicassem o quão sincero ele era em suas devoções.”³²³

Dessa forma, Foxe era caracterizado como modelo exemplar de erudição e devoção. Nele, ambas as qualidades evidenciavam seu caráter pessoal como sendo profundamente associado a sua atividade como escritor. Tratando do retorno de Foxe à Inglaterra, assim, Foxe elenca, logo após o relato do fervor devocional de seu pai,

“os títulos dos livros que ele escreveu, que são esses: *Comediarum libri 2. Syllogisticon. Admonitio ad Parliamentum. De lapsis per errorem in Ecclesiam restituendis. Oliva Evangelica. De Christo gratis justificante. De Christo crucifixo. Papa confutatus. Contra Osorium de Justitis. Meditationes supra Apocalypsum. Rerum in Ecclesia gestarum Commentarii. The Acts and Monuments of the Church.*”³²⁴

A listagem de tais títulos exemplifica, por sua vez, a relação que Simeon constrói entre o modelo devocional e espiritual que Foxe representava e a extensa obra que ele associa a seu nome. É uma clara indicação do vínculo estabelecido entre um autor e sua obra, pautado em uma conjugação de virtudes morais e habilidades autorais que descrevem Foxe, sobretudo,

at home, and abroad, of continuance, charity, contempt of the world, and thirst after heavenly things; of unwearied labours, and all actions so performed, as might be exemplary, or beneficial to others.” Ibidem.

³²³ “he bestowed not in sleeping, or taking his pleasure, but in prayer, and studying; in both which, he always retreat himself into some private place apart, or made use of the night's silence for secrecy, unless by chance, sometimes the vehement groans he mingled with his prayers, being heard by some that were near the place, gave notice how earnest he was in his devotions.” *Acts and Monuments* (1641) p.1049.

³²⁴ “the titles of those Books he wrote; which are these, *Comediarum libri 2. Syllogisticon. Admonitio ad Parliamentum. De lapsis per errorem in Ecclesiam restituendis. Oliva Evangelica. De Christo gratis justificante. De Christo crucifixo. Papa confutatus. Contra Osorium de Justitis. Meditationes supra Apocalypsum. Rerum in Ecclesia gestarum Commentarii. The Acts and Monuments of the Church.*” Ibidem, p.1050.

como um autor digno de aprovação em ambas as esferas. A duplicidade da caracterização de Foxe, como homem piedoso e irrepreensível e autor justo e qualificado, deve ser então compreendida como aspecto fundamental da narrativa que Simeon organiza de sua vida, e que evidencia o forte apelo hagiográfico do prefácio.

Acima de tudo, Foxe é retratado como homem devoto e piedoso, cujas orações, de tão fervorosas, não passavam despercebidas àqueles que lhe estivessem próximos. Sua dedicação aos estudos teológicos lhe introduziu aos valores da Reforma que acontecia pela Europa nos tempos de sua juventude, ideais pelos quais ele teve de optar pelo exílio, em nome de proteger a si e sua família da perseguição católica. Conforme relata Simeon, foram muitos os exemplos da atuação providencial do próprio Deus ao conduzir e amparar Foxe, provendo-lhe força e ânimo para cumprir seus propósitos. Assim, o autor do *Acts and Monuments* poderia ser facilmente associado aos próprios mártires sobre quem escrevia: cativado pelas verdades evangélicas, Foxe seguiu a vida piedosa esperada de um verdadeiro santo, tendo sido “a principal de suas virtudes, um deliberado e resoluto desprezo por todas as coisas que os homens geralmente têm em maior estima.”³²⁵

Dessa forma, na narrativa de Simeon, Foxe é descrito como portador de uma vida honrada e devota, alvo da proteção e do cuidado divinos e exemplo de modéstia e frugalidade. Contudo, o elemento final que confirma o caráter hagiográfico de tal descrição reside no seguinte trecho:

“É também conhecida, que resposta ele deu, acerca daquela nobre, e virtuosa mulher, Lady Anne Hennage, que estando doente de uma violenta Febre, tendo a doença piorado, de modo que os Médicos a chamavam de mortal, Mestre Fox foi chamado para estar presente em seu leito de morte, e de cujo conselho e fidelidade ela havia feito uso constante, sobre questões relativas à saúde de sua alma. Tendo ele feito o que foi chamado a fazer, ao ler orações, e confortar a mulher enferma, com tanta persuasão quanto lhe pareceu convir; Bem fizestes (disse ele) e conforme teu dever, ao preparar-te para todos os eventos, mas saibas disso por meio de mim, que de tal doença tu não morrerás.”³²⁶

³²⁵ “In this (as it were) draught of his conditions, we shall first observe that, when might well be thought the chiefest of his vertues, to wit, a deliberate, and resolved contempt of all things, which are in greatest esteem among men.” Ibidem.

³²⁶ “It is likewise well known, what answer he gave, concerning that noble, and vertuous woman, the Lady Anne Hennage, who lying sick of a violent Feaver, when the disease had so farre increased, that the Physitians had pronounced it deadly, Master Fox was called to be present at her ending, whose counsell and fidelity she had often made use of, in matters appertaining to her soules health. After he had performed what he came for, in reading prayers, and comforting the sick woman, with such persuasions ad seemed good to him; Well have you done (said he) and according to your duty, to prepare your self for all events, but know this from me, that of this sicknesse you shall not dye.” Ibidem.

Segundo Simeon, “em relação à Senhora enferma, pareceu por bem a Deus, que ela fosse recuperada de tal doença [...] A Senhora se recuperou: e nisso não posso dizer nenhuma inverdade, havendo muitos que ainda mentem, podendo me reprovar.”³²⁷ Ainda outro caso é mencionado por Simeon, referente à “Senhorita Honiwood, uma honrada Dama, que há quase vinte anos padecia de uma indisposição devida à melancolia.”³²⁸ Foxe, conforme a narrativa de Simeon, julgando “necessário curar sua mente aflita, diligentemente ligou suas orações, de modo que em poucos dias, aquilo que pensava-se impossível, de ser curado pela ajuda humana, parecia agora, por seu próprio acordo, começar a se recuperar.”³²⁹ Logo depois, “ele então disse a ela, que ela não somente iria se curar de tal doença, mas também viver por longa idade.”³³⁰ E então se segue a resposta da mulher:

“Diante de tais palavras, a Senhora se comoveu, e mirou intensamente Mestre Fox: Tal qual dissestes (disse ela) que se eu lançasse esse copo contra a parede, posso contar que não se quebrará em pedaços; e segurando um copo em sua mão, do qual ela havia acabado de beber, ela o lançou; mesmo tendo primeiramente se chocado contra um pequeno Cofre ao lado da Cama, e depois caído ao chão, o copo não se quebrou, ou rachou, em nenhuma parte: E o evento se deu tal qual dito.”³³¹

Conforme prossegue Simeon, a Senhorita Honiwood teria vivido por mais de 90 anos, e sua longevidade foi, por sua vez, comprovada por testemunhas. Tal menção é acompanhada, no prefácio, por uma extensa nota marginal, que relaciona o evento da cura com o próprio ano de 1641, em que era publicada a edição. Segundo a nota, até mesmo naquele presente momento havia uma testemunha viva que poderia confirmar a veracidade do ocorrido:

“Dentre as quais até hoje, no ano de nosso Senhor 1641, no qual é publicado esse Livro, vive a Senhora Grace Hennage, filha da Senhorita Honywood, uma dama de muito valor, e viúva de um honorável senhor, Mestre Michael Hennage, que afirmou que ela

³²⁷ “but concerning the sick Lady, it had so seemed good unto God, that she should recover of that disease [...] The Lady recovered: nor can I in this tell an untruth, there being many yet living, who could reprove me.” Ibidem.

³²⁸ “Mistriss Honiwood, an honourable Gentlewoman, who had almost twenty yeers lain sick of a consumption through melancholia.” Ibidem.

³²⁹ “he thought necessary to cure her afflicted mindes, he diligently mingled with his prayers; so that within a few dayes, they who were thought impossible, by mans helpe to be cured, did now seem, of their own accord, to begin to recover.” Ibidem.

³³⁰ “he then told her, that she should not onely grow well of that consumption, but also live to an exceeding great age.” Ibidem.

³³¹ “At which word the sick Gentlewoman a little moved, and earnestly beholding Master Fox: As well might you have said (quoth she) that if I should throw this glasse against the wall, I might beleeve it would not break to pieces; and holding a glasse in her hand, out of which she had newly drunk, she threw it forth: neither did the glasse, first by chance lighting on a little Chest standing by the Bed side, and afterward falling upon the ground, either break, or crak, in any place about ir: And the event went out accordingly.” Ibidem.

estava presente na mesma ocasião. isso foi feito sendo uma testemunha da mais alta integridade e sinceridade, de modo que de seu testemunho não se pode duvidar.”³³²

Considerados esses exemplos, é evidente o caráter hagiográfico da caracterização de Foxe, observado nos relatos de curas milagrosas que ele teria feito ao longo de sua vida. Sua atuação como ministro e cuidador das almas dos fiéis se mistura, assim, ao mistério dos milagres de que ele também teria sido instrumento. É notável a semelhança de tais relatos com as narrativas hagiográficas medievais, em que, assim como no prefácio em questão, são conjugadas qualidades tais quais modéstia, frugalidade e simplicidade. Além disso, tem-se também o destaque conferido ao sofrimento imputado ao santo, expresso em sua caracterização como vítima de perseguição. Por fim, tem-se associada a todos esses aspectos a capacidade de, por meio do auxílio divino, performar curas e milagres; sendo todos esses dons e virtudes observados na descrição de Simeon acerca da vida de Foxe.

A semelhança narrativa entre o prefácio de Simeon e a tradição hagiográfica explícita, portanto, a crescente qualificação de Foxe como autor e santo, cuja pureza e piedade o aproximavam dos próprios mártires sobre cujas vidas se tratava o *Acts and Monuments*. Como Simeon salienta no início de seu texto, era notória a profusão de histórias sobre a vida de Foxe, o que indica, com efeito, o grau de monumentalização da obra e de seu autor, que se viam cada vez mais conjugados e amalgamados ao longo do século XVII.

3.5. Retratos, Atos e Monumentos: a nona edição do *The Acts and Monuments*

A edição de 1641 do *Acts and Monuments* contava com ainda mais um material que merece destaque. Tratava-se de um retrato do autor, John Foxe, feito pelo gravurista George Glover. O retrato (Figura 47a) operava como o frontispício do livro, sendo o primeiro elemento a compor a edição. Ao considerar a inclusão do retrato de Foxe, por sua vez, deve-se ter em mente sua relação com demais materiais adicionados à edição de 1641, tal qual o prefácio *The*

³³² “Among which at this day, to wit, in the yeer of our Lord, 1641, in which this Book is set forth, there liveth Mrs Grace Hennage, the daughter of the said Mistris Honywood, a Gentlewoman of great worth, and the Widow of an honourable Gentleman, Master Michael Hennage who affirmeth that she was present at the same time, being a witsesse of more integrity, and more sincere, then that her testimony should without great wrong be doubted of.” Ibidem.

Life of Mr Fox. A conjugação de tais materiais, quando incluídos ao *Acts and Monuments* em sua oitava edição, torna evidente a extensão do processo de monumentalização já associado ao livro até aquele momento. Mais ainda, a inclusão do retrato de Foxe exibe, de forma especificamente visual e iconográfica, a forma pela qual o *Acts and Monuments* já era consagrada e definitivamente vinculado à figura e ao nome de seu autor.

Pelas edições anteriores à de 1641, era possível observar diversos modos pelos quais o *Book of Martyrs* era constantemente qualificado como sendo a obra máxima de John Foxe. Desde a menção a Foxe como “Master Fox” no frontispício da edição de 1610, pode-se constatar uma tendência de monumentalização do nome de Foxe enquanto autor. Contudo, é na edição de 1641 que tal configuração se cristaliza de forma visual, com a adição de um retrato memorial de Foxe antecedendo a própria folha de rosto do livro.

A edição seguinte à de 1641, publicada em 1684, foi a nona e última *old edition* do *Acts and Monuments*, e nela também se vê contido um retrato de Foxe (Figura 47a) a preceder a folha de rosto, desta vez de autoria de John Sturt. Em termos tipográficos e ornamentais, a edição de 1684 pode-ser considerada a mais distinta das demais: sua folha de rosto (Figura 48) não contém ilustrações e seus prefácios não são acompanhados por ornamentações. Destaca-se o uso predominante de tipos romanos e os traços retilíneos das seções superiores das páginas. Outro ponto fundamental se trata do modo de gravação das ilustrações contidas no livro, não mais xilogravuras, mas sim gravadas em metal, o que as tornava ainda mais sofisticadas e esteticamente apelativas e, por outro lado, encarecia o valor do livro.



Figura 47 – a) Retrato de John Foxe, presente na edição de 1641 (George Glover)³³³; b) Retrato de John Foxe, presente na edição de 1684 (John Sturt)³³⁴

Foi a edição de 1684 aquela mencionada na subscrição referida no início do presente capítulo. Sua publicação foi postergada devido a complicações técnicas do processo de impressão, cujo resultado final foi uma edição de aparência moderna e sofisticada. Como dito anteriormente, o financiamento de tal edição não se deu pelos meios utilizados em edições anteriores, como a patronagem e a formação de sindicatos de impressores. A nona edição do *Acts and Monuments* foi organizada e subsidiada por um novo método de financiamento, cuja popularidade só crescia em meados e fins do século XVII, a saber, a subscrição.

Considerar as particularidades e implicações desse método de financiamento de livros impressos é fundamental, por sua vez, para que se compreenda as expectativas e circunstâncias envolvidas na publicação da edição de 1684 do *Acts and Monuments* e, principalmente, como o livro era apropriado e mobilizado em fins do século XVII. Mais ainda, ter em vista tais aspectos contribui de modo especial ao estudo dos materiais paratextuais do livro, bem como

³³³ NPG. National Portrait Gallery. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw36558>

³³⁴ NPG D37982. National Portrait Gallery. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw197349>

à análise dos modos pelos quais tais dispositivos eram elaborados e conjugados a fim de introduzir o *Acts and Monuments* em sua nona edição.

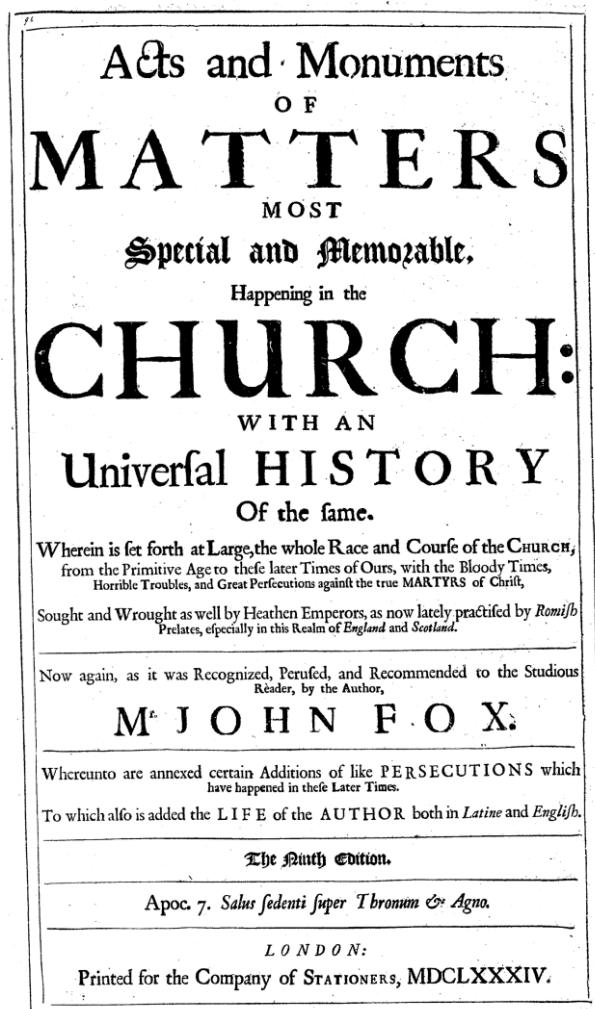


Figura 48 - Atenção ao destaque do nome de Foxe em maiúsculas, recurso igualmente inédito nas folhas de rosto do *Acts and Monuments*.

Como afirmam Evenden e Freeman, acerca da ascensão das subscrições, “patentes não eram mais viáveis em fins do século XVII e a sétima edição já havia demonstrado o quão incômoda a criação de um sindicato poderia ser.”³³⁵ Tem-se aqui uma referência à contenda causada em torno da atuação de Robert Young, que havia entrado em um projeto paralelo ao sindicato formado para a edição de 1632 do *Acts and Monuments*, tendo sido acusado de

³³⁵ “Patents were no longer viable in the later seventeenth century and the seventh edition had demonstrated how cumbersome the creation of a syndicate could be.” EVENDEN; FREEMAN (2014), p.336.

prejudicar a conclusão do livro. O caso de Robert Young, portanto, era um dos exemplos a exhibir a crescente fragilidade do sistema de impressão por sindicatos, ainda que convocados e monitorados pela Companhia dos Estacionários.

As subscrições, por sua vez, pareciam cada vez mais vantajosas em fins do século XVII. Isso porque, principalmente, elas permitiam que um livro impresso fosse financiado por um grupo particular, o que supostamente favorecia a uniformidade de interesses envolvidos. Contudo, apesar de tais vantagens e de seu uso disseminado no mercado inglês quanto a outros tipos de publicação impressa, o modelo de subscrição também tinha suas limitações. Para que a impressão de um livro fosse organizada por subscrição, era necessário haver “um grupo considerável de pessoas (muito maior que um sindicato) com interesse suficiente no *Acts and Monuments* para ser capaz de pagar uma quantia substancial do custo do livro de uma só vez, bem antes do recebimento.”³³⁶

Desse modo, a edição publicada em 1684 foi a última grande edição do *Acts and Monuments* a ser impressa em um tempo considerável. Tal situação deve ser compreendida em sua relação com o próprio funcionamento da cultura impressa no período. Afinal de contas, “o principal tópico de controvérsia em relação ao mercado de livros impressos em fins do século XVII era a questão das licenças.”³³⁷ Com o desmantelamento do *Licensing Act* em 1695, a Companhia dos Estacionários perdeu seus monopólios, inclusive aqueles referentes ao *Acts and Monuments*, além de que o novo decreto permitia a reimpressão irrestrita do livro de Foxe.³³⁸ Assim, cresceu substancialmente o número de edições resumidas do *Acts and Monuments*, já que suas grandes edições requeriam o suporte dos Estacionários.

Apesar do desfecho das subscrições e das grandes edições do *Acts and Monuments*, o fato é que, em fins do século XVII e início do XVIII, Foxe e seu livro permaneciam inequivocamente relevantes para o público inglês, o que se pode concluir a partir da proliferação de retratos do autor no período (Figura 49).

³³⁶ “a sizeable group of people (much larger than a syndicate) with enough interest in the *Acts and Monuments* to be able to pay a substantial amount of the cost of the book in a lump sum, well before its receipt.” Ibid. p.338.

³³⁷ “The principal topic of controversy in relation to the book trade at the end of the seventeenth century was the question of licensing.” ROSE, M. *Authors and Owners: The Invention of Copyright*. Harvard University Press, EUA (1993), p.31.

³³⁸ EVENDEN; FREEMAN (2014), p.338.



Figura 49 – a) Foxe, por T. Smith (aproximadamente século XVIII)³³⁹; b) Foxe, por Autor desconhecido (aproximadamente século XVIII)³⁴⁰



Figura 50 – a) John Foxe, Autor desconhecido (aproximadamente século XVIII)³⁴¹; b) John Foxe, por John Cochran (aproximadamente início do século XIX)³⁴²

³³⁹ NPG D25274. National Portrait Gallery. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw126904/John-Foxe?LinkID=mp01661&role=sit&rNo=17>

³⁴⁰ NPG D25276. National Portrait Gallery. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw126906>

³⁴¹ NPG D25278. National Portrait Gallery. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw126910>

³⁴² NPG D25279. National Portrait Gallery. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw126911>

Do ponto de vista iconográfico, pode-se observar que se mantiveram alguns dos modos de representação visual da figura de Foxe, primeiramente observados nos retratos das edições de 1641 e 1684 do *Acts and Monuments*. O aspecto austero, a barba salientada e os trajes escuros e modestos remontam, de certa maneira, à uma tradição de representação visual dos puritanos ingleses, que lhes destacavam retidão moral por meio do aspecto severo e sóbrio. Na verdade, ainda outros retratos de Foxe já haviam sido produzidos anteriormente a tais edições, aproximadamente em 1587, ano da morte de Foxe, e em 1620 (Figura 51).

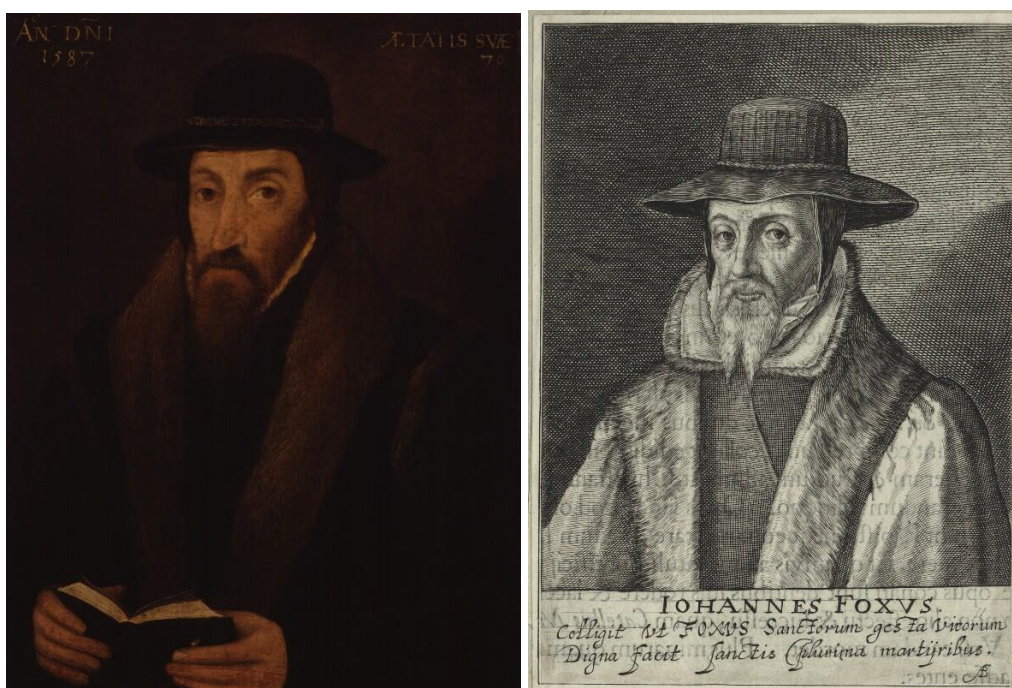


Figura 51 – a) Autor desconhecido (1587); ³⁴³b) John Foxe, possivelmente por Magdalena de Passe ou Willem de Passe (1620)³⁴⁴

A difusão de tantos retratos distintos de Foxe no século XVII pode ser considerada um indicativo da permanência iconográfica do autor no mercado de impressos da Inglaterra moderna. Em alguns dos exemplos, inclusive, tem-se o retrato acompanhado da inscrição “*Original Author of the Martyrology*”, conjugação que evidencia, por sua vez, o vínculo crescente entre autor e obra. Um outro exemplo (Figura 52), intitulado *Portraits of the bishops*

³⁴³ NPG 24. National Portrait Gallery. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw02314>

³⁴⁴ NPG 25277. National Portrait Gallery. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw126907>

who suffered martyrdom for the Protestant faith under the bloody persecution of Queen Mary I, já do século XVIII, dispõe a figura de Foxe juntamente a outros nomes conhecidos da Reforma inglesa no século XVI, como Nicholas Ridley, Hugh Latimer, Thomas Cranmer, John Hooper e Robert Farrar.



Figura 52 - Portraits of the bishops who suffered martyrdom for the Protestant faith under the bloody persecution of Queen Mary I, provavelmente por William Grainger (circa. 1784-1793)³⁴⁵

³⁴⁵ NPG D20135. National Portrait Gallery. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw81654>

Tem-se, enfim, um quadro setecentista no qual são dispostos Foxe e alguns dos principais mártires de seu livro. Tal configuração faz referência, por sua vez, a uma representação visual da história da Reforma inglesa tal qual narrada no *Acts and Monuments*, cuja pertinência em muito pode ser explicada graças ao valor atribuído, longa e duradouramente, a Foxe e seu livro. Retratos de John Foxe continuariam a ser produzidos inclusive no século XIX, em cuja profusão pode-se compreender aspectos muito próprios da monumentalização do *Acts and Monuments* e seu autor.

Muito embora as grandes edições do *Acts and Monuments* tenham, em fins do século XVII, perdido o apelo de que por tanto tempo desfrutaram, é inegável que o legado do livro e de seu autor se mantiveram das mais variadas formas, dentre as quais se destaca a produção de retratos e demais versões resumidas do livro. Todas essas considerações lançam luz, por fim, à permanência do *Acts and Monuments* e às suas variadas possibilidades de leitura e apropriação.

Considerações Finais

Concluir uma análise voltada às edições do *Acts and Monuments* é uma tarefa consideravelmente mais árdua do que iniciá-la. São muitos os pontos que ainda merecem investigação, e muitas as perguntas que ainda carecem de respostas. Um trabalho voltado a um livro tão extenso e publicado em tantas edições, composto por tantos gêneros textuais e materiais preliminares tão variados impôs-se como um esforço complexo desde o início. A multiplicidade de perspectivas analíticas oferecidas pelo estudo dos paratextos foi um dos primeiros desafios à definição da presente pesquisa: além de numerosos, os materiais preliminares do *Acts and Monuments* eram igualmente variados quanto a seus respectivos formatos, gêneros e públicos.

Em meio à diversidade temática e formal de tais materiais, o fio condutor de sua análise foi o processo de monumentalização do *Acts and Monuments* observado a partir de seu exame. Desde prefácios a Cristo, a Elizabeth I, a católicos e protestantes e à Igreja da Inglaterra; desde calendários, almanaques e poemas dedicatórios; e de tabelas e cronologias até à *vita* do autor: por todos os textos e dispositivos paratextuais das nove edições do *Acts and Monuments*, foi possível vislumbrar, de distintas e específicas maneiras, os modos pelos quais se deu tal processo. A análise dos paratextos do livro foi um caminho frutífero que culminou, por sua vez, na observação de variadas formas de monumentalização atribuídas ao *Acts and Monuments* e seu autor.

Foi particularmente interessante, ao analisar tais textos, constatar que tais formas de monumentalização podiam ser observadas desde a primeira edição do livro. Certamente as dimensões materiais e a qualidade das xilogravuras do *Acts and Monuments* podem ser consideradas formas não textuais pelas quais o livro era apresentado como grandioso e digno de crédito. Afinal de contas, sua proximidade às Escrituras Sagradas também se dava graças a meios estéticos e materiais, fato justificado pelas tantas formas de apropriação não textual do livro enquanto objeto. Contudo, para além de suas proporções imponentes e ilustrações sofisticadas, o *Acts and Monuments* também era apresentado a seus leitores como livro digno por meio de seus materiais preliminares. Publicada em 1563, a primeira das edições do *Acts and Monuments* tinha seu primeiro prefácio, escrito em latim, e dedicado ao próprio Cristo. A tal prefácio se seguia um calendário e um almanaque, materiais de leitura descontínua que lhe assemelhavam de forma clara aos modos de leitura da própria Bíblia.

Desde sua primeira edição, portanto, o *Acts and Monuments* era apresentado a seus leitores de modo que suas dimensões materiais e sofisticação estética fossem justificadas e bem recebidas, em absoluta relação à dignidade das questões de que o livro tratava: a vida dos mártires. Foi por meio de sua folha de rosto, prefácios, calendário e composição ornamental e tipográfica que o *Acts and Monuments* pode, em sua primeira edição, ser introduzido apropriadamente a seus leitores como um livro autoritativo e digno de crédito.

A notória atenção prestada, especialmente por John Day, à disposição dos paratextos ao longo de edições posteriores do *Acts and Monuments* evidencia, por sua vez, a importância e o valor atribuídos a tais materiais pelos próprios elaboradores do livro. O *Kalender*, incluído no livro por intermédio de Day, e na segunda edição retirado, foi novamente acrescentado ao livro na edição de 1583, o projeto ao qual o impressor dedicou o máximo de cuidado à composição editorial do *Acts and Monuments*, no intuito de recuperar sua reputação profissional após os dissabores decorrentes da atuação de seu filho, Richard Day, na edição de 1576. Com efeito, a consideração dos paratextos das quatro primeiras edições do *Acts and Monuments*, coordenadas por Foxe e Day, tornou ainda mais evidente o protagonismo do impressor na produção do livro, bem como o especial apreço por sua composição editorial e paratextual, em cujos materiais preliminares se dava a introdução e a apresentação visual do conteúdo aos leitores.

O protagonismo de Day se associa, igualmente, às inclinações pastorais de John Foxe, que costumam não receber tanta atenção dos historiadores, tal a extensão de sua reputação como autor do *Acts and Monuments*. Fato é que, em muitos de seus prefácios, como o *Four Considerations to the Protestants*, na edição de 1583, os dizeres de Foxe acerca do estado do protestantismo inglês em sua época não parecem permitir que se conclua que seu apreço pela radicalização puritana tenha sido tão própria de seus escritos. A história dos mártires, minorias perseguidas pela religião oficial, embora posteriormente apropriada pela causa puritana em edições do século XVII, não necessariamente era utilizada por Foxe para elogiar a radicalização político-religiosa. A atuação mais profícua de Foxe, embora o *Acts and Monuments* tenha sido o livro que lhe consagrou, voltava-se majoritariamente para escritos teológicos e pastorais, frutos de sua atividade como ministro e conselheiro espiritual nas paróquias pelas quais passou.

As inclinações pastorais de Foxe, contudo, não devem ser consideradas sem seu trabalho como escritor e, em especial, compilador. Desde seus tempos em exílio, ele já trabalhava com a compilação e coleção de inúmeros documentos manuscritos aos quais tinha acesso graças a uma extensa rede de conhecidos e colaboradores com os quais contava. Dentre tais conhecidos, tinha-se o próprio John Bale, que lhe confiou importantes manuscritos sobre a história da Igreja inglesa nos tempos medievais, além de abastecê-lo com as referências de

literatura apocalíptica que tanto marcariam sua história. Foxe contou com os esforços de Matthew Parker, arcebispo de Canterbury de 1559 a 1575, e cujo grupo de escritores e acadêmicos protestantes foi imprescindível para o trabalho de Foxe na segunda edição do *Acts and Monuments*, permitindo-lhe acesso a documentos oficiais da Igreja inglesa, manuscritos medievais outrora inacessíveis e outros materiais que viabilizaram a ampliação do volume do livro em 1570.

O *Acts and Monuments*, portanto, desde os esforços iniciais de compilação de documentos, se dava como um projeto coletivo. Além disso, tratava-se de um livro oficialmente apoiado por grandes autoridades elisabetanas. Matthew Parker era arcebispo de Canterbury, e não era o único com o qual Foxe e Day mantinham contatos profícuos. William Cecil, secretário de Elizabeth e o mais influente de seus conselheiros, era reconhecido apoiador do *Acts and Monuments*, e favoreceu sua distribuição e circulação ao reforçar a bispos e demais preladados a necessidade de que o livro fosse lido pelo maior número de súditos ingleses. Cecil também foi extremamente atuante ao favorecer John Day no mercado de impressos, facilitando a aquisição e manutenção de muitas das patentes do impressor.

Dessa forma, o caso do *Acts and Monuments* também exhibe a conjugação de influências e interesses envolvidos na produção e circulação de um livro impresso na Inglaterra moderna. E tais relações podem ser observadas, por sua vez, na própria configuração paratextual de muitas de suas edições. Cecil foi mencionado, embora não de forma direta, desde a primeira edição do livro, ao ser representado, junto a Foxe e Day, na inicial capitular que inicia o *Preface to the Queen*. Poemas comendatórios, escritos em latim, foram adicionados à edição de 1570, tendo dentre seus autores nomes como Abraham Hartwell e Lawrence Humphrey, figuras importantes do protestantismo inglês. Embora Foxe tenha se consagrado como o grande autor do *Acts and Monuments*, a própria composição editorial do livro apontava para a inequívoca participação de muitos colaboradores e apoiadores, com os quais ele pode contar para a aquisição de documentos, e até para a viabilização de sua publicação.

A consagração de Foxe como autor do *Acts and Monuments*, por sua vez, se deu de variadas formas e em momentos que precedem suas edições mais posteriores. Os poemas comendatórios em latim, incluídos desde a edição de 1570, exibiam o louvor ao autor do livro como sendo parte do projeto de revitalização do *Acts and Monuments* em sua segunda edição. A permanência de tais poemas, também, aponta para a persistências das honras prestadas ao autor, cuja morte foi seguida, pouco tempo depois, pela primeira versão abreviada do livro. O livro publicado por Timothy Bright em 1588 pode ser considerado, assim, um exemplo formidável da forma como Foxe já era tido, à época, como autor consagrado do *Acts and*

Monuments. A miniaturização do livro, por sua vez, aponta para o grau de monumentalização de que o livro já passava a desfrutar em fins do século XVI; da mesma maneira, o relativamente baixo desempenho comercial da edição de Bright elucida a persistência do valor e honra atribuídos ao *Acts and Monuments* como livro esteticamente apelativo e grandioso graças ao apreço por suas dimensões grandiosas.

O caso das versões abreviadas do livro exemplifica, de forma especial, que a monumentalização do *Acts and Monuments* se explica majoritariamente pelos elementos estéticos e materiais associados a suas grandes edições. O livro era disposto em igrejas e demais locais públicos juntamente à Bíblia Sagrada; graças a uma reunião de conteúdos temáticos semelhantes, sem dúvida, porém sobretudo devido às suas similitudes materiais e às propostas de leitura que suscitava. Tais modalidades de leitura, por sua vez, eram apropriadamente descritas e apresentadas nos prefácios e demais materiais paratextuais do livro, que introduziam ao leitor os modos pelos quais o *Acts and Monuments* deveria ser lido e utilizado.

Desde o *Kalender*, adicionado na edição de 1570 e reinserido em 1583, o *Acts and Monuments* era apresentado também como um livro cuja leitura se pressupunha descontínua e comemorativa. A listagem dos nomes e datas das mortes dos mártires fazia referência a práticas tradicionais de comemoração de vidas dos santos, em cuja semelhança ao *Kalender* reside um dos pontos inequívocos do apreço litúrgico e devocional esperado sobre o *Acts and Monuments*. Foi nas edições do século XVII, contudo, que as propostas de leitura descontínua do livro se deram de forma mais evidente: na edição de 1610, uma *Table of the X First Persecutions* ilustrava as fases da perseguição do Império Romano aos primeiros cristãos; na edição de 1632, uma tabela com funções de glossário e dicionário, a *Table of Tables*, indicava palavras e termos cujo significado e aplicação o leitor poderia consultar ao longo de sua leitura, além de uma *Chronologie* dos eventos citados no *Acts and Monuments*, composta por espaços vazios destinados ao uso e preenchimento do próprio leitor.

Tais dispositivos evidenciam as propostas de leitura associadas ao livro no século XVII, cuja similitude com a Bíblia Sagrada se dava, além de suas dimensões grandiosas, também por meio dos materiais paratextuais que convidavam o leitor a uma leitura ativa e participativa do conteúdo do livro. Tais materiais eram conjugados a fim de permitir ao leitor, por sua vez, que cumprisse a principal finalidade a que o *Acts and Monuments* se dedicava: a imitação dos mártires. Desde a primeira edição, em seu prefácio *The Utility of this Story*, Foxe apontava para a necessidade de reforma de vida por parte dos protestantes ingleses, a cuja demanda se destinava o próprio *Acts and Monuments*. A reforma de vida se daria, assim, pela imitação comunitária das virtudes dos mártires, ponto fundamental, conforme os dizeres de Foxe, para

verdadeira reforma do próprio reino da Inglaterra. O apelo nacional da imitação moral dos mártires era, assim, associado aos pressupostos teológicos que sustentavam a escrita da história eclesiástica de Foxe.

A história eclesiástica, no *Acts and Monuments*, é louvada como tendo incontáveis proveitos à Igreja inglesa. Segundo Foxe, era divina a divulgação impressa da vida dos mártires, a fim de que os protestantes ingleses pudessem ser ensinados por seu exemplo. Da mesma forma, era por meio da história, providencialmente revalada em seu livro, que os crimes dos inimigos da fé, os papistas, seriam descobertos e divulgados, a fim de envergonhá-los e dar-lhes a penalidade divinamente ordenada. As complexidades do tratamento conferido aos católicos são expostas, por sua vez, nas diferenças existentes nos dois prefácios dedicados a eles: *Preface to the Persecutors* e *Four Questions to the Papists*.

Em oposição aos perseguidores católicos, os mártires de Foxe são retratados como santos de Cristo e representantes visíveis da verdadeira Igreja. Da mesma forma, Foxe é caracterizado por seu próprio filho em um prefácio adicionado à edição de 1641 do *Acts and Monuments*, como um homem piedoso e devoto. *The Life of Mr. Fox*, como se intitula a narrativa de Simeon Foxe, é a tradução para a língua inglesa da versão latina *Iohannis Foxii Vita*, e que conjuga absolutas semelhanças com hagiografias e vidas de santos. Em tais semelhanças, nas quais se tem desde relatos de orações fervorosas de Foxe até a performance de curas e milagres, reside o ponto máximo da monumentalização do *Acts and Monuments*, ao consagrar seu autor como santo e unir seu caráter à dignidade do livro de forma definitiva.

A caracterização de Foxe como santo e mártir, no prefácio *The Life of Mr Fox*, é o exemplo último do modo como o *Acts and Monuments* havia se consagrado no mercado de impressos inglês em variadas formas, além de explicitar a maneira como o nome de Foxe foi igualmente monumentalizado. Como afirma Peter Stallybrass, “autores são produzidos paratextualmente”³⁴⁶, e o caso de Foxe e seu livro não poderiam ilustrar tal afirmação de forma mais clara. O autor do *Acts and Monuments* foi, por sua vez, consagrado como tal por meio do uso de muitos dispositivos paratextuais, como a composição tipográfica e ornamental de sua folha de rosto e dos títulos e cabeçalhos de prefácios, ou como o louvor prestado em poemas comendatórios, como os adicionados à edição de 1570, por exemplo.

³⁴⁶ “If authors are produced paratextually, so too, as Matthew Day demonstrates, authors may produce paratexts usually ascribed to printers.” STALLYBRASS, P. Afterword. In: SMITH, H; WILSON, L. (eds.) *Renaissance Paratexts*. Cambridge University Press: 2011, p. 212.

Matthew Day qualificou o *Acts and Monuments* como “um enorme e oficialmente aprovado folio”³⁴⁷, e tal afirmação definitivamente faz jus a um resumo de duas dimensões fundamentais da análise do livro: suas dimensões materiais grandiosas e o apoio oficial de autoridades. Tais considerações são, por sua vez, imprescindíveis à compreensão do processo de monumentalização do *Acts and Monuments*. Além disso, elas apontam para o caráter colaborativo da produção do livro, cujas etapas eram todas permeadas de colaboradores e apoiadores. Com efeito, “o que quer que façam, autores não escrevem livros: eles escrevem textos que são transformados em livros por escrivães e outros artistas, por mecânica e outros maquinários, e por prensas.”³⁴⁸

Contempladas todas essas considerações, foi no intuito de lograr uma análise profícua da trajetória editorial de um livro extenso e complexo, em suas edições e composições editoriais, que a presente pesquisa se voltou aos materiais preliminares do *Acts and Monuments*. Pode-se observar que a configuração paratextual, em cada uma das edições do livro, foi mobilizada e elaborada com fins específicos que, a sua maneira, contribuíram profundamente para que o *Acts and Monuments* fosse lido e lembrado como um livro autoritativo e monumental. Afinal, os paratextos, sejam como portais para o mundo do livro, como dizia Genette,³⁴⁹ sejam como dispositivos semi-autônomos de um livro impresso, “não apenas demarcam o livro; eles o fazem o que é.”³⁵⁰

³⁴⁷ “An enormous and officially sanctioned folio, it emerged from one of the busiest and most significant early modern printing houses.” DAY, M. ‘Intended to Offenders’: the running titles of early modern books. In: SMITH, H; WILSON, L. (eds.) *Renaissance Paratexts*. Cambridge University Press: 2011, p. 44.

³⁴⁸ “And it may be worth recalling Roger Stoddard’s oft-quoted observation that, ‘Whatever they may do, authors do not write books’: they write texts that are made into books ‘by scribes and other artisans, by mechanics and other engineers, and by printing presses and other machines’. Ibid, p.69.

³⁴⁹ GENETTE (1997).

³⁵⁰ STALLYBRASS, P. Afterword. In: SMITH, H; WILSON, L. (eds.) *Renaissance Paratexts*. Cambridge University Press: 2011, p.220.

Fontes Primárias

FOXÉ, J. *Actes and monuments of these latter and perillous dayes, touching matters of the Church [...]* (Londres, 1563) STC 22006.

FOXÉ, J. *The first volume of the ecclesiastical history contaynyng the actes and monumentes of thynges passed in every kynges tyme in this realme, especially in the Church of England principally to be noted [...]* (Londres, 1570) STC S113108.

FOXÉ, J. *The first volume of the ecclesiastical history contaynyng the actes and monumentes of thInges passed in every kInges tyme in this realme, especially in the Church of England principally to be noted [...]* (Londres, 1576) STC S121348.

FOXÉ, J. *Actes and monuments of matters most special and memorable, happening in the Church [...]* (Londres, 1583) STC 22167.

FOXÉ, J. *An abridgement of the booke of acts and monumentes of the Church: vwritten by that Reuerend Father, Maister Iohn Fox: and now abridged by Timothe Bright, Doctour of Phisicke, for such as either through want of leysure, or abilitie, haue not the vse of so necessary an history.* (Londres, 1589) STC S102503.

FOXÉ, J. *Actes and monuments of matters most special and memorable, happening in the Church [...]* (Londres, 1596) STC 22169.

FOXÉ, J. *Actes and monuments of matters most special and memorable, happening in the Church [...]* (Londres, 1610) STC 23056.

FOXÉ, J. *Actes and monuments of matters most special and memorable, happening in the Church [...]* (Londres, 1632) STC 123057.

FOXÉ, J. *Actes and monuments of matters most special and memorable, happening in the Church [...]* (Londres, 1641) STC R29862.

FOXÉ, J. *Actes and monuments of matters most special and memorable, happening in the Church [...]* (Londres, 1684) STC R3576

Referências Bibliográficas

ALFORD, S. *London's Triumph: Merchant Adventurers and the Tudor City.* Penguin Books: 2018

BARNARD, J; MCKENZIE, D.F.; BELL, M. (eds.) *The Cambridge History of The Book in Britain. Volume IV. 1557-1695.* Cambridge University Press: 2002.

- BARNETT, S.J. Where was your Church before Luther? Claims for the Antiquity of Protestantism Examined. In: *Church History*, Vol. 68, No. 1: 1999.
- BOERSMA, H; LEVERING, M. (ed). *The Oxford Handbook of Sacramental Theology*. Oxford University Press: 2015.
- BROWN, P. *The Cult of The Saints: Its Rise and Function in Latin Christianity*. The University of Chicago Press: 1981.
- CHARTIER, R. *Forms and Meanings. Texts, Performances, and Audiences from Codex to Computer*. University of Pennsylvania Press: 1995.
- CHAPMAN, A. The Politics of Time in Edmund Spenser's English Calendar. *Studies in English Literature, 1500-1900*, Vol. 42, No. 1, The English Renaissance: 2002.
- CHAPMAN, A. Marking Time: Astrology, Almanacs, and English Protestantism. In: *Renaissance Quarterly*, Vol. 60. No.4: 2007.
- CUBBITT, C. Memory and narrative in the cult of early Anglo-Saxon saints. In: HEN, Y; INNES, M. (ed). *Using the Past in the Early Middle Ages*. Cambridge University Press: 2004.
- DORAN, S. FREEMAN, T. S. (eds.) *The Myth of Elizabeth*. Palgrave Macmillan: 2003.
- DUFFY, E. *The Stripping of the Altars: Traditional Religion in England 1400-1580*. Yale University Press: 2005.
- EVENDEN, E; FREEMAN, T. Print, Profit and Propaganda: The Elizabethan Privy Council and the 1570 Edition of John Foxe's 'Book of Martyrs'. *The English Historical Review*, Vol.119, No. 484: 2004.
- EVENDEN, E; FREEMAN, T. *Religion and the Book in Early Modern England. The Making of John Foxe's 'Book of Martyrs'*. Cambridge University Press: 2014.
- EVENDEN, E. *Patents, Pictures and Patronage. John Day and the Tudor Book Trade*. Ashgate Publishing Ltd: 2008.
- FOXÉ, J; FREEMAN, T. 'As True a Subiect Being Prysoner': John Foxe's Notes on the Imprisonment of Princess Elizabeth, 1554-5. *The English Historical Review*, Vol. 117, No. 470: 2002.
- GENETTE, G. *Paratexts: Thresholds of interpretation*. Cambridge University Press: 1997.
- GRAFTON, A. *What Was History? The art of history in early modern Europe*. Cambridge University Press: 2007.
- GREENBERG, D. Community of Texts: Producing the First and Second Editions of "Acts and Monuments." *The Sixteenth Century Journal*, Vol. 36, No. 3: 2005.
- GUNTHER, K. *Reformation Unbound: Protestant Visions of Reform in England. 1525-1590*. Cambridge University Press: 2014.

- HIGHLEY, C; KING, J. (eds.) *John Foxe and His World*. Ashgate Publishing: 2002.
- HILL, C. *The Century of the Revolution, 1603-1714*. Routledge: 2001.
- KING, J. *Foxe's Book of Martyrs and Early Modern Print Culture*. Cambridge University Press: 2006.
- KING, J. (ed.) *Tudor Books and Readers. Materiality and the Construction of Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press: 2010.
- LOADES, David (ed.). *John Foxe: An Historical Perspective*. Ashgate Publishing. Nova York: 1999
- MACCULLOCH, Diarmaid. *The Later Reformation in England: 1547-1603*. Estados Unidos: Macmillan Education: 1990.
- MACCULLOCH, D. *The Reformation: A History*. Penguin Books. EUA: 2005.
- MACK, P. *A History of Renaissance Rhetoric: 1380-1620*. Oxford University Press: 2011. *Elizabethan Rhetoric: Theory and Practice*. Cambridge University Press: 2004.
- MCCULLOUGH, P. Print, Publication, and Religious Politics in Caroline England. *The Historical Journal*, Vol. 51, No. 2: 2008.
- MINTON, G.E. "The Same Cause and like Quarell": Eusebius, John Foxe, and the Evolution of Ecclesiastical History. *Church History*, Vol. 71, No. 4: 2002.
- MILTON, Anthony (ed.). *The Oxford History of Anglicanism. Volume I. Reformation and Identity, c. 1520-1662*. Oxford University Press, 2017.
- NEWMAN, W.R.; GRAFTON, A. *Secrets of Nature Astrology and Alchemy in Early Modern Europe*. Massachusetts Institute of Technology: 2001.
- PETTEGREE, A. *Reformation and the Culture of Persuasion*. Cambridge University Press: 2005.
- RIORDAN, M; RYRIE, A. Stephen Gardiner and the Making of a Protestant Villain. *The Sixteenth Century Journal*, Vol. 34, No. 4: 2003.
- ROBINSON, B.S. "Darke Speech": Matthew Parker and the Reforming of History. *The Sixteenth Century Journal*, Vol. 29, No. 4: 1998.
- ROSE, M. *Authors and Owners: The Invention of Copyright*. Harvard University Press, EUA: 1993.
- RUST, J. Reforming the Mystical Body: From Mass to Martyr in John Foxe's 'Acts and Monuments'. *ELH*, Vol. 80, No. 3: 2013.
- SOMERSET, A. *Elizabeth I*. Anchor Books: Nova York: 2003.

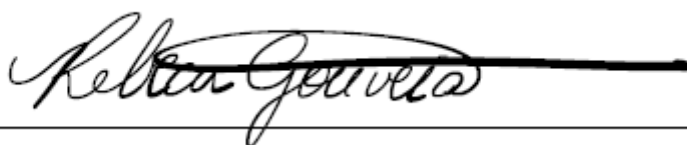
SMITH, H; WILSON, L. (eds.) *Renaissance Paratexts*. Cambridge University Press: 2011.

WALSHAM, A. Domesticating the Reformation: Material Culture, Memory, and Confessional Identity in Early Modern England. In: *Renaissance Quarterly* , Vol. 69, No. 2: 2006.

WALSHAM, Alexandra. *Providence in Early Modern England*. Oxford Scholarship Online: 2001.

Declaração de Autenticidade

Eu, Rebeca Mylena Gouveia de Lima, declaro para todos os efeitos que a dissertação de mestrado, intitulada “*To the Posterity and Children of Martyrs*”: Os paratextos do *The Acts and Monuments* de 1563 a 1684, foi integralmente por mim redigida, e que assinaei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

A handwritten signature in black ink, reading "Rebeca Mylena Gouveia de Lima", is written over a horizontal line. The signature is cursive and elegant, with a long horizontal stroke at the end.

Assinatura